

PROCESSO Nº 24268

ANO 1985

II VOLUME



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico,
Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT

24268

PROCESSO Nº

INTERESSADO: CONDEPHAAT
PROCEDÊNCIA: CAPITAL
DATA: 19/11/1985
REPARTIÇÃO:
Nº DE ORDEM DO PAPEL:
ASSUNTO: TOMBAMENTO DA VILA MARIA ZÉLIA, LOCALIZADA À RUA: ADILSON FARIA CLARO, NESTA CAPITAL.
CAPA REFEITA 10/12/92 AM. / 26/06/97 RG. / 21/06/04 SG.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º

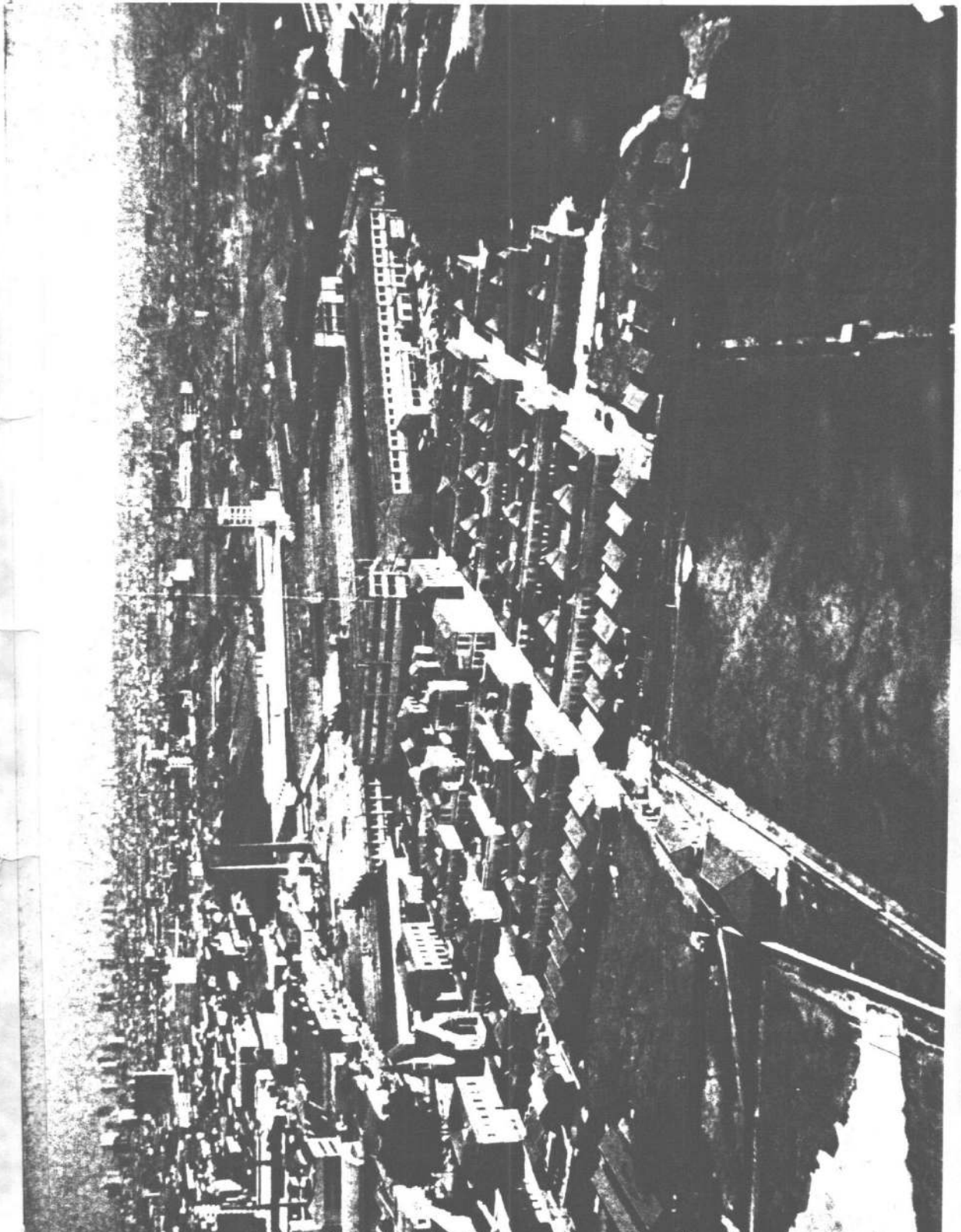
160
ca

Do

Número

Ano

Rubrica

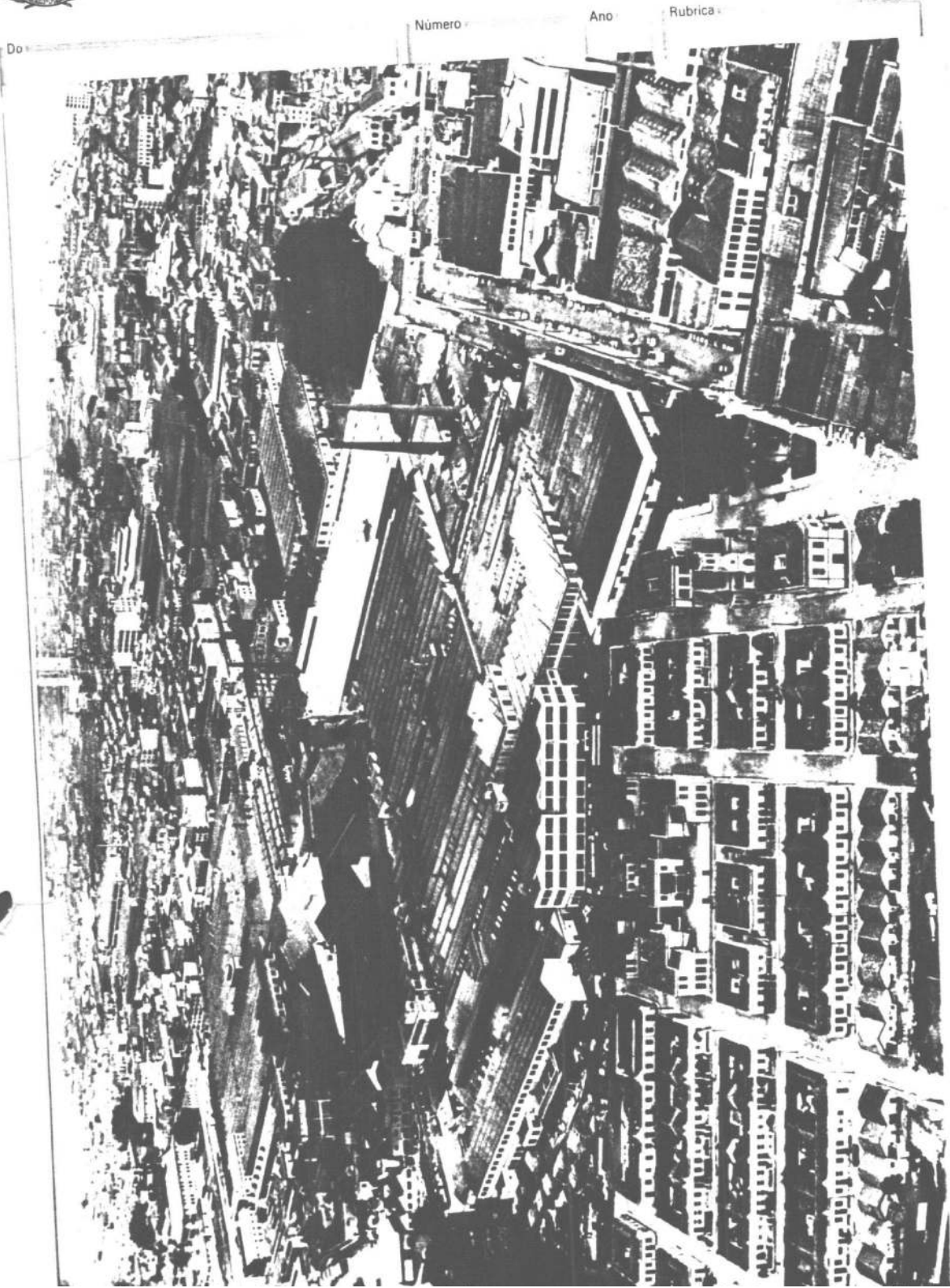




GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Folha de Informação
Rubricada sob n.º

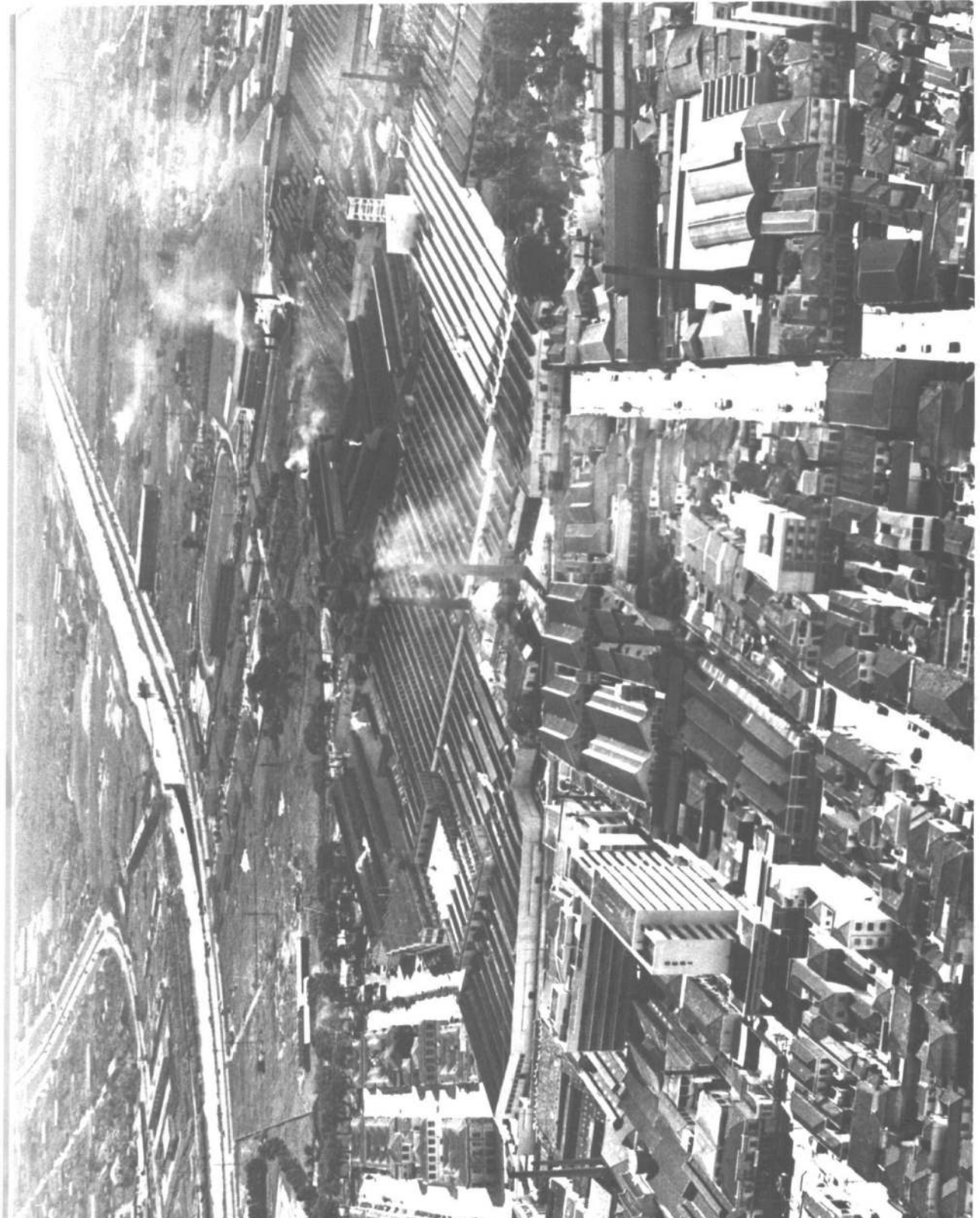
161
CBJ





162
08

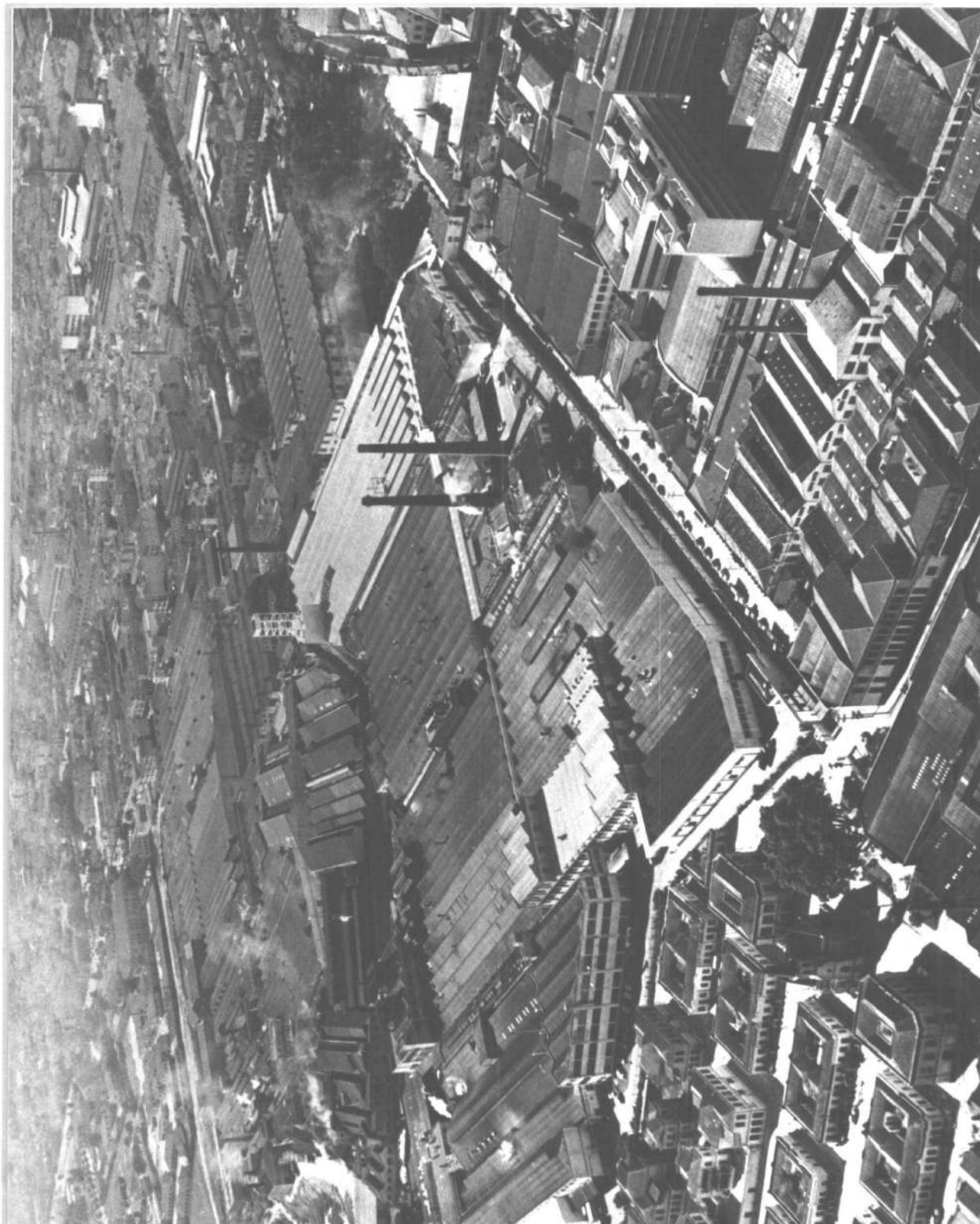
Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------





763
CB

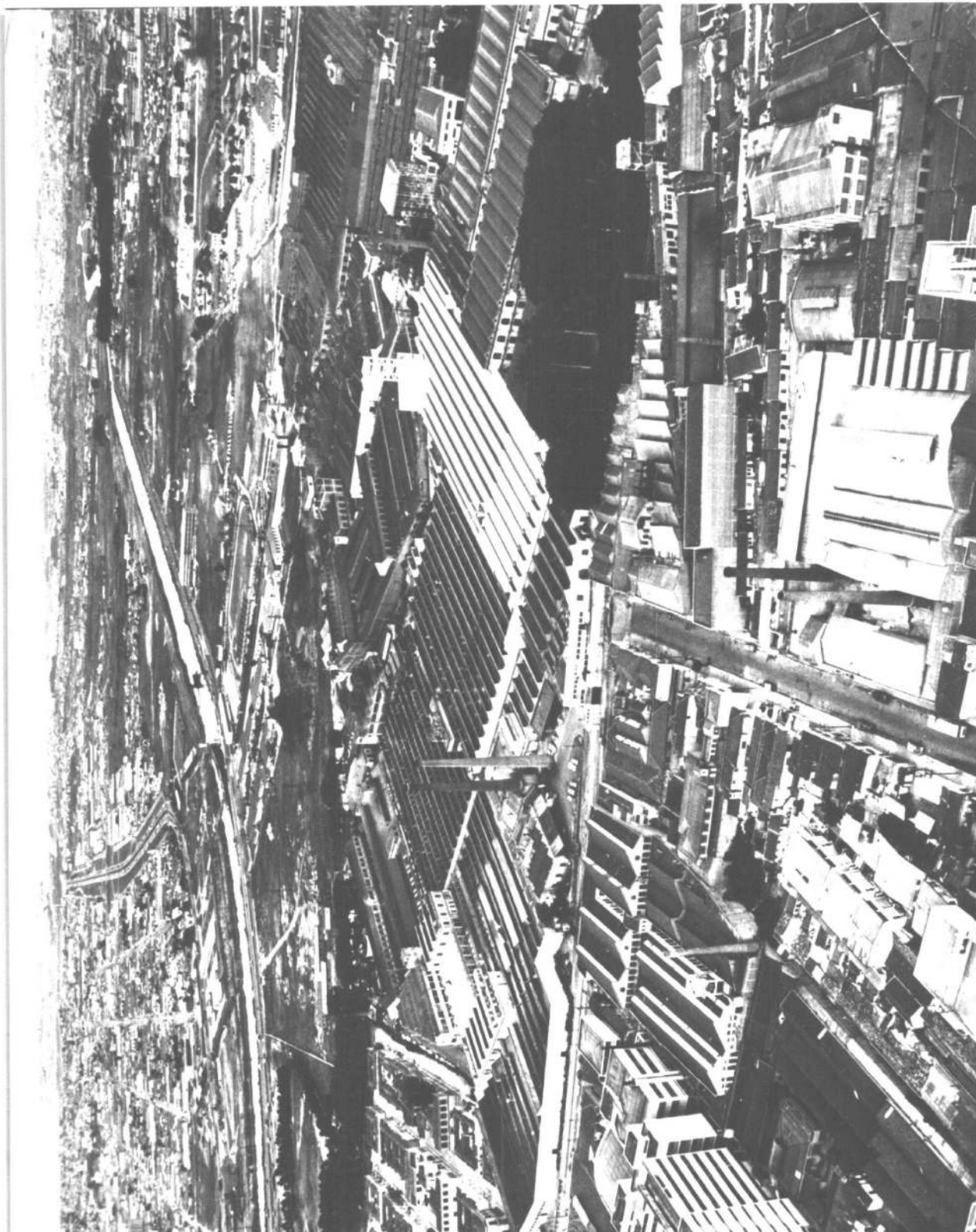
Do	Número	Ano	Rubrica





164
08/1

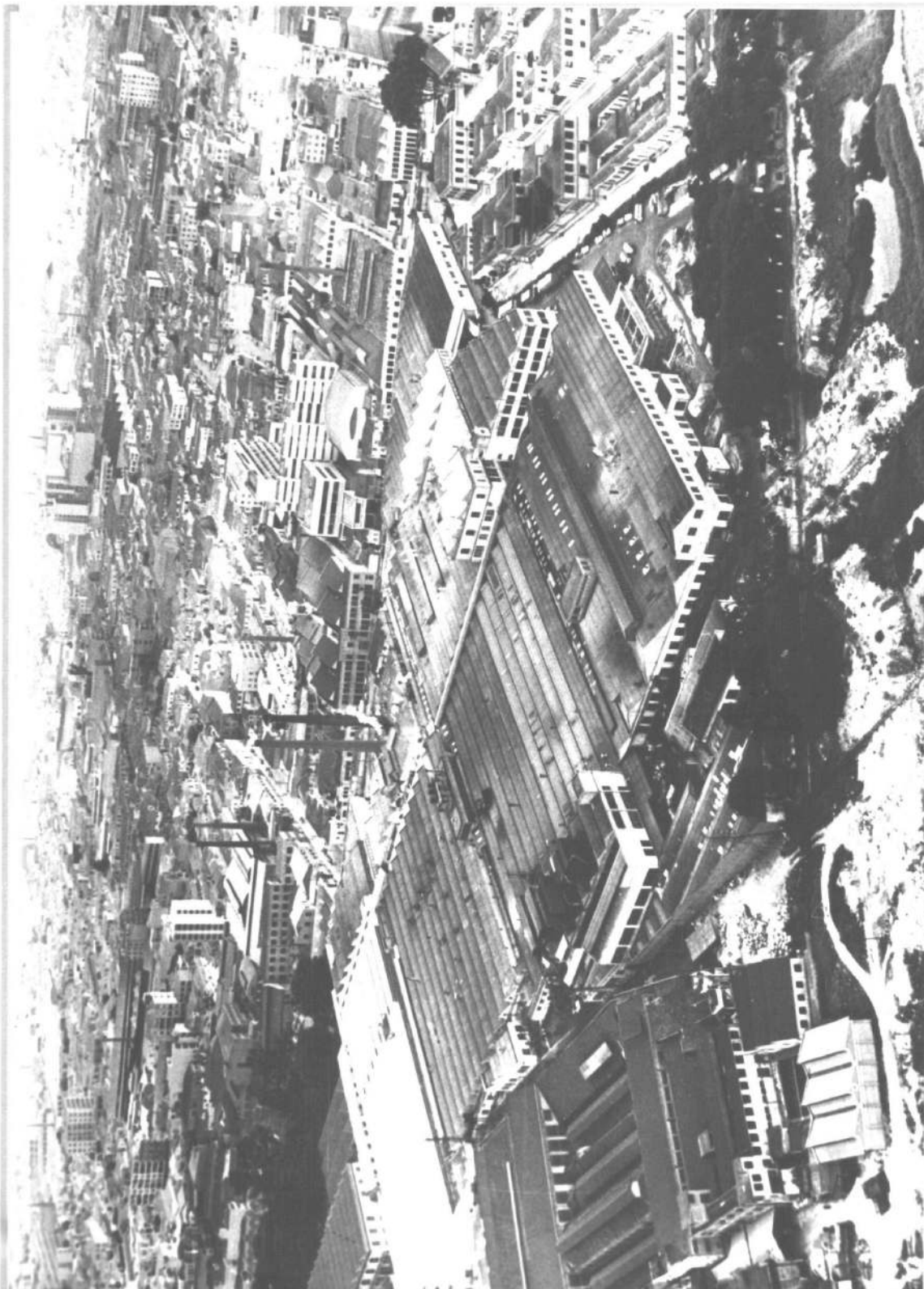
Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------





165
caj

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------





766
691

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------





167
081

Do _____ Número _____ Ano _____ Rubrica _____



R. VITOR SIQUEIRA MINORINO



168
681

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------





469
44

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------





170
06/

Do

Número

Ano

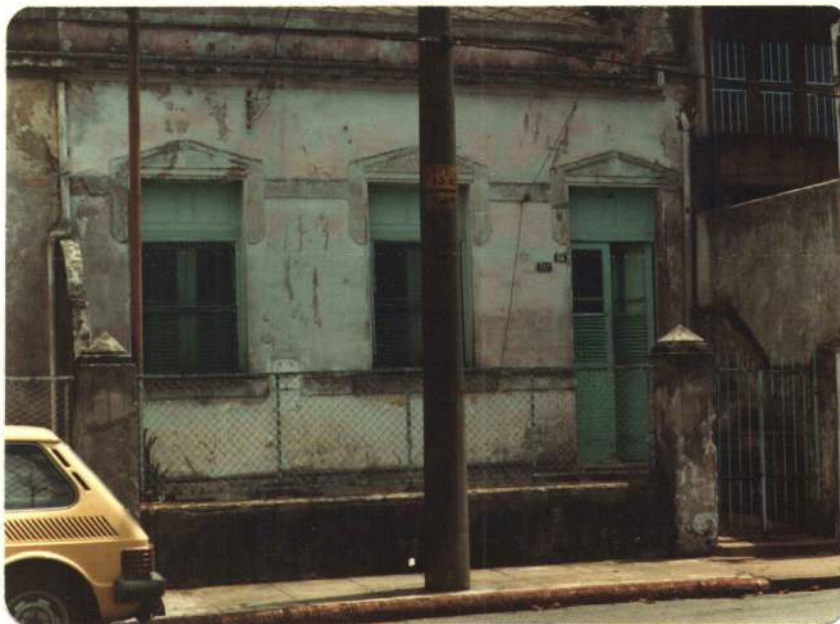
Rubrica





171
081

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------



R. LUIS FRANCISCO DOS SANTOS



179
ca

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------



ESCOLA DE MENINOS



R. IRMÃ PAULA LOEDENSTEIN

CIAL DO ESTADO - Modelo Oficial 17



773
caj

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------





Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------





175
68

Do	Número	Ano	Rubrica





176
087

Do

Número

Ano

Rubrica



RUA SILVINO PASSOS



177
001

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------



R. IRMÃ PAULA LOEYSENSTEIN





178
081

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------



R. SEBASTIÃO PEREIRA DE SOUZA





179
04

Do

Número

Ano

Rubrica





130
09

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------



M O DA'NO PARIS





181
CS

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------



JOSE ALVES DE OLIVEIRA 126
ESQ. CI. OTAVIO PARO



← OTAVIO PARO



182
CRJ

Do	Número	Ano	Rubrica
----	--------	-----	---------



R. VITOR SIQUEIRA MINERONDO 532. ADILSON FARIAS CLARO



183
02/



Arquiteto francês revê conceito de urbanismo

183



BERNARDO CARVALHO
De Paris

O escritório de Jean Nouvel, 44, fica no primeiro andar de um antigo armazém ou depósito, numa rua de um bairro popular (próximo à place de la République), cheio de comerciantes árabes e restaurantes asiáticos. Em princípio, parece estranho que o maior arquiteto francês da atualidade, cujos projetos são hipertecnológicos, tenha se instalado logo ali. Quando você entra, tudo muda. É um imenso "loft" entulhado de mesas, computadores, luzes, projetos e gente que anda por todo lado, corre, fala, discute. Tem-se a impressão de ter caído no meio de um estúdio de cinema no exato momento em que vão começar a rodar um novo plano de uma superprodução.

São dezenas de assistentes que trabalham simultaneamente em mais de um projeto — a Ópera de Lyon e um pavilhão de exposições chamado Vitrine da França, por exemplo. Nouvel é o ídolo da nova geração de arquitetos franceses. Seus projetos são resultado de uma inteligência aguçada e totalmente ligada aos últimos desenvolvimentos tecnológicos e culturais. É dele o Instituto do Mundo Árabe, às margens do Sena, em Paris, onde toda uma fachada do prédio é constituída por um mecanismo altamente sofisticado de 240 painéis e 27 mil diafragmas que se abrem e fecham à base de células fotoelétricas conforme a luminosidade exterior e a estação do ano, criando um enigmático jogo de luz e sombras.

Folha - Para você, qual foi o erro das cidades modernas, do urbanismo moderno?

Jean Nouvel - É muito fácil denunciar esses erros se não vivemos na época em que foram cometidos. Sem levar em conta os dados econômicos e políticos e sobretudo a mudança do território, as migrações, milhões de pessoas vindo para as grandes cidades. A cidade explodiu, tudo foi feito um pouco ao acaso, através de anexos, prédios de má qualidade. Hoje esses espaços saem dos eixos, vivemos uma época de modificação urbana.

Folha - Você acha que algum tipo de urbanismo ainda é possível hoje, um planejamento das cidades?

Nouvel - Com um pouco mais de consciência ele pode existir em pequena escala. Não acredito no arquiteto que diz "eu não construo prédios, mas cidades, bairros". É como se um escritor dissesse: "Não escrevo livros, mas bibliotecas". Hoje já se sabe que não dá para planejar de uma vez, que é preciso ir pouco a pouco. É preciso estar pronto para mudar a

toda hora. Se a economia, a política, tudo muda, como é que um projeto pode determinar uma coisa por antecedência e de maneira global? Seria como se não houvesse imprevistos na vida.

Folha - Brasília, para você, é um pesadelo?

Nouvel - Não, porque é uma paródia. Além de ser consequência de uma vontade um pouco heróica. Isso é simpático. É uma capital construída com uma enorme vontade de beleza. Ao mesmo tempo, não é uma cidade. Eu gosto de Niemeyer. Não o adoro, mas é alguém com o sentido do gesto. É um arquiteto "pompier", oficial. Mas que tem uma identidade forte.

Folha - Quais são as diferenças entre as suas propostas e as de Robert Venturi (um dos papas da arquitetura no pós-moderno)?

Nouvel - Imensas. Ele teve uma importância histórica inegável no seu trabalho crítico. Foi o primeiro a criticar o movimento moderno na sua burrice e a relacioná-lo com paradoxos entretanto bastante questionáveis. Não é porque um objeto não é branco que ele tem que ser preto. O problema de Venturi é que, como muitos outros, trata-se de um arquiteto crítico e não de um arquiteto de propostas. Esses arquitetos compreenderam o que o movimento moderno tinha de absurdo, fizeram críticas corretas, mas não é por isso que a única resposta será o pastiche, a derisão, a ausência de propostas. Por isso, não acho que sejam verdadeiros arquitetos ou criadores. São críticos históricos.

Folha - Em um dos seus textos você diz que o futuro da arquitetura não é arquitetural, mas literário. O que isso quer dizer?

Nouvel - Não há futuro na autonomia disciplinar da arquitetura. Não é estudando unicamente arquitetura, a história da arquitetura, que vamos encontrar a arquitetura de amanhã. Ela não está contida nas regras de Ledoux, Le Corbusier ou mesmo Niemeyer. Ela lida simplesmente com uma época e com noções que são cada vez mais conceituais. São as ideias de uma civilização que fazem a arquitetura. Não é a história da arquitetura que gera a arquitetura. Hoje nós vamos encontrá-la através da cultura mais transversal. O que pode significar a arquitetura hoje se não sabemos o que acontece no mundo das imagens, no mundo da publicidade, da tecnologia aeroespacial? A arquitetura é o que está vivo. A academia está morta.

Folha - Quando você fala de significação em arquitetura, o que é que está buscando?

Nouvel - Procuo simplesmente

uma arquitetura que tenha e sentido. Não uma arquitetura didática, uma mensagem para o povo. Acho que há em cada colocada. No caso do Instituto Mundo Árabe, é uma tentativa de transportar um dado cultural fundamental da arquitetura árabe — "moucharabieh", divisórias balhadas, recordadas em mármore ou em mármore — para um contexto, para Paris, para o mundo tecnológico. No mundo árabe, há um sentido climático para isso. Eu quis guardar a preciosidade dessas divisórias. Tomamos a ideia dessas supercélulas transpassadas pela luz e trabalhamos sobre esse jogo de luz e geometria. Traduzindo a precisão do recorte do mármore da madeira pela complexidade quase que de relojoeiro do mesmo da fachada. Trabalhei sobre a ideia de vitrine e segredo — o paradoxo de divisórias que escondem e deit entrever ao mesmo tempo. Isso é uma conceitualização, que só p haver com outros dados culturais como a filosofia e a literatura cultura do momento presente.

Folha - Você diz que a ideia forma acabou.

Nouvel - O importante é o que há de emergente num momento histórico. Em 1920/30 os arquitetos exprimiram a estrutura do prédio. A forma geométrica explorada até o limite. Os valores foram deslocados. Eles e muito mais no material, na luz, na tensão. Hoje a simplicidade exterior esconde enorme complexidade interior. Como no cinema, há virtuosos: câmera, como LeLouch, que rem mostrar como sabem filmar. A câmera se move de várias maneiras, para todos os lados. Eu, particularmente, prefiro Wenders e "Tokyo Ga", com o elemento de Ozu e da câmera fixa, interessante hoje em arquitetura não é mostrar um virtuosismo de construção, mas algo muito misterioso, profundo e difícil de decifrar.

Folha - Quando você tem a ideia de projeto, você exatamente de que — já que é mais da forma?

Nouvel - De um conceito, sinergia de algumas ideias análogas e de posições justas que defendidas e aplicadas. Quando você sabe o que quer, aí sim você desenha. Não fico procurando partir do desenho. É o contrário: cultura da Academia de Belas Artes. Acho isso terrível.

Folha - Você acha que existe escritor ou cineasta cujos personagens e histórias se adequam particularmente aos seus dias?

Nouvel - Muitos. Em literatura sobretudo Borges. Em cinema Wenders.

ivel, considerado hoje um dos mais importantes e criativos arquitetos de seu país

criou Instituto do Mundo Árabe

an Nouvel o veio certo Instituto (1981). O o final de na arquitetura. O resultado é dos mais surpreendentes: uma enorme caixa preta brilhante ("como a superfície de um piano"), deformada numa das pontas, inchada como se algo (um som?) tivesse estourado em seu interior.

Essa ideia se repete de certa forma, mas em outro contexto (as paredes rachando), no projeto que apresentou este ano para o novo pavilhão francês da Bienal de Veneza.

Os grandes projetos de Nouvel

se sucedem na verdade desde 1973, quando concebeu a Maison Delbigot juntamente com François Seigneur (seu ex-sócio) e Roland Baltera.

Uma de suas realizações mais impressionantes é o conjunto habitacional Nemausus 1, em Nîmes (sul da França). Nouvel construiu uma espécie de navio em terra, todo em material industrial, com 114 "lofts" duplex.

O projeto previa um conforto até então totalmente desconhecido em conjuntos habitacionais franceses, associado a uma concepção das mais inusitadas. Quando lhe perguntam como vivem hoje os moradores do Nemausus, Nouvel se limita a dizer: "Muito bem, obrigado." E ri.

(Bernardo Carvalho)

Departamento do Patrimônio Histórico
Divisão de Preservação
Seção Técnica de Levantamentos e Pesquisas

IAC-SP-S062/Q173/L
 T.40

Nome VILA MARIA ZÉLIA (ficha A-geral)
 Endereço Principal Rua Cachoeira s/nº
 Secundário

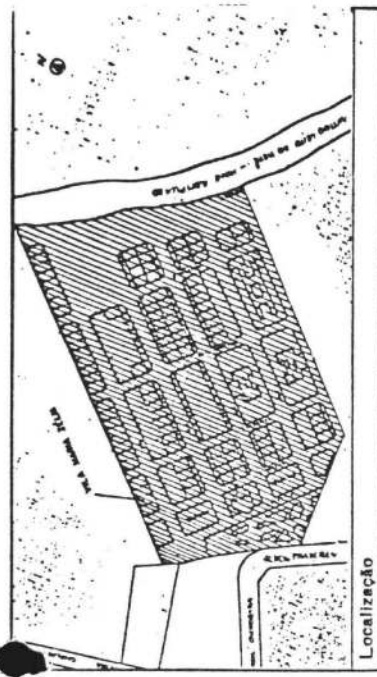
Conjunto Arquitetônico Bem Cultural Isolado Logradouro
 Cadastro de Renda Imobiliária Quadra n.º 1 | 7 | 3 Sator n.º 0 | 6 | 2

Proprietário Ver fichas específicas
 Uso Original " " "
 Atual " " "

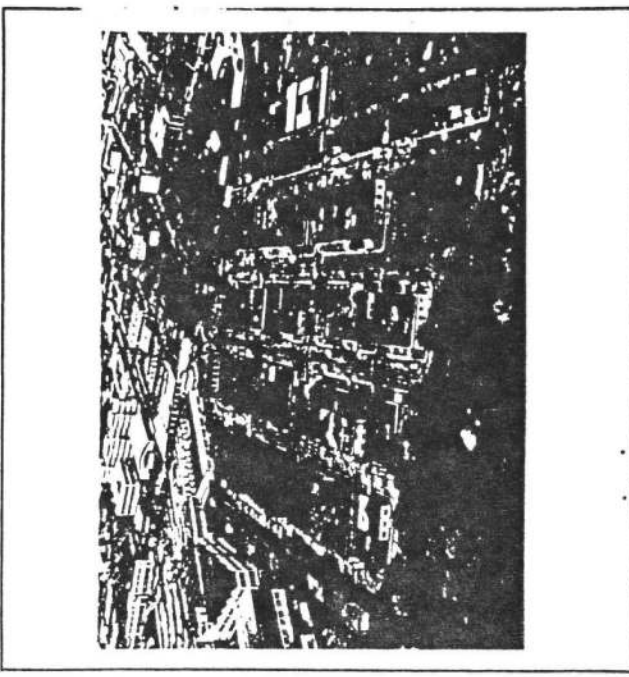
N.º de Pavimentos Ver fichas específicas
 Técnica Construtiva Alvenaria com revestimento de cimento e pó de pedra.
 Estado de Conservação Muito bom | Bom | Ruim | Irrecuperável

Grau de Alteração Ver fichas específicas

Proteção Existente Proposta:- ZR-200/P.2



Localização



Iconografia Div. de Preservação data: 1978

184
 out

Departamento do Patrimônio Histórico
 Divisão de Preservação
 Seção Técnica de Levantamentos e Pesquisas

IAC-SP-S062/Q173/L 302
 C. 229

Nome GRUPO ESCOLAR MARIA ZÉLIA - VILA MARIA ZÉLIA (ficha E)

Endereço Principal Rua 3 s/nº

Secundário

Conjunto Arquitetônico Bem Cultural Isolado Logradouro
 Cadastro de Renda Imobiliária Quadra n.º 1 | 7 | 3 Setor n.º 0 | 6 | 2

Proprietário CONESP

Uso Original Grupo Escolar

Atual Desativado

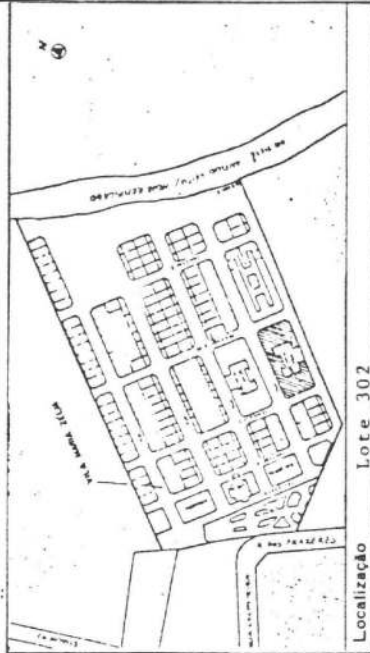
N.º de Pavimentos Dois (2)

Técnica Construtiva Alvenaria de tijolos;telha cimento amianto;pilares e vigas de ferro

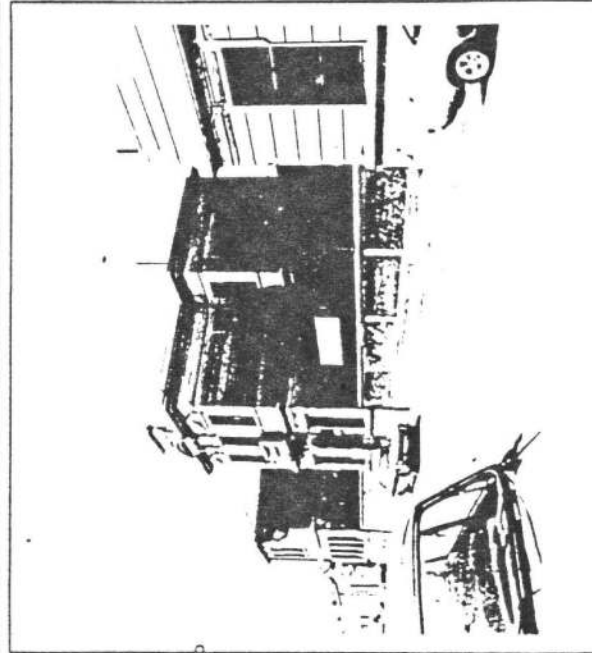
Estado de Conservação Muito bom Bom Razoável
 Precário Ruim Irrecuperável

Grau de Alteração O prédio apresenta-se bastante deteriorado internamente pelo apodrecimento das madeiras e decomposição do reboco. Foram retiradas as janelas e portas, de pinho-de-riça.

Proteção Existente Proposta:- ZR-200/P2.



Localização Lote 302



185
[Handwritten signature]

CONCLUSÃO

A Seção Técnica de Programas de Revitalização do Departamento do Patrimônio Histórico, analisando a importância do imóvel dentro de um contexto histórico, urbanístico e arquitetônico, propõe um esforço integrado no sentido de possibilitar a sua restauração e revitalização, com a participação do Departamento do Patrimônio Histórico (D.P.H.), Instituto Nacional de Previdência Social (IAPAS), / (CONESP) e Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico (CONDEPHAAT), em vista do recente contrato entre os órgãos CONESP e CONDEPHAAT - "Projeto - Memória Escolar - Arquitetura/História".

O Grupo Escolar Adilson Claro Frias, encontra-se em processo de tombamento, no CONDEPHAAT (processo nº 24.268/85) e apesar do estado avançado de deterioração em que se encontra, a preservação do imóvel se faz necessária pela sua significação como parte de um conjunto arquitetônico e urbanístico importante, como exemplo único de vila operária do início do século.

Além dessa argumentação de caráter estético e histórico, existe também um argumento de caráter prático: a comunidade do bairro / tem necessidade de uma escola pública de 1º Grau naquela área.

Os moradores da vila, são cidadãos conscientes da importância do patrimônio cultural que tem em mãos e trabalharam sempre no sentido de melhorar e adaptar a Vila Maria Zélia à vida moderna.

SP - Companhia de Construção

l ar do Estado de São Paulo

Fizeram por conta própria: Play Ground, Praça, Quadra Poli-Esporti

186
/

vas, etc., procurando aprimorar e completar os equipamentos já exis-
tentes.

Concluindo, achamos que o momento é propício para que se efetive a
restauração da "Escola das Meninas" num trabalho conjunto de dife-
rentes órgãos do Poder Público.

184
CB

aos alicerces e ao solo dos porões." A superfície do solo ocupada por habitações deve ser revestida de camada impermeável e uma faixa de 60 cm; em torno das habitações também deve ser impermeabilizada;

- impermeabilização — cozinhas e solo devem ser revestidos de camada lisa e impermeável. As paredes devem ser impermeáveis até 1,50 m acima do chão;
- dimensões — as paredes devem ter no mínimo 30 cm de espessura; o soalho deve estar 50 cm acima do solo;
- "os diferentes andares, até 3, deverão ter a altura máxima de 4 m; de 3 em diante essa altura será proporcional à largura e altura total do prédio e à quantidade de indivíduos que habitarem cada pavimento de modo a tocar a cada indivíduo, em cada andar, o espaço nunca inferior a 14 m cúbicos livres"; os porões não podem servir de habitação; pé-direito mínimo: 4 m; os aposentos destinados à permanência contínua dos habitantes ou dormitórios devem receber luz direta.

A nova lei dedica um capítulo às habitações das classes pobres. Embora o Código de 1894 estabeleça dimensões mínimas para as construções em geral, regulamentação ainda mais a matéria do que o Código de 1886. Além disso, provavelmente tendo em vista o relatório sobre cortiços feito no ano anterior, procura fazer com que desapareçam as habitações insalubres. Vê nas "Villas Operárias" a solução para o problema da moradia.

Quanto às "Habitações das Classes Pobres", o Código:

- diz o que pretende
 - "Deve ser terminantemente proibida a construção de cortiços, convido que as municipalidades providenciem para que desapareçam os existentes";
 - "Não devem ser toleradas as grandes casas subdivididas, que servem de domicílio a grande número de indivíduos";
 - "As villas operárias deverão ser estabelecidas fora da aglomeração urbana";
 - "As casas para habitação das classes pobres deverão ser construídas em grupos de 4 a 6, no máximo";
- fixa a área mínima
- nos aposentos de dormir: mínimo de 14 m³ por indivíduo;
- pensa no saneamento
 - "Não deve ser permitida lavagem de roupas no interior destas habitações e, para evital-o convém que as municipalidades cuidem do estabelecimento de lavanderias públicas."

O Código define como habitações insalubres que devem ser saneadas as que:

- não obedecem às regras;
- estiverem sobre solo úmido ou alagadiço;
- possuírem compartimentos não arejados e iluminados;
- encontrarem-se com falta de aseo em seu interior;
- tiverem lixo nos pátios e quintais;
- tiverem pouco cuidado na conservação das latrinas e esgotos;
- quando "encanamentos das instalações higiênicas não forem separados da canalização geral de esgotos";
- quando o número de indivíduos for maior que a capacidade de calculada por cubação;
- quando conviverem homens e animais.

A propósito das lavanderias públicas:

- "Não deve ser permitida a lavagem de roupa no interior das habitações que não dispuserem de pátios apropriados";
- devem estar afastadas das edificações;
- o solo deve ter calçamento estanque, declividade e canalização subterrânea;
- cada "lavandeiro", deve ter área mínima de 1 m².

No ano de 1894, foram construídas:

- casas de sobrado (com banho e W.C.), na rua Galvão Bueno;
- casas de tipo comum;
- o tipo de construção obedece ao projeto apresentado;
- casas de operário: as casas de operário devem ter pelo menos três cômodos e as paredes exteriores 0,30 m de espessura (casa de operário conforme as posturas da Câmara).

Na rua do Gasômetro, janelas são substituídas por portas em decorrência do crescimento da função comercial da cidade. Várias casas são modificadas.

Para a construção das empresas de ônibus, é demarcado um *perímetro urbano* (ato 6), do qual constam: Triângulo, Centro além-Anhangabaú, Brás, Liberdade e Santa Ifigênia. Os três últimos têm por eixo as avenidas Rangel Pestana, Liberdade e Tiradentes.

Para o "serviço de veículos de condução pessoal, a cidade é compreendida num perímetro dividido em 10 seções

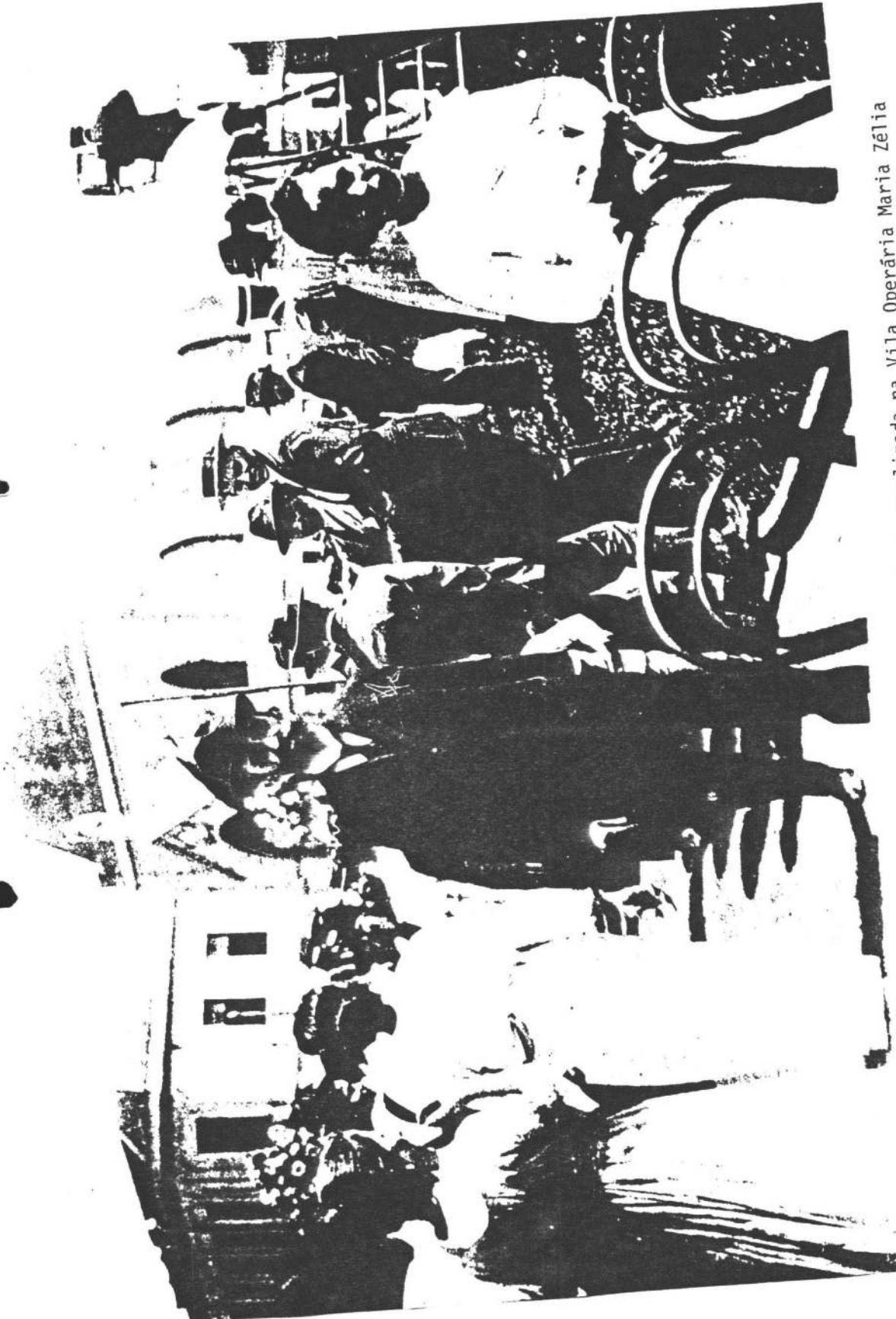
188
 "DE SEUVO LUIZ MINTARD VILHANO E HARTZ
 TAÇAS POPULARES EM SÃO PAULO, 1870-1914
 ... DIVINIAS

CAPÍTULO III JORGE STREET E A SISTEMATIZAÇÃO DO CONTROLE DA MÃO-DE-OBRA: A VILA OPERÁRIA MARIA ZÉLIA

A política social implantada pela Companhia Nacional de Tecidos de Juta, por intermédio de seu presidente Jorge Street, pode ser vista como uma tentativa de solucionar os problemas relativos à estabilidade, controle e à formação da mão-de-obra. A implantação sistemática de uma política social possibilitou à Companhia Nacional de Tecidos de Juta dispor de mecanismos de controle sobre sua mão-de-obra os quais transcendiam aquele exercido somente ao nível do trabalho nas fábricas. Tais mecanismos manifestavam-se de forma direta no cotidiano da vila operária, atingindo o operariado sob diversas maneiras: na educação, através da construção de escolas primárias e creches para os filhos dos operários; na saúde, mediante o fornecimento de assistência médica e odontológica; na religião, por meio de festas religiosas celebradas na vila; e no lazer, realizando promoções de bailes, passeios, jogos, teatro; e na moradia, com a construção de casas operárias.

Na ótica capitalista, a moradia tem um valor de desfrute e um valor de negociação. Quando ela é ofertada ao operário, mediante um aluguel módico, passa a intervir no processo de produção à medida em que é somada, pelo capitalista, ao salário. A mão-de-obra familiar, bem como o aprendizado das crianças no trabalho industrial, são utilizadas na redução do custo da substituição da mão-de-obra, ao mesmo tempo que obtém uma força de trabalho estável e disciplinada.

190
02



Street em festa realizada na Vila Operária Maria Zélia

HISTÓRICO DAS VILAS OPERÁRIAS

A construção das vilas operárias urbanas insere-se no processo da industrialização, constituindo-se etapa de formação do operariado, ligando-se às tentativas de solução do problema de fixação da mão-de-obra especialmente diferenciada.

As primeiras informações referentes às vilas operárias, apontam para o ano de 1892, em Salvador, Bahia. Tratava-se do conjunto Empório Industrial do Norte, pertencente a Luís Tarquínio. Este conjunto industrial continha uma vila operária com 258 casas, escola, jardim de infância, enfermaria e outros serviços coletivos, como água e calçamento¹.

A Companhia América Fabril, no Rio de Janeiro, na mesma época iniciou a construção de casas operárias próximas à fábrica Cruzeiro. A iniciativa foi seguida pelas companhias Petropolitana, Confiança, Aliança, Corcovado e Industrial Pernambucana².

Eva A. Blay, em estudo sobre as vilas operárias em São Paulo, verificou que as primeiras construções ligam-se ao empreendimento ferroviário. Esta autora detectou que, na cidade de São Paulo, desde o início as indústrias e vilas operárias instalaram-se próximas às vias férreas³, nas zonas de várzea, inundáveis e

¹Cf. Blay, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar. Vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo, Nobel, 1985. p. 31.

²Para Companhia América Fabril ver: Weid, Elizabeth von Der e Bastos, Ana Marta Rodrigues. *O fio da meada. Estratégia da expansão de uma indústria têxtil*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa/Confederação Nacional da Indústria, 1986. pp. 157 e segs.

³Blay, Eva Alterman. *Op. cit.*, p. 47.

insalubres, em terrenos de baixo preço. Observou também a instalação de indústrias perto de estações ou ramais ferroviários⁴.

O nascimento da indústria têxtil ligou-se à ampliação do mercado consumidor como: sacarias para exportação e vestuários para populações rural e urbana. Para atender esse mercado consumidor, em expansão, e garantir o retorno de seu investimento, a indústria têxtil produzia sem interrupção, necessitando da permanência de sua mão-de-obra fixada próxima à fábrica. A estratégia desenvolvida pelo empresariado têxtil, de então, visava garantir uma mão-de-obra fixa, sob controle, numa época em que não havia se formado um "exército industrial de reserva"⁵.

Desde os finais do século XIX o operariado vive de forma precária na cidade de São Paulo, geralmente em habitações coletivas, porões, pequenas casas, pagando ainda um alto aluguel. A esta época, a cidade recebeu, em 10 anos, quase 200 000 pessoas. Os preços das moradias cresciam a medida que aumentava a demanda de habitações.

Nos primeiros vinte anos do século XX o crescimento da indústria têxtil, em relação ao número de estabelecimentos e de operários, foi o seguinte:

⁴ Temos em São Paulo a vila inglesa, construída pela São Paulo Railway nas proximidades de Cubatão; vilas em Sorocaba, Araraquara, Dois Córregos, Jaú. Nos bairros da Capital, a Lapa, Luz etc., eram lugares onde as vilas apareciam ligadas às ferrovias.

⁵ Weid, Elizabeth Von Der e Bastos. Ana Maria Rodrigues. *Op. cit.* p. 158.

193
08/

QUADRO 1

ANO	ESTABELECIMENTOS	OPERÁRIOS
1900	144	11 590
1907	326	22 000
1920	4 000	84 000

Fonte: Simão, Azis. *Sindicato e Estado*. São Paulo, Dominus-EDUSP, 1966. p. 14. Apud: Blay, Eva A. *Op. cit.*, p. 58.

O processo de urbanização, iniciado a partir dos anos setenta do século XIX, foi extremamente rápido, impulsionado pela atividade cafeeira e pelo início da atividade industrial. No final da década de 1890, já se desenhava a configuração urbana que foi acentuada e definida nas primeiras décadas do século XX: na parte alta, no maciço e bairros mais ricos; e na parte baixa rios Tietê e Tamanduateí, na várzea, e nos bairros operários.

Os bairros operários mais antigos foram: Brás, Luz, Bom Retiro, Moóca, Belém, Belenzinho, Pari, Barra Funda, Bela Vista na área central; trechos da Lapa, Água Branca, Cambuci, Ipiranga, São Caetano. Os de maior concentração são os do Brás e Bom Retiro, por serem os que contêm maior número de fábricas⁶.

O industrial, ao escolher um determinado local para sua fábrica, levava em conta fatores como baixo preço do terreno, proximidade de ferrovia e facilidade de transportes para locomoção do operariado. Buscava locais densamente povoados ou procurava fixar os operários próximos às suas empresas. A constru-

⁶Decca, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em S. Paulo (1927-1934)*. Campinas, UNICAMP, São Paulo, 1983, p. 5.

194
Cef

ção de habitações populares nas proximidades das indústrias tornou-se um negócio lucrativo para as construtoras, devido ao baixo preço do terreno e ao elevado custo do aluguel.

A demanda habitacional crescia concomitantemente ao afluxo da população para as cidades. O custo da moradia absorvia metade do salário do trabalhador. Um artesão ganhava de 150 a 220\$000 réis por mês, um carroceiro ou trabalhador braçal ganhava de 60 a 75\$000 réis mensais e um cômodo no cortiço custava 32\$000 réis mensais⁷.

Desde o fim do século XIX, o operariado paulistano vivia mal, geralmente em habitações coletivas — os cortiços. O jornal operário *Fanfulla* estimava que os cortiços correspondiam a um terço das habitações existentes em São Paulo, em 1904.

O retrato que a imprensa operária elabora a respeito das condições de moradia do trabalhador pode ser encontrado no já citado jornal, *Fanfulla*, em artigo intitulado "O Cortiço", de 11 de outubro de 1904:

"Não podemos, porém, fazer por menos ao dizer que o 'cortiço' é o que há de mais repugnante nas edificações da cidade. Repugnante não só pela estética, mas também e principalmente pela higiene. ... Casario de um andar, composto de duas filas de aposentos baixos, sujos, úmidos, minúsculos, pouco arejados, limitando uma série de pequenos pátios. Eis como se apresenta um cortiço. Em cada cubículo, verdadeira colméia humana, com frequência se comprime toda uma família de trabalhadores, às vezes composta de oito ou nove pessoas.

Resulta dessa forma, uma promiscuidade de sexo e relativa falta de pudor, na ordem moral; sujeira, falta de qualquer comodida-

⁷ Cf. Rlav. Eva A. On cit. p. 45

195
68

de, carência de ar saudável, na ordem física.

Quando (o pátio comum) não é um pântano, é um montão de imundícies, todos os despejos do dia são recolhidos, em meio a toda essa sujeira, que emana de odor nauseabundo, as crianças raquíticas, pelo ambiente malsão, passam as horas brincando ... Como é triste pensar que muitas famílias de trabalhadores vivem em tais tugúrios, onde entre a falta de ar puro, a tísica e a tuberculose alcançam fácil triunfo ..."⁸

Em 1890, os poderes públicos municipais se informam sobre as condições de vida da população de baixa renda. Os relatórios sugerem a proibição da construção de novos prédios, para fim de moradia operária, não se permitindo a restauração dos já existentes⁹.

A proliferação dos cortiços e das habitações operárias¹⁰ demonstram a força do poder econômico do setor privado sobre a preocupação sanitária do poder público. A cidade cresceu em função de uma segregação espacial do operariado e de uma diferenciação social marcante.

Em 1893 foi publicado o "Relatório da Comissão de Exame e inspeção das habitações operárias e cortiços no Distrito de Santa Efigênia", onde aventava-se a construção de vilas operárias. Em 1897, se estabeleceram medidas e normas que deveriam ser seguidas pelo setor público ou privado, visando a construção de vilas operárias "higiênicas" em torno da cidade de São Paulo, em

⁸ Apud: Pinheiro, Paulo Sérgio e Hall, Michael M. *A Classe Operária no Brasil - 1899-1930*. São Paulo, Brasiliense, 1981. pp. 42-43.

⁹ Blay, Eva A. *Op. cit.*, p. 62.

¹⁰ Além do cortiço, há o porão, as casinhas, o hotel-cortiço, a venda com cômodo nos fundos etc.

196
cap

terras mais baratas. Em 1904 foi aprovada a Lei 498 que legislou diretamente sobre as instruções de habitação operária. Determinava sua construção fora do perímetro urbano, com isenção de impostos para o construtor.

Nas duas primeiras décadas do século XX a construção das vilas operárias urbanas tornou-se um negócio lucrativo. Com a finalidade de atrair a iniciativa privada, os poderes públicos facilitaram o investimento do capital empregado nas construções popular e operária, garantindo um retorno altamente lucrativo. Limitando os juros para capital investido em tais construções, o que tornava o negócio lucrativo¹¹.

Enquanto prosseguia o debate na Câmara Municipal sobre a questão das habitações operárias, os industriais iniciavam a construção de vilas operárias junto às fábricas. Seguiu-se a edificação em série de casas pequenas e modestas, sem jardim, ou nos fundos dos terrenos, executadas por particulares, construtores ou por industriais. Apesar disso, tais habitações não conseguiram resolver o problema de moradia do trabalhador urbano.

A iniciativa de Antonio Penteado, em 1900, que construiu habitações operárias ao lado de sua fábrica, não se generalizou. Como poderemos observar, as excessões foram poucas. A Companhia Antártica, edificou na Moóca habitações para os "cervejeiros" e apenas para os operários mais especializados. Da mesma forma a Companhia de Calçados Clark edificou habitações somente para mestres e contramestres, em geral ingleses ou italianos, proporcionando-lhes áreas de lazer, esportes e atividades culturais.

11. Dantas, Maria. *Arquitetura e Urbanismo em São Paulo*. São Paulo: FAPESP, 1980.

Com o objetivo de fixar o operariado junto à fábrica, a Votorantim, localizada nas proximidades de Sorocaba, construiu uma vila operária com acomodações para 3 000 operários, proporcionando-lhes área de lazer, que incluía jardins, clubes, campos de futebol, além de escolas, lojas e iluminação elétrica. Outros estabelecimentos industriais: Vidraria Santa Marina, Cotonifício Crespi, Cigarros Sudan, Chapéus Ramenzoni, Companhia Lacta e Matarazzo edificaram também casas operárias em pequenas vilas¹².

O industrial, ao construir a vila operária, não estava resolvendo apenas um problema habitacional, estava construindo ainda um elemento de pressão junto ao operariado, capaz de atenuar os conflitos entre o capital e o trabalho, assegurando que sua produção não sofresse solução de continuidade pela ação dos movimentos grevistas. Isso significava dizer que o controle da moradia era um passo a mais em direção ao controle da mão-de-obra, controle este que tendia a assumir uma nova roupagem mais "sutil" e eficiente.

AS VILAS OPERÁRIAS E A ESTRATÉGIA PATRONAL

A construção das vilas operárias insere-se nos quadros de mudança de estratégia patronal em relação à disciplina do operariado. Até o final dos anos 10, assiste-se à aplicação de me

¹²Decca, Maria Auxiliadora Guzzo. *Op. cit.*, pp. 50 e segs.

190
01

didadas punitivas e policialescas. Passa-se então para um projeto racional de moldagem do novo trabalhador. A "nova fábrica higiênica e racionalizada" corresponde a formas elaboradas, sofisticadas de dominação, tendo à frente um patrão não mais arbitrário. Delineia-se o desejo burguês em passar seus valores, introjetados no universo operário de maneira sutil, a partir do modelo que a burguesia fez do trabalhador.

A vila operária, ao mesmo tempo que dá ao empresário a garantia de uma mão-de-obra estável, facilita-lhe a imposição de um estilo de vida, através de um código de conduta que extrapola os limites da fábrica e alcança os trabalhadores em sua intimidade, em seu lar, em seu lazer, como um novo campo de moralização e vigilância.

A vila-cidadela, cercada por muros, deve oferecer conforto e sofisticação aos operários, atendendo suas necessidades, proporcionando assistência médica e pedagógica, prática de esportes, diversões etc., de tal forma que limite a vida do trabalhador a esse espaço, resguardando-o das "contaminações ideológicas e morais". Criam-se laços familiares entre moradores e patrões, numa mescla de sentimentos que incluem gratidão e cumplicidade¹³.

As concessões, em forma de beneficência patronal como os abonos, as festas, os prêmios etc., reforçam os laços de afetividade, trazendo ao trabalhador a idéia de que ambos — patrão e operário — pertencem a uma grande família, cujo patrão é o "pai" de quem se recebe proteção e a quem se deve lealdade.

¹³Rago, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. Utopia da Cidade Disciplinar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. p. 179.

O tempo do trabalhador-morador é controlado através de normas disciplinares, horários, apitos etc. O tempo penetra no corpo e com ele todos os controles minuciosos do poder¹⁴.

A VILA MARIA ZÉLIA

A realização do projeto de construção da fábrica e vila operária Maria Zélia inicia-se em 1912, quando Jorge Street compra as terras do Cel. Fortunato Goulart, no Belenzinho. O terreno ia do rio Tietê até a avenida Celso Garcia.

Segundo depoimento de seus filhos, o empreendimento da vila operária centralizava os interesses de Jorge Street, que dessa maneira pretendia melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Contratara o arquiteto francês Padarrieux para projetar a fábrica, casas, igreja, escola, creche, áreas de lazer etc.¹⁵.

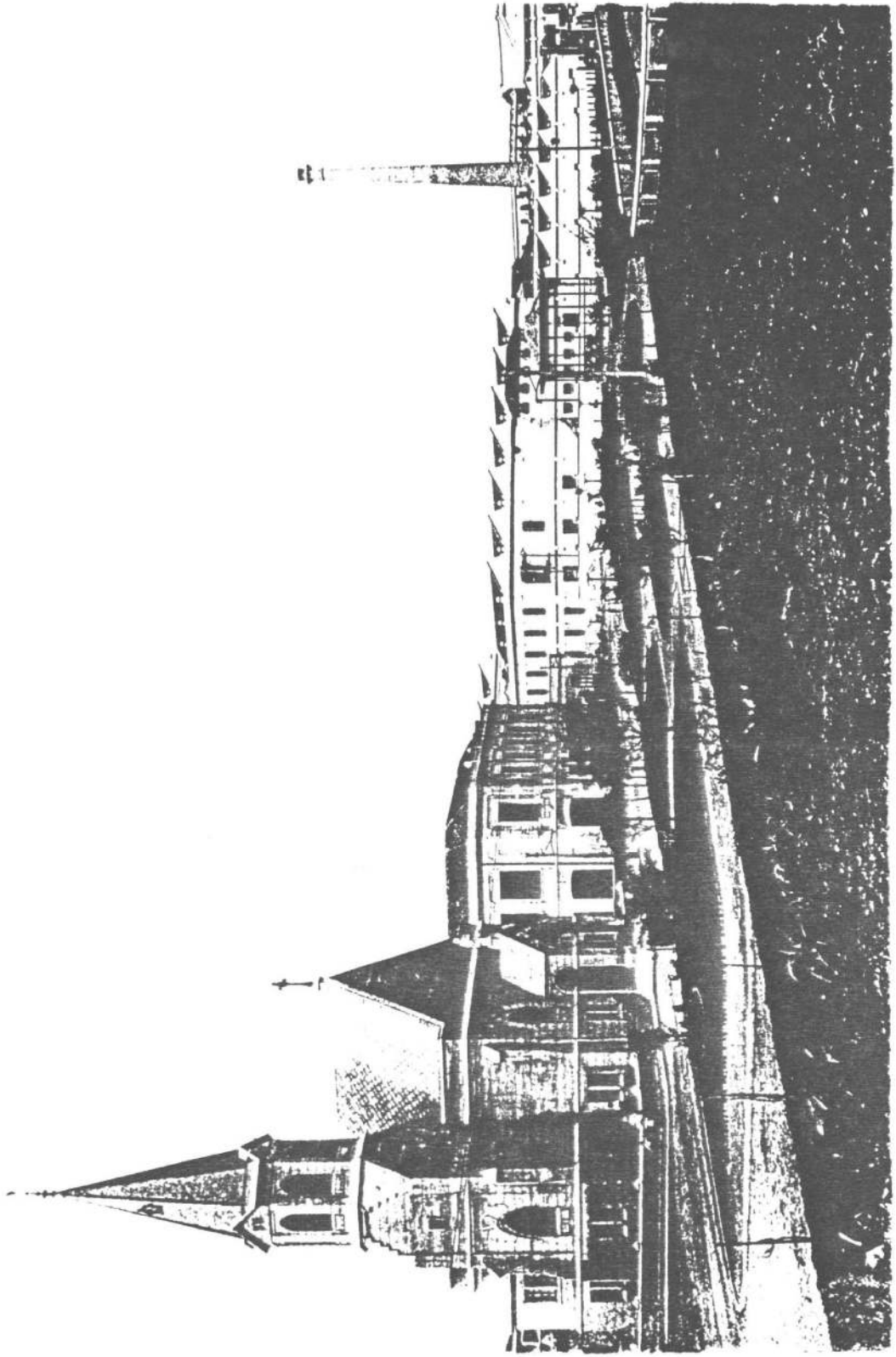
A partir de 1919, Jorge Street atravessou graves dificuldades financeiras e de produção. Entretanto, não esmoreceu. E mesmo na fase crítica dá ordem para construir outras casas e continuar as obras sem poder completá-las. Também não pode contar com os trabalhos do arquiteto Padarrieux¹⁶. Inaugurada em 15-05-1917, a vila foi sendo dirigida por Jorge Street até 1923,

¹⁴Foucault, Michel. *Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 138

¹⁵Depoimento pessoal de familiares de Jorge Street. O mesmo arquiteto projetou a residência da família Street, no Rio de Janeiro, na rua São Clemente, hoje ocupada pelo Consulado de Portugal.

¹⁶Ver plantas da Vila Maria Zélia...

800
at



Outra vista parcial da mesma

quando renunciou à direção da Companhia.

Em 1924 a fábrica e a vila são vendidas, ficando em mãos dos Scarpas até 1928. A vila foi rebatizada como Vila Scarpa, a respeito da qual existe um preciosíssimo documento: "Sociedade Anônima Scarpa: lembrança do Cotonifício Scarpa e de sua organização social na Vila Scarpa".

Em 1929 o grupo Guinle tomou posse novamente da vila, em pagamento à hipotecas vencidas e restituiu-lhe o antigo nome, Vila Maria Zélia. Em seguida, a vila e a fábrica passaram para as mãos do Estado, particularmente ao IAPI (Instituto de Aposentadoria de Pensão dos Industriários) e posteriormente ao INPS (Instituto Nacional de Previdência Social), devido a dívidas fiscais. A fábrica, por sua vez, ficou fechada, servindo no período de 1935 a 1938 de presídio político¹⁷.

Em 1939, porém, os imóveis da parte industrial, a creche e o jardim da infância foram vendidos à "Goodyear". Dezoito casas, o coreto, a creche, foram demolidos e incorporados à fábrica. A partir de 1939 e até 1968, os moradores pagam o aluguel para o IAPI. Em 1969 os moradores puderam comprar suas casas, pagando prestações pelo sistema BNH. Somente em 1979 a vila, que era totalmente particular, foi transformada em logradouro público¹⁸.

¹⁷ Durante o período que serviu de prisão política, intelectuais ali confinados, como Antonio Cândido, Caio Prado Jr., Emílio Salles Gomes, instituíram a "Universidade Maria Zélia". Para Maria Zélia presídio político, ver: Vieira, Antonio. *Maria Zélia*. 2ª ed., São Paulo, Ed. Cupolo, 1957.

¹⁸ Em pesquisa de campo que realizamos em 1985 na Vila Maria Zélia, constatamos que por volta de 60% dos moradores da época descendiam, ou estavam ligados indiretamente, aos operários da época de Street e Scarpa. Seria estimulante uma pesquisa analisando a atração que exerce a vila sobre os morado -

902
af

O complexo Vila Maria Zélia constitui um documento fundamental de uma época e de uma forma de ocupação do espaço urbano, exemplar único de modelo não repetido. Situada no bairro operário do Belenzinho, está bem localizada, sob o ponto de vista de bairros operários, próxima ao Belém, Brás e Penha.

Na rua dos Prazeres, travessa da rua Catumbi, próxima a fábrica Goodyear (ex-Maria Zélia), encontramos uma paisagem que se diferencia. Um grande portão de ferro separa a vila da rua. Adentrando a vila, encontramos um lugar extremamente calmo e agradável. Um jardim com árvores frondosas, flores, pássaros e inúmeros velhinhos sentados nos bancos da praça da Igreja, ciosos de seu passado e prontos para auxiliar "a moça que faz a história do Street".

É lamentável registrar a descaracterização do espaço urbano Vila Maria Zélia. As casas em sua maioria sofreram reformas e muitas delas têm dois pavimentos. O prédio destinado à escola está abandonado e saqueado. O jardim foi reduzido, dando lugar a um estacionamento. O calçamento antigo foi substituído por asfalto. O desrespeito à memória foi total, pouco resta intacto do passado.

A vila seguiu o modelo de vila operária predominante no período: casas edificadas no interior de um terreno, separadas da via pública por um portão. Na entrada da vila um grande jardim com coreto e igreja. A vila era cortada por seis ruas principais e quatro transversais, tendo aos fundos o rio Tietê. Contava com 198 casas de seis diferentes tamanhos. As maiores eram destinadas ao administrador, mestres e aos operários mais qualificados. Tinham também prioridades sobre as casas maiores os ope

rários mais antigos ou com famílias mais numerosas, garantindo assim um maior contingente de mão-de-obra para a fábrica. Para os solteiros foram construídos 14 aposentos em prédio térreo e comprido, contendo: salas de estar e jantar, sala de costura, cozinha, seis banheiros e uma sala de banho, dois tanques. Abrangia uma área total de 336,00 m². A ocupação do dormitório era individual. Street não admitia ocupações coletivas¹⁹.

TIPOS DE CASAS OPERÁRIAS

Tipo A - jardim
sala
quarto
cozinha
banheiro
área de serviço
área total: 74,75 m²

Tipo A1 - jardim
sala
2 quartos
cozinha
banheiro
área de serviço
área total: 81,65 m²

Tipo B - sala
3 quartos
cozinha
banheiro
área total: 74,75 m²

Tipo B1 - sala
3 quartos
cozinha
banheiro
área total: 81,65 m²

Tipo C - jardim
entrada lateral
sala
3 quartos
cozinha
banheiro
área de serviço
área total: 110,40 m²

Tipo D - varanda
jardim
sala
2 quartos
cozinha
banheiro
área de serviço
área total: 91,12 m²

¹⁹Entrevista com seus familiares.

209
af

Havia dois prédios, com dois pavimentos cada um, destinados à Escola de Meninos e à Escola de Meninas; um prédio destinado à creche e ao jardim da infância; um prédio para a farmácia; um prédio de dois pavimentos onde funcionava o restaurante e a sapataria e na parte superior, o salão de baile. Para a prática de esportes havia um campo de futebol e uma quadra para o jogo da "bocha".

A construção era de boa qualidade: assoalhada em madeira de pinho-de-riga, janelas e portas em madeira maciça. Para melhorar as condições de habitação, a Companhia Nacional de Tecidos de Juta implantou serviços de água encanada, energia elétrica (chuveiros) e calçamento nas ruas. O aluguel das casas era descontado dos salários, cobrava-se uma taxa pelo uso da água, e a eletricidade era paga pelo morador.

A VILA OPERÁRIA NO DISCURSO DE STREET

O discurso de Jorge Street referente às questões operárias nos demonstra como ele construiu seu universo em relação ao capital-trabalho, empresário-trabalhador, e sua visão pessoal a respeito das lutas de classe.

Street fez o curso secundário em Born, Alemanha, em fins da década de 1870. Estudou Humanidades e esteve exposto à influência cultural da época de formação do sindicalismo alemão e

da ascensão da ideologia marxista, marcado por momentos de intensa agitação e greves, que tiveram efeito sobre uma legislação social imposta pelo governo, mesmo sem pressão direta dos trabalhadores. Ele observou o fracasso da legislação repressiva e a mudança de tática do Estado Alemão, através de Bismarck, anunciada pelo imperador Guilherme II. Eram medidas positivas destinadas a melhorar o bem-estar dos trabalhadores, *isto em nome das exigências do "cristianismo prático" que impunha ao Estado assistir aos pobres*²⁰.

As leis de assistência ao trabalhador enfermo, ao trabalhador idoso e referentes a acidentes de trabalho deram à Alemanha um avanço considerável sobre os outros países industrializados no domínio do seguro social, ao mesmo tempo em que Bismarck impedia a federação nacional dos trabalhadores, interditando os grupos, servindo aos esforços sociais-democratas ou comunistas destinados a destruir o Estado tal como ele existe ou a destruir a ordem social²¹.

Ainda de acordo com seus familiares, Street recebeu forte influência da Encíclica Rerum Novarum do Papa Leão XIII, de 1891, o fio condutor do pensamento e *praxis* de Street. Em relação à Rerum Novarum, não cabe neste trabalho uma análise do documento em si, apenas destacaremos pontos que acreditamos ter contribuído para a formação do pensamento de Street.

Na introdução, leão XIII destaca o progresso industrial e a alteração das relações entre operários e patrões, a centralização da riqueza em poucas mãos e o fortalecimento da união

²⁰Burgelin, Henri. *La Societ  Allemande - 1871-1968*. Paris, Ed, Arthaud, 1969. pp. 92-93.

²¹*Idem, ibidem*, p. 95.

dos operários, dando "em resultado final um temível conflito"²². E diante desse conflito a Igreja sente-se no dever de precisar os direitos e os deveres que devem reger a riqueza e o proletariado, o capital e o trabalho.

O documento reconhece a situação de miséria das "classes inferiores" e isto porque:

"... os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça duma concorrência desenfreada."

Sendo contra o socialismo e o comunismo "... contrários ao direito natural dos indivíduos", propõe a concórdia entre as classes sociais e conclama "a unirem-se harmoniosamente e a conservarem-se mutuamente em perfeito equilíbrio". Cabe ao patrão tratar o trabalhador com "respeito e dignidade cristã" velando para "que o operário não seja entregue à sedução e às solicitações corruptoras, que nada venha a enfraquecer o espírito de família com os hábitos de economia".

Observa o benefício dos princípios "porque eles atraem o favor de Deus, princípio é fonte de todo o bem; comprimem o desejo excessivo das riquezas e a sede dos prazeres ...".

Em meio a essa situação conflituosa a greve aparece como inaceitável ao operariado, devendo o patronato e o Estado, "impedir a explosão, removendo a tempo as causas que se prevê que hão de nas-

²² Leão XIII. *Rerum Novarum*. Rio de Janeiro, Edição Organização Simões. Tradução de Carlos Laet, 1950. (As afirmações que seguem em aspas como esta, referem-se à Encíclica *Rerum Novarum*.)

cer os conflitos entre operários e patrões". E propõe a associação entre os operários católicos como uma solução racional para a questão do trabalho: "Os operários cristãos resolvê-la-ão facilmente pela razão, se unidos em sociedades e obedecendo a uma direção prudente.". Sua máxima sobre o uso dos bens era: "... a esse respeito o homem não deve ter as coisas exteriores por particulares, mas sim por comuns, de tal sorte que facilmente dê parte delas aos outros nas suas necessidades ... dar facilmente, comunicar as suas riquezas."

Em depoimento sobre a vila operária, Street afirmou ter consciência das necessidades dos trabalhadores, advindos do contato diário e do interesse pessoal em conhecer de perto suas condições de vida. Assim, compreendendo a situação precária do operariado, elaborou sua meta pessoal, voltada para o futuro do trabalhador.

Reconhecendo-se paternalista, não via o operário como um elemento isolado na produção, mas como um todo que envolvia seu lar, filhos e lazer. E fazia questão de pessoalmente dirigir sua "obra de justiça e de direito social".

Referindo-se ao ano de 1912 em diante²³, quando iniciou o projeto Vila Maria Zélia, Street declarava-se um industrial que não se limitava a dirigir seus operários de seu escritório. Mas tinha prazer e sentia-se no dever de acompanhar seus operários durante o trabalho fabril, à entrada e à saída da fábrica.

"Esse prazer aliava-se a um sentimento íntimo e instintivo de dever, que me fazia visitar diariamente as fábricas, percorrendo

²³Street, Jorge. "Inquérito sobre as relações industriais no Brasil". In: *Revista Legislação do Trabalho e Previdência Social*. São Paulo, Edições LTR, ano 1942, junho de 1978. Reprodução de matéria publicada nesta re-

a horas várias todas as suas secções e assistindo mesmo, muitas e muitas vezes, a entrada e a saída dos operários."

Afirmando conhecer seu operariado também devido a contatos fora do âmbito fabril, visitando-o freqüentemente em sua morada, relatou:

"A impressão que destas visitas trazia era desoladora, tal a promiscuidade e as condições moral e higienicamente inadmissíveis em que em geral ali existiam."

Segundo Street, essas observações atuaram fortemente em seu espírito. Observou que as condições de habitação degradavam a dignidade humana, interferiam no processo produtivo e produziam um sentimento de revolta. Assim explica:

"Não há trabalho fecundo, sem pelo menos alguma alegria de viver e sem a consciência de que essa vida se passa em condições compatíveis com a dignidade humana, que não degradem e humilhem. No que eu observava, tal dignidade não podia existir e era natural o sentimento de profundo descontentamento, tão próximo da revolta, que a situação existente gerava."

Do conhecimento e observação das condições de vida de seu operariado, resultou para Street "... a tentativa de procurar dar aos que comigo trabalhavam condições melhores de existência."

Discordando da tese "fordista", na qual o industrial deveria apenas prover a subsistência material, moral e intelectual de seus operários, sem entretanto ser seu tutor, defendia para o Brasil o paternalismo, baseado no conhecimento das caracte-

"... para o Brasil eu sempre discordo da tese [referindo-se a Henry Ford], pois conhecendo, como me prezava conhecer, a mentalidade e a cultura do nosso operariado, eu entendia que devíamos até melhores tempos, passar por um período intermediário, em que nós patrões, servíssemos de conselheiros e guias, sem que ao meu ver isso constituísse uma teoria pesada ou inconveniente aos nossos auxiliares de trabalho."

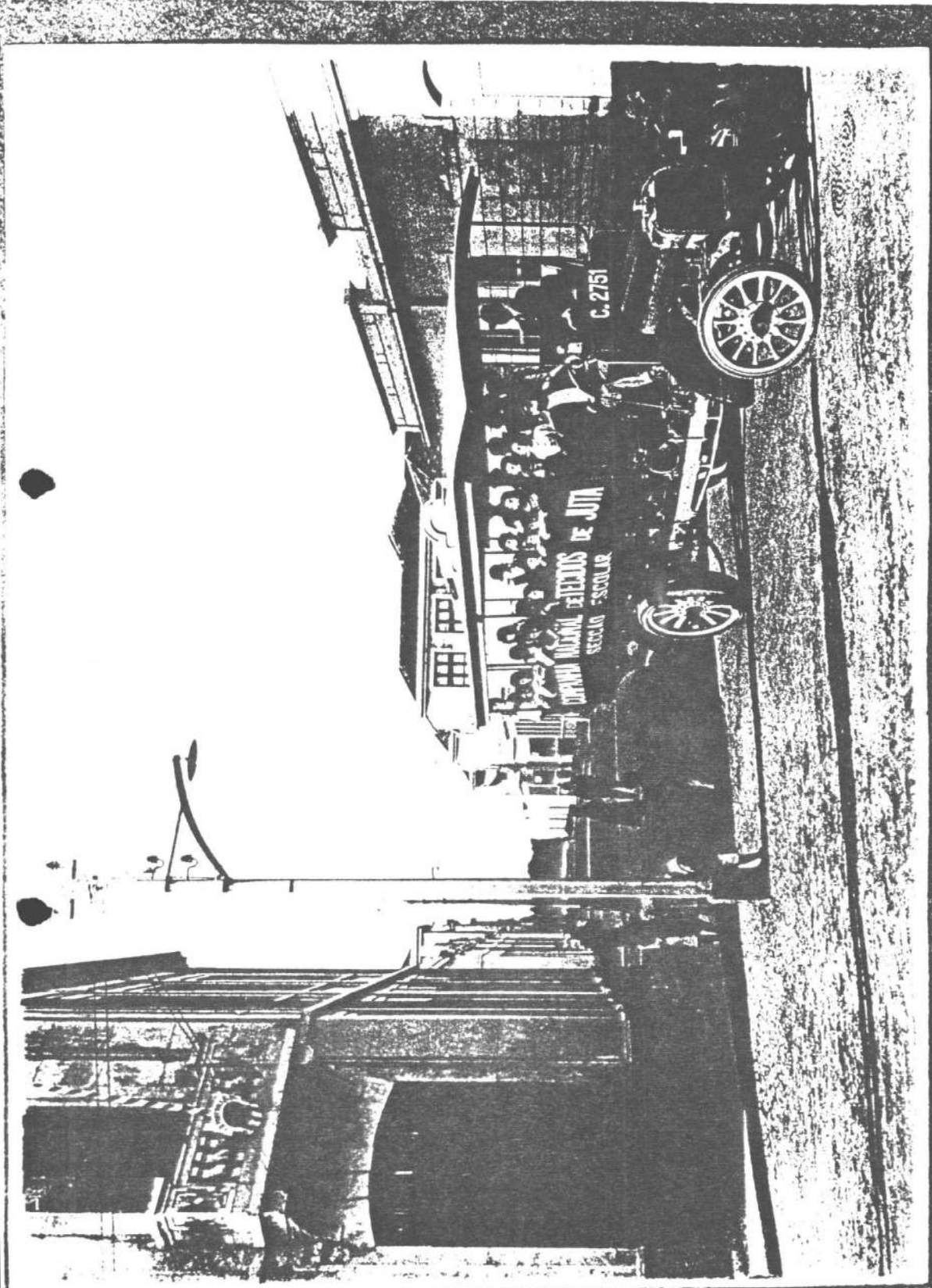
Assumindo pessoalmente a chefia da execução do projeto Vila Maria Zélia, acreditava que sua realização se constituía em relevante projeto social, tentando fazer crer que: "... não ia construir nenhuma obra de caridade, mas sim uma obra de justiça e de direito social."

O caráter moralizador no projeto evidenciou-se em seu discurso, associado à lógica de implantar uma obra de justiça social:

"Morada sã, com bastante sol e luz, e os cômodos de acordo com as necessidades das famílias operárias mais comuns. Dois, três e quatro quartos foram os tipos adotados, dando-se a eles um aspecto alegre e convidativo, construindo-se as casas em um só pavimento e em ruas largas, tirando assim em aparência, e de fato, qualquer idéia de promiscuidade. Era já uma das partes essenciais resolvidas, mas essas coisas têm a sua lógica e quando se é sincero nas resoluções que se toma, segue-se essa lógica, que por sua vez vai seguindo o seu caminho e nos levando até o final de suas conseqüências."

O universo burguês de seu discurso, delineava-se claramente, quando afirmava: "O adulto morava com sua gente e a sua prole, pois no sentido social a moradia não deve ser unicamente um abrigo, mas deve servir para constituir um lar."

9-10
de/



Atividade da Escola - Out. de Companhia de Bombeiros em 1930
para esse

Como a obra — segundo Street — estava voltada também para o futuro, justificava a preocupação pela criança e pelo ensino profissional, tirando-a do perigo da delinqüência; o que se evidencia em suas palavras:

"... a grande preocupação é a criança que necessita amparo seguro, desde que nasce até que, passada a idade de aprendizagem escolar ou profissional, entre para a vida prática do trabalho. É esse um dos principais problemas da assistência social, pois a criança abandonada e desamparada constitui o grande perigo de se transformar em breve em criança delinqüente ...".

O cuidado com a formação da criança, para Street, justificou-se na "... inadiável necessidade da creche, do jardim maternal e das escolas, inclusive de aperfeiçoamento ou do ensino profissional."

Com orgulho enaltecia o trabalho nas creches e a preocupação com a higiene:

"A creche estava num edifício adequado. Possuía seis salas dormitórios, com 15 leitos cada uma. Cada dormitório possuía dois pequenos banheirinhos, colocados em altura conveniente e com água quente e fria. Cada leito tinha um pequeno armário dividido em várias repartições adequadas para o recebimento das roupas das crianças. Estas nos eram entregues pelas mães ao entrarem para a fábrica ... Cada dormitório tinha duas moças que se ocupavam atentamente das crianças. Estas eram lavadas e vestidas com roupas limpas do estabelecimento, sendo as usadas, convenientemente tratadas, para que na hora da saída, em que as mães vinham buscá-las, serem de novo aplicadas às suas possuídas."

Em seu discurso, a obra social se completou com a as

direito concedido às operárias ao aleitamento de seus filhos. Sua preocupação sanitária estendia-se aos finais de semana, nos moldes paternalistas:

"Levavam as mães, quando por nós julgado necessário, uma ou duas garrafinhas de leite, para o alimento dos seus filhos. Aos sábados era-lhes entregue o necessário para o domingo. Tudo era naturalmente gratuito sem a menor remuneração dos pais."

Ficava também imbutida a intenção de mudança e controle do comportamento:

"É evidente que no acima narrado havia pequena parte educativa dos pais, que insensivelmente e quase sem o perceberem, mudavam as suas maneiras de tratar os filhos. Disso tive muitas e muitas provas."

A ESTRATÉGIA DE STREET FRENTE ÀS REIVINDICAÇÕES DE SEUS OPERÁRIOS

Em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 1917, Street manifestou claramente sua posição em relação ao movimento operário, constituindo também um documento rico na amostragem de seu relacionamento com o operariado de sua empresa²⁴.

Reconhecendo as reivindicações do operariado como sendo justas e necessárias, julgava a greve um legítimo direito "como

²⁴Street, Jorge. "A Greve". In: *O Estado de S. Paulo*, 20-07-1917, pp. 4-5.

213
07

meio eficaz de obter justiça, desde que esta lhe tivesse sido negada apesar de pedidos anteriormente feitos.". Street demonstrava, entretanto, preocupação com a passividade da greve "que não podia ser confundida com movimentos subversivos ...". Empregando a tática de "ceder é conquistar", concede aumento aos seus operários antes que reivindicuem. Apoiando o direito de greve, se solidariza com os trabalhadores, esvaziando o movimento grevista em sua fábrica, como relata:

"De fato, eu já havia concedido o aumento de 20% nos seus salários, e a fábrica trabalhava com plena força e na maior ordem, quando fui na quinta-feira, procurado por uma comissão de operários grevistas, em que estavam representadas as fábricas Crespi, Matarazzo e outras, cuja comissão pediu-me, em termos perfeitamente comedidos, que concedesse folga ao nosso pessoal para que ele pudesse dar uma prova de solidariedade aos companheiros que ainda não tinham obtido o que desejavam. Reuni, então, no pátio da fábrica, a totalidade dos nossos operários — homens, mulheres e crianças, mais de 2 800 — e, comunicando-lhes o pedido recebido, disse-lhes conceder a folga solicitada pelos seus companheiros."

Não concordando com a atuação política de mulheres e crianças, sustentava o direito de greve pacífica e orientava seus operários a respeitarem a propriedade privada, reafirmando a repressão ao desrespeito: "... o poder público não deixaria de reprimir tais desordens, que constituíam fatos gravíssimos ...". Além disso, identificava a autoridade e o trabalho como elementos intimamente relacionados: "Disse-lhes, mais, que eles bem sabiam que não podia haver trabalho sem ordem, ordem sem disciplina, nem disciplina sem autoridade."

Com a intensão explícita de dissolver conflitos inerentes à relação capital-trabalho, cobra lealdade à fábrica, dan-

do um voto de confiança ao operariado: "E afirmei ter a certeza de que nenhum dos nossos homens seria colhido nessas lamentáveis desordens, guardando, todos, a honra da nossa fábrica que era também a honra de todos eles."

Tentando demonstrar que o operariado expressava seu apoio às idéias do patrão, disse quando admitia a viabilidade da greve:

"Eu estava sô, no meio deles, com o meu ilustre gerente Dr. Ezequiel Coelho; nenhum constrangimento havia, pois. Eles me compreenderam perfeitamente: numerosos 'muito bem', 'tem razão, patrão', 'é isso mesmo' e uma estrondosa salva de palmas, partindo de todos eles, trouxeram-me a certeza de ter dado a justa nota."

O texto é rico na demonstração da estratégia de Street no enfrentamento das reivindicações operárias. Ele conhece seu operariado, aglutina-o, persuadindo-o pessoalmente, conduzindo-o exatamente onde quer chegar, ou seja, na "dissolução dos conflitos". E faz questão de mostrar sua força e coragem dizendo: "eu estava sô no meio deles ...", saindo vitorioso, segundo suas próprias palavras.

Em 1921, a vila operária recebeu a visita do viajante socialista italiano, Alfredo Cusano, ocasião em que Street deu um depoimento, evidenciando sua habilidade ao lidar com a força de trabalho. Antecipando-se às reivindicações de seus operários, eliminando atitudes de repressão, usa da dominação sutil baseada na coação pelo espírito de lealdade, impedindo a formação da consciência de classe entre seus operários:

"Quer ver como é simples tocar o coração do operário, vencendo com pouco aquele seu instinto de revolta contra a riqueza do patrão? Pois bem, ouça: um dia em que os operários de muitos estabelecimentos fabris de São Paulo, não sei mais por que motivo, descontentes haviam se declarado em greve, fui avisado que também entre os meus trabalhadores insinuaram-se simpatizantes subordinados, e que à tarde, numa festa que minha mulher e meus filhos haviam organizado no salão do estabelecimento, teria lugar o discurso incitando-os à greve. Assisti à festa e, depois da execução do programa, disse aos meus operários que, se entre eles houvesse alguém descontente com o salário, com o tratamento ou por qualquer motivo, poderia se levantar e falar com inteira liberdade para apresentar suas queixas ou reivindicações. Mas, nenhum ousou levantar-se. Todos se calaram."²⁵

E apelando ao laço emocional afetivo domina completamente o sentimento de revolta:

"Estou certo, acrescentei prontamente, que entre mim e vós não existe e não pode existir divergência. Somos unidos. E ainda que houvesse alguma coisa que nos dividisse, aqui há um elo intangível entre nós, um elo que fará sempre, em qualquer caso, desaparecer mal-entendidos e mal-querenças entre nós — são seus filhos. Assim dizendo, tomei dos braços de uma operária, que estava próxima a mim, o seu filho lactante ... e mostrei a criança à multidão. Um longo aplauso reboou na sala e todos os olhos brilharam de emoção, muitos choraram. No dia seguinte, nas minhas fábricas se trabalhou como antes e, talvez, com mais alegria e boa vontade."²⁶

²⁵Apud: Moraes Filho, Evaristo de. *Idéias Sociais de Jorge Street*. Brasília, Rio de Janeiro - Senado Federal - Fundação Casa de Rui Barbosa - MEC, 1980. pp. 455 e segs.

²⁶Idem *ibidem*

246
CBF

O COTIDIANO DA VILA OPERÁRIA MARIA ZÉLIA E A SISTEMATIZAÇÃO DO CONTROLE DA MÃO-DE-OBRA

O resgate do cotidiano operário da Vila é fundamental para o entendimento da condição operária e do relacionamento patrão-operário. O cotidiano operário é capaz de nos revelar as bases da relação entre o capital e o trabalho no início do século XX, tornando-se inteligível por outro lado o sentido e o caráter da atuação social de Street.

Os depoimentos tomados em entrevistas realizadas em 1985, com moradores da Vila e ex-operários da fábrica, se constituem em verdadeiros retratos da vida e de uma época. A importância histórica destas informações é indiscutível, na medida em que os moradores guardam ainda muito do universo ideológico onde as elaboraram.

A tecelã Cinta Ramos Amantero, nasceu em Sorocaba, em 1909, filha de pais operários, da fábrica Votorantim. Em 1919, a família mudou-se para a Vila Maria Zélia. Moradora há setenta anos na Vila, nos deu um testemunho precioso do passado. Lúcida, e de uma memória invejável, relembrou detalhes valiosos para o resgate do cotidiano operário.

Igualmente lúcida, está a tecelã Edwiges Pietrobon Giovanelli, nascida em 1905, filha de imigrantes italianos, a primeira de sete filhos. Veio trabalhar na fábrica e morar na Vila em 1919, residindo ainda na mesma casa, na rua 4.

O Sr. Mário Hias, nascido na Vila Maria Zélia, filho de pais operários trabalhadores da época de Street, assim como as

217
cej

Todos eles são ciosos do papel histórico da Maria Zélia e guardam, orgulhosos, fotos, recortes de jornal, recibos. Atualmente aposentados, são proprietários de suas casas²⁷.

A Vila Maria Zélia constituía-se em um lugar agradável, muito bem organizado, com normais disciplinares rigorosas:

"— A vila era uma maravilha ..." ²⁸

"— Aqui era tudo em ordem ... tudo muito rigoroso ..." ²⁹

A administração estava a cargo do Prefeito, Sr. Torres, morador da Vila e funcionário da CNTJ, que selecionava os moradores das casas operárias. Concluimos que havia preferência pelas famílias numerosas, estando implícita à vinculação o número de habitantes-trabalhadores e tamanho das casas.

"— Minha mãe veio aqui na vila e conversou com o Prefeito ... tinha bastante gente pra trabalhar, era sete filhos ... E fomos para cá ... meus irmãos já começaram na tecelagem e eu fiquei na escola, mais ou menos um ano." ³⁰

Aos dez anos de idade, D. Cinta iniciou, como criança operária, seu trabalho na fábrica Maria Zélia. A forma como isto se deu é muito sugestiva e vem demonstrar a força exercida pe

²⁷ Para facilitar, chamaremos o depoimento de D. Cinta Ramos Amantero de "A"; o de D. Edwiges Pietrobon Giovanelli de "B" e o do Sr. Mário Hias de "C".

²⁸ Entrevista "B".

²⁹ Entrevista "A".

³⁰ Entrevista "A". O processo de introdução na vila operária de D. Edwiges foi semelhante. Seu pai, morador em um quarto, conseguiu uma vaga na vila medi-

lo fator moradia que era utilizado como pressão para captação de numeroso contingente de mão-de-obra:

"— O Prefeito aqui foi falar para minha mãe que minha mãe precisava pegar uma casa grande.

— O senhor falou que não pode porque tem que ser cinco pessoas, eu tenho quatro ...

— Mas a senhora tem uma menina que pode trabalhar ...

— Mas não tenho, ela tá na escola ...

— Ah, mas a senhora tem que pôr ela pra trabalhar porque a senhora precisa passar para uma casa grande.

— Mas, o Dr. Osvaldo [gerente da fábrica] não aceita ela na fábrica.

— A senhora leva ela amanhã que eu vou passar por lá e falo com o Dr. Osvaldo.

— E ele me pôs pra varrer a maçarqueira ..."³¹

Uma das regras estabelecidas por Jorge Street para os moradores da vila operária, era a proibição de dormir na sala. As famílias mais numerosas precisariam de casas maiores, o que significava mais trabalhadores para a CNTJ:

"— Não podia pôr cama nem sofá na sala. Não podia ninguém dormir na sala. O fiscal passava para ver ..."³²

Para garantir a mão-de-obra mais qualificada, as casas maiores destinavam-se aos mestres:

³¹Entrevista "A".

³²Idem.

"— São os mestres tinham esses dois quarteirões³³ aí; mestre de fiação, tecelagem, estamperia, mecânica, almoraxifado ..." ³⁴

Não era permitido a sublocação de quartos ou parte da casa, nem a permanência de pessoas que não pertenciam à família moradora:

"— Todos que moravam na Vila trabalhavam na Maria Zélia ..." ³⁵

O aluguel das casas variava de acordo com o tamanho. Pagava-se 25 mil réis pela de dois cômodos; 35 mil réis pela de três cômodos, e 45 mil réis pela de quatro cômodos ³⁶.

Cobrava-se uma taxa igual para todos, de 8 mil réis, pelo uso da água e quanto à eletricidade, cada casa tinha um relógio. A conservação das casas ficava a cargo da CNTJ. Estas eram freqüentemente visitadas pelo Prefeito e os reparos necessários eram imediatamente providenciados.

"— O que tinha aqui antigamente era que você não podia mexer nas casas. A pintura era toda igualzinha, a janela pintura igual, você não podia mexer na casa de jeito nenhum. O cara que quisesse mudar, você tinha que falar com ele, mas não deixava mudar mesmo! Porque antigamente era todas as casas igualzinhas: janela igual, porta igual, pintura igual, nas portas e nas janelas. Se pintasse de outra cor, ah! podia contar que esse ia ser multado ..." ³⁷

³³ Refere-se aos quarteirões da rua 4.

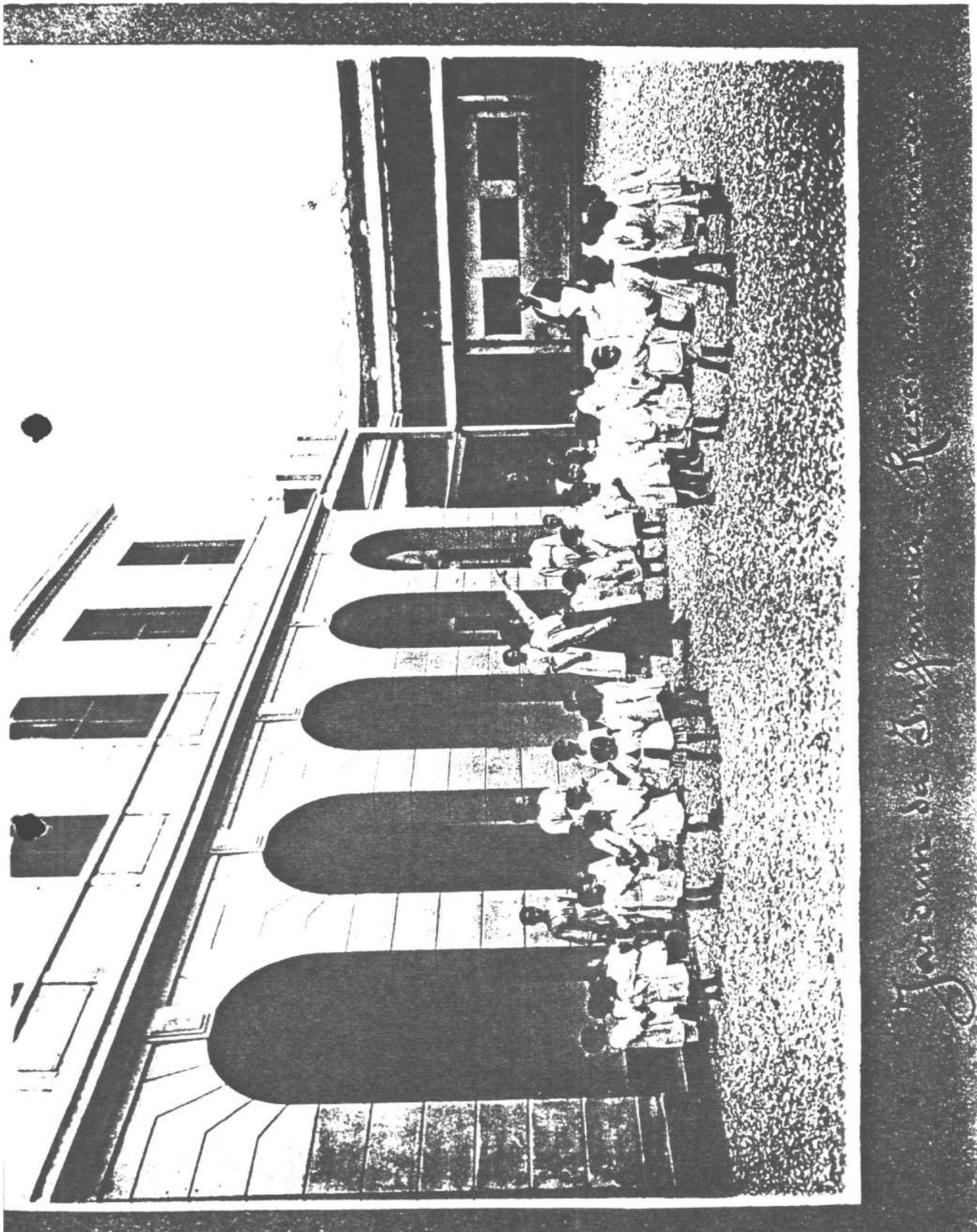
³⁴ Entrevista "A".

³⁵ Entrevista "B".

³⁶ Confirmado pelo depoimento dos familiares de Jorge Street.

³⁷ Entrevista "C".

230
8



Jardim de São João - Nova Almeida

A obra de assistência social da empresa incluía creches, jardim da infância, escolas primárias, farmácia e armazém. A creche funcionava em prédio amplo, arejado e com perfeita limpeza. Abrigava as crianças de zero a quatro anos de idade, fornecendo-lhes alimentação, recreação, banho e vestuário, supervisionados por professoras primárias e enfermeiras³⁸.

As mães operárias deixavam seus filhos pela manhã e iam buscá-los ao final da jornada de trabalho. Recebiam seus filhos alimentados, banhados e com roupas limpas³⁹.

As mães que amamentavam tinham licença para aleitar seus filhos, e as demais crianças recebiam leite e outros cuidados gratuitamente.

O jornalista socialista Cusano, assim descreve a creche:

*"É preciso que se veja as quatro salas imaculadas, com duas longas filas de berços alvíssimos, com o criado-mudo contendo o enxoval que o Dr. Street dá a cada mãe, e os belíssimos banheiros, com água quente e fria ..."*⁴⁰

A mão-de-obra não especializada da creche era suprida por moradores da Vila:

"... em vez de trabalhar na fábrica, não sabiam trabalhar, por exemplo, penteares nada, então elas trabalhavam na creche, jar-

³⁸Cusano, Alfredo. *Il Brasile de l'italiani e la Guerra*. Roma, Buenos Aires, São Paulo, Editrice Italo Sud Americana, Imprensa di Propaganda e Pubblicità, 1928, p. 269. Ver também: Moraes Filho, Evaristo. *Op. cit.*, p. 459.

³⁹*Idem, ibidem*, p. 269.

⁴⁰*Idem, ibidem*, p. 269.

222
02/

*dim de infância, escola também, servente da escola ..."*⁴¹

o que nos sugere o fortalecimento de vínculos afetivos entre os moradores.

Dos quatro aos sete anos de idade as crianças se dirigiam ao jardim da infância. Duzentas e quarenta crianças recebiam os cuidados de uma diretora e de professoras formadas em escolas públicas, que davam as primeiras lições pedagógicas. As instalações eram amplas e higiênicas. Havia salas de aula, recreação, refeitório e dormitório. O material didático era oferecido gratuitamente pela CNTJ, e o trabalho aqui, como nas creches, era supervisionado por D. Zélia Frias Street, esposa de Jorge Street⁴².

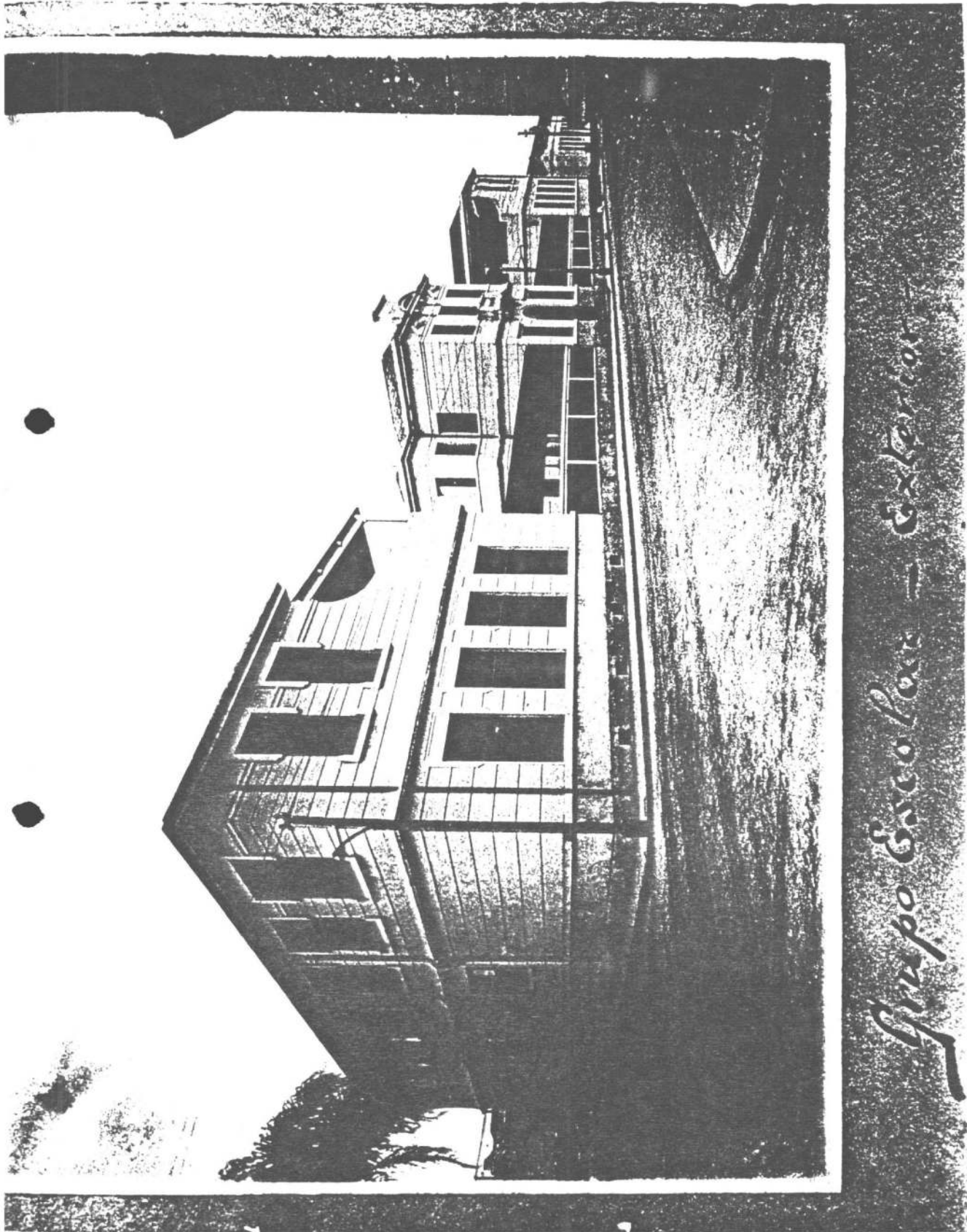
Aos sete anos de idade as crianças passavam a frequentar o Grupo Escolar. Este funcionava em dois períodos: diurno e noturno; as crianças que trabalhavam durante o dia poderiam então estudar a noite. Os professores pertenciam à rede oficial do ensino público e seguiam ao programa da Secretaria da Educação.

A educação dos escolares era feita separadamente, por sexo. Atualmente, podemos ver vestígios do prédio "Escola dos Meninos", abandonado e sujeito à ação depredatória dos saques em suas dependências.

As meninas, além do ensino oficial, recebiam aulas de bordado. Havia um empenho muito grande de D. Zélia F. Street nas aulas de bordado e catecismo. Percebe-se que as meninas recebiam

⁴¹Entrevista "A".

223
4



Grupo Escolar - Exterior

uma atenção especial, que pode ser enquadrada na estratégia de incorporação do universo burguês da década de 20. A mulher, "rainha do lar", era preparada para desempenhar afazeres domésticos, enquanto os meninos limitavam-se apenas às atividades escolares:

"— A gente não comprava nada, tinha tudo. Aliás, nós tínhamos também aulas de bordado e D. Zélia também dava ... Ela dava para nós também bastidores, dedal, agulha, linha para bordar, o trabalho, tudo, tudo, tudo ...

— Os meninos sō lição, ler, escrever, essas coisas. E as meninas era bordado, nê! Coisas que tocava para a mulher mesmo, nê?

— Os meninos não aprendiam ofício ... naquele tempo não tinha isso. Agora tem SENAI, tudo, mas, naquele tempo não tinha isso. Atē que ela [refere-se a D. Zélia] fazia bastante, viu?"⁴³

O atendimento médico para doenças ou acidente do trabalho era feito em ambulatório equipado para esta finalidade. Anexo ao ambulatório funcionava a farmácia. Os medicamentos eram gratuitos para as crianças, enquanto que, para os adultos descontados dos salários.

A tecelã D. Cinta testemunha a assistência médica gratuita:

"— Se tinha pessoa doente, se machucava o dedo, ou um abcesso qualquer, qualquer coisa, a gente vinha aqui no consultório. Era farmácia-consultório. E tinha também a sala em que o médico consultava também ... Um dia minha irmã menor caiu, quebrou o braço, foi lã arrumou tudo bem, não pagava nada. Era tudo, tudo, por conta dela [Zélia Street]." ⁴⁴

⁴³Entrevista "A".

⁴⁴Idem.

No envelope dos salários vinham também os descontos das compras no armazém e do armarinho, que funcionavam na Vila. Os operários também podiam comprar calçados na Casa Norma, na rua Maria Marcolina. O procedimento, diferente do desconto em salário, consistia em pedir-se ao apontador o vale correspondente às suas necessidades.

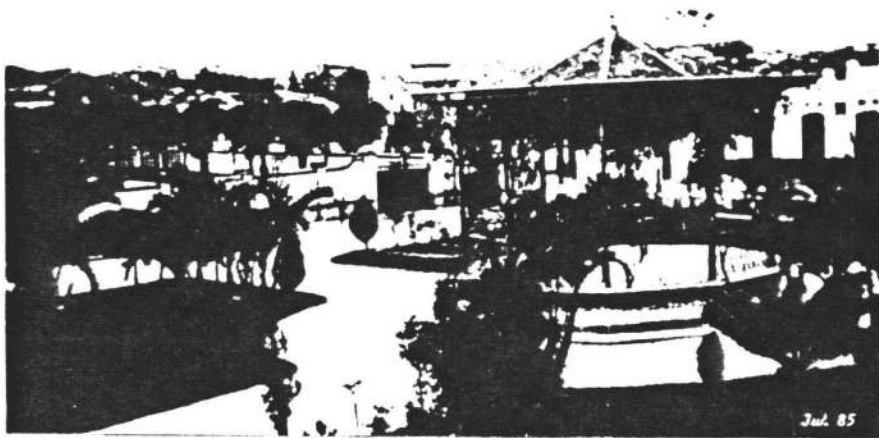
A sistematização da política social da CNTJ voltava-se ainda para atividades recreativas, promovendo festas, bailes, jogos de futebol, concertos musicais, peças de teatro etc. A ideologia paternalista e cooptativa procurava levar os operários a verem a empresa como uma grande família e a considerar a fábrica como um bem comum.

A maior festa organizada para os operários era a data natalícia dos patrões. Isto foi incontestavelmente elemento de criação e sustentação do laço emocional operário-patrão. Abrir as portas de sua casa ao operariado, recebê-lo com festas, onde era servido por suas filhas, transmitia ao trabalhador a idéia de pertencer a uma grande família: excelente instrumento de cooptação.

Dona Cinta lembra com saudade:

"— Primeiro ano ele fez aqui no jardim, ele recebeu os operários tudo aqui no jardim. Mas ele achou que aqui não deu, que era muito pequeno, tudo, e não poderia fazer a festa como ele queria. Então foi combinado tudo com a gerência lá, pra avisar todo o pessoal. Então, os contra-mestres, mestres, avisaram a gente, que vinha os bondes tudo ... Então, aqui na Catumbi ficava uma filona de bondes até na avenida. Quando enchia todos então a gente ia ... Descia na Praça da Sê, e na Praça da Sê já tinha aqueles bonde, também de palinha, uns bonde muito bacana ... Quando a gente descia do bonde, andava um bom pedaço, mas a gente via de longe a casa. Quando a gente já ia chegando per-

226
4



Fonte: Operários de Jorge Street.

Jardim e Coreto da Vila Operária Maria Zélia

227
06/

Dona Zélia saia, os filhos também vinham lá fora; então eles viⁿham de encontro com nós, ficavam esperando ali fora. E a banda depois ia tocando, mas tocava, se era aniversário dela, era a musica dela que ia tocando, e quando era dele, tocava a musica de le — o dobrado 'dois corações'. E assim nós chegávamos lá, aque^lla festança toda, o campo de futebol, tinha uma quadra também que podia dançar, fazia o baile. Eles davam tudo que tinha de bom para comer, tanto de coisas salgadas como doces, bombons, tudo que tinha de bom. Muito bem, recebiam bem, eles brincavam com nós lá, sabe? Os filhos também brincavam, dançavam lá com a gente. Quem queria ficar ... os moços queriam jogar futebol, jo^gavam; os que gostavam mais de dançar iam na quadra para dançar. Então fazia a festança! Aquele dia ficava bom, viu? E as fábri^cas não trabalhavam, nê!"⁴⁵

"— As festas na casa do patrão eram uma maravilha. Minha mãe contava ... ela ia com meu pai ... todo mundo entrava lá e co^mia, bebia e dançava ..." ⁴⁶

O fato de ainda hoje relembrem os aniversários de Dona Zélia e Street, celebrando-se missas na capela da Vila, é uma forma de não só homenagear a figura do empresário, mas tra^zer a tona os momentos vividos.

Na Vila realizavam-se as festas juninas, igualmente esperadas pelo operariado:

"— Sempre teve aqui as festas juninas. Fazia o baile no campo de futebol ... ficava assim de gente ... as barraquinhas com pi^poca, batata-doce, quentão e tinha brinquedos para as crian^ças ..." ⁴⁷

⁴⁵Entrevista "A".

⁴⁶Entrevista "C".

⁴⁷Entrevista "B".

O jogo de futebol constituia em lazer atrativo ao operariado e elemento de controle da força de trabalho; nada escapava ao domínio do empresário. O time Maria Zélia fez fama no meio operário. Street fornecia o uniforme. As "peladas" acompanhadas de música tornavam-se evento social:

*"— Tinha arquibancada dos dois lados, das moças e dos moços. Dos torcedores, né? Porque tinha torcedoras. A banda de música todo domingo tocava no campo. Lã no campo de tarde ..."*⁴⁸

As concessões feitas por Street ao operariado delineavam um projeto inteligente e arrojado para o país da época, fruto, entre outros fatores, da experiência européia vivida pelo empresário na Alemanha bismarkeana. A construção de uma imagem paternalista passava pelo reforço da autoridade através da figura do pai, introjetada por todos como talvez a mais legítima e inquestionável das autoridades: o pai materializa-se como ser experiente, pleno de conhecimentos, protetor e provedor, poderoso e severo quando interesses justos e comuns estivessem em jogo. A própria Igreja reafirmava a figura do pai, seja do pai enquanto Deus, seja do pai enquanto homem: "amarás e honrarás pai e mãe".

As concessões bondosas do pai: moradias, escolas, farmácias, áreas de lazer etc., levavam a crer na construção de uma grande família na qual a colaboração harmoniosa entre estes entes e a organizada pelo poder paterno, tentava dissolver e mascarar antagonismos de classe. A grande família passava a habitar uma grande casa: a Vila Maria Zélia. Street transformava-se em pai provedor-disciplinador.

⁴⁸ Entrevista "B".

229
22

A Igreja fecha o círculo de empreendimentos que a CNTJ realizou na cidadela operária. Ao lado de um projeto de proporcionar ao trabalhador melhores condições de trabalho, dá assistência espiritual aos trabalhadores, sem que eles precisassem sair dos limites da vila operária. Constitui-se em elemento de controle patronal, introjetando a moral e os costumes burgueses no operariado, reafirmando a estratégia de despolitização do mundo fabril. O ensino religioso era ministrado no Grupo Escolar, sendo obrigatória a primeira comunhão e a missa aos domingos:

*"— ... tinha aula de catecismo. Essas aulas para ir na igreja, porque nós tínhamos que ir na igreja. Se ela soubesse que nós não vamos na missa domingo, a gente ia de castigo. A professora punha nós de castigo. Precisava ir na missa todos os domingos."*⁴⁹

A primeira comunhão era cercada de atenção especial. A empresa fornecia gratuitamente vestuário, calçados, grinalda para as meninas, vela, terço e livro. E imprimia ao fato um clima de grande religiosidade:

*"— Tinha que fazer retiro. Ficava três dias na igreja, o dia inteiro fazendo retiro. Tinha que comer pouco. Ia para casa só para almoçar, depois voltava. Tudo muito bem organizado."*⁵⁰

"— E após a comunhão, Dona Zélia oferecia uma mesa com bolos e bolachas ... Tinha reza todos os domingos. Missa e reza a noite ... A procissão ... o encontro de Nossa Senhora com o Filho ... do domingo de Ramos era a coisa ... a gente diz mais linda e

⁴⁹Entrevista "A".

⁵⁰T. dom

LEMBRANÇA PRECIOSA PARA A ALMA FIEL



Lembrança da 1ª Comunhão na Capela Vila São José, 1920



Pia Batismal

Oferta dos operários da Fábrica Maria Zélia, 1919

231
21

mais triste ... era uma coisa tão bem organizada que parecia que se estava num teatro ..."⁵¹

O paternalismo de Street mesclava-se à atitudes de filantropia. Nas festas de fim de ano os operários recebiam bonificações, que segundo Street, "eram uma forma de participação nos lucros das empresas" e às crianças davam-se balas e brinquedos caros, em sua maioria importados. Mensalmente, o caminhão da CNTJ, com legumes, frutas e verduras, cultivados na casa de campo da família Street, distribuía alimentos gratuitamente em cada casa operária, de acordo com o número de habitantes. O mesmo acontecia com os retalhos de juta. Mais uma vez, entra em cena o pai que tudo provê.

A higiene das ruas e a conservação das casas eram valorizadas pela administração da Vila. Um concurso na primavera elegia o jardim mais bonito da Vila⁵². Era uma tentativa de in-corporação dos valores burgueses ao operariado.

Mas essa benemerência não poupava o trabalho infantil. Como vimos, nossas entrevistadas se iniciaram precocemente no trabalho industrial:

*"— Tinha muita criança trabalhando ... dez, doze, treze anos ..."*⁵³

*"— Eles tinham medo que o vestido pegasse na correia, então elas tinham um calçãozinho assim, que nem as crianças, com elãstico aqui na perna ... cinturadinho com dois bolsos, manguinha curta ... bonitinho."*⁵⁴

⁵¹Entrevista "B".

⁵²Segundo D. Edwiges, o prêmio era de 30\$000 réis em dinheiro.

⁵³Entrevista "A".

⁵⁴*Idem.*

Também uma ponta de tristeza aparece nos depoimentos. A tecelã lembra que, embora as condições de trabalho fossem melhores na fábrica Maria Zélia, era prática comum o controle do trabalho infantil através da violência física em outros estabelecimentos:

*"— Tempo antigo foi muito judiado ... noutras fábricas, fora da qui da Maria Zélia foi também. Mas eu tive sorte porque eu fui aqui, e aqui a gente era muito considerado. Ninguém podia dar be liscão na gente, nem tapinhas na gente ..."*⁵⁵

Importante notar também que nas pesquisas realizadas em jornais operários, nenhuma denúncia de maus tratos corporais ocorridos nas indústrias Street foi encontrada. O mesmo não podemos dizer com relação a outras grandes indústrias da época. Street não fazia parte dos industriais "indesejáveis", segundo lista da imprensa operária. Nesse espaço, onde o controle se faz em absoluto, o movimento paredista não aparece nos depoimentos operários da Vila como instrumento de luta de classes:

*"— Faziam greves, tudo, pediam aumento de salário mas depois terminava em nada ... tinha que voltar a trabalhar ... a gente não ganhava as greves, não."*⁵⁶

*"— O tempo em que ele [Street] esteve aqui, a gente não sabia de nada, nunca ouviu falar nada, tava tudo calmo ..."*⁵⁷

⁵⁵Entrevista "A".

⁵⁶Idem.

⁵⁷Entrevista "B".

Havia uma censura política que ora mostrava-se implícita, nas táticas de desmobilização dos trabalhadores, ora mostrava-se explícita como na censura sobre as publicações operárias, restringindo-as a comunicações de amenidades sociais:

*"— Não me lembro de jornalzinho. Nunca foi feito essas coisas, não. Foi feito boletins assim, nê: vai ter uma festa no clube, vai ter uma festa na fábrica ... os folhetos tinha bastante, jornalzinho não teve não."*⁵⁸

Pelos depoimentos pode-se notar um forte espírito de solidariedade entre os moradores da Vila. Também sentiam-se orgulhosos em pertencerem a uma organização pioneira.

A sistemática de organização e controle de mão-de-obra, implantada pela CNTJ, era afixada através da porta de entrada das casas operárias. Constava de vinte regras que atingiam o operariado em seu cotidiano, disciplinando sua conduta em seu domicílio, em suas relações sociais e em suas atividades de lazer, estendendo-se a elas a relação de dominação antes só exercida no interior restrito da unidade produtiva. Objetivava-se fechar o circuito ao redor do operário, seus movimentos eram geridos pela racionalidade burguesa que Street encarnava, do começo ao fim do dia.

*"— Não podia fazer barulho após as 21:00 horas, não podia namorar nas dependências da Vila, sô no portão ou dentro de casa; as crianças não podiam brincar nas ruas — tinha escola; não podia beber álcool, não podia dar festas sem avisar; as moças sô entravam nos bailes acompanhadas de sua mãe."*⁵⁹

⁵⁸Entrevista "C".
50

As normas deviam ser atentamente observadas no intuito de incorporar ao comportamento operário a perspectiva de mundo patronal; horários, orientações, arquitetura, tudo visava adaptar a conduta dos operários-moradores ao regime fabril, de modo a obter o máximo de produção e afastá-los do contato com idéias "subversivas". Instituiu-se um clima coibidor de formas de articulação e pontâneas no seio do operariado.

A VILA MARIA ZÉLIA ATRAVÉS DOS REGISTROS PAROQUIAIS DE BATISMO DA CAPELA SÃO JOSÉ

A fim de levantar dados complementares sobre os moradores da Vila Maria Zélia, bem como do relacionamento patrão-operário, procedemos investigação nos livros de batizado da Capela São José, localizada na Vila Maria Zélia, que se encontravam nos arquivos da Curia Metropolitana de São Paulo, durante o período de 1918 a 1924, quando Jorge Street presidia a CNTJ. Recorremos à demografia histórica, embora reconheçamos as limitações da técnica e da fonte. Recorremos também a esse tipo de fonte, devido a necessidade de ser católico para morar na Vila⁶⁰.

A partir dos 364 registros de batismos realizados na Capela da Vila Maria Zélia, efetuaremos uma inferência dos deslo

⁶⁰ Arquivos da Curia Metropolitana de São Paulo. Registros de Batismos da Capela São José - 1918-1924. A pesquisa desenvolveu-se em âmbito maior e apenas destacaremos aqui o que nos parece mais significante.

236
CS

V — planejamento e gestão do conjunto das ações, garantida a participação de representantes da comunidade;

VI — compromisso do Estado de resguardar e defender a integridade, pluralidade, independência e autenticidade das culturas brasileiras, em seu território;

VII — cumprimento, por parte do Estado, de uma política cultural não intervencionista, visando à participação de todos na vida cultural;

VIII — preservação dos documentos, obras e demais registros de valor histórico ou científico.

Artigo 263 — A lei estimulará, mediante mecanismos específicos, os empreendimentos privados que se voltem à preservação e à restauração do patrimônio cultural do Estado, bem como incentivará os proprietários de bens culturais tombados, que atendam às recomendações de preservação do patrimônio cultural.

SEÇÃO III

Dos Esportes e Lazer

Artigo 264 — O Estado apoiará e incentivará as práticas esportivas formais e não formais, como direito de todos.

Artigo 265 — O Poder Público apoiará e incentivará o lazer como forma de integração social.

Artigo 266 — As ações do Poder Público e a destinação de recursos orçamentários para o setor darão prioridade:

I — ao esporte educacional, o esporte comunitário e, na forma da lei, ao esporte de alto rendimento;

II — ao lazer popular;

III — à construção e manutenção de espaços devidamente equipados para as práticas esportivas e o lazer;

IV — à promoção, estímulo e orientação à prática e difusão da Educação Física;

V — à adequação dos locais já existentes e previsão de medidas necessárias quando da construção de novos espaços, tendo em vista a prática de esportes e atividades de lazer por parte dos portadores de deficiências, idosos e gestantes, de maneira integrada aos demais cidadãos.

Parágrafo único — O Poder Público estimulará e apoiará as entidades e associações da comunidade dedicadas às práticas esportivas.

Artigo 267 — O Poder Público incrementará a prática esportiva às crianças, aos idosos e aos portadores de deficiências.

CAPÍTULO IV

Da Ciência e Tecnologia

Artigo 268 — O Estado promoverá e incentivará o desenvolvimento científico, a pesquisa e a capacitação tecnológica.

§ 1.º — A pesquisa científica receberá tratamento prioritário do Estado, diretamente ou por meio de seus agentes financiadores de fomento, tendo em vista o bem público e o progresso da ciência.

§ 2.º — A pesquisa tecnológica voltará-se à preponderantemente para a solução dos problemas sociais e ambientais e para o desenvolvimento do sistema produtivo, procurando harmonizá-lo com os direitos fundamentais e sociais dos cidadãos.

Artigo 269 — O Estado manterá Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia com o objetivo de formular, acompanhar, avaliar e reformular a política estadual científica e tecnológica e coordenar os diferentes programas de pesquisa.

§ 1.º — A política a ser definida pelo Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia deverá orientar-se pelas seguintes diretrizes:

1 — desenvolvimento do sistema produtivo estadual;

2 — aproveitamento racional dos recursos naturais, preservação e recuperação do meio ambiente;

3 — aperfeiçoamento das atividades dos órgãos e entidades responsáveis pela pesquisa científica e tecnológica;

4 — garantia de acesso da população aos benefícios do desenvolvimento científico e tecnológico;

5 — atenção especial às empresas nacionais, notadamente às médias, pequenas e microempresas.

§ 2.º — A estrutura, organização, composição e competência desse Conselho serão definidas em lei.

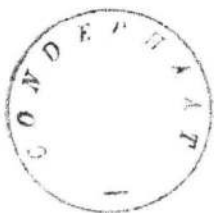
Artigo 270 — O Poder Público apoiará e estimulará, mediante mecanismos definidos em lei, instituições e empresas que invistam em pesquisa e criação de tecnologia, observado o disposto no § 4.º do art. 218 da Constituição Federal.

Artigo 271 — O Estado destinará o mínimo de um por cento de sua receita tributária à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, como renda de sua privativa administração, para aplicação em desenvolvimento científico e tecnológico.

Parágrafo único — A dotação fixada no "caput", excluída a parcela de transferência aos Municípios, de acordo com o art. 158, IV, da Constituição Federal, será transferida mensalmente, devendo o percentual ser calculado sobre a arrecadação do mês de referência e ser pago no mês subsequente.

Artigo 272 — O patrimônio físico, cultural e científico dos museus, institutos e centros de pesquisa de administração direta, indireta e fundacional são inalienáveis e intransferíveis, sem audiência da comunidade científica e aprovação prévia do Poder Legislativo.

Parágrafo único — O disposto neste artigo não se aplica à doação de equipamentos e insumos para a pesquisa, quando feita por entidade pública de fomento ao ensino e à pesquisa científica e tecnológica, para outra entidade pública da área de ensino e pesquisa em ciência e tecnologia.



FEDERAÇÃO E CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

DECAD/Biblioteca Roberto Simonsen

SETOR DE REFERÊNCIA

ASSUNTO: HISTÓRIA DA INDUSTRIALIZAÇÃO DE SÃO PAULO

SOLICITADO POR: Acelon Lierte Borges (Universidade Federal de Santa Catarina)

DATA: 11.02.1987

BIBLIOTECÁRIA: Maria Alice de Vicencio

I. LIVROS

- BANDEIRA, JUNIOR, Francisco. A indústria no Estado de São Paulo em 1901; estudo. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1901. 227p. Exemplar xerografado.
- BARROS, Matilde Maria Melo de Almeida. A atividade industrial no município de São Paulo. São Paulo, SENAI, 1979. 247p. (Documento de Trabalho, 9)
- CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. São Paulo, DIFEL, 1977. 317p. (Corpo e Alma do Brasil, 53) Bibliografia.
- CARLI, Gileno do. Gênese e evolução da indústria açucareira de São Paulo. Rio de Janeiro, Pongetti, 1943. 230p.
- DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo; 1880-1945. Trad. Otávio Mendes Cajado. 2.ed. São Paulo, DIFEL, s.d. 269p. (Corpo e Alma do Brasil, 38) Bibliografia.
- DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo; 1880-1945. Trad. Otávio Mendes Cajado. São Paulo, DIFEM, Ed. da USP, 1971. 269p. (Corpo e Alma do Brasil, 33) Bibliografia.
- DI PIERO, Mario F. O papel de São Paulo no desenvolvimento industrial do Brasil In: FEDERAÇÃO E CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Serviço de Publicações. Capítulos de história da indústria brasileira. São Paulo, 1959. p. 85-109.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Estatutos da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo aprovado em Assembleia Geral de 16 de maio de 1931. São Paulo, 1934. 15p.
- KRAUSE, Walter Paul. O problema industrial paulista. S.l., Comissão Interestadual da Bacia Parana-Uruguai, 1964. 85p.

238
08

APRESENTAÇÃO

I. Artigos de Jorge Street sobre a ATIVIDADE INDUSTRIAL DA ILHA DE JACUARECANGA

- 01. STREET, Jorge. Carta aberta ao Sr. Dr. Arnaldo Orsini, presidente da Associação Commercial de Rio de Janeiro. São Paulo 1928. Publicação em Estado de São Paulo, 15 set. 1928. [Folheto]
- 02. _____. Inquérito sobre as condições industriais no Brasil, um precursor, o Sr. Jorge Street, o sistema da fábrica Maria Lúcia. Revista de Trabalho, São Paulo, 1(2):54-5, jun. 1937. [Artigo de Periódico]
- * 03. _____. Legislação social trabalhista do Brasil. Boletim do Instituto de Engenharia, São Paulo, 20(107):225-34, out. 1974. Palestra, no Instituto de Engenharia, São Paulo, 29 set. 1934. [Cópia Xerox]
- 04. _____. Notas à margem das tarifas aduaneiras. Rio de Janeiro, Confederação Industrial do Brasil, 1933. 19p. [Folheto]

II. Livros e folhetos sobre Jorge Street

- 05. BARBOSA, Rui. A questão social e política no Brasil. In: _____. Obras completas. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1956. v. 46. t. 1. p. 93, 101-102, 119.
- 06. CAMONE, Edgard. O pensamento industrial no Brasil; 1880-1945. Rio de Janeiro, DIFEL, 1977.

* * * CUSANO

- 07. DEM, Warren. A industrialização de São Paulo; 1880-1945. Trad. de Octavio Mendes Cajado. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Ed. da USP, 1971. p. 144, 154, 160, 170.
- 08. OS ESTADOS Unidos do Brasil; sua história, seu povo, seus recursos, suas indústrias e recursos. London, South American Intelligence, 1919. p. 217-222, 225-232. [Setor de Microfilme]

x - - UR São Paulo, 42 (4): 657-59, jun 1978. Cópia
 do livro de Warren Dem
 * * * [Handwritten notes and signatures]

09. DESENVOLVIMENTO do Brasil no século vinte; sua história, seu povo, comércio, indústria e recursos. London, Lloyd's Great Britain, 1913. p. 432. [Setor de Microfilmes]
10. LECARDI, Maurício de. Evolução legislativa do direito social brasileiro. Rio de Janeiro, Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1960. p. 131-32, 160-61, 166. (Col. Lindolfo Color)
11. LEITE, Aureliano. História da civilização paulista. São Paulo, Saraiva, 1954. p. 272.
12. LEMA, Heitor Ferreira. A indústria paulista em quatro séculos. In: SÃO PAULO, Prefeitura. IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo. São Paulo, 1954. p. 169.
13. _____. Jorge Street. In: _____. Evolução industrial de São Paulo; esboço histórico. São Paulo, Martin, 1954. p. 173-178.
14. LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. Histórico do Rio de Janeiro; do capital comercial ao capital industrial e financeiro. Rio de Janeiro, IBEX 1978. v. 2. p. 849-850.
15. LUZ, Níxia Vilhela. A luta pela industrialização do Brasil; 1808 a 1930. Rio de Janeiro, Difusão Européia do Livro, 1961. p. 135-155. (Corpo e Alma do Brasil, 5)
16. MARTINS, José de Souza. Conde Matarazzo e empresário e a empresa: estudo de sociologia do desenvolvimento. São Paulo, HUCITEC, 1976. p. 95-6. (Estudos Brasileiros, 1)
17. MORSE, Richard M. Formação histórica de São Paulo; de comunidade à metrópole. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970. p. 297. (Corpo e Alma do Brasil, 30)
18. MOGUEIRA, O. Pupo. A indústria em face das leis do trabalho. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1935. p. 40-1, 45, 52-5.
19. SANTIBURGO, João de. José Benício de Moraes, o homem, a obra. São Paulo, Ed. Nacional, 1975. p. 130, 135.
20. SERVIÇO NACIONAL DE PARCELILAGEM INDUSTRIAL, Departamento Regional 62

246
ca

III. Indústria e Desenvolvimento

- 21. COLLAGE, Fernando, Precursores do movimento social brasileiro. Legislação do Trabalho, São Paulo, 4(20):316-17, ago. 1940.
- 22. DEPARTAMENTO Estadual do Trabalho de São Paulo. Revista do Trabalho, Rio de Janeiro, 2(12):3, dez. 1934.
- 23. JCBT, Renato. O pensamento industrial no Brasil. Indústria e Produtividade, Rio de Janeiro, 10(115):64-6, dez. 1977. Comentário sobre: CARONE, Egard. O pensamento industrial no Brasil; 1800-1945. Rio de Janeiro, DIFEL, 1977.
- 24. LEM, Heitor Ferreira. CIESP, jovem entidade dos cinquenta anos. Indústria e Desenvolvimento, São Paulo, 11(3):12-23, mar. 1976.
- 25. MORAIS FILHO, Evaristo de. Jorge Street; um bom patrão. Carta Mensal Rio de Janeiro, 24(281):35-52, ago. 1978. Bibliografia. Conferência.
- *
26. OLIVEIRA, Clóvis de. Conferência. In: INSTITUTO ROBERTO SIMONSEN, São Paulo. Aspectos da industrialização brasileira. São Paulo, 1969. p. 68.
- 27. _____. Do CIESP à FIESP; história de uma instituição do empresariado industrial paulista. São Paulo, 1969. p. 8.
- 28. SCHLESINGER, Hugo. Enciclopédia da indústria brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1959. v. 5. p. 1722.

* * * * *

X * MORAIS FILHO, Evaristo. Comentário sobre o artigo "Inquérito sobre as atividades industriais no Brasil, um caso de Jorge Street". Sistema de Jábua, maio. Zelão LTR, São Paulo, 42(6): 657-659-672, Jun. 1978.

M. Artigos de jornais de autoria de Jorge Street citados em: LUZ, Nívea Vilhela. A Juta e a industrialização do Brasil; 1808 a 1930. São Paulo, Difusão Européia do Livro, jun. 1961. p. 209-210. (Corpo e Alma do Brasil, 5)

SIRENET, Jorge. Ainda a questão da sacaria. O Estado de São Paulo, São Paulo, 22 set. 1919. p. 6.

_____. Centro Industrial do Brasil; as tarifas e o preço das mercadorias. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 30 jul. 1907. 4p.

_____. O Centro Industrial do Brasil e o relator receita; carta aberta ao ilustre deputado Dr. Homero Batista. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 11 dez. 1912. p. 6.

_____. Companhia Nacional de Tecidos de Juta. O Estado de São Paulo, São Paulo, 10 jun. 1912. p. 7.

_____. A indústria, a lavoura e a proteção alfandegária. O Estado de São Paulo, São Paulo, 26 set. 1926. p. 12.

_____. A nova tarifa. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 dez. 1920. p. 4.

_____. A revisão das tarifas aduaneiras. O Estado de São Paulo, São Paulo, 19 dez. 1919. p. 4.

_____. O trust da sacaria. O Estado de São Paulo, São Paulo, 8 jul. 1915. p. 9.

_____. Um conforto precioso; a estabilização brasileira e as realidades na Europa. O Estado de São Paulo, São Paulo, 24 ago. 1920. p. 14.

* * * * *

32 + 35 (81) (081)
S183i
LIVRO
STREET, Jorge Luis Gustavo.
Idéias sacarias de Jorge Street
introdução, notas e comentários a este
relatório. Org. por Evandro de Moraes
Filho. Brasília, Senado
Federal, 1971.

242
ca

FEDERAÇÃO E CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

LESLAD/Biblioteca Roberto Simonsen

SEMPOR DE REFERÊNCIA

ASSUNTO: HISTÓRIA DA INDUSTRIALIZAÇÃO DE SÃO PAULO

SOLICITADO POR: Acelon Lierte Borges (Universidade Federal de Santa Catarina)

DATA: 11.02.1987

BIBLIOTECÁRIA: Maria Alice de Vicencio

I. LIVROS

- BANDEIRA, JUNIOR, Francisco. A indústria no Estado de São Paulo em 1901; estudo. São Paulo, Tip. do Diário Oficial, 1901. 227p. Exemplar xerografado.
- BAPROS, Matilde Maria Melo de Almeida. A atividade industrial no município de São Paulo. São Paulo, SENAI, 1979. 247p. (Documento de Trabalho, 9)
- CANO, Wilson. Raízes da concentração industrial em São Paulo. São Paulo, DIFEL, 1977. 317p. (Corpo e Alma do Brasil, 53) Bibliografia.
- CARLI, Gileno do. Gênese e evolução da indústria açucareira de São Paulo. Rio de Janeiro, Pongetti, 1943. 230p.
- DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo; 1880-1945. Trad. Otávio Mendes Cajado. 2.ed. São Paulo, DIFEM, s.d. 269p. (Corpo e Alma do Brasil, (33) Bibliografia.
- DEAN, Warren. A industrialização de São Paulo; 1880-1945. Trad. Otávio Mendes Cajado. São Paulo, DIFEM, Ed. da USP, 1971. 269p. (Corpo e Alma do Brasil, 33) Bibliografia.
- DI PIERO, Mario F. O papel de São Paulo no desenvolvimento industrial do Brasil In: FEDERAÇÃO E CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Serviço de Publicações. Capítulos de história da indústria brasileira. São Paulo, 1959. p. 85-109.
- FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. Estatutos da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, aprovado em Assembleia Geral de 16 de maio de 1931. São Paulo, 1934. 15p.
- KRAUSE, Walter Paul. O problema industrial paulista. S.l., Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguaí, 1964. 85p.

EDMA, Heitor Ferreira. Evolução industrial de São Paulo; esboço histórico. São Paulo, Martins, 1954. 169p.

_____. A indústria paulista em quatro séculos. In: SÃO PAULO (Município) Prefeitura. IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo. São Paulo, Gráf. Municipal, 1954. p. 157-69.

_____. O parque industrial de São Paulo. In: SÃO Paulo terra e povo. Org. e nota intr. de Ernani Silva Bruno. Porto Alegre, Globo, 1967. p. 113-31. (Col. Terra e Povo)

MARTINS, José de Souza. Conde Matarazzo o empresário e a empresa; estudo de sociologia do desenvolvimento. 2.ed. São Paulo, HUCITEC, 1976. 121p. (Col. Estudos Brasileiros, 1)

MURSE, Richard M. De comunidade à metrópole; biografia de São Paulo. Trad. Maria Aparecida Madeira Kerberg. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, pref. 1953. 335p. bibliografia.

_____. Formação histórica de São Paulo; de comunidade a metrópole. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970. 447p. (Corpo e Alma do Brasil, 30) Bibliografia.

MULLER, Daniel Pedro. Tabela n. 14; manufacturas do reino vegetal. In: _____. Ensaio d' um quadro estatístico da Província de São Paulo; ordenado pelas leis provinciais de 11 de abril de 1836, e 10 de março de 1837. São Paulo, O Estado de São Paulo, 1932. p. 238-40. Reedição literal da ed. de 1838.

OLIVEIRA, Clóvis de. Conferência. In: INSTITUTO ROBERTO SIMONSEN, São Paulo. Aspectos da industrialização brasileira. São Paulo, 1969. p. 61-118. Conferência sobre a criação da FIESP-CIESP.

_____. Do CIESP à FIESP; história de uma instituição do empresariado paulista. São Paulo, Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, 1969. 58p.

PEREIRA, Wladimir. Evolução industrial do estado de São Paulo. São Paulo, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco. Instituto de Pesquisas, 1969. 156p. (Cadernos de Economia, 1) Bibliografia.

PICCARILO, Antônio & FINOCCHI, Lino. O desenvolvimento industrial de São Paulo através da Primeira Exposição Municipal. São Paulo, POCAI & Comp., 1918. 278p. Exemplar xerografado.

PIMENTEL, Mario de Albuquerque Maranhão, org. São Paulo de Piratininga; 1554-1942. São Paulo, Centro de Expansão Cultural, s.d. [409p]

PIMTO, Alfredo Moreira. Fabricas. In: _____. A cidade de São Paulo em 1900; impressões de viagem. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900. p. 207-23.

RODRIGUES, Chiquinha. Indústria paulista em geral. In: _____. São Paulo centro do Brasil. São Paulo, Gráf. Siqueira, 1954. p. 85-107.

SANTA ROSA, Jayme de Móreaga. A indústria química no estado de São Paulo. Rio de Janeiro, Borsari, 1958. 182p.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Economia e Planejamento. Coordenadoria de Ação Regional. A industrialização e os incentivos municipais. São Paulo, s.d. 71fls.

SCHLESINGER, Hugo. Enciclopédia da indústria brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1959. 5v.

_____. História das empresas industriais. In: _____. Enciclopédia da indústria brasileira. 2.ed. São Paulo, Instituto de Estudos, Pesquisas e Estatísticas, 1954. p. 439-536.

_____. Pioneiros da indústria nacional. In: _____. Enciclopédia da indústria brasileira. 2.ed. São Paulo, Instituto de Estudos, Pesquisas e Estatística, 1954 p. 395-437.

_____. São Paulo. In: _____. Geografia industrial do Brasil. São Paulo, Instituto de Estudos, Pesquisas e Estatísticas, 1956. p. 160-71.

VILIARES, Henrique Dumont. São Paulo Industrial. São Paulo, 1937. 215p.

VITA, Luís Washington. A industrialização em São Paulo. In: MARCONDES, J.V. Freitas & PIMENTEL, Osmar, org. São Paulo; espírito, povo, instituições. São Paulo, Pioneira, 1968. p. 189-201.

II. MICROFILMES

OS ESTADOS Unidos do Brasil; sua história, seu povo, comércio industrias e recursos. London, South American Intelligence, 1919. 860p. [Microfilmado com] IMPRESSÕES do Brasil no século vinte; sua história, seu povo comércio, industrias e recursos. Londres, Lloyd's Great Britain, 1913.

IMPRESSÕES do Brasil no século vinte; sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos. Londres, Lloyd's Great Britain, 1913. [Microfilmado com] OS ESTADOS Unidos do Brasil; sua história, seu povo, comércio, indústria e recursos. London, South American Intelligence, 1919. 860p.

KORYBUT-WERONIBOMI, Yan, org. Eles construíram a grandeza de São Paulo; in memoriam. São Paulo, Sociedade Brasileira de Expansão Comercial [1954]. 318p.

245
08

III. PERIÓDICOS

4.

ANAIIS DA CONVENÇÃO DOS DELEGADOS, CONSELHEIROS E REPRESENTANTES LOCAIS DO CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, NO INTERIOR DO ESTADO; 1951-1954.

1951-1954, 1ª-5ª

Continua como: ANAIS. CONVENÇÃO DOS INDUSTRIAIS DO INTERIOR.

[ANAIIS] CONVENÇÃO DA INDÚSTRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO.

Continuação, de: ANAIS. CONVENÇÃO DOS INDUSTRIAIS DO INTERIOR.

1974 (24ª)

ANAIIS. CONVENÇÃO DOS INDUSTRIAIS DO INTERIOR.

Continuação de: ANAIIS DA CONVENÇÃO DOS DELEGADOS, CONSELHEIROS E REPRESENTANTES LOCAIS DO CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, NO INTERIOR.
1954-1973, 6ª-23ª

ATAS DAS REUNIÕES SEMANAIS. FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO.

São Paulo.

1942-1943 (24ª-49ª)

BOLETIM INFORMATIVO. FEDERAÇÃO E CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO.

São Paulo, 1949-1968.

Suplementado por: PANORAMA ESTATÍSTICO E RESERVA JURÍDICA.

1949-1968, 1-110(1-974)

Substituído, a partir de jul. de 1968, por: INDÚSTRIA & DESENVOLVIMENTO.

CADERNOS DE ECONOMIA INDUSTRIAL. São Paulo, Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio, 1951-

Série monográfica

1951-1962 (1-27)

CATÁLOGO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, Departamento Estadual de Estatística.

1943

1945

CATÁLOGO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL. São Paulo, Secretaria do Trabalho, Indústria e Comércio. Departamento de Produção Industrial.

1950, jan. Galeria Prestes Maia

1950, ago. Parque da Água Branca

1951, jan. Galeria Prestes Maia

216
07

5.

CIRCULARES. FEDERAÇÃO E CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 1929-

1929-1949

ECONOMIA PAULISTA; revista da Secretaria da Fazenda. São Paulo, 1969-

1969-1978, 1-8 (1-75)

1979, 9 (jan./fev.)

ESTATÍSTICA INDUSTRIAL. São Paulo, Departamento de Estatística.

1938-1939

1946 (1943)

1969 (1967)

ESTATÍSTICA INDUSTRIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado. Directoria de Estatística, Indústria e Comércio.

1930-1939 (1928-1937)

FIESP/CIESP EM NOTÍCIAS; carta semanal informativa. São Paulo, Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, 1968-

1968-1987, 1-18 (1-1066)

INDÚSTRIA & DESENVOLVIMENTO. São Paulo, Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, 1968-

Substituí, a partir de jul. de 1968: BOLETIM INFORMATIVO. FEDERAÇÃO E CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO.

1968-1986, 1-20

PRODUÇÃO INDUSTRIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, Departamento Estadual de Estatística.

1958-1960 (1956-1958)

RECENSEAMENTO DA INDÚSTRIA PAULISTA. São Paulo, Donato Ed.

s.d., 1

RELATÓRIO. CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo.

1928

1929/30

RELATÓRIO. FEDERAÇÃO E CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo.

1967-1985

RELATÓRIO. FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo.

1938-1941

RELATÓRIO. FEIRA NACIONAL DE INDÚSTRIA. São Paulo, Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

1941

REVISTA INDUSTRIAL DE SÃO PAULO. São Paulo, 1944-

1944-1949, 1-2 (1-52)

REVISTA PAULISTA DE INDÚSTRIA. São Paulo,

1951-

1951-1966, 1-16 (1-173)

Publicação suspensa.

... aquela que mais nos impressionou, não só pela beleza das suas instalações, mas pela organização social da classe operária que lá trabalha.

Esta Companhia da qual é operosíssimo gerente administrativo Coronel José Rodrigues Costa, possui dois grandes estabelecimentos têxteis -- um no Frial e outro no Espalvão -- e tem como Presidente o Dr. Jorge Street, que também é possuidor de quasi todas as ações da Sociedade e pode dizer-se exclusivo proprietário da empresa.

Foi o mesmo Dr. Street que nos acompanhou na visita que fizemos às suas fábricas, que nos causou uma tal impressão, cuja lembrança está sempre presente em nossa mente, como uma viva representação daquela pequena cidade operária que se apresentou aos nossos olhos atônitos diante do espetáculo inusitado, que não confrontamos com os mais modernos e perfeitos estabelecimentos europeus.

Verdadeiramente o nosso espanto começou na entrevista que tivemos com o Dr. Street, antes da visita às fábricas.

Confessamos que nunca ouvimos e talvez jamais ouviremos um industrial falar como o Dr. Street da sua fábrica e dos seus operários.

Falou-nos longamente e com eloquência pouco comum de todo o programa social criado tão só pela sua mente e pelo seu coração, ao fundar a sua indústria.

E, por um momento, tivemos a ilusão de nos encontrar não diante de um grande industrial, um milionário, de um... patrão, mas de um "leader" de um partido socialista, não daqueles que pregam a revolução enchendo à barriga a custa do proletariado, mas de novo e grande partido que, se contasse em seu seio todos os industriais, traria a mais salutar transformação nas relações entre patrão e operário, transformação que teria, indubitavelmente, a mais fecunda repercussão no progresso de todo o organismo social.

Somente, como se enunciasse conceitos da mais palmar simplicidade, o Dr. Street descreveu um esquema de organização social

consistência de seu trabalho, a qual coopera, nas suas condições de bem estar pessoal e, tanto do ponto de vista financeiro, quanto higiénico e moral. Foi feita aqui, em uma grande área de terreno, ao lado do rio, muito maior que a necessária para uma indústria, e enquanto no centro instalei uma fábrica modelo, onde os operários trabalham não como brutos, mas como seres humanos iguais a nós todos, em redor mandei construir casas para moradia dos trabalhadores, com toda a comodidade e conforto de vida possível aqui, com o aluguel inferior a 2,5 do que se exigido por outros proprietários fóra do estabelecimento; depois um grande parque com coreto para concertos, salão para representações e baile; escola de canto coral e música, um campo de foot - ball; uma grande igreja com laboratório; um grande armazem com tudo o que o operário possa ter necessidade para a sua vida, pagando somente o preço de custo; um restaurante para os solteiros; uma sala de cirurgia-modêlo e uma grande farmácia que fornece os medicamentos prescritos gratuitamente pelo médico da fábrica, 50% mais barato que os vendidos na praça; uma escola para os filhos de operários e creche para lactantes. Quiz dar ao operário, enfim, não só bem estar económico — porque sou o unico que no fim do ano, além dos ótimos salários, distribuo uma boa porcentagem entre todos e os mais modestos colaboradores da minha empresa — não só uma bellissima habitação, pela qual fóra da fábrica teria que pagar, talvez metade do seu salário, mas também a possibilidade de não precisar sair do âmbito da pequena cidade que fiz construir à margem do rio, nem para a mais elementar necessidade da vida, nem para a educação dos filhos, deveres religiosos, distrações nas folgas dominicais, dando a banda de música formada entre os proprios operários seus concertos em festas e não faltando jogos esportivos e espetáculos para amenisar, de certo modo, a monotonia da vida do trabalhador. Consegui assim, proporcionando, também, aos operários distração gratuita dentro do estabelecimento, e evitar que frequentem bares, botafins e outros lugares de vicio, afastando-os especialmente do alcool e do jogo.

-- A família! concluiu o Sr. Street -- Eis o meio de tornar o operário honesto, laborioso e de afeiçoa-lo à indústria em que coope

E acrescentou, como confirmando:

— Para ver como é simples tocar o coração do operário vencendo com pouco aquele seu instinto de revolta contra a riqueza do patrão? Pois bem, ouça: um dia em que os operários de muitos estabelecimentos fabris de S. Paulo, não sei mais por que motivo, descontentes, haviam se declarado em greve fui avisado que também entre os meus trabalhadores insinuaram-se simpatizantes subornados e que à tarde, numa festa que minha mulher e meus filhos haviam organizado no salão do estabelecimento, teria lugar o discurso instigando - os à greve. Assisti à festa, e, depois da execução do programa disse aos meus operários que se entre eles houvesse alguém descontente com o salário, com o tratamento ou por qualquer motivo poderia se levantar e falar com inteira liberdade por apresentarem suas queixas ou reivindicações. Mas nenhum ousou levantar-se. Todos se calaram.

— Estou certo. Acrescentei, prontamente, — que entre mim e vós não existe e não pode existir divergência. Somos unidos. E ainda que houvesse alguma coisa que nos dividisse, aqui há um elo intangível entre nós, um elo que fará sempre, em qualquer caso, desaparecer mal entendidos e malquerenças entre nós — são os vossos filhos.

— Assim dizendo tomei dos braços de uma operária, que estava próxima a mim, o seu filho latante — um daqueles que vinham sendo nutridos e educados em nossa creche — e mostrei a criança à multidão.

Um longo aplauso reboou na sala e todos os olhos brilhavam de comoção, muitos choravam.

No dia seguinte nas minhas fabricas se trabalhou como antes e talvez com mais alegria e boa vontade.

Esta entrevista com o Dr. Street nos impressionou muitissimo; mas ao mesmo tempo, dizemos sem eufemismo, nos deixou um ⁱⁿcredulo. Quisemos ver com os nossos próprios olhos e ouvir com o nossos ouvidos.

Fomos visitar a fabrica e damos varias voltas entre os operários observando todos e todos interrogando. Não eram só palavras do Dr. Street. Os fatos corroboram a verdade. A todo instante que se

no tempo e a simplicidade, que parece
tar a nível de uma obra de arte, como se não houvesse nada
de mais real na invenção. O programa industrial e executado
programa social que até agora tem sido o engoso, a bandeira, com
qual os demagogos fazem a sua popularidade. É todo esse programa
de executou a sua custa, emprestando centos e centos de réis em
belas obras de assistência social de quais acode principalmente, a
juízo pela sua gentil senhora, D. Zelia, um verdadeiro anjo de
dade que dedica todo o seu coração aos seus operários.

Porque o Dr. Street e sua digna consorte passam a vida no meio
da gente toda daquela pequena cidade, por eles fundada no lenzi
zinho. Eles não são daqueles milionários gozam a vida no luxo mais
desenfreado ofendendo, com a ostentação de sua riqueza, a miséri
daquelles que produzem a mesma riqueza. Mas compreendem-na como
missão de bondade a realizar no meio da família operária que os
ca, cuja condição económica, social e moral procuram melhorar to
dos os dias e com isso sentem-se felizes.

Mas vejamos, de fato, a obra que o Dr. Street soube criar
entremos no recinto do estabelecimento fabril "MARIA ZELIA", no
lenzinho.

Tem-se, de repente, a impressão, a que antes nos referimos,
entrar numa cidade com todos os requisitos necessários à sua vi

Entre os grandes edifícios das oficinas e armazens, as vila
vilasinhas para moradia, prédios para escolas e a crêche se deser
amplas ruas, a praça e os jardins em tão gracioso e harmonico cor
junto que necessariamente causa admiração.

Principalmente quem entra no grande largo, onde se distende
parque verdejante, em que domina o coreto para concertos, contorn
do pela igreja, os armazens, outros edifícios da assistência méd
co-cirurgica e "Gremio Musical" e no fundo do qual se vê o perfil
imponente da fábrica, não pode esconder a surpresa diante da obra
dêste industrial que poderia encontrar muitos imitadores para
do proletariado.

A CRÊCHE - Entra-se logo no vasto edifício em que se acha in
talada a crêche, a primeira e melhor instituição, posta exclusi
vamente a disposição dos operários da fábrica. De modo a garantir

• E enquanto cresce a necessidade pelo aumento da família diminui a renda, porque o salário da mãe não entra ou é quasi nenhum. Foi o Dr. Street, com olhos vigilantes e coração de pai, imediatamente viu este problema doloroso, cuja falta de solução leva muitas vezes tantos infelizes à miséria, e, disse a si próprio.

--- PARA MEUS OPERÁRIOS ISTO NÃO DEVE ACONTECER.

Então com o precioso auxilio de sua boa esposa fundou a CRECHE, onde as operárias deixam os filhos antes de irem para o trabalho e onde vão amamenta-los em horários estabelecidos, sob a missão especial da direção. Não caso de não poderem amamenta-los ao seio têm o conforto de vê-los nutridos com leite esterilizado e pasteurizado, segundo prescrições especiais do médico da fabrica, sem que o tempo empregado na amorosa missão materna seja descontado no salário diário.

• É preciso que se veja as 4 salas imaculadas, com 2 longas filas de berços alvissimos, com o criado - mudo contendo o enxoval que o Dr. Street dá à cada mãe e os belissimos banheiros com agua quente e fria.

É necessário que se veja ainda a sala de recreio e refeição para os mais grandinhos e o grande pátio onde as pajens levam todas aquelas creaturinhas tomar ar; o funcionamento perfeito e o cuidado maternal que o pessoal e a mesma senhora Street dispensam às crianças, para se compreender o grande coração deste industria de exceção.

• Quando visitamos a creche lá se achavam abrigadas 70 crianças mas poderia receber umas 120.

Mas os pequenos, mesmo depois de terminado o período do aleitamento continuam na creche até 4 anos e são alimentados e tratados, em caso de doença, às expensas do Dr. Street. Enquanto isso as mães podem trabalhar sossegadas, sem que a dorçura da maternidade constitua impecilhos para suas vidas ou pese, mais ainda, no modesto orçamento familiar.

JARDIM DA INFANCIA - Com 4 anos completos as crianças deixam a creche, mas continuando para a família sempre o mesmo problema-para cuja solução o Dr. Street já havia criado a magnifica instituição de retentada

250
CS

regidos em termos das primeiras noções adequadas à sua idade.

Muitas e quantas crianças já frequentam o JARDIM, sob os cuidados de ótimas directoras e boas mestras, mas lá estão outras 3 grandes salas que podem receber 150 ou mais alunos.

Pelas fotografias pode-se ter uma ideia do conforto das salas, dos jardins e pátios, onde de cada 2 horas as crianças saem para recreação e do refeitório, onde de manhã é servido, sempre expensas do Dr. Street, uma boa e abundante refeição quente.

Mas, uma outra singularidade que demonstra com que paternal carinho este eminente industrial ideou esta obra de bondade está dormitório, anexo ao jardim da infância, onde as crianças vão descansar nas horas de calor depois do jantar.

Em toda parte reina a mais perfeita higiene e um asseio e abundância de comodidade que poderia fazer inveja às mais perfeitas instituições do gênero, onde os pais pagam a estadia dos filhos

GRUPO ESCOLAR - Mas estes filhos de operários tão bem criados na creche e tão bem cuidados no JARDIM DA INFANCIA, no melhor sua meninice, ficariam talvez abandonados, entregues a si próprios se o bom coração do Dr. Street não lhes oferecesse, sempre gratuitamente, o meio de fazerem seus estudos primários no mesmo recinto do estabelecimento fabril, quasi sob as vistas dos pais.

Assim, saídos do "JARDIM DA INFANCIA" aquelas crianças são recolhidos no "Grupo Escolar, onde fazem todo o estudo primário, sob a vigilância de ótimos professores vindos das Escolas Normais do Estado e com programa de ensino oficial.

Muitos dos grandes estabelecimentos públicos, mesmo europeus não se acham instalados em edificio tão majestoso como o que mandou construir o Dr. Street para o "Grupo Escolar". Este é composto de 2 andares com um amplo salão interno e 20 grandes salas, com nelas largas que dão ar e luz em profusão, pátio e terraço para creios e instalações higienicas perfeitissimas.

Lá se acham matriculados 800 alunos, mas o local comporta mais de 1.000.

Os professores são em número de 11 escolhidos entre os mais preparados e diligentes; ainda porque a tudo preside com ativa v

237
apresenta-se em forma de "casas de operários" e os operários, pagando
êles as despesas.

"Alguns realistas" chamados de "leigos de Jata" de um país
soube "colocar a mão à roda" e que aliviou o operário todo o
gasto e a preocupação com a educação e instrução dos filhos de cu-
tado não se preocupou de proporcionar igual bem estar aos seus
mais modestos colares. Não, porém, em suas próprias casas.
Como na Itália, no Brasil, hoje, a questão da habitação é um pro-
blema quasi insuperável, porque o aluguel da casa mais modesta al-
ve boa metade do salário de uma família. Um operário que ganha
200 ou 300 mil réis por mês como pode pagar 100 ou 200 pela ha-
bitação?

Eis por que se vê tantas vezes anti - Higienica, imoral e in-
fecta promiscuidade de numerosíssimas famílias entocadas em verda-
deiros tugúrios, onde não raro pais e filhos, sem distinção de se-
xo, vivem no mesmo quartinho e às vezes ocupam a mesma cama.

Assim, enquanto no lar, se desenvolve o instinto sexual entr-
obscenidades não faltam os que buscam fora na "pingã" ou em outr-
bebidas esquecimento para a sua miséria.

E o Dr. Street pensou também nesta questão.

Enquanto higienistas, economistas, sociólogos dão trates à bo-
la, gastam a massa cinzenta para solucionar este problema gravis-
simo êle o resolveu sem trombetear aos ventos, sem toques de ca-
xa, sem alarde mandando construir 300 casas, às quais se ajunta-
rão logo outras tantas - procedendo ainda ativamente outras cons-
truções, que aluga aos operários, chefes de seção e empregados p-
la írisoria quantia de 20, 30, 40 e 50 mil réis ao mês.

A não são as habituais casas de operários que a cobiça dos es-
peculadores faz surgir aqui e nas grandes cidades europeas, ver-
deiras colméias humanas, onde se apinham, em 2 ou 3 cômodos pouc-
arejados e sem sol, famílias numerosas que necessidade prende na
quele acanhamento fatal. Nada disso, são verdadeiros "chalets", com
seu jardinsinhos floridos e quintalinhos, água filtrada, luz e
letricidade e chuveiros. Casas que não seriam desprezadas, já não
digo pelos operários de outras fábricas, mas por pequenos burguez-
que vivem e trabalham em a cidade de Jata.

são quasi todos os operários e os filhos os afortunados e queridos
suares esperam as novas condições de trabalho e gozar a vantagem que o Dr. Street oferece ainda aos seus mais humildes
cooperadores, dando-lhes assim mais uma participação indireta
nos lucros da empresa.

ARMAZEM E RESTAURANTE - Mas pensam talvez que para aí a iniciativa
do Dr. Street em benefício dos seus operários?

Ele, que é um estudioso dos fenomenos sociais, sabe bem que
uma das traças nocivas das famílias de operários e da classe em
geral é a exploração de que são vítimas por parte dos negociantes
particulares, que fornecem os gêneros alimentícios e vestuários
de que necessitam. E porque não é homem de deixar sem solução ne-
nhum problema que possa melhorar as condições de vida dos seus
operários, sem exigência, sem lhes impor obrigação alguma, abriu
um grande armazem sortido de tudo quanto é indispensavel à exis-
tência de uma família.

Os operários têm liberdade para fazerem ou não suas compras
no armazem, onde gozam de crédito e pagam mensalmente. Porque o
Dr. Street não tem nenhuma intenção de obter lucros ou de espe-
cular, mas só de oferecer aos seus operários oportunidade de po-
derem adquirir gêneros purissimos de la. qualidade pelo mínimo
preço possível, assim continua no seu sistema de, na escrita, do
empório não acrescentar ao preço de custo das mercadorias o alu-
guel do armazem nem os juros do capital, possibilitando deste mo-
do a oferta de gêneros a preços altamente vantajosos, o que re-
presenta, sem dúvida, economia no orçamento de cada família.

Como acontece com todos os atos de altruismo, a princípio, os
operários olharam com reserva esta nova iniciativa. Alguem insi-
nuara que se queria obrigar os trabalhadores a gastar seus sa-
lários dentro da própria fábrica para obter lucros, outros consi-
deravam que se os operários ficassem frêguezes do tal armazem, em
caso de greve seriam privados de toda a possibilidade de existên-
cia, não podendo pedir crédito aos negociantes particulares que
havia abandonado.

O Dr. Street não se preocupou com a desconfiança dos que o-

quidarem as contas depois de acabada a agitação.

Assim os desconfiados, os descrentes foram vencidos e, hoje, - todas as famílias que vivem dentro do recinto da fábrica acham bem melhor comprar os gêneros alimentícios e objetos de vestuário no armazem do estabelecimento fabril mesmo.

Outra previdente ideia teve o Dr. Street, a de abrir um restaurante no qual os operários que não têm família possam achar ao meio dia uma refeição sadia pelo menor preço possível.

Tambem esta ótima ideia foi acolhida com satisfação pelos operários solteiros que não poderiam ter em nenhuma outra parte, pelo mesmo preço, um tratamento igual.

ASSISTENCIA MEDICO = CIRURGICA - DEPOIS DO ARMAZEM E DO RESTAURANTE não podia o Dr. Street descurar da assistência de seus colaboradores, em caso de doença ou de acidente, e contratou um ótimo médico cirurgião que faz o serviço para os operários, no ambulatório de sua organização, equipado com todos os requisitos prescritos pela ciência moderna, ferros, aparelhos e instrumentos de todas as espécies sempre à disposição do médico que, em casos de urgência, pode tambem fazer qualquer operação, sem necessidade de transportar o paciente ao hospital.

Anexo ao ambulatório funciona uma farmacia provida dos mais custosos e raros medicamentos que, por serem comprados a dinheiro e por atçado, podem ser fornecidos a preços deveras irrisórios, se comparados com os das outras farmacias, tudo isso para que aos operários não se cobre mais que o simples custo do remédio. Entretanto, tratando-se de criança os medicamentos são fornecidos gratuitamente.

IGREJA E SOCIEDADE CORAL E FILODRAMATICA.- Assim construida esta pequena cidade operária, se impunha a necessidade de dar-lhe tambem uma igreja, em prosseguimento sempre ao amplo programa de proporcionar aos trabalhadores condições de não precisarem sair do recinto da fabrica para nenhuma necessidade ou outro qualquer ato da vida.

E a igreja foi em pouco construida, ampla e graciosa nas suas linhas, arquitetonicas e nos seus apreciaveis detalhes artisticos

357
06

religiosas maior solenidade. Assim em todos os domingos e em outras festas eclesiásticas, enquanto o sacerdote oficia o corpo coral acompanha os ritos sagrados com os mais belos cantos.

Junto à sociedade coral fundou-se também um Centro Literário e Dramático com o qual os operários estão tão entusiasmados que aumenta dia a dia o número de artistas amadores e sob a direção do competente Dr. Torres organizam ótimas festas e espetáculos nos quais toma parte uma boa banda de música formada entre os mesmos operários contemplados pelo Dr. Street com os instrumentos necessários.

TEATRO - SALÃO DE BAILE - "DE CRISTO" - Não se limitou o Dr. Street em proporcionar bem estar material aos seus cooperadores, cuidou também das suas necessidades espirituais, de meios de distração para suas modestas bolsas.

Tendo em vista que os operários, em virtude de suas poucas posses, não podem frequentar os teatros e sentem também necessidade de se distrair com qualquer sorte de espetáculo ou festas, depois de uma semana de trabalho contínuo, ideou a construção — já bastante adiantada — de um grande teatro, no mesmo recinto da fábrica, que terá capacidade para receber 1.200 espectadores. Atrás do teatro está se levantando um outro prédio que terá no andar térreo várias salas de bilhar, ping-pong e outros jogos lícitos e "Buffet", e no andar superior um grande salão de baile, talvez o maior de S. Paulo, isto tudo para evitar que os jovens, cuja predileção pela dança é incontestável, frequentem os bailes públicos, grandes incitadores da imoralidade.

Tão pouco descurou o Dr. Street dos esportes; enquanto um grande campo de foot-ball já está funcionando, mandou construir um outro para tennis — que brevemente estará pronto — e está em projeto uma vasta piscina para natação.

Completando tudo isto o Dr. Street formou, entre jovens e rapazes uma legião de escoteiros aos quais forneceu uniformes e armas, instituindo ainda uma linha de tiro que já está em franco funcionamento.

Aqui está — na sua simplicidade eloquente — a magnífica organização social da empresa do Dr. Street.

258
A

xilio erga a pobre sósima senhora que é a sua digna esposa. Lia Street, anjo tutelar de toda aquela população de trabalhadoras, ao fim de qual prodigaliza os tesouros da sua bondade, que lhe valeu a sublimíssima distinção honorífica - a CRUZ PORTUGUEZA - concedida pelo papa.

Enquanto no mundo a luta pelo progresso do proletariado assume as formas mais diversas e não raro as mais absurdas, chegando ao tragico extremo da violência, aqui -- onde as revoluções surgem e são sufocadas e virgem -- a REVOLUÇÃO voluntariamente modestamente realizada a mais bela e fecunda revolução na vida industrial paulista, cujos efeitos inevitáveis repercutirão, cedo ou tarde, na organização de toda a indústria do Brasil.

Quando, pela primeira vez, o Dr. Street distribuiu entre os operários como gratificação uma porcentagem no fim do ano, um grande industrial exclamou: A quella não é uma fábrica de tecidos, é uma fábrica de revolucionários.

De certo - de grevistas, revolucionários para eles outros industriais..... acrescentou o Dr. Street, sorrindo.

É verdade. Se a sua obra, como parece que já principia, fosse imitada por todos os outros industriais, o problema operário estaria talvez perto de sua solução.

GRANDIOSIDADE DAS DUAS FABRICAS - Agora passemos uma vista de olhos nos dois estabelecimentos e na sua produção.

== AS nossas fábricas, como viu, não tem nada de extraordinário: São como outras tantas mais ou menos da mesma importância. O que eu queria fazer-lhe observar era só a sua organização social. Nada mais.

Mas estas palavras que o Dr. Street nos dirigiu, enquanto nos despedíamos d'ele, depois da nossa visita, não eram ditadas se não pela paixão que domina este genial industrial, pela sua magnífica obra de bondade realizada no seu estabelecimento. Ele não vê nem tem em mira mais que o seu ideal: para ele só existe aquilo.

Nada mais faz que aperfeiçoar todos os dias a obra por elle criada com tanto amor. O desenvolvimento e o progresso da fábrica são para elle uma quasi que a vida.

Admiraria nada de mais grandioso que os dois estabelecimentos -

257
CB

de 1/2, de 1/3, de 1/4, de 1/5, de 1/6, de 1/8 e de 1/10.

Este estabelecimento se dedica exclusivamente à fiação e tecelagem de juta e produz mensalmente 50.000 quilos de fio de juta, 150.000 metros de algodão, tapetes e tecidos de lona e 2.000 cobertores de juta, de lã e juta, lã e algodão, lã pura.

A matéria prima que consome mensalmente ultrapassa de 1200 toneladas e é importada diretamente da Índia em vagões inteiros.

Nos últimos 3 anos da guerra, malgrado a enorme dificuldade de transportes, a "Companhia Nacional de Tecidos de Juta", conseguiu mandar buscar em Calcuttá 16 navios inteiramente carregados de juta, isto é, o Persian, o Navigator, o Umfuli, o Mongolian, o Australien, o Dairoku, o Umarú, o Fumfuli, o Wagland, o Bessegen, Buyo Marú, o Tongking, o Panamá e o Marú.

O valor anual destas importações é de veras colossal podendo ser calculado em não menos que 1 milhão ^{de} esterlinas e somadas as despesas de seguros e transporte, enormes nestes últimos anos, sendo calculado em 10% do valor importado, se verá que esta poderosa sociedade gasta só com sua importação — um milhão e 100 mil esterlinos anualmente. (liras ouro).

As suas instalações e seus maquinários são dos mais perfeitos e modernos e consomem força motriz de 3.500 H.P.

A produção é absolutamente de 1ª ordem, e obteve prêmios em todas as Exposições às quais concorreu e malgrado a grandiosidade das instalações da fábrica não chega para atender ao grande número de pedidos feitos sempre com vários meses de antecedência.

A atividade prodigiosa e o vasto programa de trabalho do Dr. Jorge Street e de seus dignos colaboradores — entre os quais se destaca o eficiente gerente geral Coronel José Rodrigues Costa — não podia restringir-se somente aos tecidos de juta. Dado ao magnífico êxito obtido com o primeiro estabelecimento, os dirigentes da "Companhia de Tecidos de Juta", não podiam deixar de alargar seu raio de ação. Assim surgiu outro estabelecimento fabril.

A fábrica "MARIA ZELIA" é ainda mais grandiosa que a outra. As suas imponentes construções se erguem numa área de 300 mil metros quadrados, e, como disse antes, descrevendo a belíssima organização social, forma uma verdadeira cidade industrial.

2.000
É tal a procura que a alguns pontos pela fábrica "Maria Lelia" que tal os freguezes recebem 10, 20 e até 50% de aumento sobre preços correntes para garantir a execução das suas próprias encomendas.

--- Nas últimas horas -- nos dias o caríssimo Dr. Street -- tive mas que duplicar a produção e ainda assim não pudemos satisfazer a procura.

Na fábrica "Maria Lelia" existem 2.000 teares e 84.000 fusos, além de máquinas mais modernas para teceraria, estamperia e texturização, que são movidas por cerca de 3.000 motores, o que significa quasi um motor para cada máquina.

Esta é a única fábrica na America do Sul que pode gabar-se de possuir instalação electrica assim perfeita movida pela força de 5.000 H.P. por hora.

Nela trabalham 3.000 operários que somados aos 2.500 da fábrica Sant'Ana constituem uma população de 5.500 almas.

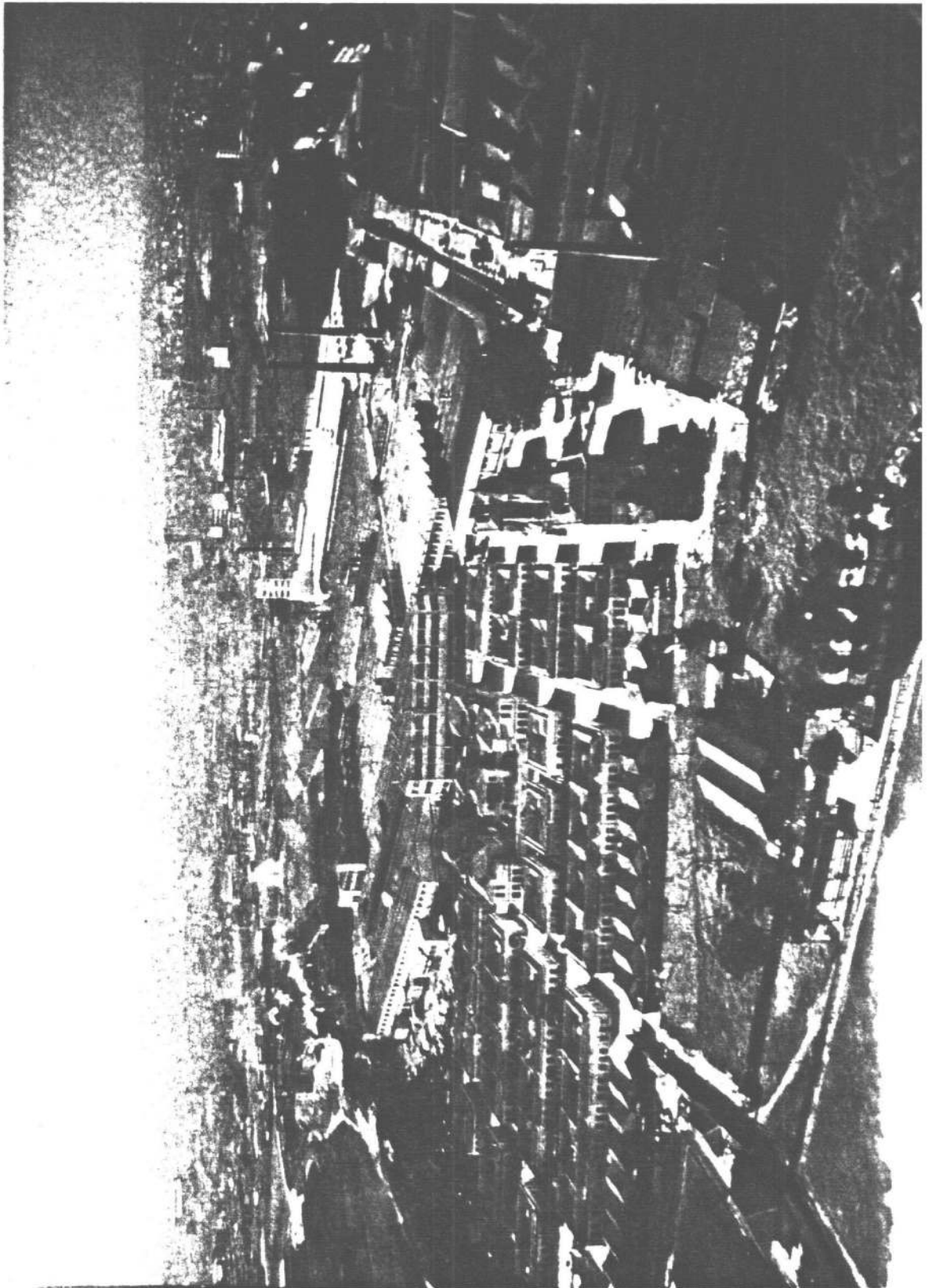
O capital da "Companhia Nacional de Tecidos de Juta" é de 26.000 contos de réis, isto é, ao câmbio corrente, uns 120 milhões de liras. E a venda annual, durante a guerra, pela enorme valorização da produção atingiu cifras fantasticas.

Pelo que antes descrevemos pode-se calcular quanta intelligencia, visão, atividade e energia é necessaria para dirigir uma empresa tão poderosa.

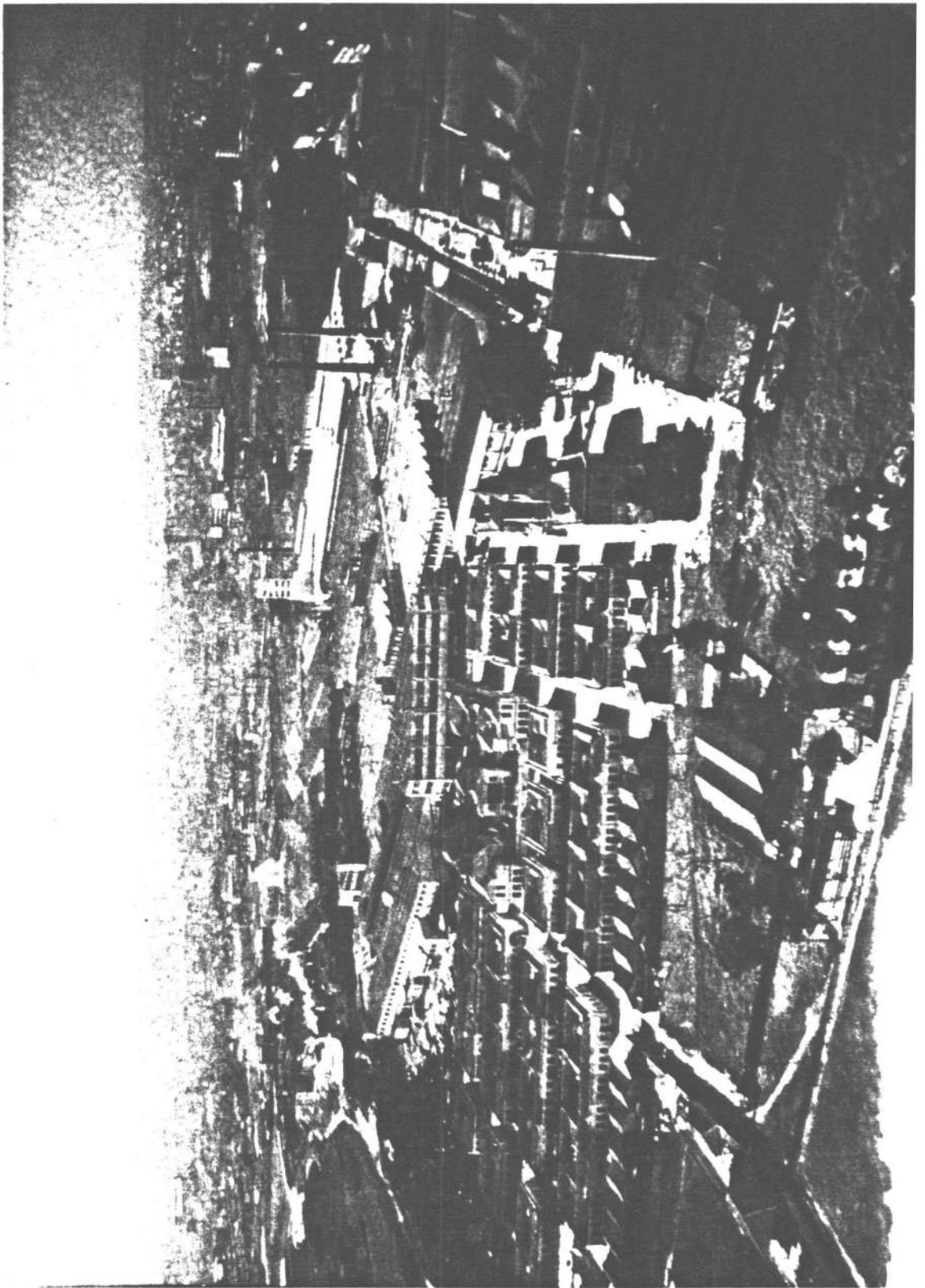
A tudo superintende, com seu olhar de águia, o Presidente da Companhia, Dr. Jorge Strét, que, alem de dirigir essa colossal empresa é tido como uma das mais altas autoridades do Brasil, no campo industrial - e tem como colaborador precioso o Coronel José Rodrigues da Costa a quem por sua excepcional energia está confiada toda a direção geral comercial. A testa da direção técnica da fábrica "Sant'Ana" se acha o intelligente engenheiro Dr. Ezequiel Ferreira Ccelho e a parte técnica da "Maria Zelia" é dirigida pelo eficiente dr. Belisário Assis Fonseca.

No conselho administrativo da Sociedade se destacam ainda o deputado Dr. Mario Favares, o genial industrial Guilherme Guinle, o Dr. Ildefonso Souza e Alfredo Myers - um conjunto rarissimo de competência

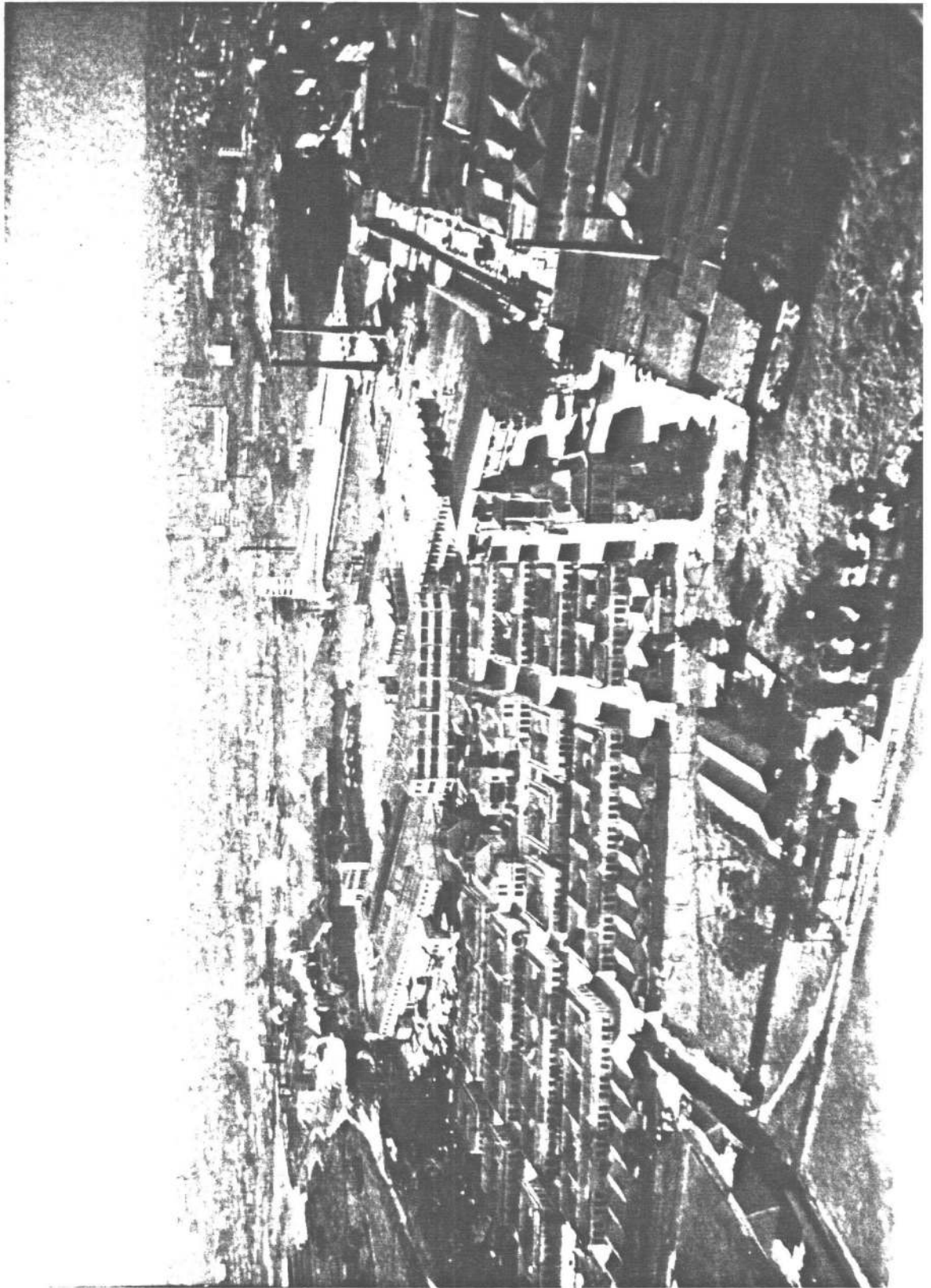
262
P



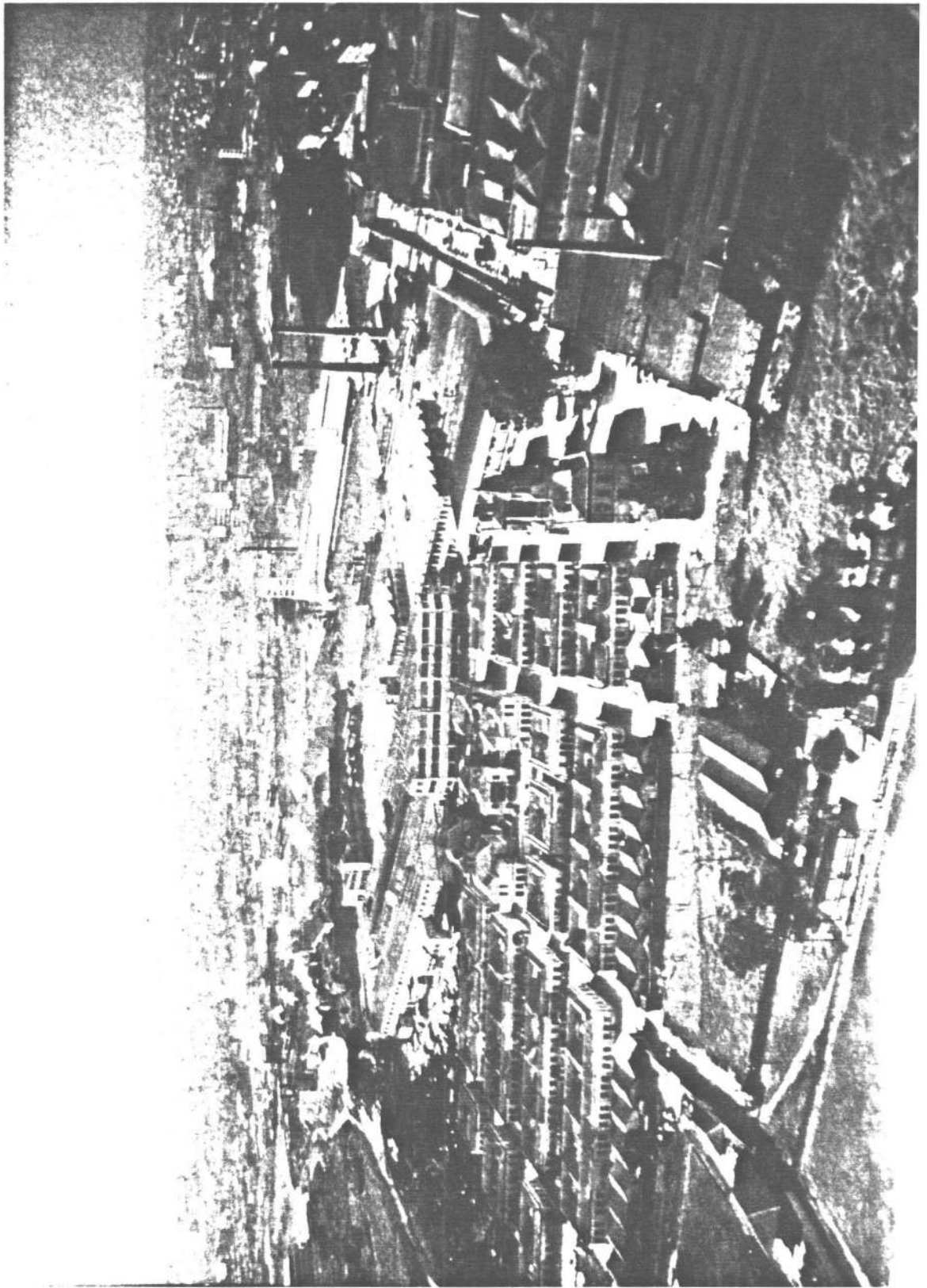
263
01



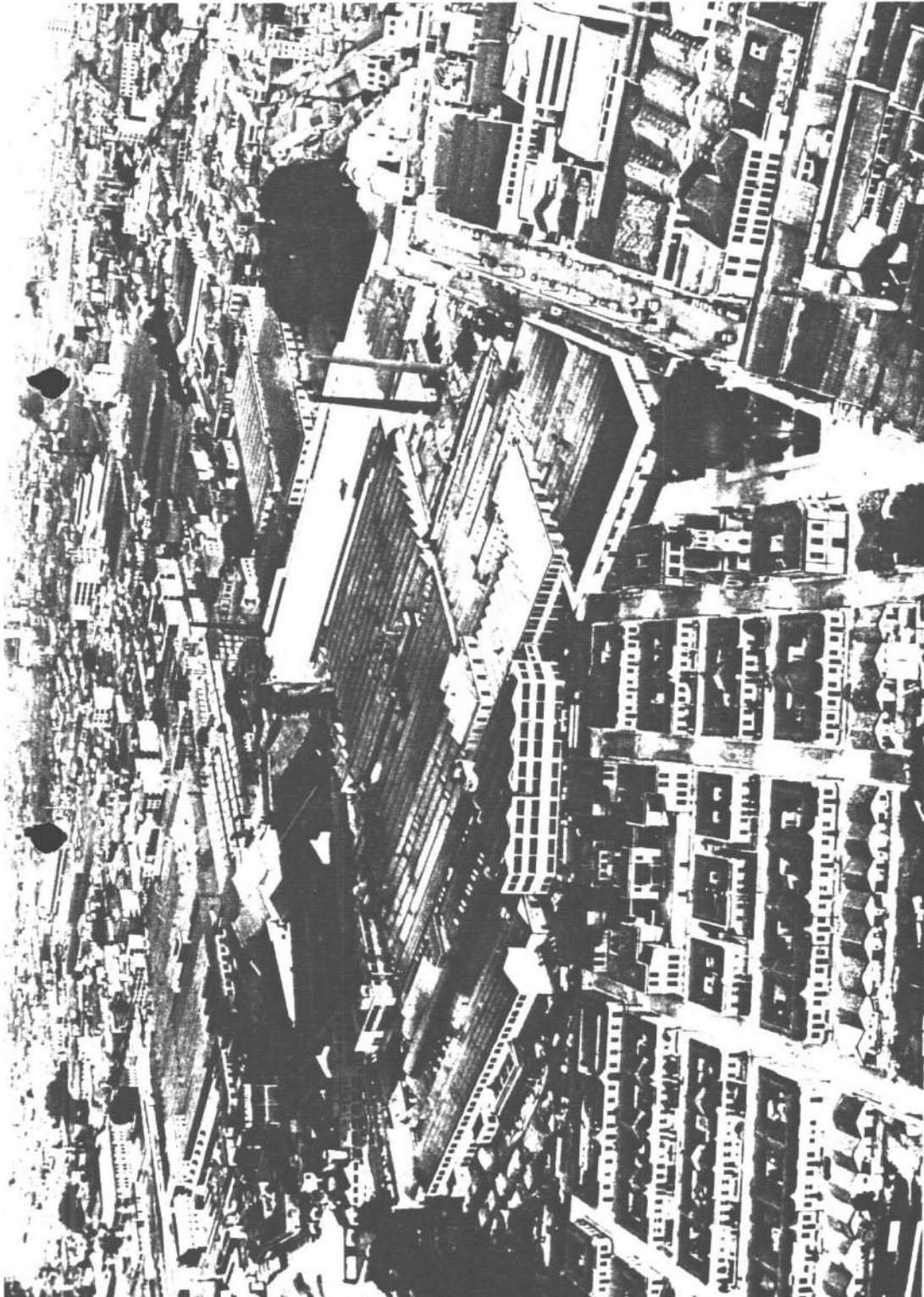
264
UP



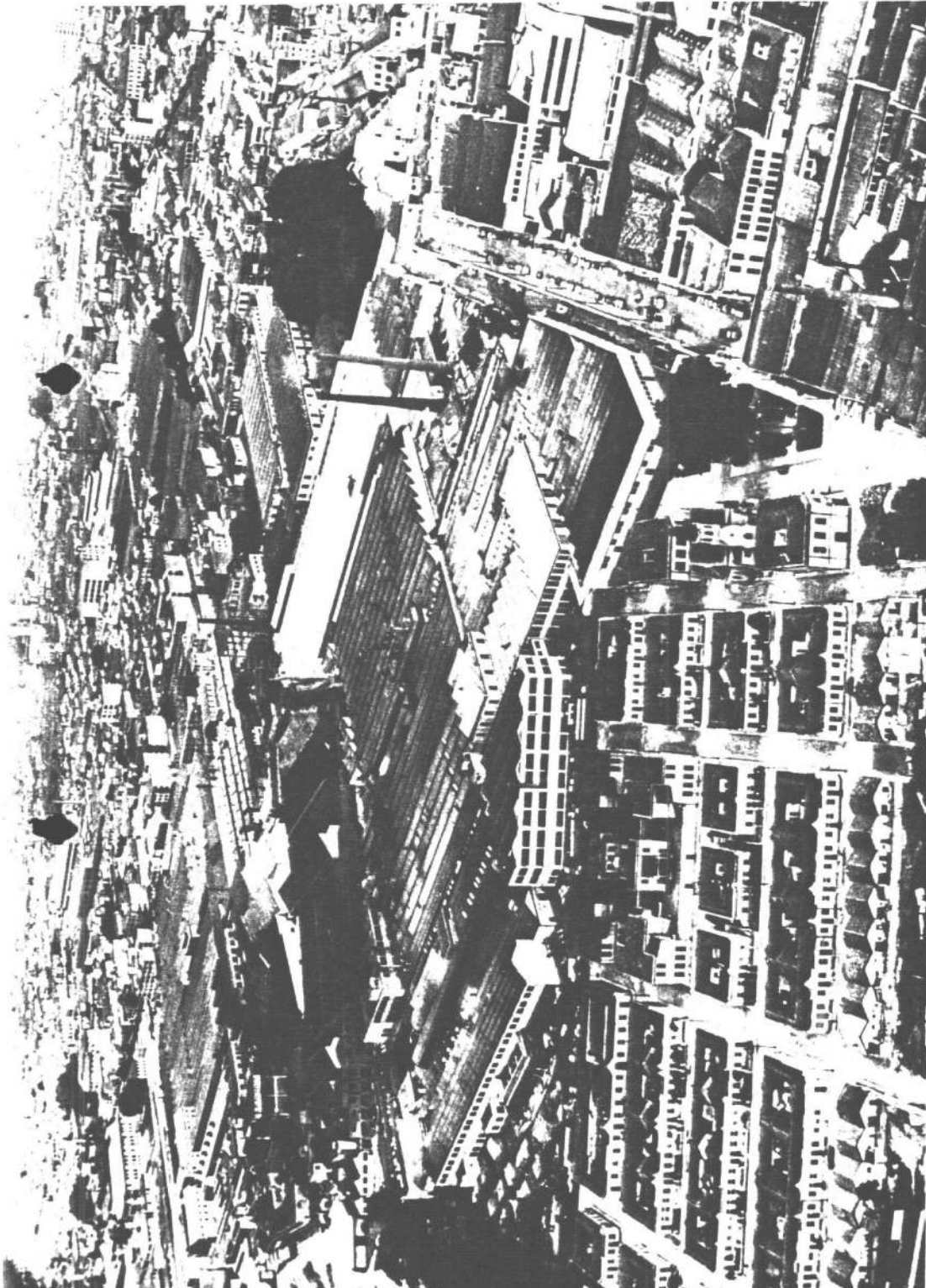
265
08/



266
07



267
08/



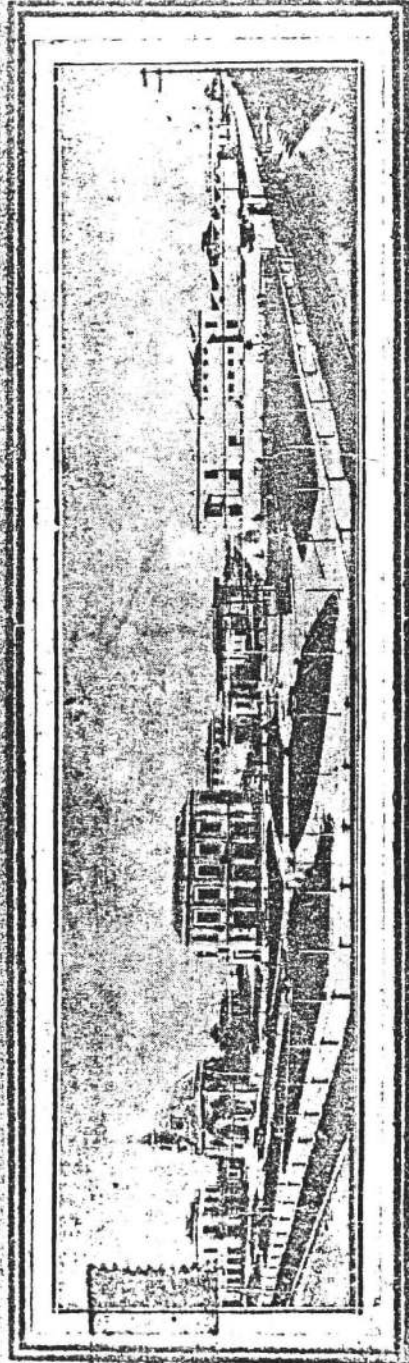
268
09

DO COTONIFICIO SCARPA
E DA SUA ORGANISACAO SOCIAL

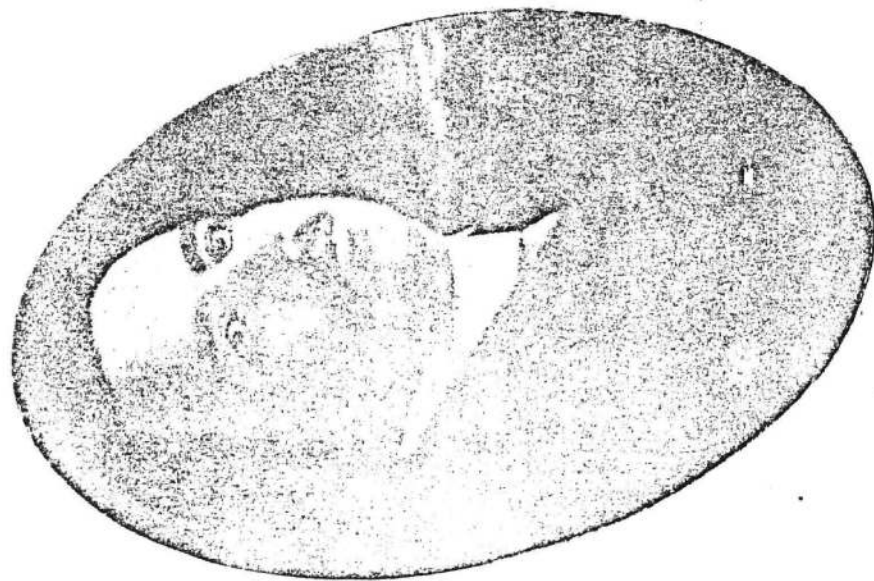
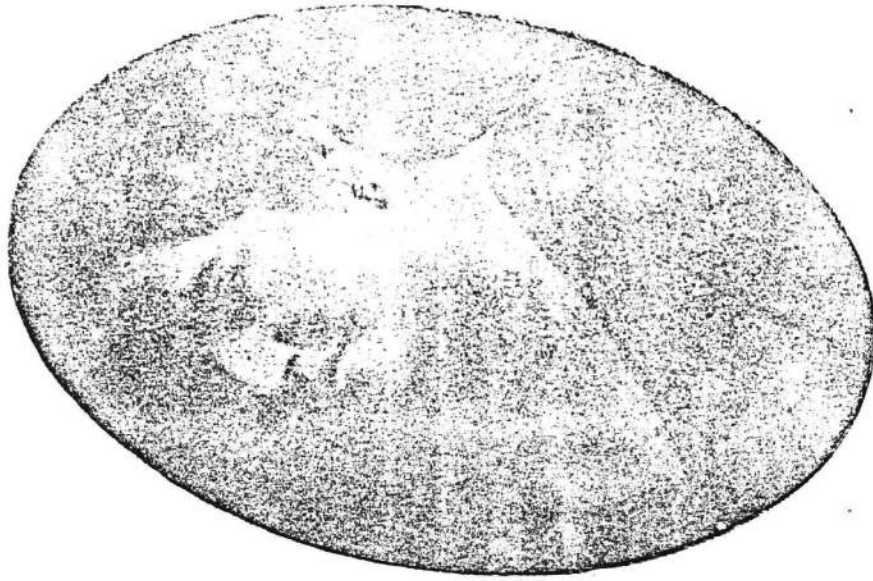
Lembrança

CIDADE ANONYMA
SCARPA

VILLA SCARPA



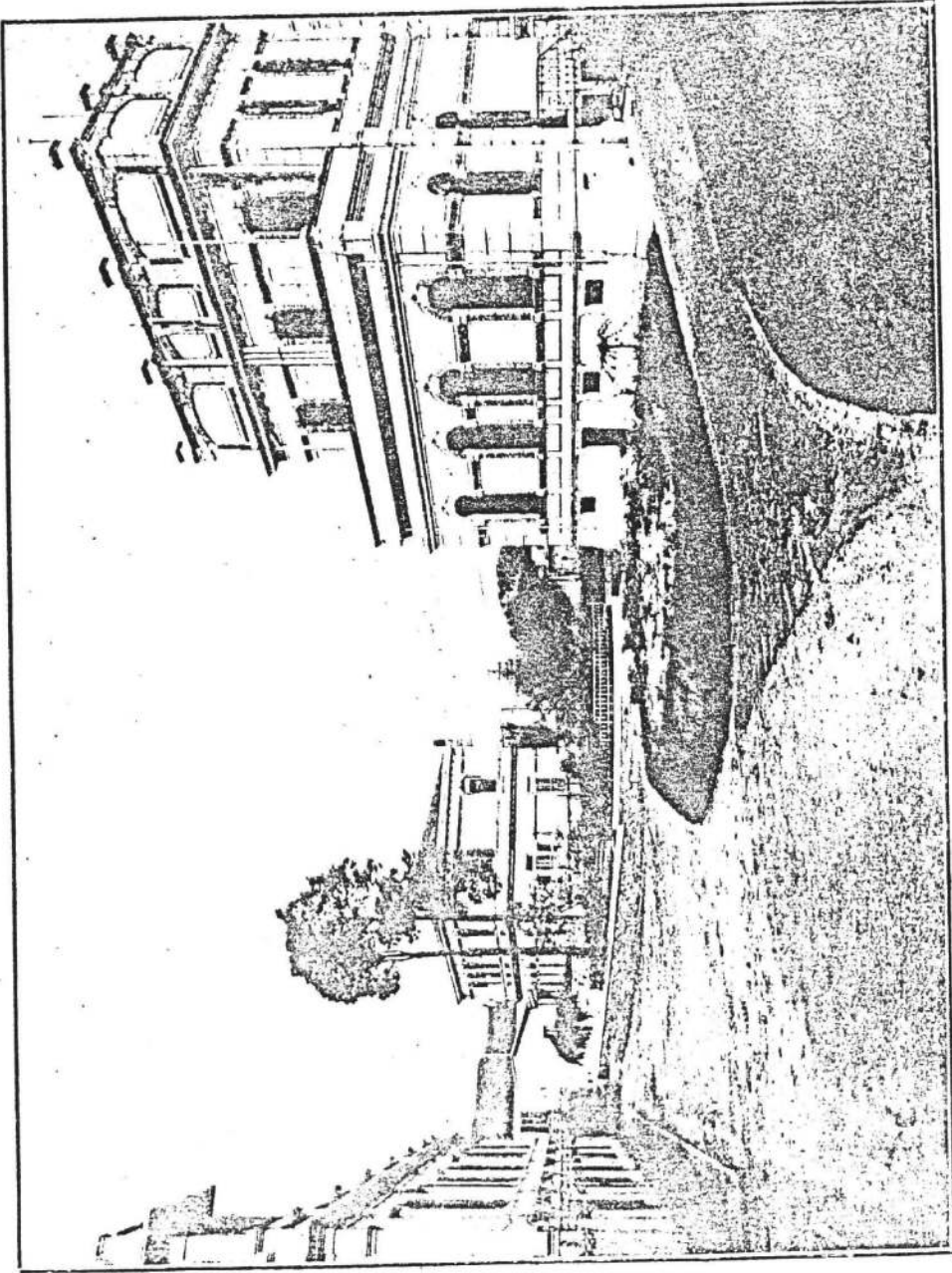
269
2/



SR. NICOLAU SCARPA, DIRECTOR-PRESIDENTE
DA S. A. SCARPA E SUA EXMA. ESPOSA D. JOAQUINA SCARPA



270
CP



IBRANCA DO
TONIFICIO
CARPAESUA
RG ANISA-
ÃO SOCIAL

le Anonyma
o Director-
3 o senhor
opa, indus-
e de visão
ta 28 annos,
segredas éa
algodão, ad-
janeiro de
nificio Scar-
abrica Maria
mpanhia Na-
cidos de Jutta.
ificio Scarpa
fabricas, não
mais impor-
asste a Socie-
yona Scarpa,
n a mais per-

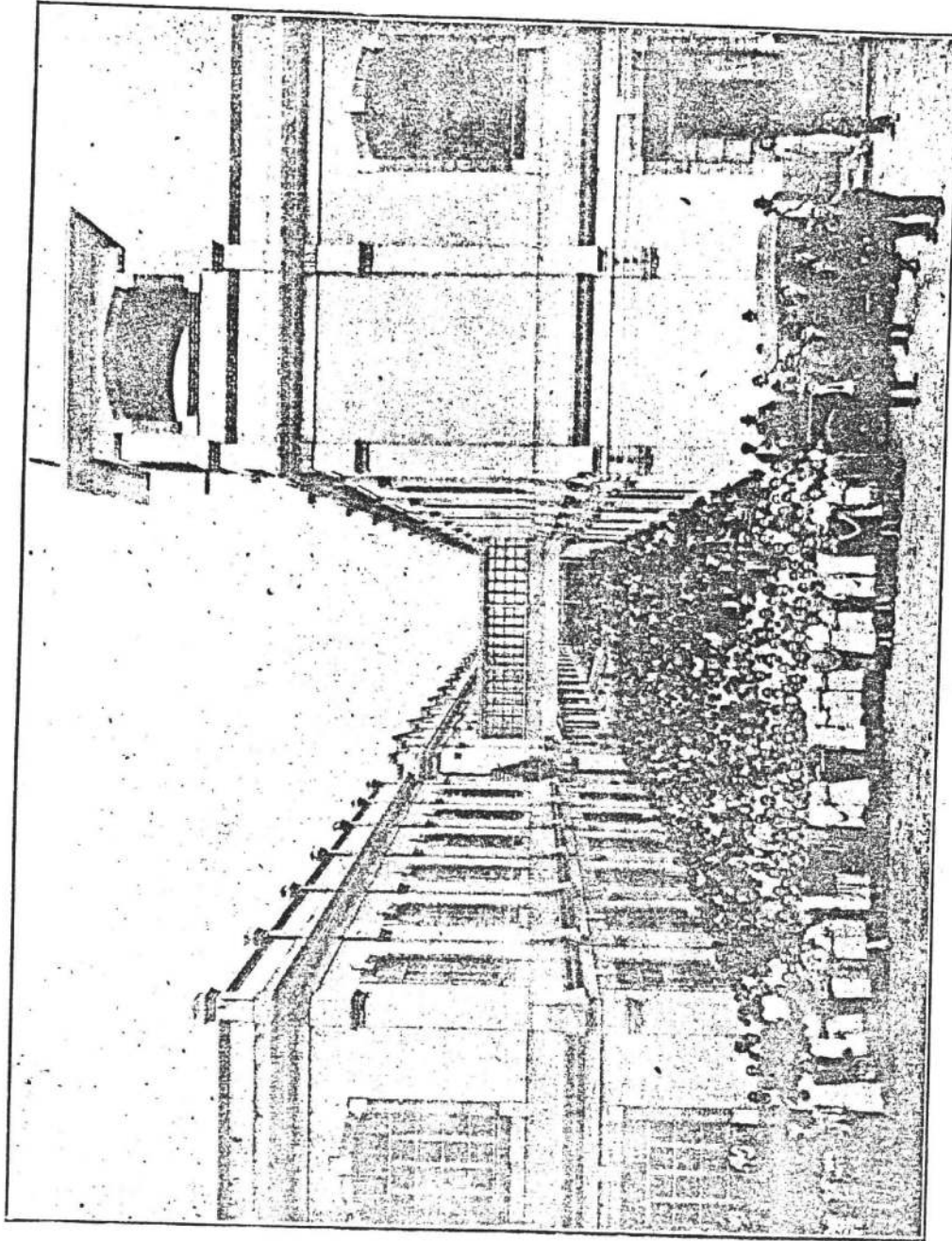
ESCRITÓRIO DE ADMINISTRAÇÃO E DIRECÇÃO TÉCNICA

feita e moderna que na America do Sul existe no genero.

Os predios que constituem os seus extensos, largos e hygienicos pavilhões, com um magnifico serviço sanitario e providencial machinismo contra incendio, de um e dois andares, com elevadores electricos, trazem todo o conforto possível aos operarios que, destarte, contente, trabalham produzindo bem e ganhando mais.

A fabrica quanto ao machinario é a ultima palavra, pois é modernissima.

Perfeita as machinas, produzem extraordinariamente bem.



SAHIDA DOS OPERARIOS DA FABRICA.

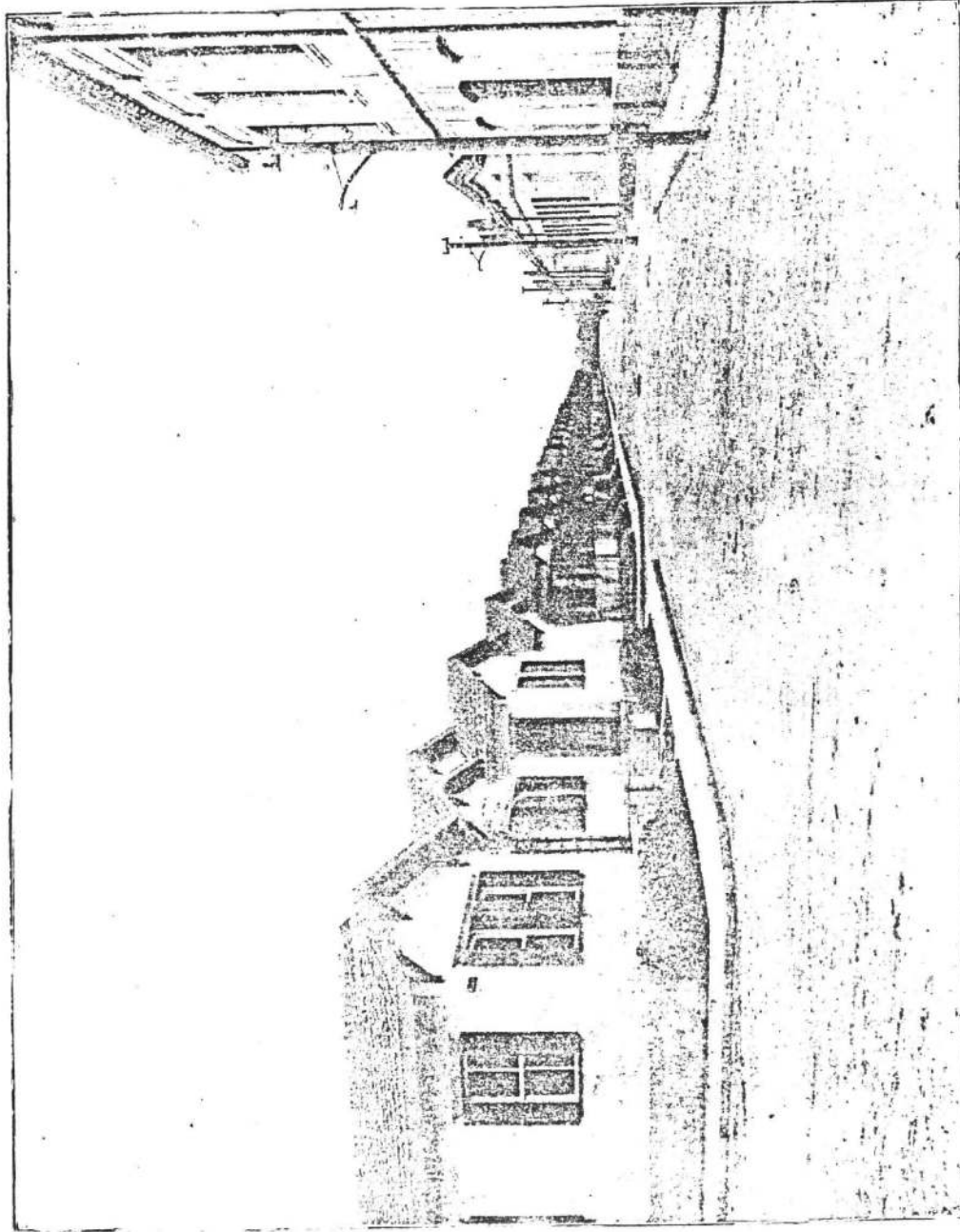
271
08

272
101

sua capacidade, para serem os operários de amanhã.

CONCLUSÃO

A Sociedade com 2.109 operários, gasta anualmente, para manter a organização, 156 contos de reis que, divididos pelos operários tocara, a cada um, como co-participação de lucros, a quantia de 74\$300. Eis como a Sociedade observando as sábias lições da "RERUM NOVIARUM" do Papa dos operários, Leão XIII, resolve, admiravelmente, os complexos problemas da QUESTÃO SOCIAL, e soluciona o conflito entre o capital e o trabalho, que tanto vem preocupando a humanidade.



RUA N. 6 DA ENCANTADORA "VILLA SCARPA"

Esta musica é obrigada, quincenalmente, a dar uma retreta no pavilhão que cuficita o lindo jardim, bem como tocar nas festas religiosas e éticas que se realizam na Villa.

THEATRO

Este não está concluido, juncciona em um salão improvisado. Dentro em breve, porém, se terá um elegante e confortavel.

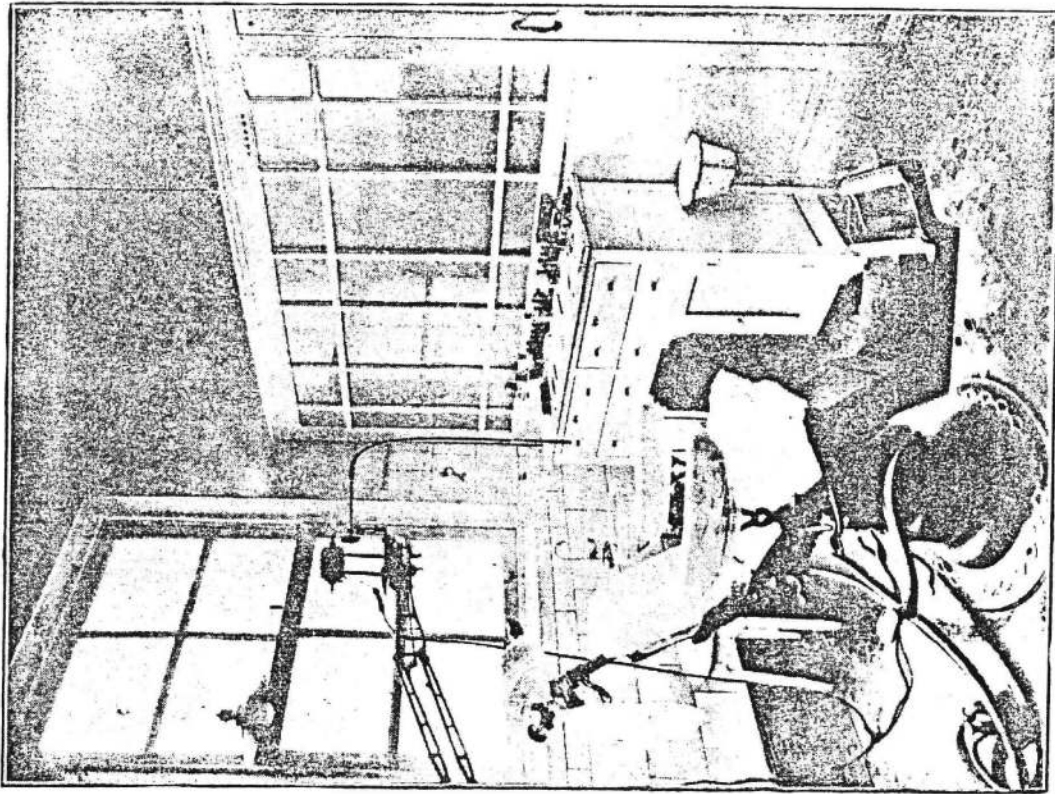
JUTA BELEM

FOOT-BALL CLUB

Patrocinado pela Sociedade, que gratuitamente dá sede, zelador, agua e luz, ha uma sociedade de foot-ball, a qual faz parte da divisão municipal, tendo o seu campo proprio. Organizam-se festas attraheutes sob rigorosa fiscalização de seus criteriosos directores.

ESCOTEIROS

Sob os cuidados da União de Moços Catho-



Gabinete dentario. — As creanças do Jardim e do Grupo Escolar, recebem gratuitamente curativos.

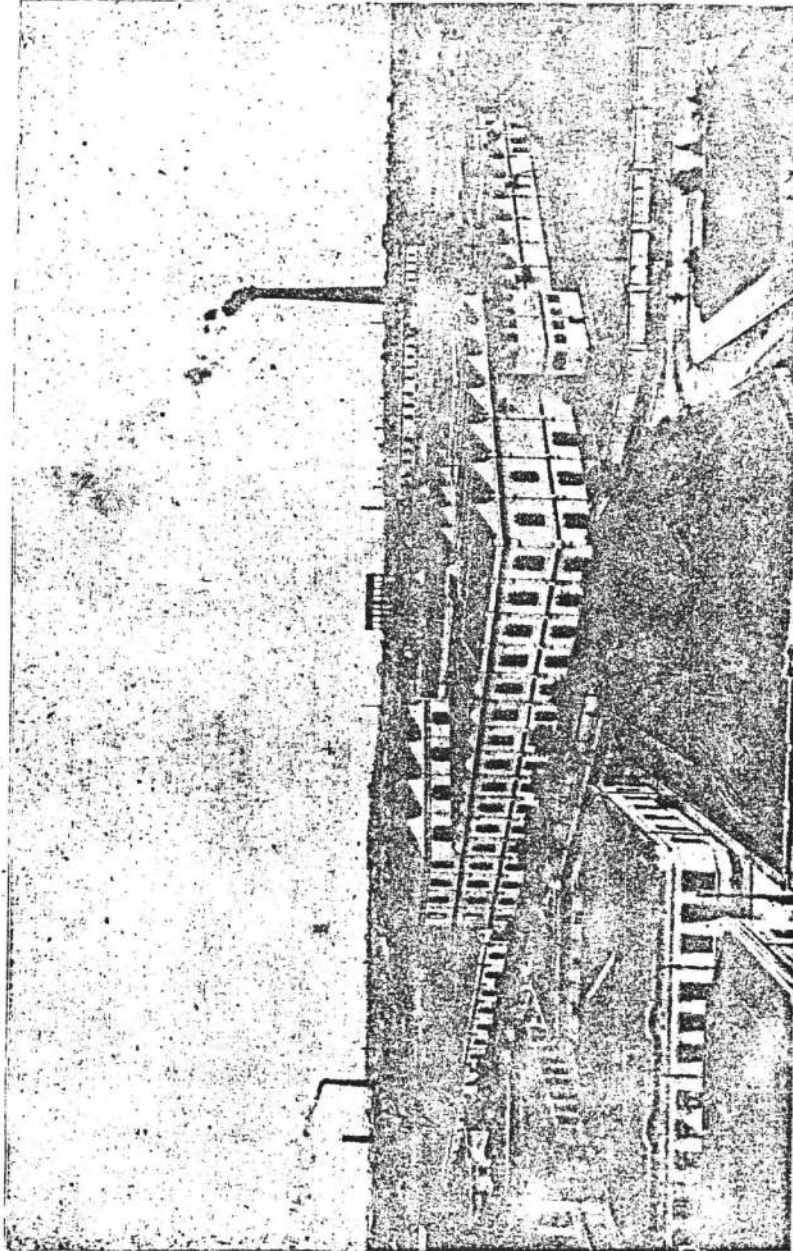
ficos, e auxiliada pela Sociedade Anonyma Scarpa, como premio aos bons meninos do Grupo Escolar e rapazes operarios de optimo procedimento, que, no futuro, não só serão homens fortes, como também, e sobretudo, optimos patriotas, verdadeiros catholicos, intelligentes e honestos operarios.

PENSIONATO PARA JOVENS OPERARIAS E ESCOLA PROFISSIONAL PARA FILHAS DE OPERARIOS.

E' luminoso pensamento da Directoria, fundar um pensionato para operarias e uma escola profissional. Estas instituições tem trazer grandes beneficios aos operarios da Companhia. E assim, durante as horas em que as creanças não frequentavam o Grupo Escolar, se formaram em trabalhos ao alcance de

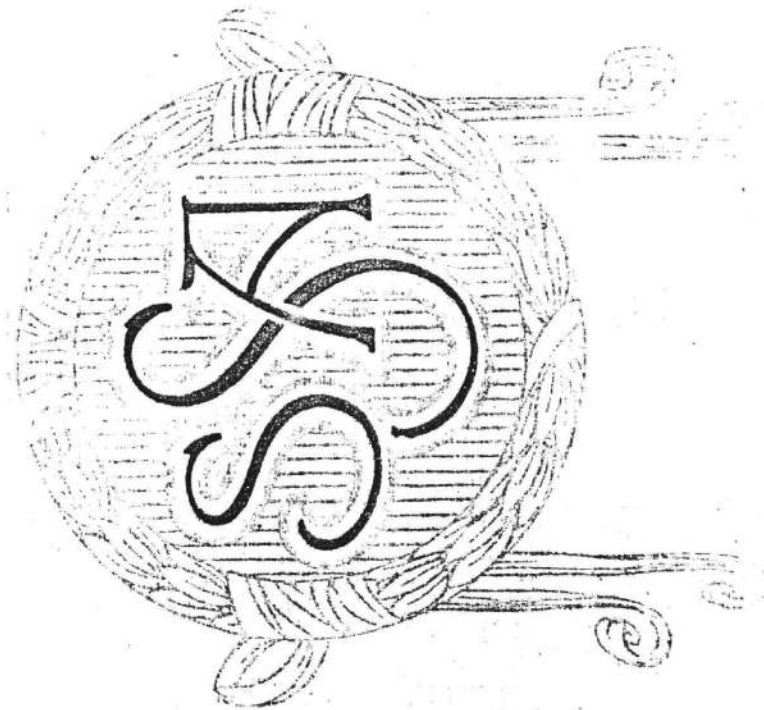
27/2

272
061

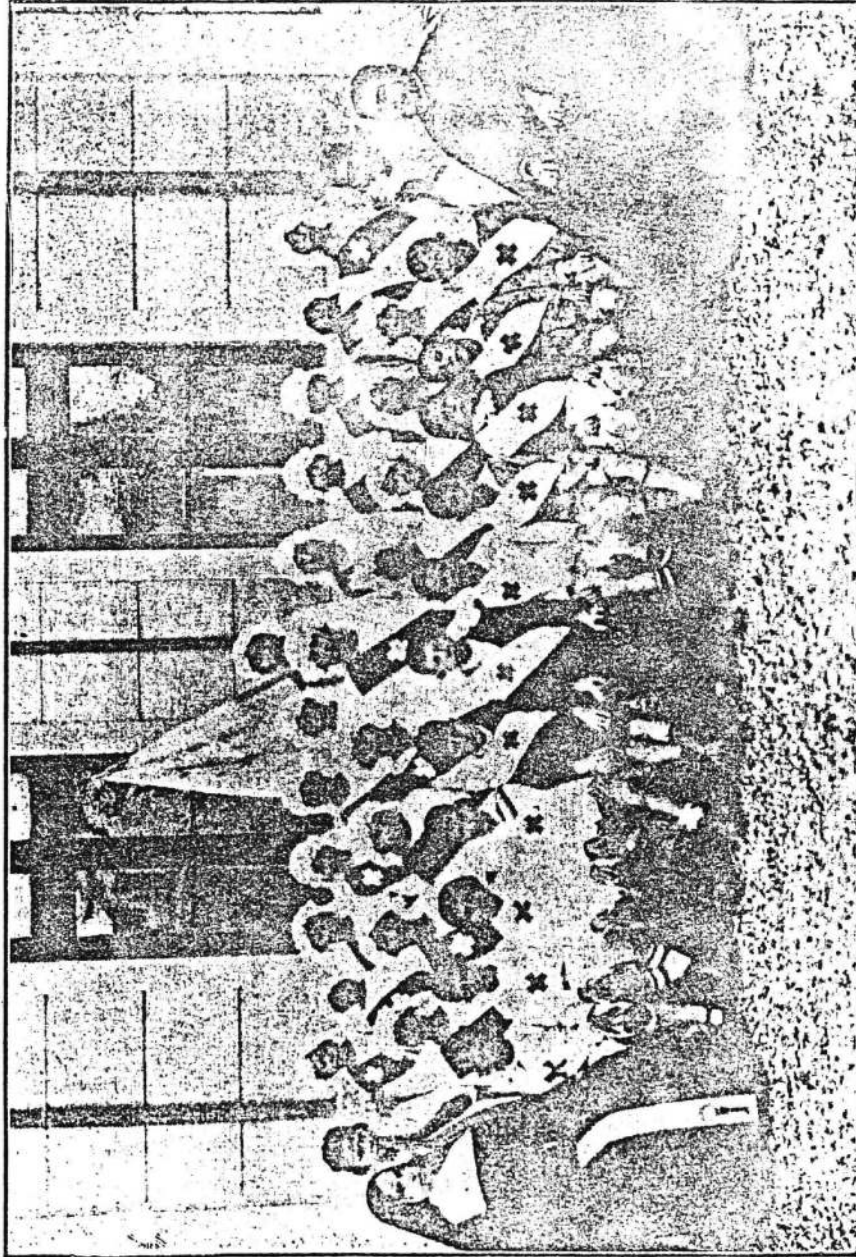


VISTA GERAL DA FABRICA "COTONIFICIO SCARPA"

2. 175
001



276
10/



2.º Grupo da Cruzada Eucarística, composta de crianças do Grupo Escolar.

OLICA
IA, JOSE
principal-
arceiro, pre-
mulo effi-
e de traba-
mais apro-
offerido
Familia —
José".
e foram el-
gnados dão
e trabalha-
o exemplo
ão com a
providencia,
legria. Esta
atirahiu a
80 homens
e que for-
ão da Liga
am faz fa-
ões, muitas
idos.

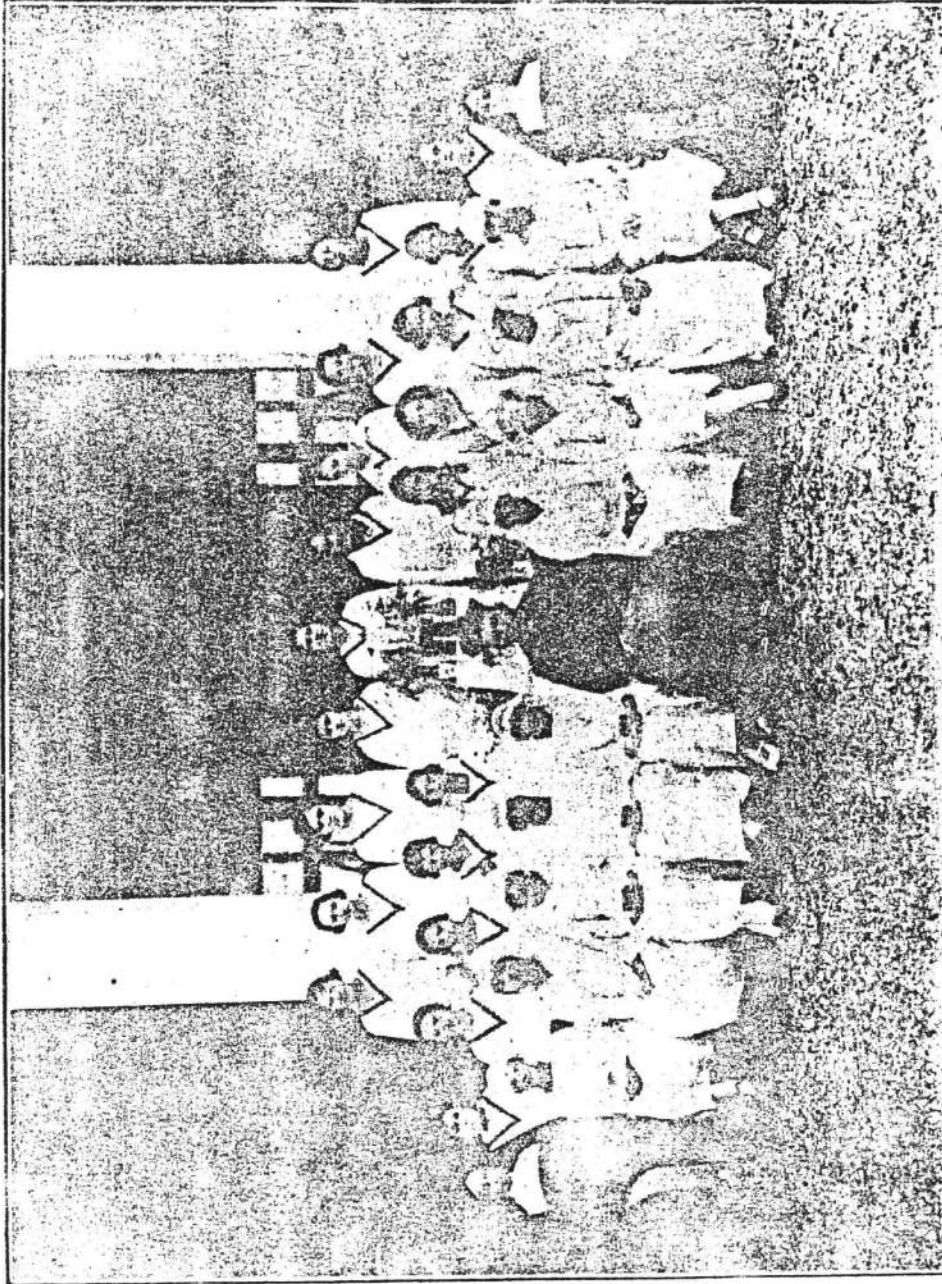
É um salutar balsamo a religião, sobretudo, para a classe sofredora, que se sente feliz junto aos operários de Nazareth — Jesus, Maria, José.

FILHAS DE MARIA

Correspondendo ao abençoado desejo de muitas jovens da Vila, o Recemo, Capellão, actual Padre João de Barros Uchôa, fundou em filigamento, a Pia União.

Trenta e tres filhas formaram logo a padroeira de Maria Immaculada.

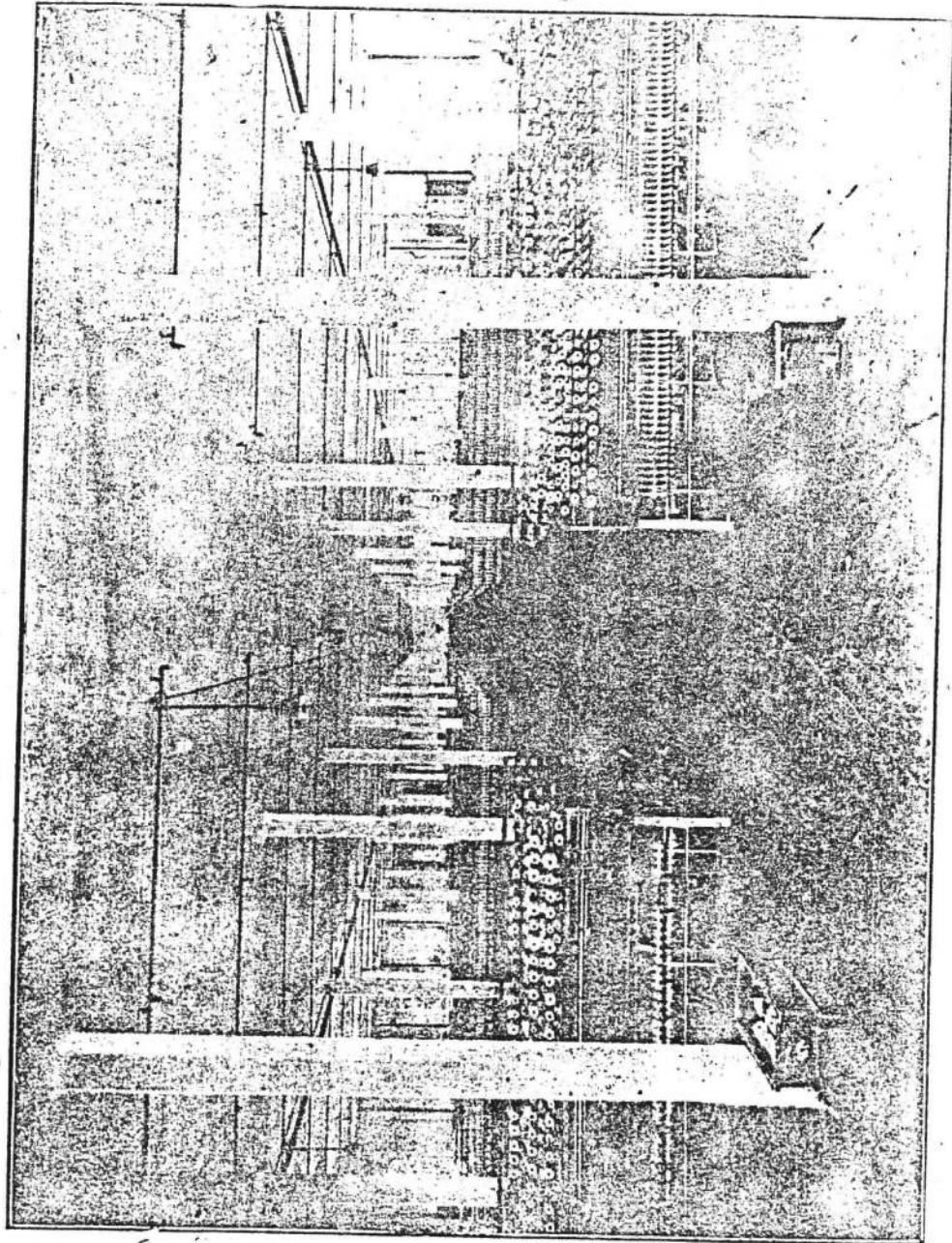
Neste seculo de futilidade e como este, é para admirar que trinta e tres jovens, espontaneamente, prefiram o silencio de uma



Filhas de Maria no dia em que se fundou a Pia União

277

278
CV



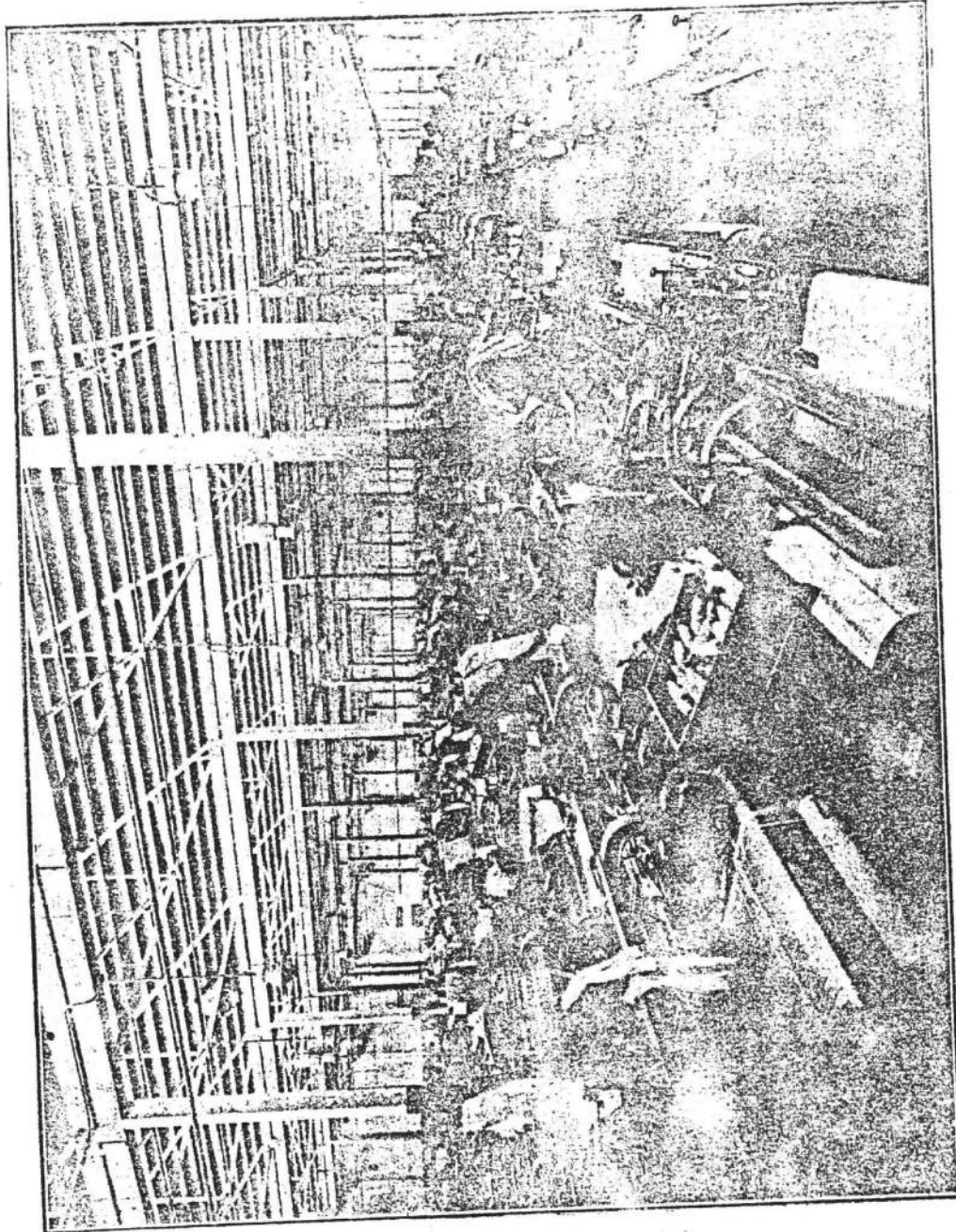
SALA DE FIAÇÃO N. 1

estão jun-
s garanti-
cada tear,
de fiação
sapparece
correias
taes.
tctualmen-
o a 2.100
ento pro-
vará este
o, o que,
ipo, será
onsquen-
incanarel
r do Sr.
que, para
promplas
ies e pre-
s espaços,
montadas
as.
e terreno
tros qua-

drados, sendo 77.236 metros quadrados ocupados pela fábrica e, em parte da área restante, achou-se edificadas a Villa Operaria.

As principais seções dessa importante fábrica são actualmente: fiação com 36.912 fusos, dando serviço a 600 operarios, tecelagem com 1.041 teares, ocupando 800 operarios e alem desses existem 700 operarios distribuidos pelas seções de acabamento, mercadoria, tinturaria, estamparia, acabamento e nas diversas officinas, etc.

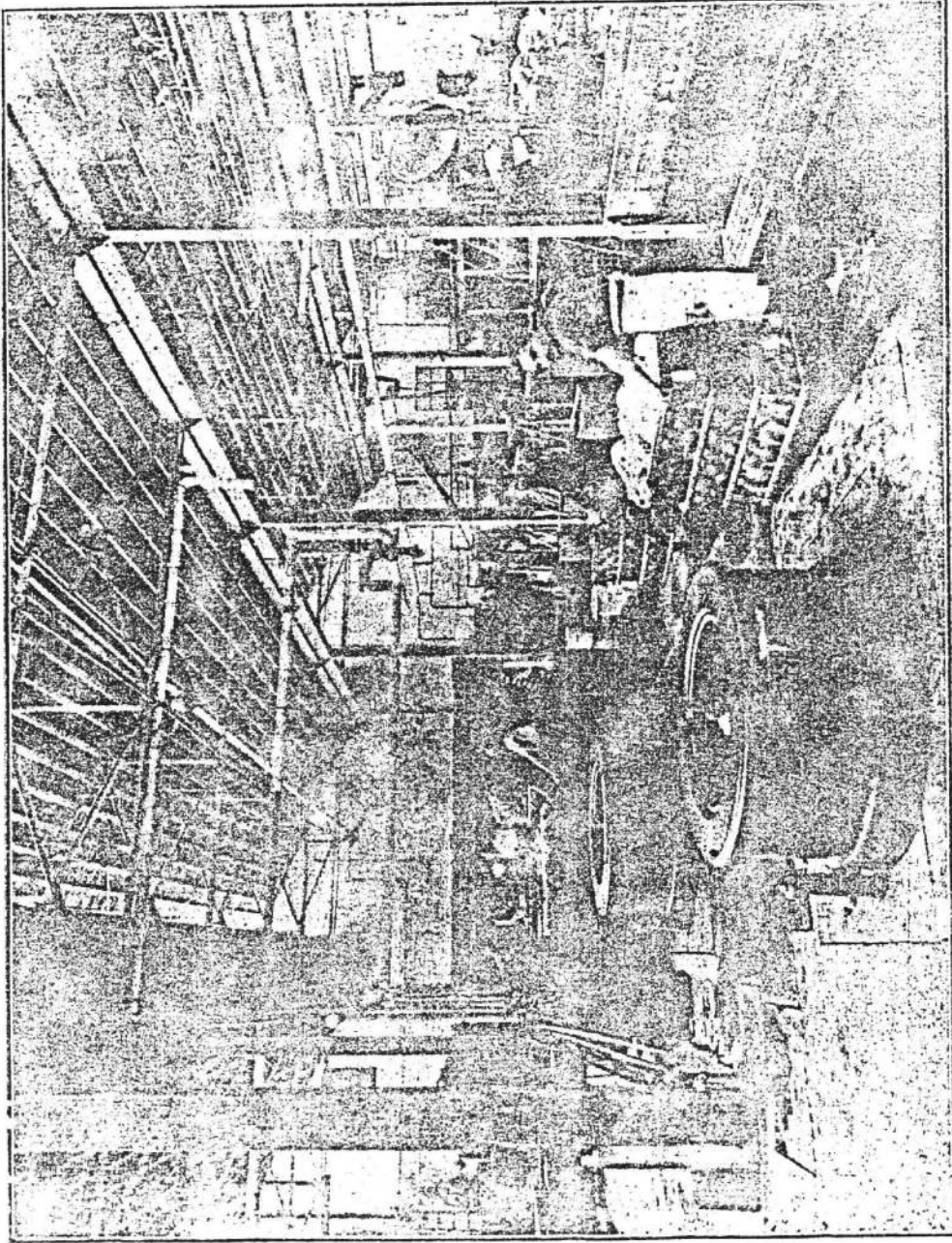
Dois pozantes motores do tipo "Diesel", aos quaes se acham ligados os grandes geradores de electricidade, suprem a



SALA DE TECELAGEM N. 2

279
4

280
a



ALVEJAMENTO, MERCERISACAO E TINTURARIA DE FIO

transformador a
na d'abi, é dis-
os melhores de
de movimentam
as das diversas
eluzive suas fo-
ombras que for-
ta necessária ao
ento...
e de... da
raria.
ma é antes de
ada para a rede
uição, filtrada e
de forma que,
alyse classifica:
AVEL DE SUPRE-
IDADE, garantin-
rte, um factor
de primeira or-
e aquelles que,
o della.
to, a installação
as e dos filtros
importancia ta'

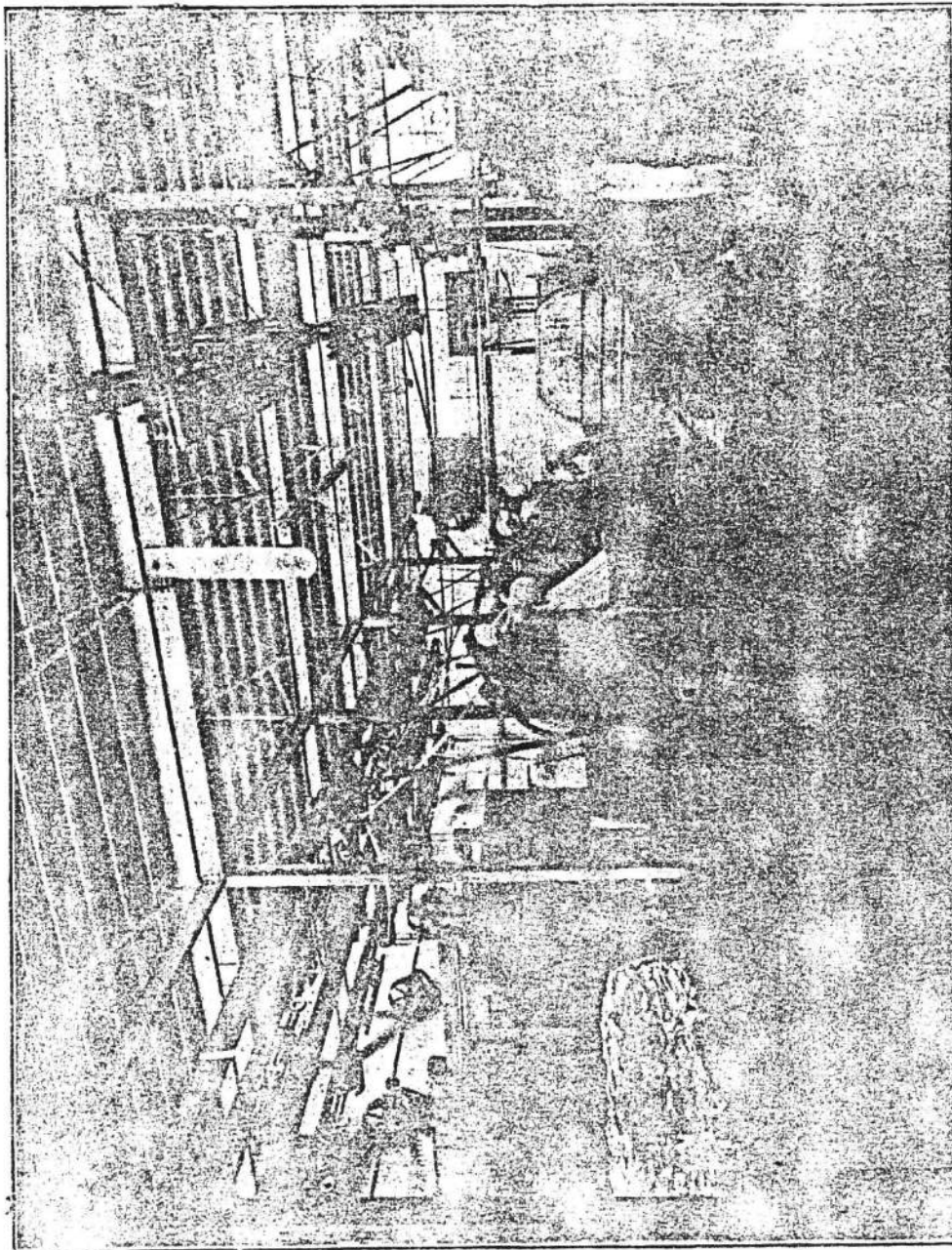
que desperta a admiração de todos os técnicos que a têm visto.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL CATHOLICA

A Sociedade Anonyma Scarpa mantém uma Organização Social, por meio da qual os operarios recebem um bom dispendio, que é intelligemente applicado em vasta obra de assistencia: CRECHE, JARDIM DA INFANCIA e GRUPO ESCOLAR (para educar gratuitamente as crianças) e construcção de casas.

VILLA OPERARIA

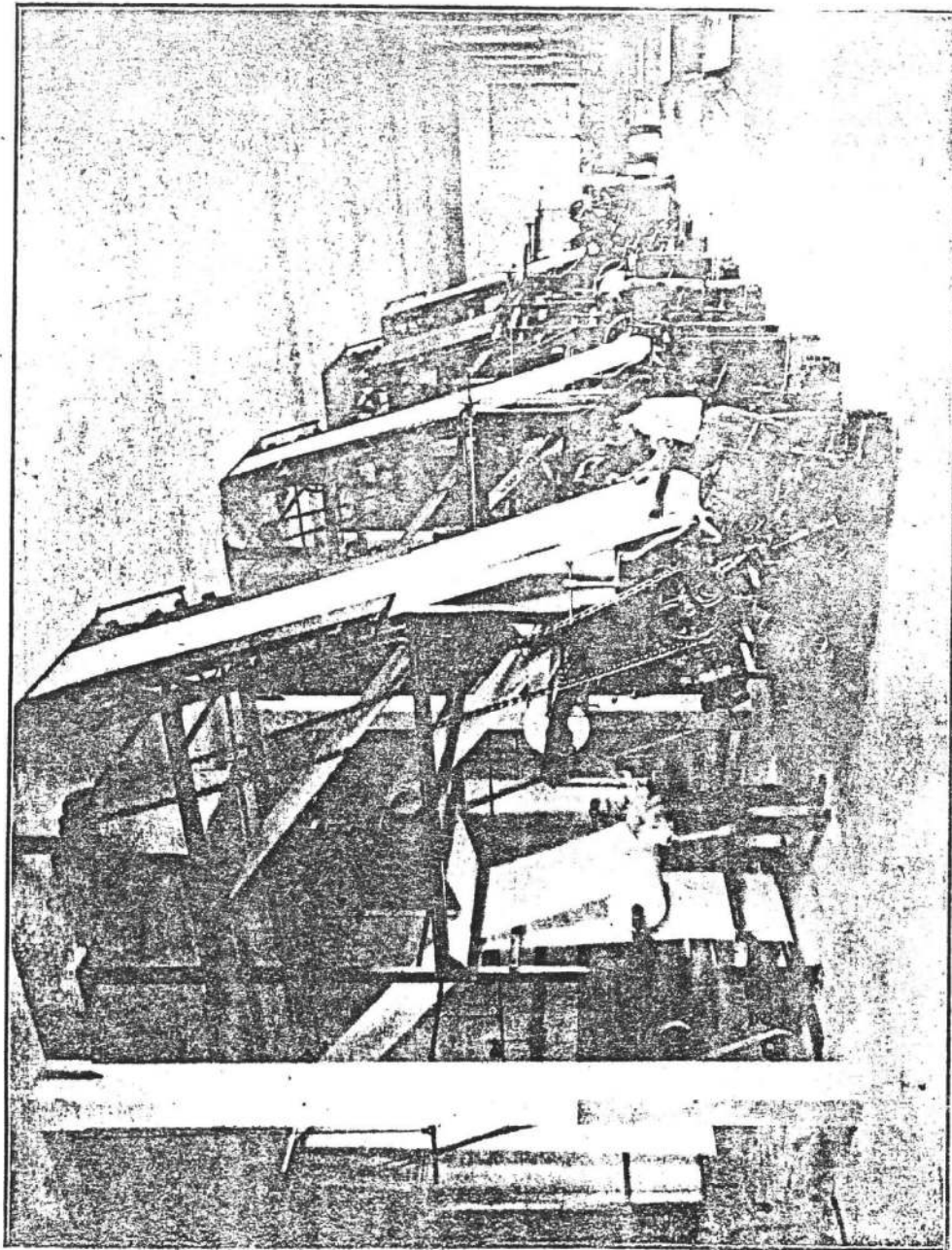
Esta é composta, por equipamento, de quasi 200



ALVEJAMENTO DE PANNO

281
a

282
22



SALA DE MACHINAS DE ESTAMPARIA

casas, edificadas com todas as prescrições hygienicas e cedidas aos operarios ao preço medio de 45\$000 a 50\$000 mensaes, a qual que seria computado, no minimo, em qualquer parte de S. Paulo em 150\$000 e 200\$000. E, assim a Companhia torna desde já os seus operarios co-participantes dos seus lucros.

A Sociedade Anonima Corpa pretende ainda augmentar os seus predios dotando-os de todos as rigorosas prescrições hygienicas de conforto e salubridade que possuem os presentes. Assim os operarios são assegurados pela providencia dos patrões que comem pressurizados ao

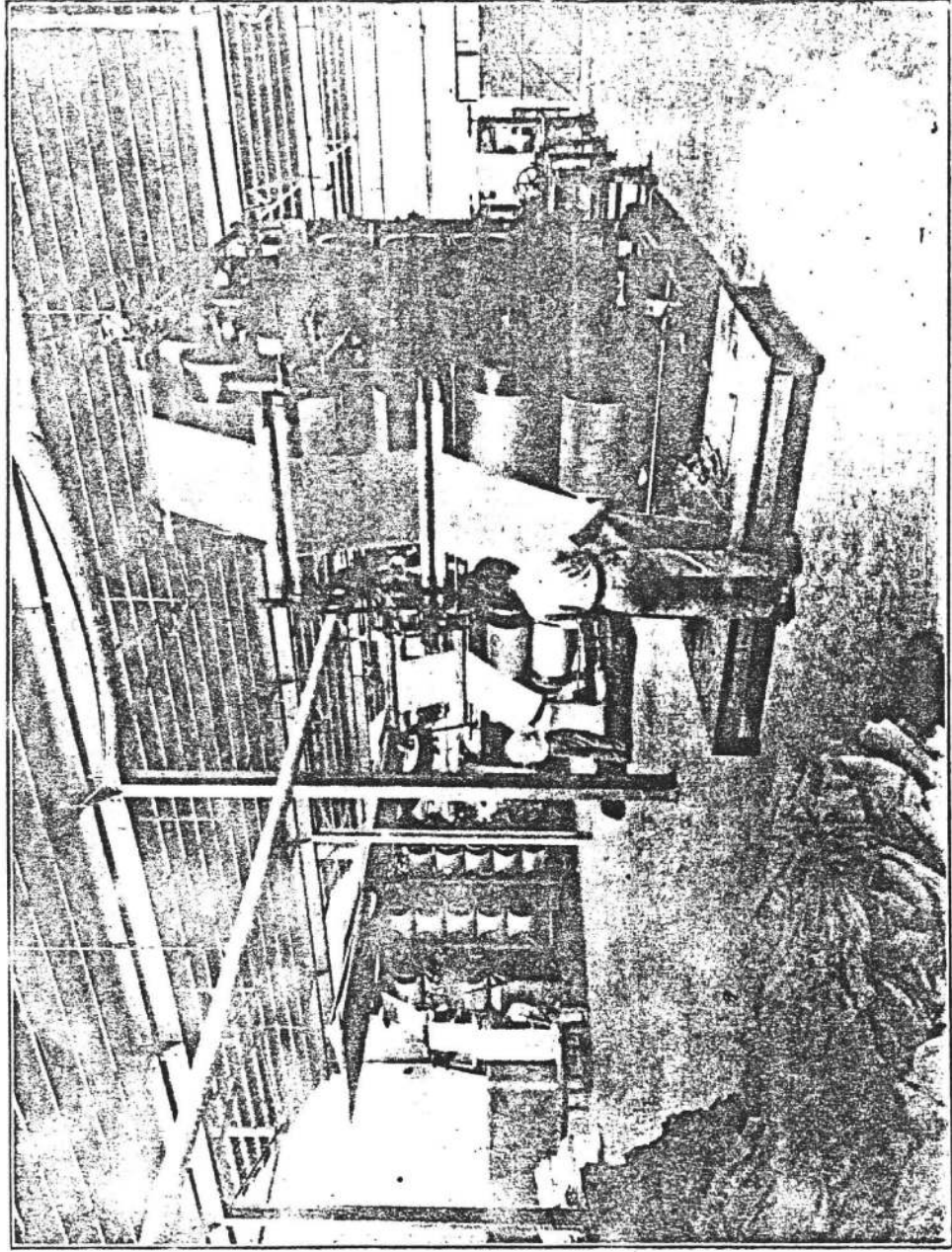
seu encontro e ainda lhes
diu para os seus filhos.

CRÉCHE.

Estabelecimento modis-
tar, onde as mães, quan-
to trabalham, deixam
os seus filhos. Origem
à solicitude das "Irmãs
Zinhas da Imaculada
Conceição".

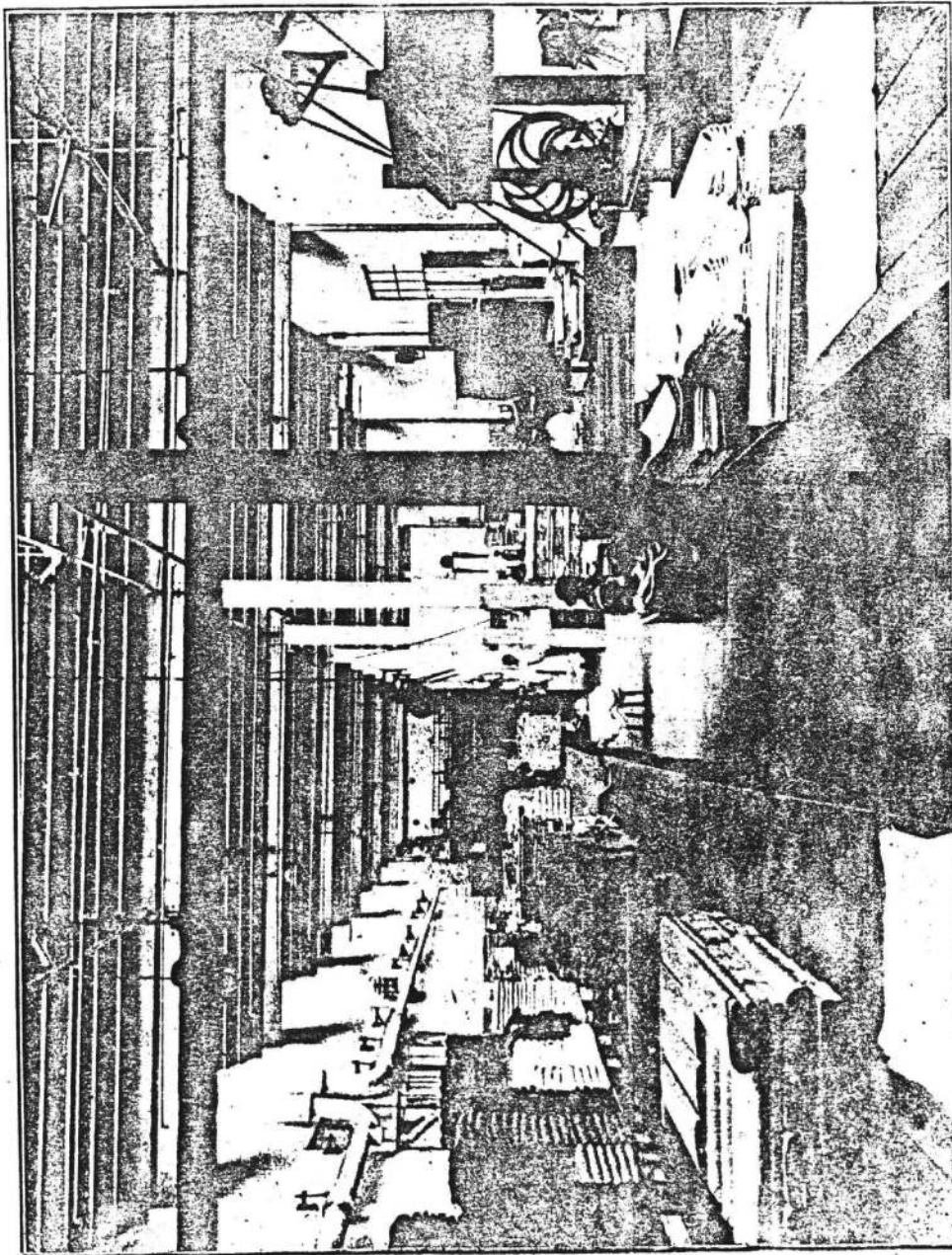
As creancinhas são ca-
rihiosamente cuidadas,
tendo todo o confort s-
sível. E tudo isto sem por-
da ainda de um real no
salario das mães. Orante
a meia hora em que dei-
xam o trabalho para vir
tres ou quatro vezes ao
dia, alimentam os seus fi-
lhinhos, seguindo a pres-
crição medica.

Na creche, onde as
creancas permanecem até



SALA DE ACABAMENTO N. 2

282
C



SALA DE DOBRAMENTO E CONFECÇÃO DE PANNO

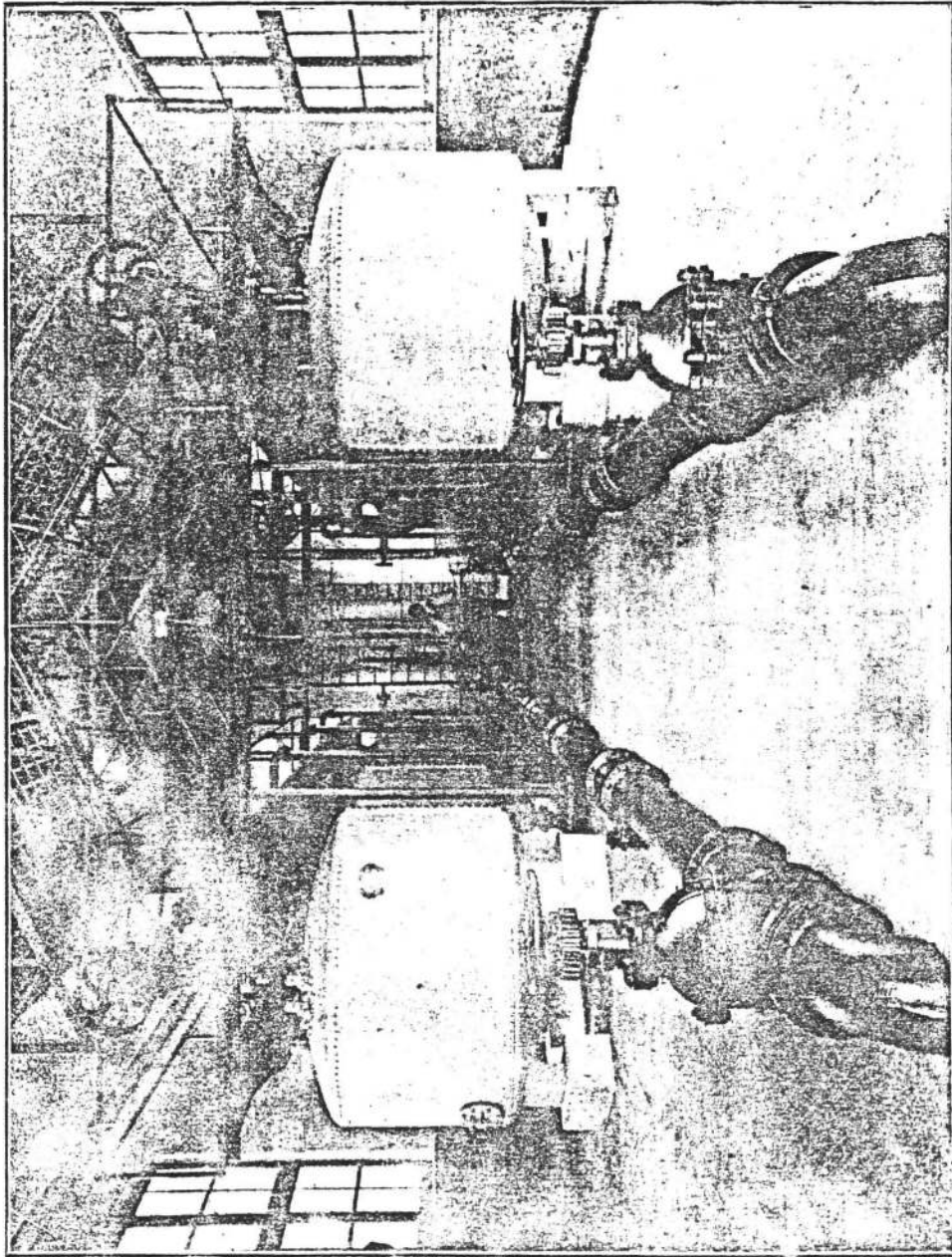
"FICHA
A", se-
-lo qual
evolução
em au-
-da que
"ter de-
o ou a
a.
canca é
neces,
base de
ção pa-
nde res-
e medi-
ricula e
HA AN-
; sala
e dois
a qual
armario
alão de
tipo hu-
abec

com um parape à frente para o tempo secco, em prolongante; o estão mais dois dorm. rios com o mesmo mobiliario, estavindo ainda a 30 pias e seus de iso. nento de me- e os atacadas de me- lesias contagiosas; direu canal, que banha de luz todos os saloes; sala de copa, refeitório, estufa, sacristia, e villa e resi- decia das "Irmãs da Immaculada Concei- ção".

E irreprehensivel a lin- pea mantida pelos cuida- dos da direcção, natu- ralmente favorecida pela boa disposição architectonica, que obedecem a tratado in- telligente.

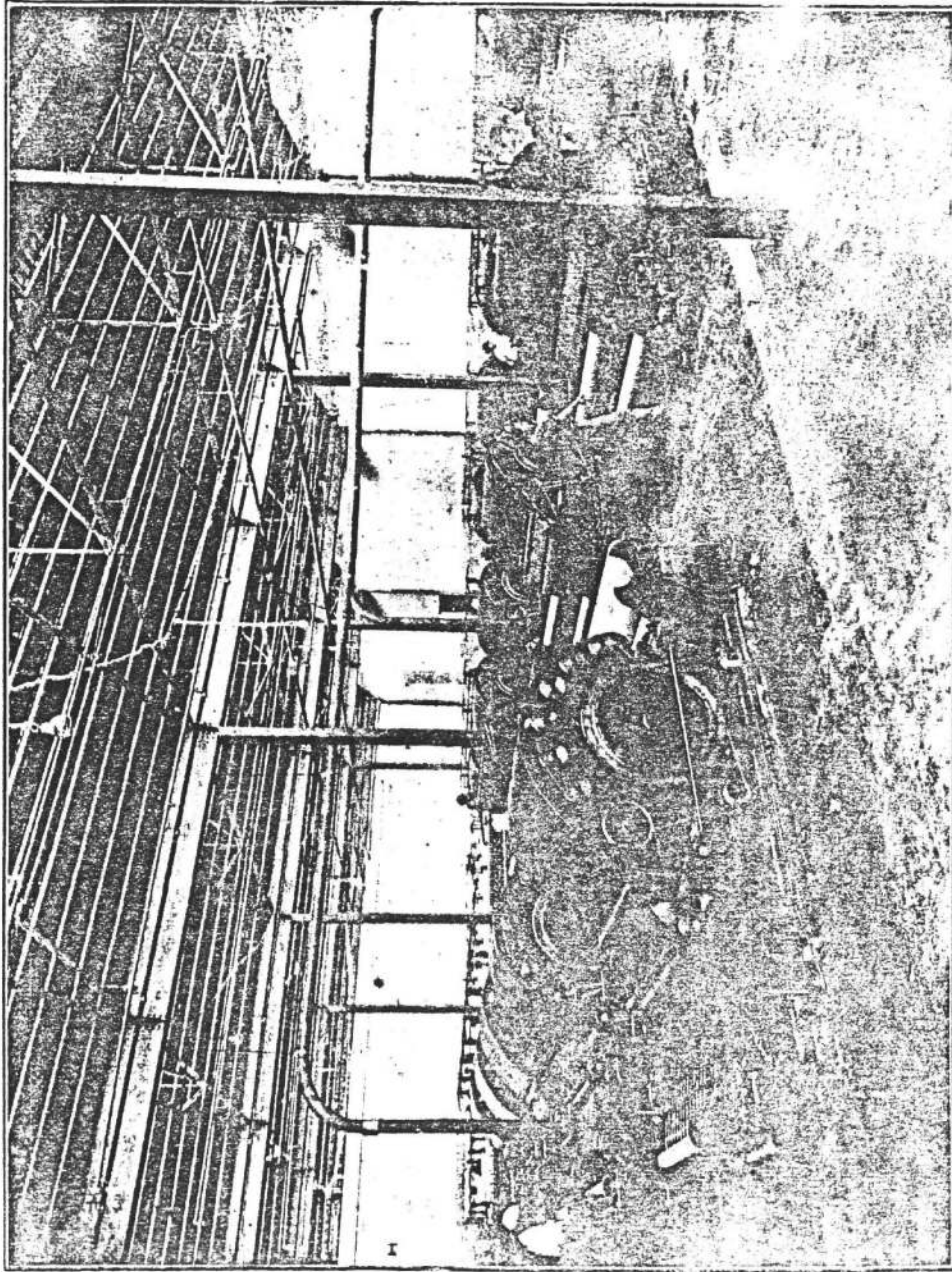
A media do numero de mo- de- las - frequencia

285
001



SECÇÃO DE FILTROS D'AGUA

286
001



SECÇÃO DE CARDAS E CASCAME

*erências na
cada vez, e o
fio do segun-*

al de matricula:

31
25 50

climbos:

3 7
4 7

no fim do meo:

28
21 49

nos meos:

meia .. 15

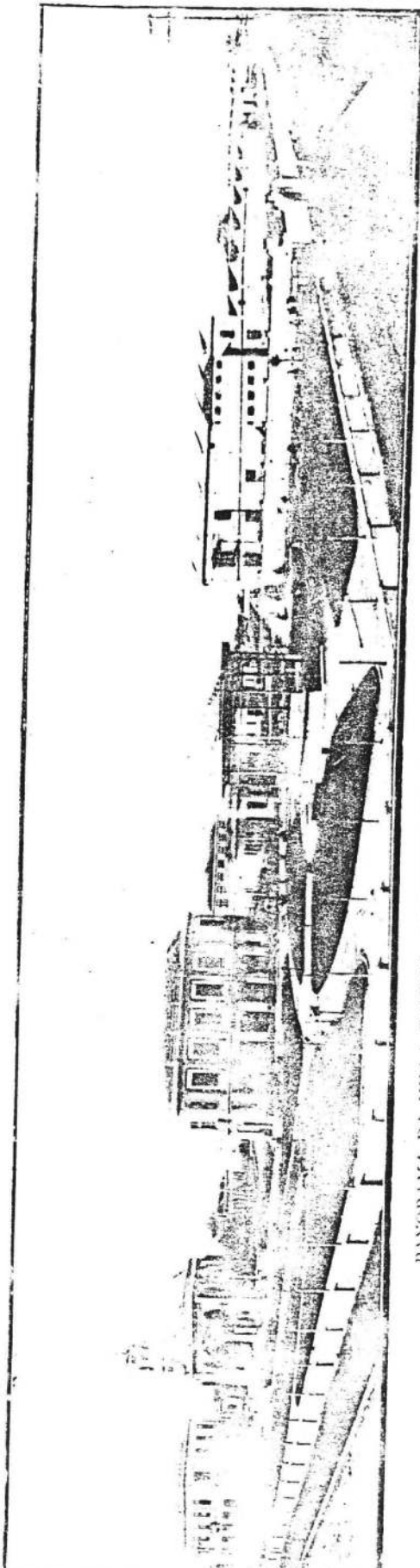
de Cardas

de 4 annos

o

DA
INFANCIA

anos de 1 a 7



PANORAMA DA VILLA SCARPA. AVISTANDO-SE A DIREITA UMA PARTE DA FABRICA

anos em um instrução
segundo o desenvolvimento
de cada uma. Para isso
há no "Jardim" todo o
material preciso. Ali can-
tam, brincam e se dis-
tiram as creanças em aulas
interessantes de desenhos
e trabalhos.

Recebem, des'arte, edu-
cação proveltosissima, que
será seu patrimonio mate-
rial e moral no futuro.
Como o prédio da creche,
o do Jardim obedece a um
plano intelligente.

Ocupa uma quadra in-
teira onde se encontram:

sala de recepção das
creanças, sala em que se
distribuem aventas que
fazem as vezes de unifor-
me, 5 salas de aulas, ten-
do cada um mobiliário pa-
ra 24 creanças. Nestas
aulas está collocado, em
armarios, o material para
instrução.

As aulas não passam
de 15 e 20 minutos; dadas
por meio de quadros com
figuras coloridas que im-
pressionam agradavelmen-
te as creanças.

Quem assiste as aulas
logo poderá ter idéa desta

organização encantadora
que rivalisa em tudo com
as melhores do paiz. Exis-
te ainda a sala de traba-
lhos com uma exposição
permanente de trabalhii-
mos confeccionados pelas
propias creanças. Em con-
tinuação, grande área de
recreio com um piano e
um bello palco, para as
representações infantis.

O prédio é dotado ain-
da de tres dormitórios com
20 leitos cada um, refecto-
rio, copa, cozinha, appa-
relhos sanitarios com ri-
goroso hygiene e, por fim.

lavareria electrica para a
quotidiana limpeza de 300
peças de roupa.

As creanças começam a
chegar ás 6 ½ horas e
permanecem até ás 17 ho-
ras, conforme o respectivo
tempo de trabalho dos pais
nas fabricas. Recebidas
que são, lavam o rosto,
recebem o uniforme, e são
levadas ao refeitório para
tomar o café com leite.

Em seguida vão ao salão
de piano onde, após a cha-
mada, tomam parte nos en-
saios de canto.

28
10/

As aulas entremeadas de recreio e canções, evitam as creanças evitarem o cansaço. Há uma hora de trabalho para os maiores de 5 a 7 annos. trabalhos que na exposição final do anno lectivo têm merecido a admiração dos visitantes, demonstrando deste modo a capacidade das creanças desenvolvida pela actuação discreta e paciente das suas delicadas mestras.

O "Jardim da Infancia" foi instituido somente para as creanças, filhas dos

operarios que trabalham na fabrica, quando estes não têm em casa quem tome conta das mesmas.

E como os operarios trabalham de Janeiro a Dezembro, o Jardim e a Crèche, estão permanentemente com as suas portas abertas.

As irmãs educadoras merecem por isso mesmo maior gratidão dos operarios e da Directoria, pois, que, muitas vezes, dada a necessidade da fabrica funcionar em dias feriadoss, as religiosas sacrificam

com o descanso para atender as creanças.

No fim do anno escolar, com o intuito de dar ferias as creanças externas, organiza-se um programma festivo em cujo desempenho a peçizada alegre e expedita tem arrancado calorosos applausos da assistencia.

QUADRO ESTATISTICO DO JARDIM DA INFANCIA

Matricula mensal:
 Masculino 47
 Feminino 56 103

Excluidos:

Masculino 1
 Feminino 1 2

Existentes:

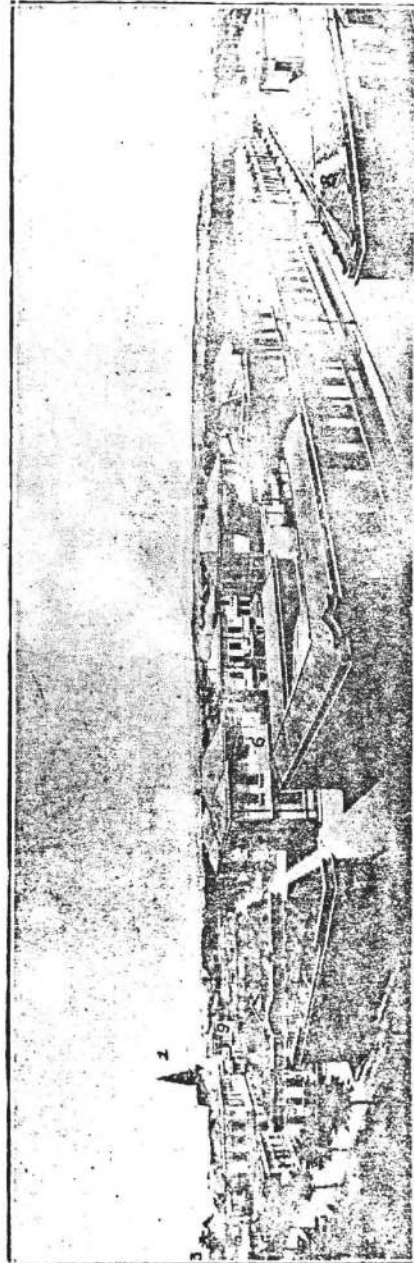
Masculino 46
 Feminino 55 101

Dias lectivos 25
 Frequencia media ... 90

Chegada a creança a idade de 7 annos passava para o

GRUPO ESCOLAR

installado num edificio com 10 salas bem illuminadas.



Vista geral onde se destacam os principais predios da Villa Scarpa: 1 — Egreja; 2 — Club e restaurant; 3 — Theatro e casa de machinas; 4 — gabinete medico e pharmacia; 5 — rua n. 1; 6 — Grupo Escolar; 7 — fazenda da infancia; 8 — Crèche; 9 — Emporio Commercial.

288

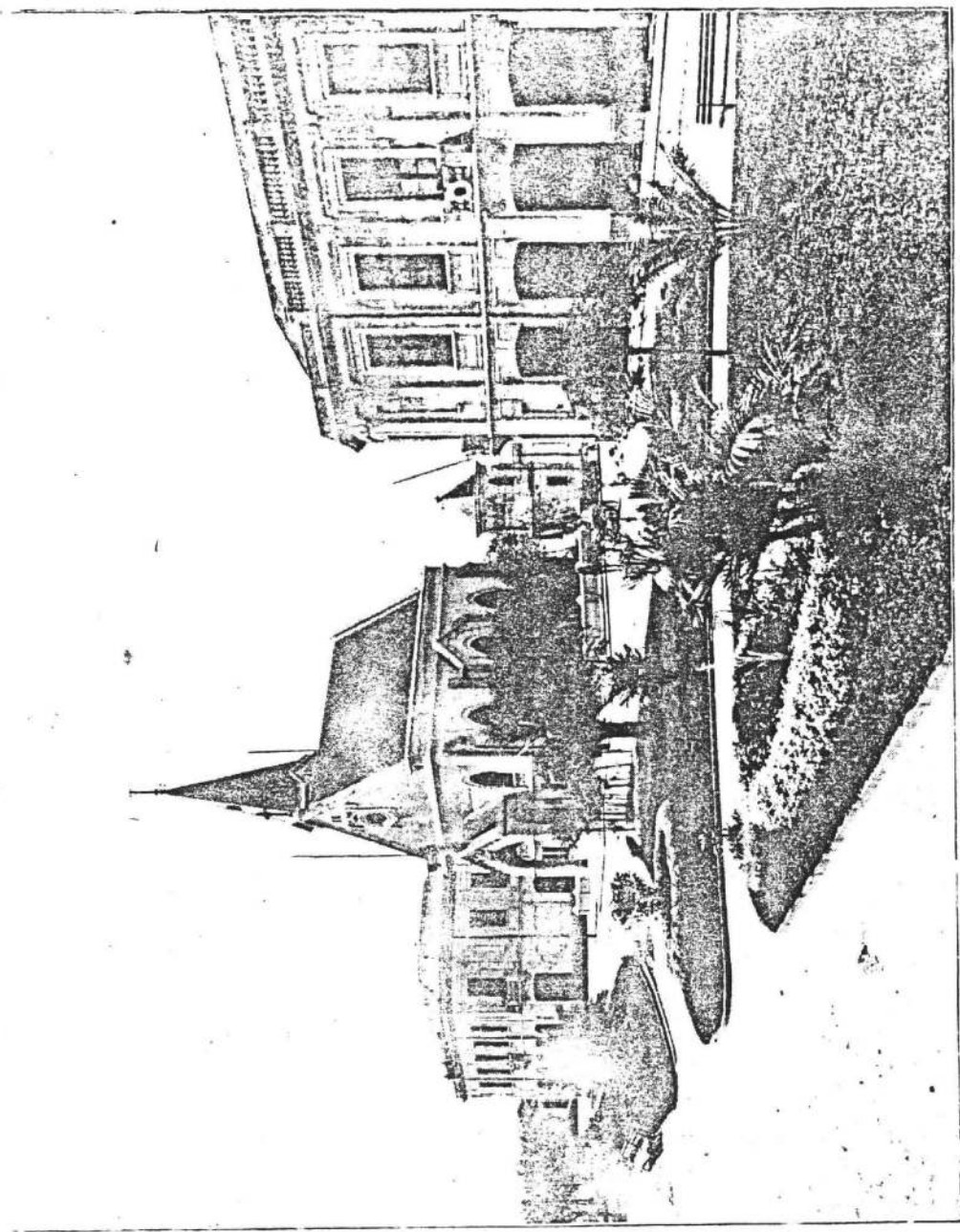
esplendidos exercícios, os
parceiros sanitários, água
filtrada, ambulatório de car-
tões e isoladas, separado
em tudo os métodos da
pedagogia moderna. As
crianças aprendem a ler,
contar e escrever.

Os resultados podem
ser verificadas pelas pro-
vas escritas de exames,
realizadas no archedo do
grupo de ar. Finição

4 classes no período
de manhã para meninos,
e 4 no período da tarde
para meninas, e 2 classes
no período da noite para
rapazes e moças operárias.

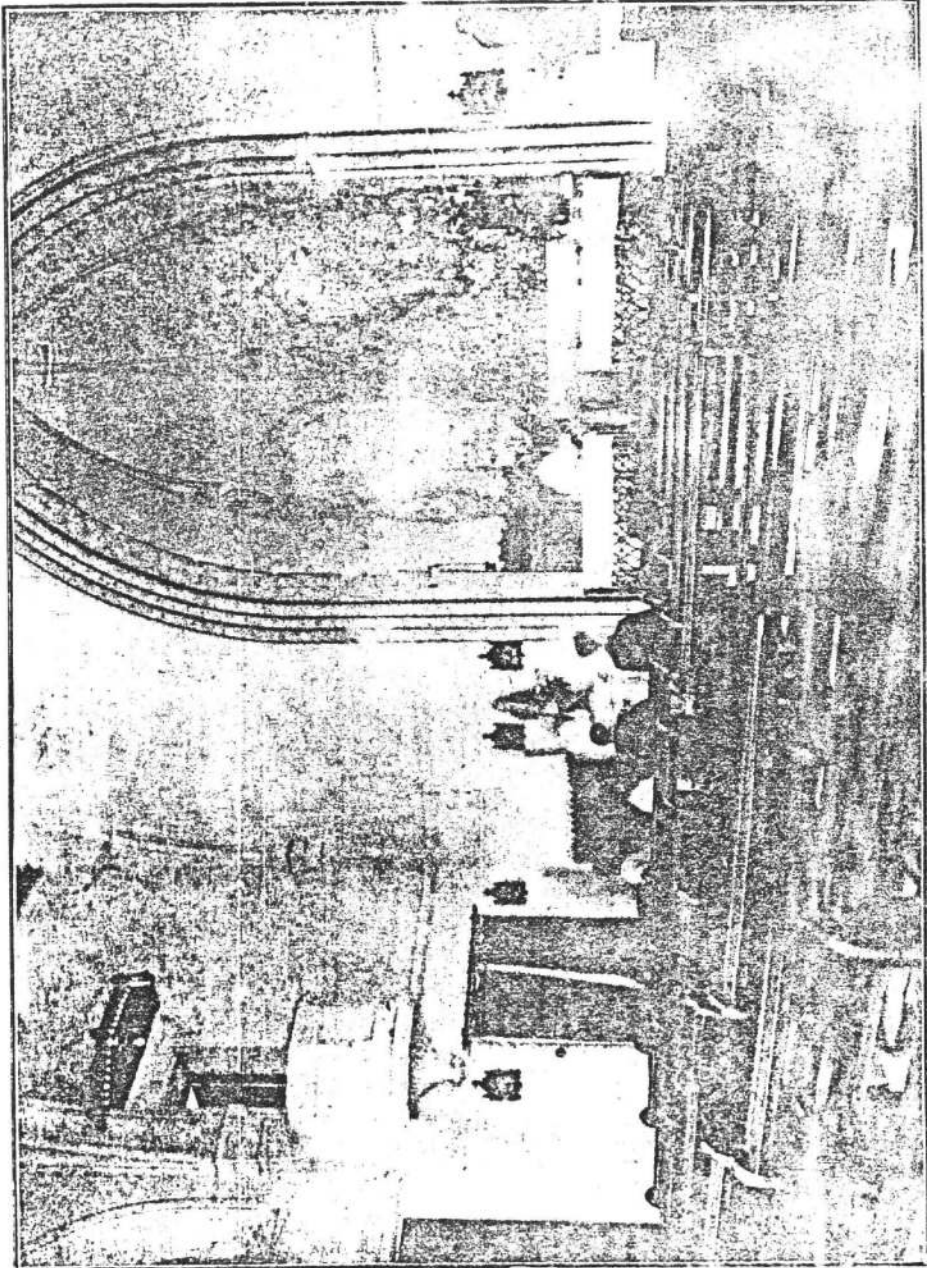
As crianças que são ap-
provadas recebem no dia
da festa terminal do ano
leiteiro prêmios que lhe
dão direito à classe supe-
rior.

289
181



Trecho do jardim da Villa embell-sando a mimos a Capella, ladeada dos estheticos predios do Club e do armazen.

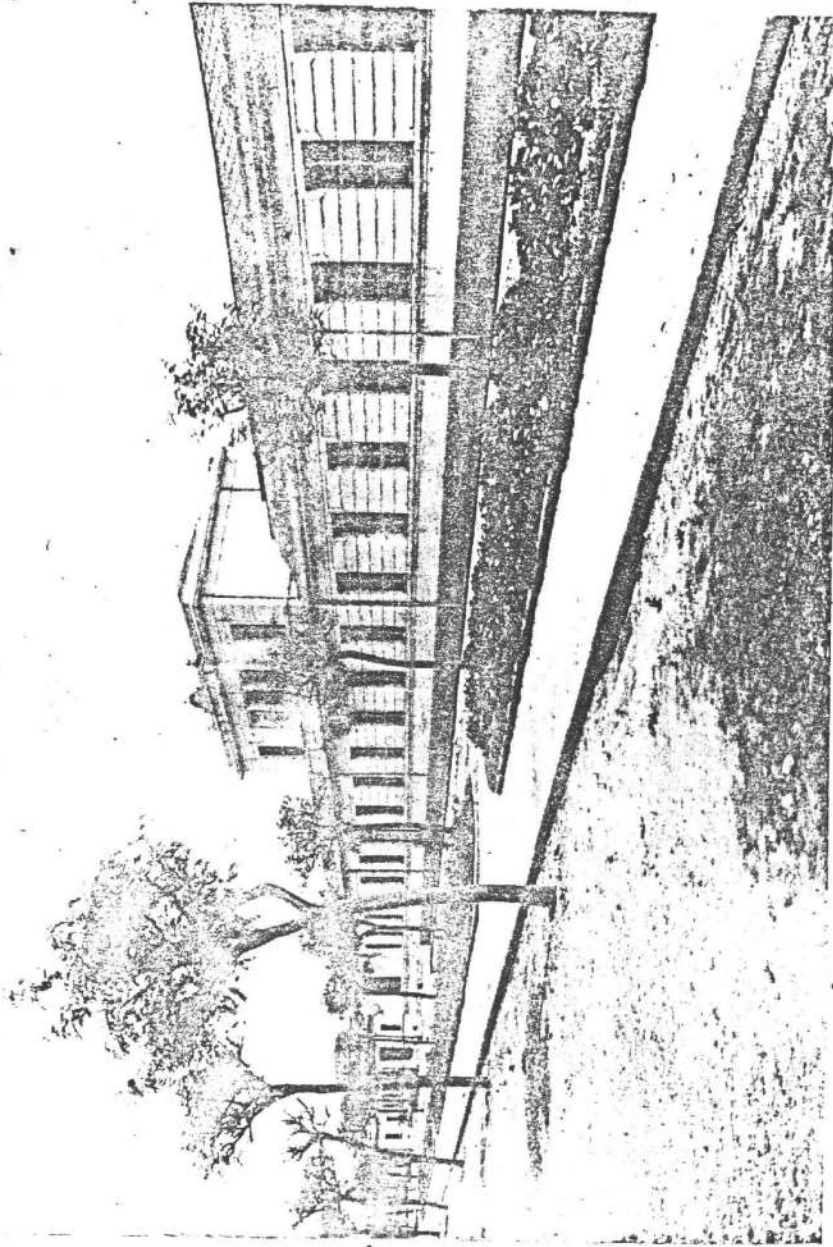
396
28



INTERIOR DA LINDA CAPELLA DE S. JOSE'

exposição
escolares.
onias são
topio ar-
fouci das
is profes-
sencia dos
residência,
l. de um
ta Compa-
festa da
se a fes-
Seque-
estatísticas
sequência
nos e no-
o de 1925;

MURNO
veral:
146
194 310



CRE'CHE. — Esplendido predio fronteiro á fabrica, onde as mães operarias, de 3 em 3 horas, veem amamentar os seus filhinhos.

Numero de alumnos maiores de 12 annos:

Masculino	...	140
Feminino	180 320

Numero de alumnos maiores de 12 annos:

Masculino	...	6
Feminino	14 20

Frequencia media ... 312

PERIODO NOCTURNO

Matrícula geral:

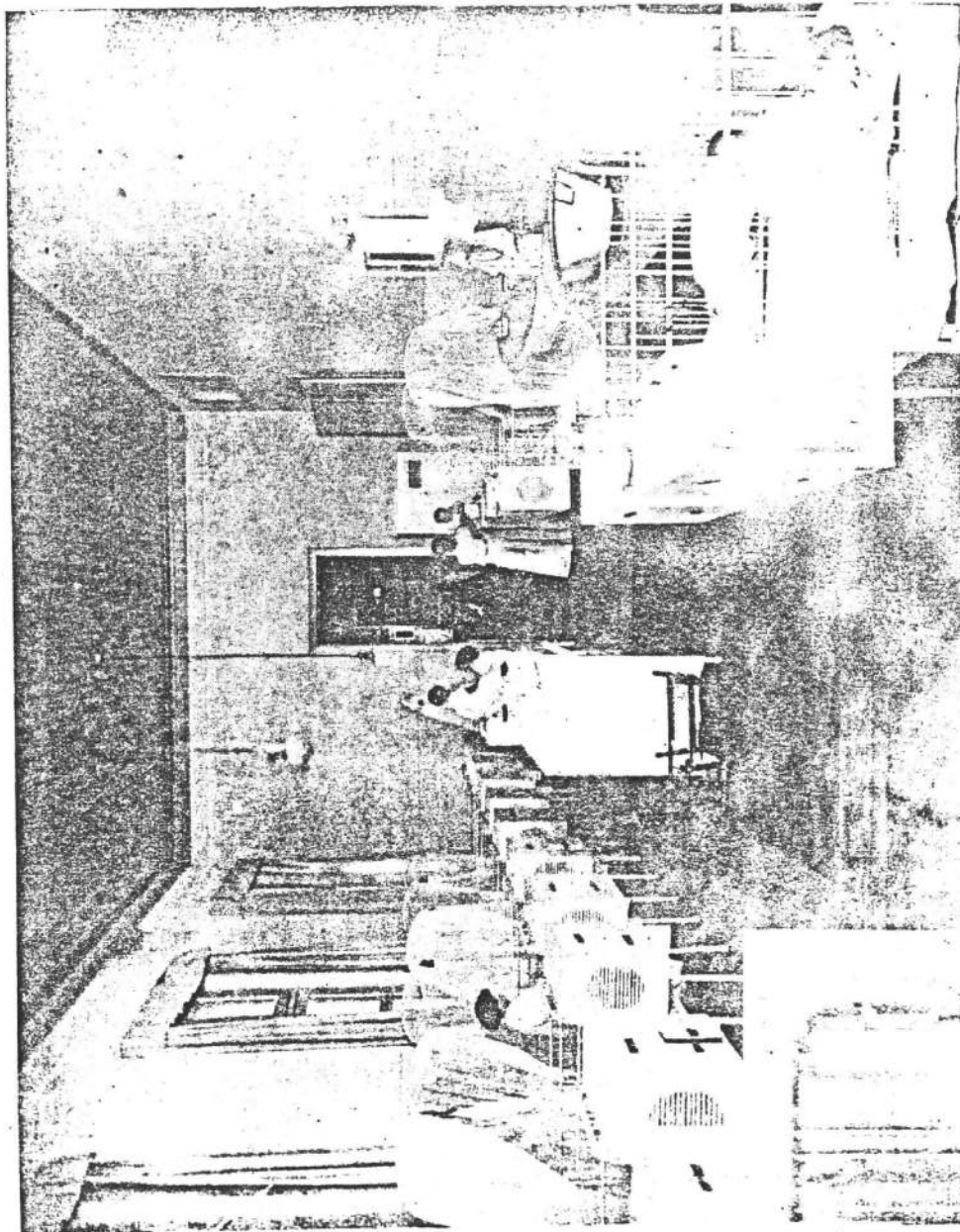
Masculino	...	44
Feminino	35 79

Frequencia media... 63

O total dos alumnos que frequentam os períodos nocturnos e diurnos do Grupo é de 419, que ad-

291

292
107



Sala n. 1 da Crèche, onde se veem os diversos berços das felizes creancinhas, enquanto na fábrica trabalham as suas mães.

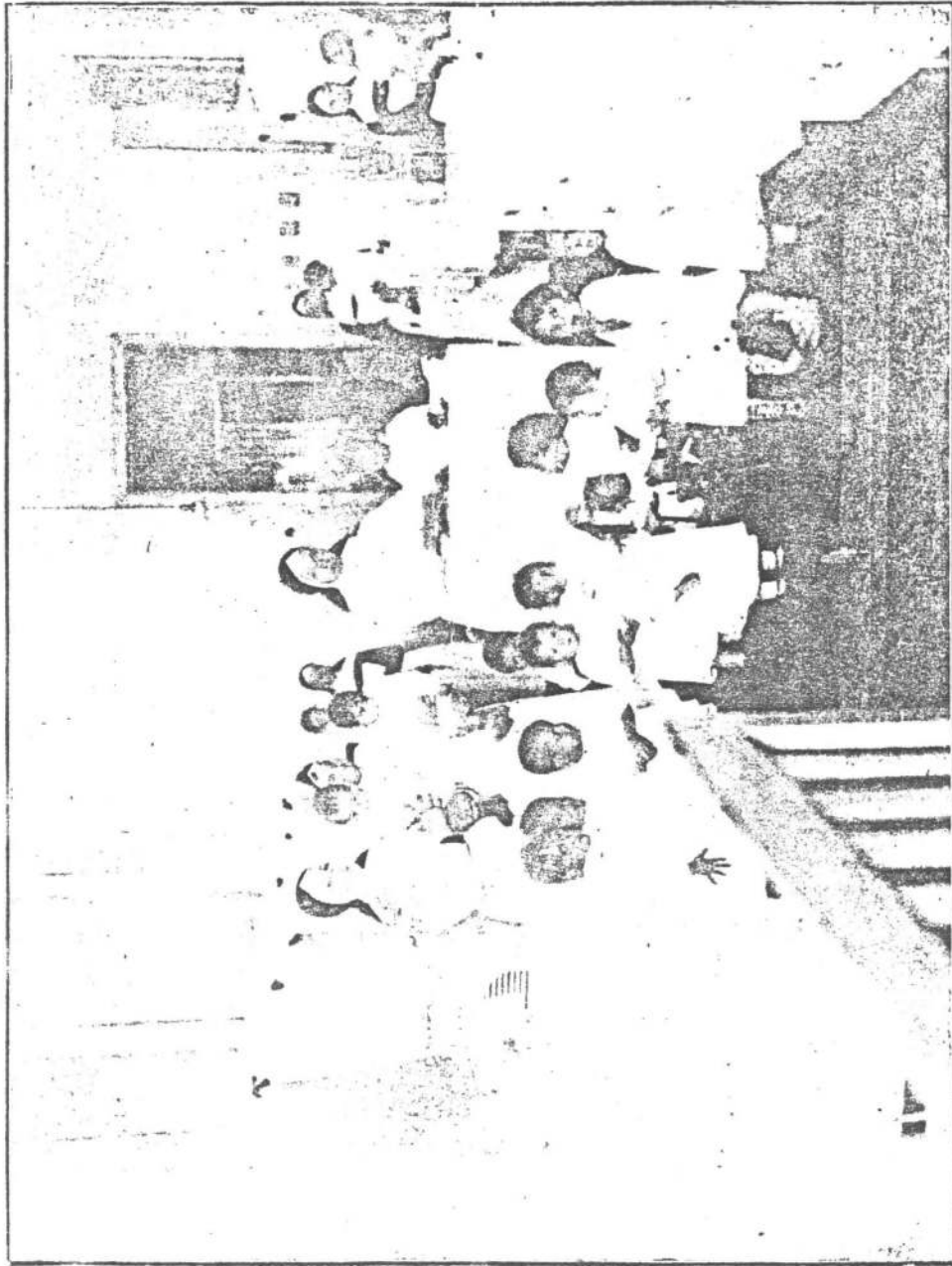
crean-
: 103 do
ia, som-
de ope-
trativa-
ociedade
i distri-
intelli-
ados!
wantem
fo co-
gabinete
musica.
ial, com
zendas e
im pu-
mpo de
a requi-
rios que
rios de
a peso
das.

CARREIRA

O novo relatório da direcção da Crèche, Jardim da Infância e Grupo Escolar, na parte educacional, está fido ao Director da Organização Social que é o Rev. Cappella.

Este é nomeado pelo Ex. mo Rev. Sr. Arcebispo Metropolitano e mantido pela Companhia. O lugar se representa nas de educação por uma directora que é sempre uma "Irmãzinha da Immaculada Conceição", escolhida pela Madre Superiora a quem estão affectos a administração e os cuidados internos dos estabelecimentos.

293
06



Sala n. 2 onde se veem as Irmãs da Immaculada Conceição, que affectuosamente cuidam das crianças na Crèche e no Jardim da Infância, e também dirigem o Grupo Escolar.

Modelo 3 da "Ficha da Crèche"

Amygdalias Adenoides
 Pharynge Uvula
 Voz Phonação
 Aboboda palatina Língua
 Dentes
 Gengivas Maxilares
 pirarolar

scular

so

iliar

Muco nasal
 " naso pharyngeano
 Fezes
 Urinas
 Cuti reacção

CRÉCHE VILLA SCARPA

MODELO PARA AS CRIANÇAS

de (0 a 4 Anos) da Crèche
 " (4 a 7 ") do Jardim da Infancia
 " (7 a 12 ") do Grupo Escolar

Nome

Idade Naturalidade

Filiação

Vaccinado

Antecedentes e occurencias morbidas pessoas e de familia

Modelo da Ficha da Crèche

Apparencia geral { Tez Cabellos Physionomia
 { Desenvolvimento physico Nutrição

Altura e Peso { Janeiro { Março { Maio { Julho {
 { Fevereiro { Abril { Junho { Agosto {
 { Setembro { Outubro { Novembro { Dezembro {

Perimetro thoraxico Força muscular
 Pelle Couro cabelludo

Esqueleto { Cabeça
 { Thorax
 { C. vertebral
 { Omoplatas
 { Estremidades

Pescoço { Thyroide Ganglios

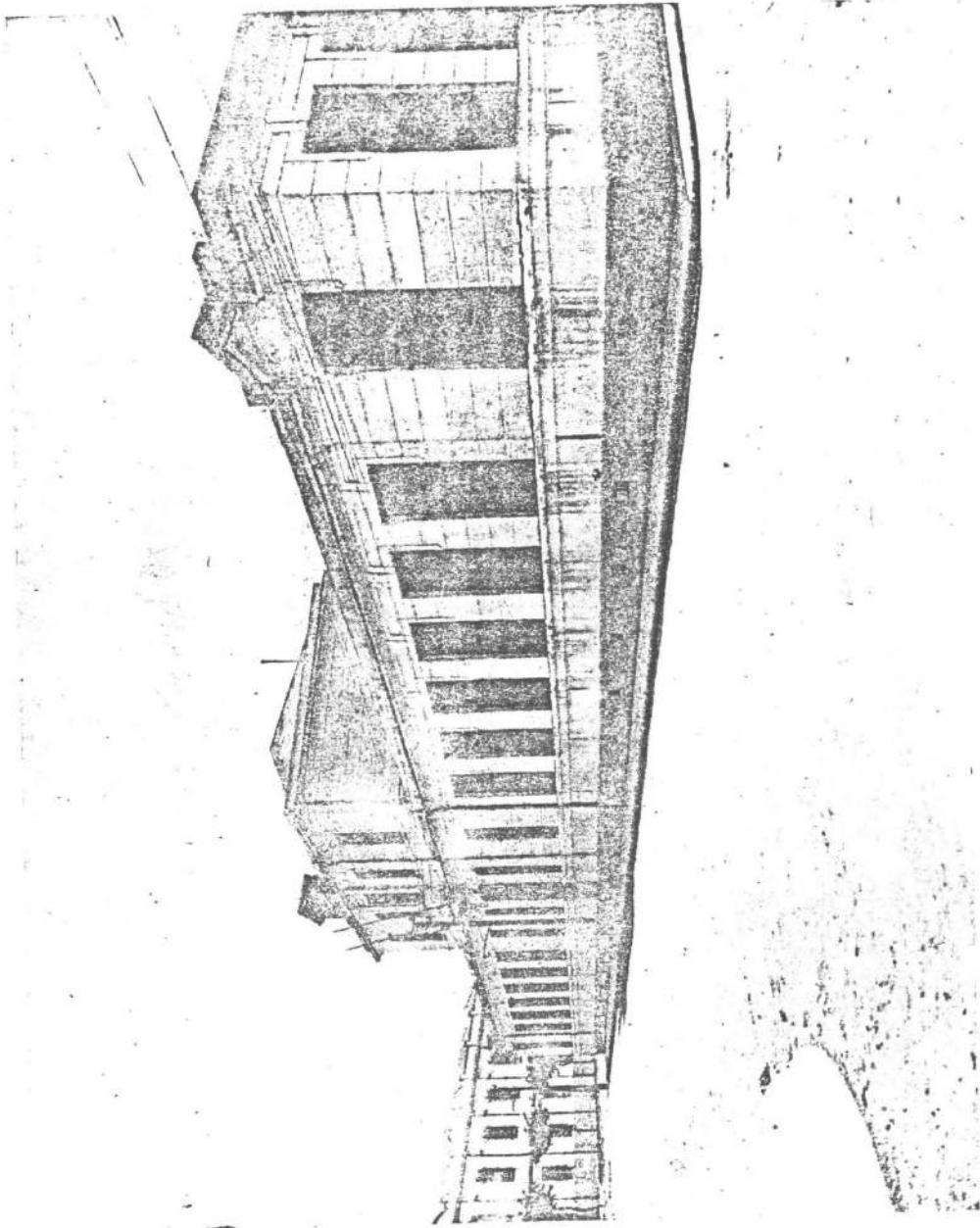
Abdomen { Conformação
 { Orgãos internos

Olhos { Direcção Agudeza visual
 { Palpebras Conjunctivas
 { Cornea Globo ocular

Ouvidos { Agudeza auditiva Ore ha
 { Conducto auditivo

Nariz { Aspecto externo Fossas nasaes

294/61



Magnifico prédio do Jardim da Infancia, onde as creanças de 4 a 7 annos, filhas dos operarios, permanecem durante as horas em que estes trabalham na fabrica.

A pella, consagrada a S. José, é simples e piedosa; prima pelo assento.

Consagrada em estylo gothico, possui bom mobiliario e está provida de alfazedas condizendo com a sublimidade do culto catholico, tem o necessario para as grandes solemnidades, como a Semana Santa, que se tem fazendo com esplendor e piedade todos os annos.

O altar principal é de marmore; existe mais um altar consagrado a Virgem Santissima. A capella possui confessionario, pia baptisimal, precelegio concedido pelo Metropolitano ou morant na Villa e optimo harmonium. O

295
29

Modelo das Fichas do Jardim e do Grupo Escolar

Traz Cabellos.....
 Physionomia Desenvolo. physico.....
 Nutrição
 semestre { 2.º semestre {
 lar
 maxico { Inspiração maxina
 { Expiração " Índice.....
 ido.....
 Cabeça.....
 Thorax.....
 Col. vertebral.....
 Omoplatas.....
 Extremidades.....
 Glandula thyroide.....
 Ganglios.....
 Conformação.....
 Orgãos internos.....
 Agudeza visual.....
 Palpebras..... Conjunctivas.....
 Corneca..... Globo ocular.....
 Agudeza auditiva.....
 Cond. auditiva.....

Modelo das Fichas do Jardim e do Grupo Escolar

Nariz { Aspecto externo..... Fossas nasales.....
 Garganta { Uvula..... Amígdalas.....
 { Adenoides..... Pharynge.....
 { Voz..... Phonação.....
 { Aboboda palatina..... Lingua.....
 Bocca { Dentes.....
 App. respiratorio.....
 App. cardio vascular.....
 Systema nervoso.....
 Observaç. pedagogicas { Attenção.....
 { Memoria.....
 { Intelligencia.....
 { Comportamento.....
 Exames biologicos { Mucos nasal.....
 { " naso pharyngeano.....
 { Fezes.....
 { Urina.....
 Observações.....

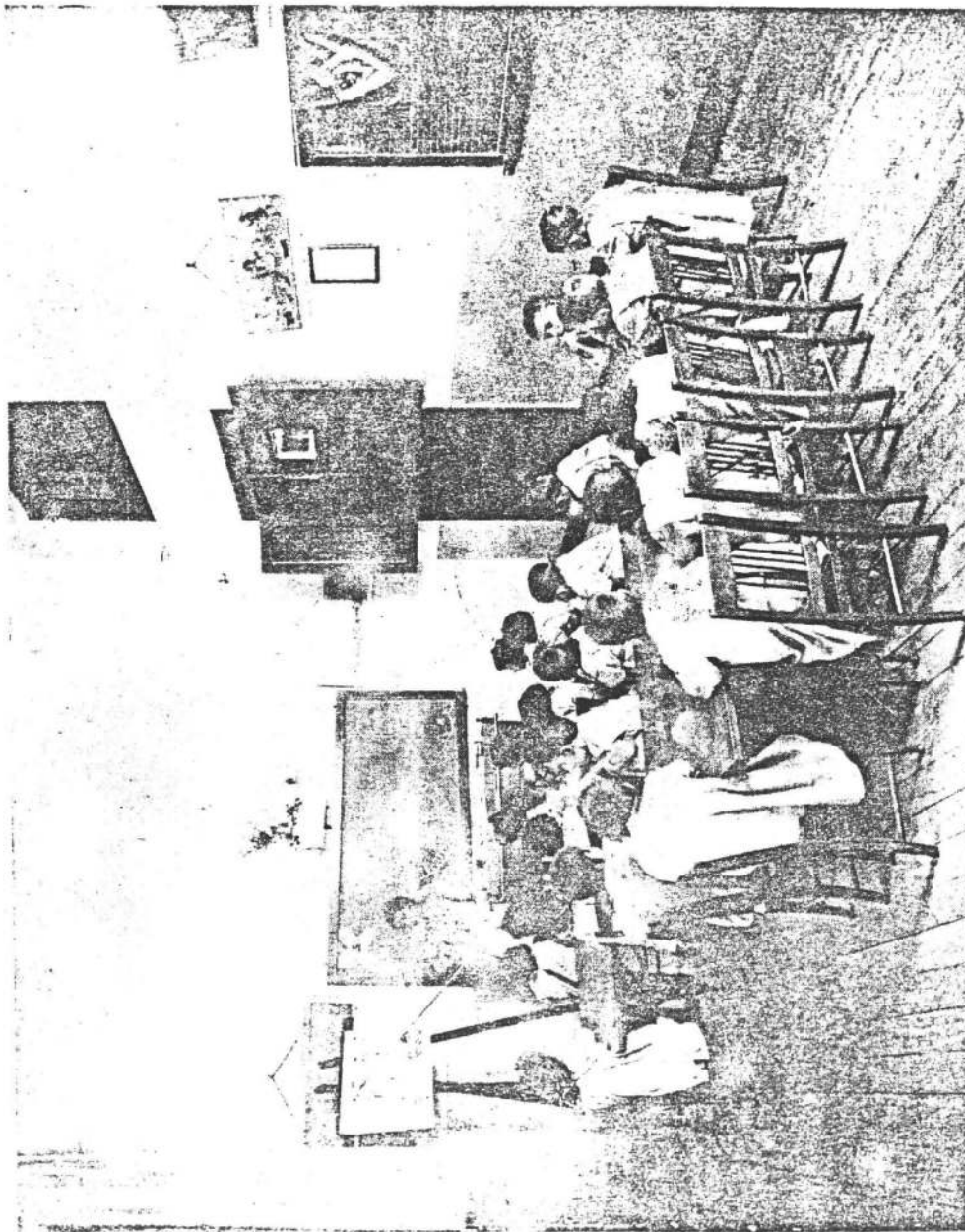
296
21

total das comunhões recebidas pelos operários 24 por ano, com a meta anual de 2.000, tendendo sempre a aumentar.

ANÇAS

As crianças do Jardim da Infância uma vez por semana, vem à capella rezar e ali cantam hinos sacros a Maria Santíssima e a S. José.

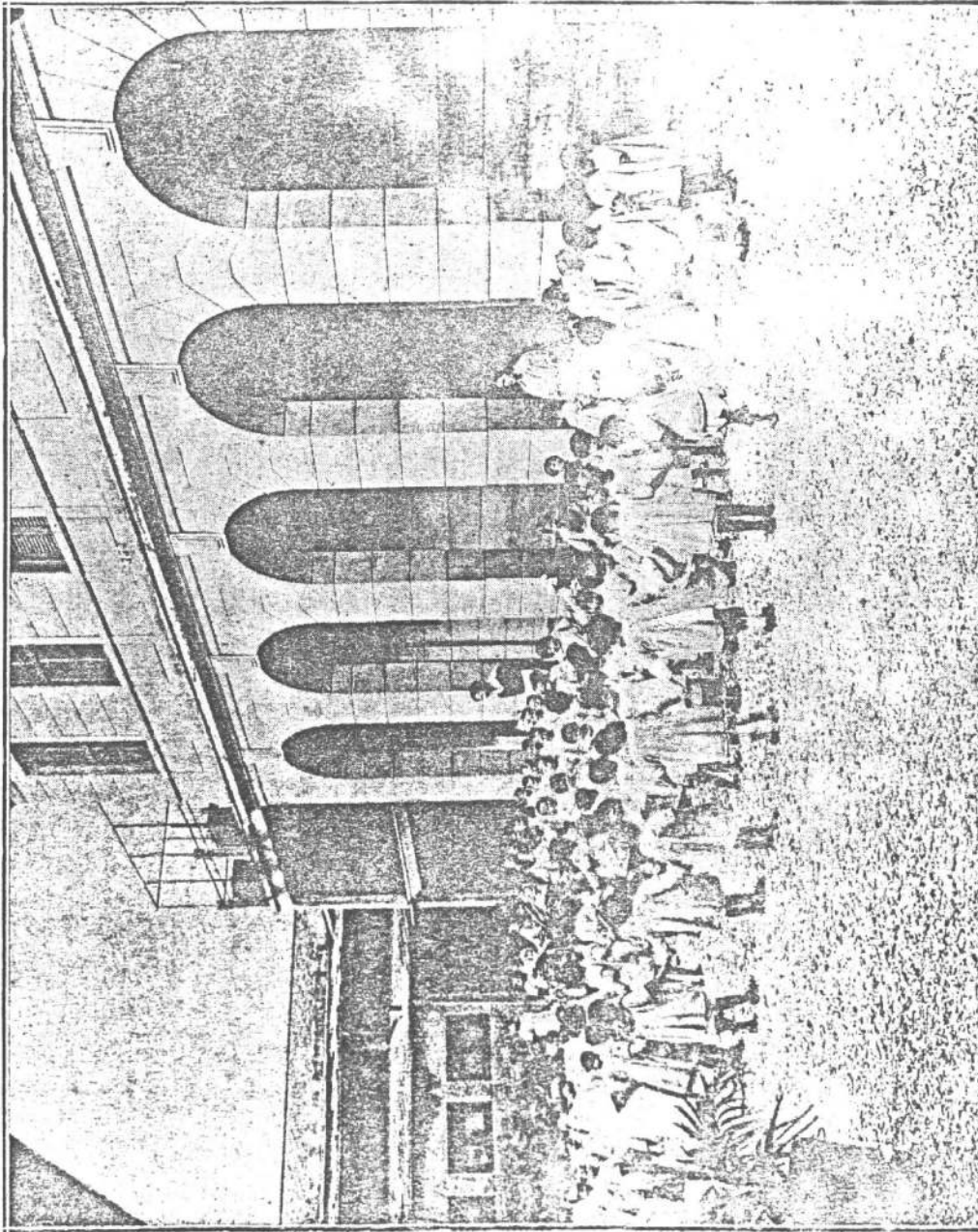
Em seguida o capellão dirige-lhes a palavra, dirigindo a doutrina christã por meio de quadros e historias. Estas crianças de idade de 4 a 7 annos recebem lições de catechismo, dadas pelas irmãs nas classes. Ha uma vez por anno a consagração das



Sala n. 1 do Jardim da Infancia, onde funciona a classe das crianças de 6 a 7 annos.

297
cb/

993



San-
-cons-
-me.

DLAR
canças
do ca-
-cebam
-rução
-vor se-
-ne são
-uchun-
-ocur-
-os dois
-da-
-umero
-elas li-
-unhão
-de 60
-e estas
-acrisfi-
-e dias
-o of-

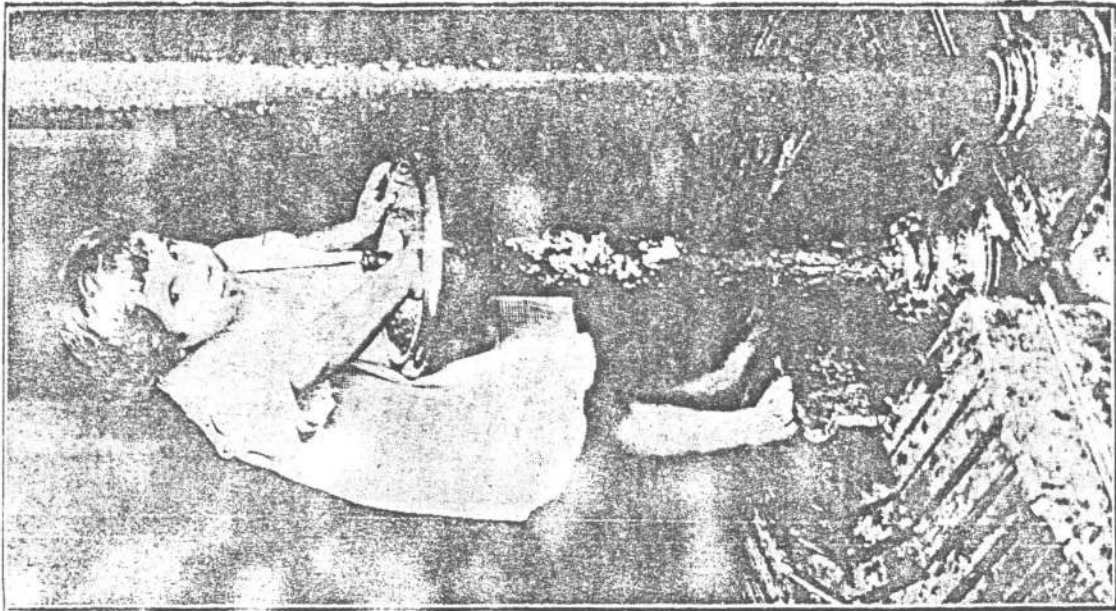
As borboletas mímicas saltitam no palco interno do Jardim da Infancia.

UNIÃO DE MOÇOS CATHOLICOS

Em boa hora, fundou-se aqui a União. São os moços em numero de 100 tem pequena bibliotheca com 200 e poucos volumes de leituras amenas, sala de jogos licitos; billar, ping-pong, xadrez, etc. e uma sala de conferencias, corpo secunco; foi a 1.ª fundada no Estado de S. Paulo.

A União festeja as datas patrias: 13 de Maio, 7 de Setembro, 12 de Outubro e 15 de Novembro, havendo conferencias e uma parte recreativa. Fundaram estes jovens a associação de escoteiros catholicos e concorrem com uma esportula mensal para a conferencia de S. Vicente de Paula e mantem uma aula primaria, bem frequentada.

Organisaram uma liga a favor da moralidade e defendem desassombrada-



Instantaneo de uma criança bebendo durante o recreio no Jardim da Infancia

ficio cantam e ouvem uma pratica de 10 minutos no maximo. Duas vezes por anno ha a 1.ª communhão com uma media de 60 creanças cada vez. Estas creanças aprenderam a missa de ANGELIS que foi recitada duas vezes. Feste a festa das creanças, com muito brilho, no mez de Maio.

CATECISMO

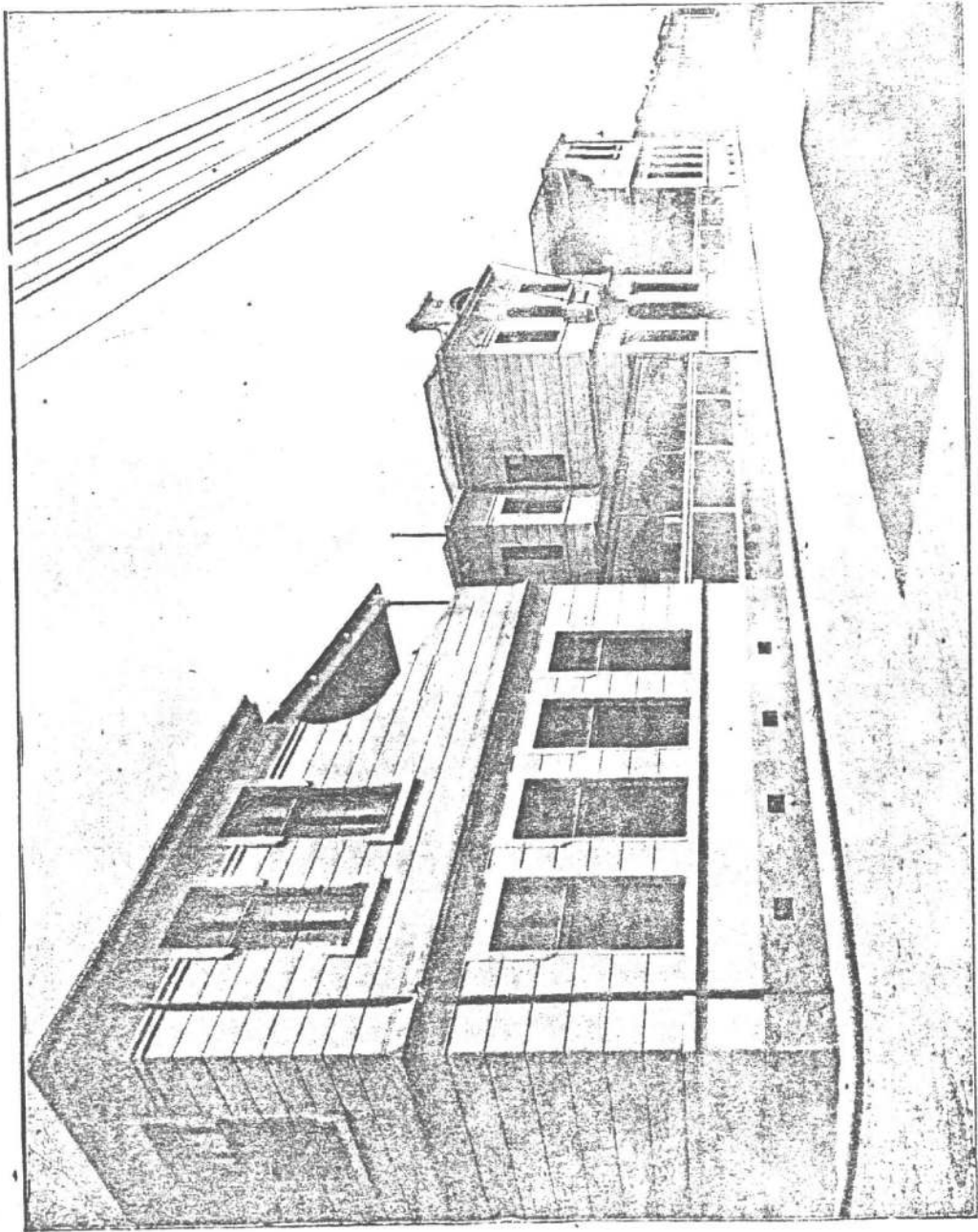
D. DUARTE

Ha tambem um catecismo dedicado as creanças alheias as escolas da Com-munidade, e bem frequentado. Está confiado á solidão das Irmãs.

VICENTINOS

Existe nesta instituição a conferencia dos vicentinos, dedicados, verdadeiros apóstolos, tomam conta cada um de 2 familias;

300/01



Judi-
ção do
nto a
, de-
dia, e
le tra-
struc-

AÇÃO

da dia,
iro do-
m que
, São
e 5 ze-

S. Co-
refiro,
necerra-
ramen-
nia da

Hygicnico e elegante prédio, onde funcionam 10 classes escolares, em tres periodos : manhã, tarde e nocturno.

CRUZADA EUCARÍSTICA

O Rev.^{mo} Sr. Capellão
coo o meio de perseverança
das crianças que fazem a
primeira comunhão, fun-
dou a "Cruzada Eucharis-
tica" com ótimo resul-
tado.

É um meio eficaz de
co obter as virtudes da
paçã, da obediência, la-
docidade, etc. nos cora-
ções das crianças que Nos-
so Senhor tanto ama.

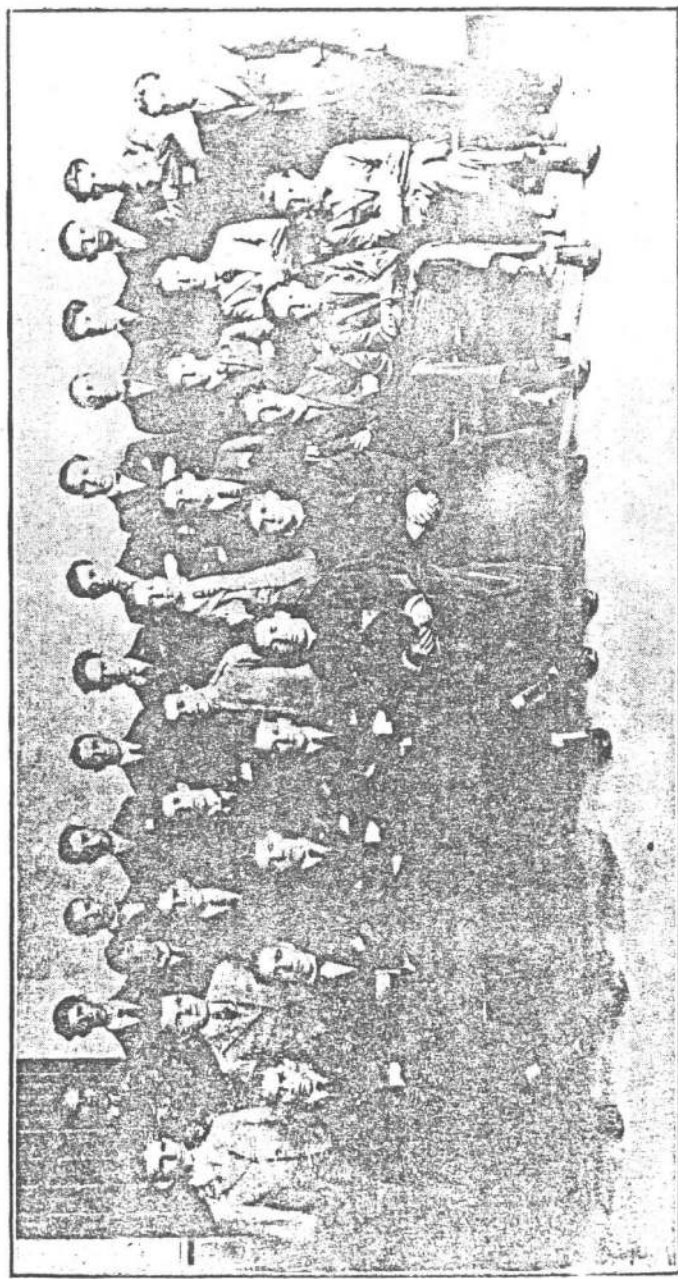
Crecedo dentro deste
ambiente, os meninos, de
hoje, serão os honestos
operários de amanhã.

Os cruzados têm seu
belo estandarte e fazem a
comunhão frequentemente
e, diversos quotidianam-
ente, se aproximam da
meza eucarística.



Uma das aulas do 4.º ano do período da tarde.

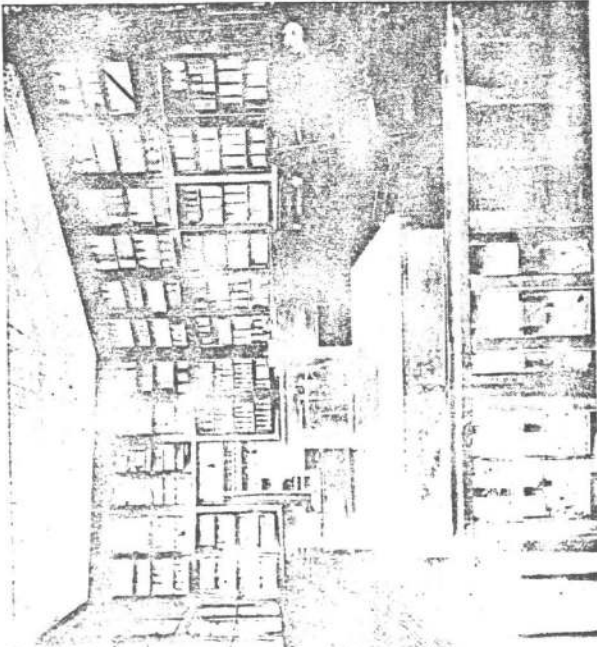
301
col



A primeira União de Moços Catholicos, fundada no Estado de S. Paulo, em 23 de Agosto de 1922

capri-
bailles,
em pu-
ageria
arcone
tados e
fugillo
1, estu-
bras co-
sino de
reancas
opagen-
1 e tra-
te. Es-
as ob-
sas no
nel p.

res Re-
garam.
as san-
nte 12



As creanças da Creche e do Jardim da Infancia são dados gratuitamente, e assim as ferramentas para os operarios examinados pelo medico da Companhia.

endo 2.º com-

MEDICO

panhia, a par do ritual, que deseja rarios e seus fi-er, tambem, para em corporal. Man-consultorio e ga-medico para os ca-illa Scarpa um cli-está prompto pa-nder methodica e osamente os ope-nessitados em r hora do dia ou da s ordens deste me-tá um enfermeiro

PHARMACIA

Ao lado do gabinete está a pharmaceutica e auxiliares. Ali se aciam as receitas dos operarios a preço minimo, sendo que os remedios applicados pelo medico da casa ás creanças da creche e jardim, são distribuidos gratuitamente.

HOSPITAL

Não possuindo a Companhia um hospital proprio, mantem contracto com um dos principaes da Capital, onde ás suas expensas mantem o enfermo que, ainda, recebe a meação diaria, quando a doença é

causada por accidente do trabalho.

GABINETE DENTARIO

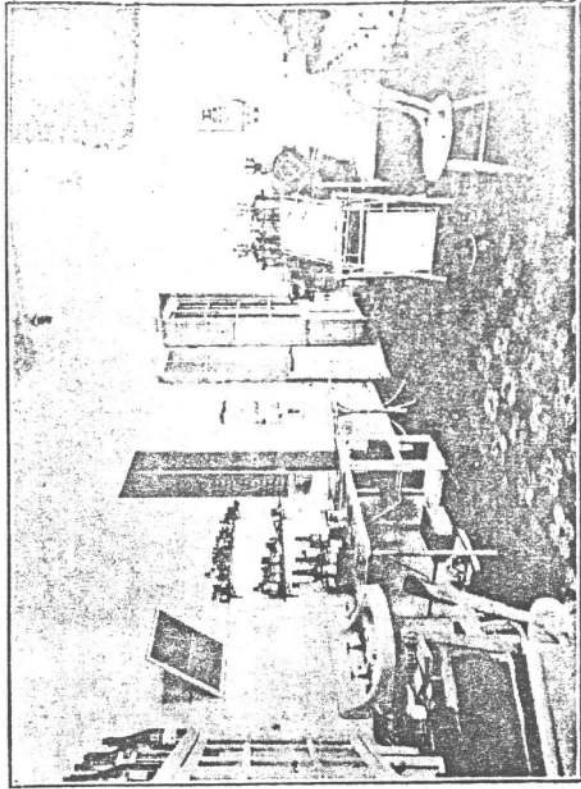
Existe um gabinete dentario que sob a responsabilidade de habil cirurgião, serve aos operarios, satisfactoriamente, e a tabella de preço commodo. O dentista é obrigado, pelo contracto, a tratar, gratuitamente nos casos urgentes, das creanças do Jardim e do Grupo Escolar, bem como attender as religiosas, cobrando-lhes só o correspondente ao material empregado.

LABORATORIO

Para que melhormente sejam servidos os operarios da Companhia, esta mantem um laboratorio chimico onde se fabricam ampolas que são vendidas, com grande redução de preço.

MUSICA

Após o trabalho é preciso recrear o espirito. Eis porque a Companhia organizou uma boa fanfarra com trinta figuras, instrumental de primeira ordem, fardamento, etc.



Gabinete medico destinado aos curativos e pequenas intervenções cirurgicas.

303
C.P.

manha, formou-se pela Escola Politécnica de São Paulo, na qualidade de engenheiro mecânico e eletricitista, possuindo também certificado oficial de contador. Dedicou a sua atividade especialmente em empresas de serviços de utilidade pública, no fornecimento de energia elétrica, transportes coletivos, estradas de ferro, abastecimento de água e serviços de egotos e telefones. Na São Paulo Light and Power Company, Limited, ocupou diversos cargos técnicos e de administração, tendo sido, por mais de 12 anos, o superintendente-geral daquela Companhia, e posteriormente, o seu vice-presidente executivo. Foi sócio fundador do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT), e foi seu vice-presidente durante um exercício, quando assumiu a presidência em virtude de viagem prolongada do presidente.

Presentemente, o dr. Odilon de Souza ocupa o cargo de vice-presidente da São Paulo Light & Power Co. Ltd., vice-presidente da Companhia de Eletricidade São Paulo e Rio, vice-presidente da Companhia Brasileira Administradora de Serviços Técnicos (COBAST), vice-presidente da São Paulo Electric Co. Ltd., sendo também presidente de mais seis sociedades anônimas fornecedoras de eletricidade no interior do Estado de São Paulo.

É ainda diretor da São Paulo Alparagatas S/A., presidente do Conselho Consultivo da Metalurgica Matarazzo S/A., membro do Conselho Consultivo da Metalgráfica Brasileira S/A., membro do Conselho Consultivo do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, membro do Conselho Fiscal do Banco Francês e Italiano para a América do Sul S/A., e ainda membro do Conselho Estadual de Energia Elétrica.

STREET, JORGE — Denominaram-no, "poeta da Indústria"; para outros, porém, era um "industrial socialista". Ambos os apelidos, entretanto, estavam certos, porque somente um socialista, na elevada expressão do termo, faria tanto pelos operários quanto a ele fez, e somente um lírico, um poeta, avançaria tanto num terreno desconhecido entre nós, quanto ele avançou. Mas, na realidade, ele foi um precursor, um homem que avançou sobre seus contemporâneos na compreensão e tentativa de solução dos problemas sociais decorrentes da luta entre o Capital e o Trabalho, problemas hoje encarados por nossas leis trabalhistas e que dia a dia vão alargando, encontrando sua consagração definitiva, justa e humana.

Nasceu em 22 de dezembro de 1863, tendo feito seu curso de humanidades na Alemanha. Continuando seus estudos no Brasil, formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Voltou, em seguida, à Europa, em viagem de estudo, percorrendo vários centros científicos.

Dedicando-se às atividades industriais, adquireu e dirigiu as fábricas "São João" e "Rinaldi", no Rio de Janeiro. Transmigrando-se para São Paulo, aqui fundou as "Fabricas "Maria Zelia", "Santiana" e "Santa Cecilia", onde realizou sua meritória obra de assistência social.

Perdendo tudo nos negócios, por não ser um egoísta que só pensava em si, exerceu o cargo de diretor geral do Departamento Nacional de Indústria e Comércio, do Ministério do Trabalho, e posteriormente o de diretor do Departamento Estadual do Trabalho, e finalmente o de consultor técnico da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, do qual foi fundador e fez parte da sua primeira diretoria. Faleceu pobre, em nossa Capital, em 23 de dezembro de 1939, deixando numerosos descendentes e a viúva, d. Zella Frias Street, que tanto o ajudara na obra social que levava a efeito.

Este era o homem que pode ser considerado como precursor da assistência social a trabalhador entre nós, o pai que anteviu aquilo que hoje é o SESI.

TANHAUSER, CARLOS — Industrial. Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a 28 de outubro de 1889.

Fez seus estudos no Colégio Alemão de Porto Alegre, e estudos de especialização na Alemanha. Foi, secretário, presidente e conselheiro da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (1932-1940). É atualmente, diretor presidente da Tanhäuser S. A., Artelatos de Tecidos, membro do Conselho Regional do SESI, e diretor da Associação Beneficente e Educacional de 1858. (Fonte: 184).

TARQUINIO, LUIZ — Nasceu em Salvador, Bahia. Iniciou sua carreira na firma inglesa Bruderer & Cia., importadora de tecidos, como caixeiro.

Com a prática adquirida nesta firma, Luiz Tarquinio construiu a Fábrica de Boa Viagem, que ocupava cerca de 20.000 m², para a qual adquiriu máquinas da Inglaterra, Alemanha, Bélgica e Estados Unidos e empregou pessoal especializado.

Foi, ainda, o fundador da Avenida da Graça, do Empório Industrial do Norte e da prodigiosa Vila Operária.

Esta Vila Operária era constituída por residências que ocupavam quase 22.000 m², escola, praça de esportes, hospital, creche e outras assistências sociais. Mandou publicar a professora norte-americana Ana Chippney, a quem entregou a direção desta escola (Escola Ruy Barbosa).

Estas obras pelo "bem-estar social" e pelo desenvolvimento da industrialização do Brasil, surpreenderam muito nos fins do século XIX.

TORRES, JAYME — Industrial. Nasceu em São Paulo (Capital) a 7 de maio de 1903. Fez seus estudos na Faculdade de Engenharia. Foi Diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, Diretor do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, Presidente do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos e Diretor da Associação Comercial de São Paulo. Atualmente é superintendente do Laboratório Torres S/A., Diretor-presidente do Instituto Cognominatório Paulista S/A. e Diretor do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos de São Paulo (fonte: 184).

TRUSSARDI, PAULO — Industrial. Nasceu a 3 de fevereiro de 1907, em São Paulo.

Fez seus estudos no Inst. Concordia em Zurich (Suíça) e no MacKenzie College em São Paulo.

É diretor da firma Industrial Trussardi S. A., da Commercial Trussardi S. A., da Fabbrica S. Mathias Ltda. e do Banco da America S. A. (fonte: 184).

TRUSSARDI, ROMEO — Industrial. Nasceu a 10 de Janeiro de 1902, em São Paulo.

Fez seus estudos no Ginásio S. Bento e no MacKenzie College.

É diretor-Superintendente da firma Industrial Trussardi S. A. e diretor da Fabrica S. Mathias Ltda. (Fonte: 184).

VASCONCELLOS, DÉCIO FERNANDES — Industrial. Nasceu em Santos (Estado de São Paulo) a 4 de fevereiro de 1906. Fez seus estudos no Ginásio Anglo-Americano e no George Washington University (USA). Atualmente é titular da firma S. F. Vasconcellos — Fábrica de Instrumentos Ópticos. (Fonte: 184).

VIDIGAL, ALCIDES DA COSTA — Advogado. Nasceu em São Paulo (Capital) a 1 de agosto de 1895. Fez seus estudos no Ginásio São Bento e na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Foi fiscal do Ginásio de Comércio (Estado de São Paulo), Inspetor-geral dos Bancos, Diretor da Sociedade Construtora e do Instituto S/A., Presidente da Fábrica de Tecidos Lular S/A., Superintendente da Sucursal de Ca. de Santos, Minas, Pará, em São Paulo, Secretário da Comissão Executiva do Contorno do Ouro e Presidente da Caixa Econômica Federal de São Paulo. Atualmente é Presidente da Indústria dos Arqueólogos de São Paulo, Membro do Tribunal de Ética da Ordem dos Advogados Superintendente da Cia. Brasileira de Materiais (Ferrovia), Vice-presidente da Cia. Industrial São Paulo, Diretor-presidente da Firma Construtora da Imóveis S/A., Casa Bancária, Presidente da Cia. Agrícola Prado Comissária e Extrativista S. A.

às vezes mesmo em simulação que foi essa obra, realmente em 26 cidades espalhadas no Brasil, só os trabalhos em toda sua extensão, com as dificuldades de nossa necessidade, em cada local, meticolosamente e recorrendo a materiais disponíveis o maior proveito possível na realização dos trabalhos em São Paulo e passou a interessar-se por indústrias, como a Companhia de Artefatos de Cobre, a etano, a Companhia Intenai presidente e vice-presidente Nacional da Indústria e Centro das Indústrias, presidido de São Paulo, presidente de Construção Civil de S., além de reintroduzir suas atividades governamentais, coligadas de Comércio Exterior, Imposto Sindical, Conselho Nacional do Estado de Política Industrial etc. Foi deputado pertencendo ainda às Aca- Brasileira de Letras, bem tributos nacionais e estranhas a recebeu varias condecorações do exterior. Foi membro da Associação Brasileira enviada em 1919 e representante do Brasil Internacional dos Indústrias de Paris. O SENAI realizações suas. Era colaboradora científicas de renome.

Seu nome como leader avia transposto as fronteiras, projetando-se no campo industrial suas ideias sobre a desenvolvimento dos países fracos haviam conquistado S. Ao falicer, em 25 de janeiro proferiu, na Academia de Letras, o discurso de saudação ao "aul Van Zelman, ocupava o cargo de republicano, para 5 anos antes.

HO, ROBERTO — Engenheiro. Universidade de São Paulo, onde se especializou na Engenharia, presidente da Cia. Paulista de Construtora de Santos, presidente da Sociedade Têxtil JOYAMA. É ainda diretor. (Fonte: 240).

IN DE — Tendo feito os estudos no Brasil e na Alemanha, foi diretor da Cia. Paulista de Construtora de Santos, presidente da Sociedade Têxtil JOYAMA. É ainda diretor. (Fonte: 240).

de óleo de algodão, inter, Essa operação inspirou a lutro sub-produto da semente, uma fábrica de sabão para não exigia quantidade substancial, o qual por sua vez servia estearina e glicerina e foi impresa de velas e refino de era necessário encaixotar e colocá-los nos mer- montadas as serrarias (S. Paulo se desdobraram na cons- s. As serrarias exigiram pre- tados; por isto foi criada a artigos que se desenvolver,ecer aos mercados nacionais, diante que os óleos exigiam se uma metalúrgica, com todos os tipos de envolveros

o montaram, ainda, usinas, bricas de tintas e vernizes, te pequena metalúrgia, ouricuri, o amendoim, o mi- as madeiras, essências de carvão de algodão, a cana, o aço, o cimento, o pe- ras outras matérias primas, rupo. Matarazzo consumido- a sua possante organização bricas em vários estados do

las empresas Matarazzo, erça de 15 milhões de cru- i ocupada pelas suas fabri- damente de 2 milhões de- noperários, 3 mil funcioná- licos. Possui uma frota de imotivas com 200 vagões e torizados, para o transpor- culos.

O NETO, FRANCISCO — Nceu a 29 de janeiro de ulfo (Capital). ados no Colégio S. Luiz, na rbaria Madcentzie e na Es- l de S. Paulo, onde se for- Foi presidente do Centro rício Lame, 1932. Foi di- nente da Metalúrgica São e Usina Siderúrgica S. Jo-

e do S. Paulo Golf Club. É cário Técnico de Francis- Neto, tendo realizado nume- engeraria civil. Tem o fi- S. Paulo. (Fonte: 184).

O. JOSÉ — Industrial. Nas- lo (Capital) a 9 de abril de uchos no Instituto Alexandre na Oswald Cruz e Institu-

to Comercial do Rio de Janeiro. É técni- co em instalações hidráulicas sanitárias ci- vis habilitado pela R.A.E. de São Paulo. É fundador e foi secretário-geral do Sin- dicato da Indústria de Fumalaria de S. Pau- lo, do qual é atualmente presidente, sendo também sócio e gerente-técnico da firma Indústria e Comércio Sitage Ltda. (Fon- te: 184)

MELLO, LIVIO — Industrial. Nas- ceu em S. Paulo (Capital) a 3 de agosto de 1911. Fez seus estudos no Instituto Ale- xandre Mazoni e Ginásio do Estado, e o curso superior na Escola de Comércio "30 de Outubro", onde se formou contador em 1938. É Diretor Comercial da Bralor, Di- retor-superintendente da Ciclume S. A., e Secretário do Sindicato dos Fabricantes de Móveis de Madeira do Estado de S. Paulo. (Fonte: 184).

MELLO, LUIZ BRITO BEZERRA DE — Industrial e comerciante. Nasceu em Re- cife, a 1 de Maio de 1914. Fez estudos ginásiais no Colégio Nobrega e curso ves- tibular, em 1930, para Química Industrial e, em 1933, para Engenharia. Estudou na Inglaterra no Pannal Ash College (Harro- gate), e no College of Technology, espe- cializando-se em Fiação e Tecelagem e, na Alemanha, dedicou-se a estudos de Tintu- raria e Estamparia nas indústrias I. G. Far- ben. Desde 1933, que-participa das orga- nizações Othon L. Bezerra de Mello, ocu- pando o cargo de Diretor das Firmas, Othon L. Bezerra de Mello & Cia Ltda., Cotonif- ício Othon Bezerra de Mello S/A, Cia. Fiação Tecelagem Bezerra de Mello, Othon Bezerra de Mello Fiação e Tecelagem, Cia. Textil Othon Bezerra de Mello, Cia. Luz e Força Hulha Branca, Cia. Açucareira de Santo André do Rio Una, Cia. Brasileira de Novos Hotéis, Restaurantes Brasileiros Ltda., Cia. de Seguros Riachuelo e Cia. Pernam- bucana de Terrenos. Exerceu o mandato de presidente do Sindicato Patronal de Fia- ção e Tecelagem de Malharia de Pernambuco e é Consul Honorário da Colômbia em Recife. (Fonte: 184).

MELLO, OTHON LYNCH BEZERRA DE — Nasceu em Limoeiro. Distinguiu-se em literatura e em comér- cio e indústria, herdando o entusiasmo de seu pai, o coronel José Clementino Bezerra de Mello, de cuja iniciativa foi a E. F. Re- cife-Limoeiro. Praticou jornalismo e escreveu nos jor- nais: "Jornal Pequeno", "Diário de Pernam- buco", "O Jornal", "Diário da Noite" e "O Estado de S. Paulo". Criou prêmios literários que são distri- buídos pelas Academias de Pernambuco, Alagoas e Minas Gerais e outros prêmios na Faculdade de Ciências Econômicas de

Pernambuco e na Escola "Álvares Penteado" de S. Paulo. Construiu e manteve Asilo Bom Pas- tor em Pernambuco e outros serviços de assistência social. Com apenas 25 anos organizou a primei- ra empresa, a Othon Bezerra de Mello & Cia. Ltda. Criou o Cotonifício Othon Be- zerra de Mello S. A., com o conjunto de 4 fábricas de tecidos. Fundou a Cia. Fiação e Tecelagem em Sto. Aleixo (Estado do Rio) e a Fábrica de Tecidos Maria Amália, em Curvelo (Minas Gerais); adquiriu e reorganizou uma das mais antigas fábricas de tecidos do país, a tradicional Fernão Velho, em Maceió. Or- ganizou a Cia. Açucareira Sto. André do Rio Una, e reorganizou a Cia. Luz e Fór- ça Hulha Branca (Minas Gerais), quadru- plicando a capacidade de sua principal uni- dade, a Usina do Parauna.

Viava muito e aborrecendo-se com a nossa situação hoteleira, fez surgir a Cia. Brasileira de Novos Hotéis, construindo o Aeroporto Hotel, Hotel Castro Alves, Ho- tel Olinda, Hotel Lancaster, Hotel Califór- nia e o Hotel S. Paulo. Embrenhando-se pelo setor imobiliário, loteou terrenos e construiu edifícios, pala- cetes, residências e casas para operários em São Paulo, Rio, Fernão Velho, Petrópolis, Interior de Pernambuco, Estado do Rio e Minas Gerais.

Para completar sua obra, criou ainda a Cia. de Seguros Riachuelo. **MILANI, JOSÉ** — Imigrante italiano, com- meçou fabricar sabão de lavar roupa num pequeno tacho em Valinhos, cuja produção era de 100 kg. Isto foi a origem da atual Cia. Gessy Industrial. José Milani ampliou a sua indústria au- mentando o n.º de tachos e assim a sua pro- dução. Passou a fabricar, além do sabão de la- var roupa, sabonete, creme dental, creme de barba, talco, óleo para cabelo, brilha- ntina, sabão em flocos e também glicerina, tornando-se um dos maiores fornecedores do Brasil de glicerina para as fábricas de munições do exército. Instituiu equipes de revendedores, gastou uma fortuna em propaganda e conquistou o mercado brasileiro. Cerca de 1300 pessoas dependem da fáb- rica de Valinhos, que, em menos de 50 anos, tornou-se no gênero, uma das princi- pais firmas da América Latina.

Este progresso atraiu concorrentes estran- geiros, mas isto não abateu os sucessores de José Milani: Adolfo Milani e José Milani Jr., que herdaram o entusiasmo do pai e reequiparam a organização, deram-lhe má- quinas modernas e sobreviveram magnifica- mente. Anteriormente, haviam trabalha-

do com o pai: um como espaço de assisten- te e outro vinculado pelo interior paulista, sem nenhuma propaganda, naquela época. Muita gente pensava que os produtos Gessy eram de origem francesa. Por isso os Milani passaram a fazer propaganda, salien- tando o caráter 100% nacional de suas ma- nufaturas.

Com os sucessos obtidos, passaram a fa- zer aplicação dos lucros em outras tarefas, como uma moderna vila operária e a Fun- dação José Milani (10 milhões de cruzeiros), para oferecer assistência social completa para oretor, assistência social completa te, clube e outras diversões. E mais recentemente, demonstraram seu reconhecimento a 4 antigos empregados (20 anos de serviço), nomeando-os diretores.

MILANI JUNIOR, JOSÉ — Industrial. Nasceu em Valinhos (Est. de S. Paulo) a 30 de Julho de 1898. Fez seus estudos na Escola de Comércio "Bento Quirino" de Campinas. Atualmente é Diretor-superintendente da Companhia Gessy Industrial. É autor da obra: "A Cul- tura do Tungue no Brasil". (Fonte: 184).

MOLINARI, AMLETO — Industrial. Nas- ceu em S. Paulo (Capital) a 3 de janeiro de 1908. Foi fundador da Tecelagem de Seda Sun- ta Gema. Atualmente é proprietário da Tipografia Grafartis, diretor-comercial da Indústria de Vidros M. S. da Avenida Lida e diretor da Sociedade Paulista de Imvelicos- cia Três de Maio. Sício do Centro de In- dústrias do Est. de S. Paulo e do Sindicato das Indústrias Gráficas e do Palmtears. (Fonte: 184).

MONTESANO, ANTONIO — Industrial. Nasceu em Mococa, Est. de S. Paulo, a 29 de outubro de 1890. Fez seus estudos no Ginásio S. João, e o curso de Contabilidade e Químico na Es- cola Prática de Comércio em 1914. Foi Delegado do "Congresso em Defesa do Pro- duto", realizado no Rio de Janeiro, de- lado do "Congresso da Paz", realizado no Rio de Janeiro, Porto Alegre (Est. do Rio Grande do Sul) e S. Paulo, Diretor Técnico da "Fonte Santa Angélica" S/A, em Serra- caba (Est. de S. Paulo). É Presidente da "Cruzada da Paz", seção de Mococa, Dire- tor da Cruzada Municipal da Paz, e Tesou- ro das Indústrias de Belém "Drafin". Realiza "Trabalho sério faz" no setor so- cial e intelectual, contatando com a cooper- ção de pessoas de proeminência no campo po- lítico, militar e religioso, trabalho esse, de repercussão internacional. Organizou "Con- fêrencias de Peças, Tratado" e "Comunhas de Público". É autor da obra: "Os Ventos da Paz" e "Licença Brasileira". Realizou 30 conferências em todos os bairros de São Paulo, sobre os "problemas da Paz" e dos

de Direito da Universidade de São Paulo em 1929. (Fonte: 1942)

OTTO ANTON ADOLF VON nasceu em Viena (Áustria), em 1902.

Estudou na Maria Theresianische Universidade de Viena, em Viena, em 1920. Foi gerente de fábrica e l'Europe Centrale, em Paris. Foi fundador e diretor de várias indústrias e comerciais: Importadora e Exportadora Brasileira, Franceling e Indústria; Modas Etam e Malhana de Lã; Indústria Malapens S. A. Publicou o trabalho científico "Der Ur", em 1941.

HERME HELMUTE — Comercial. Nasceu em Hamburgo, Alemanha, em 1920, a 7 de Maio. Parte do Ginásio na Alemanha no Aldridge College, superior na Faculdade Superior (Distrito Federal). Fez curso de engenharia, incluindo o de químico, para a firma James Maguire, ocupado na mesma diversidade do seu Diretor desde 1948. Criou a Cia. Importadora CISA (Diretor Comercial). É fundador da Química S. A., da qual é Diretor da Resina Orgânica. Orienta outras organizações e comerciais. (Fonte: 1941)

HERMÍNIO — Médico e Industrial. Nasceu em Serriãozinho, Estado de São Paulo, a 14 de março de 1916. Fez seus estudos na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e nas Universidades de Arkansas, Wisconsin e Cornell, dos Estados Unidos. Por Fellowship da fundação Rockefeller para estudo de Industrialização de Alimentos. É diretor presidente da firma Produtos Químicos Farmacêuticos e Dietéticos Locharid Ltda. Membro da Associação Paulista de Medicina. (Fonte: 1941)

LUPATTELLI, RAUL HENRIQUE — Industrial. Nasceu em São Paulo (Capital) a 19 de Janeiro de 1910. Fez seus estudos secundários no Ginásio Nossa Senhora do Carmo. Foi Diretor do Sindicato da Indústria de Vidros em 1934; do Sindicato dos Representantes Comissários e Importadores de Madeiras do Estado de São Paulo em 1939.

É Diretor do Sindicato da Indústria de Serenários; Representante e delegado da classe na FIEEP; Diretor da CIESP; sócio gerente da Vidraria Edmundo Lupatelli, e Diretor Presidente da Madeireira Nacional de São Paulo. (Fonte: 1941)

LUPION, DAVID WILLE — Industrial. Nasceu em Jaguariava (Est. do Paraná) a 8 de Janeiro de 1910.

Fez seus estudos no Colégio Santo Agostinho, Seminário Duilio Calderari, Ginásio Paranaense e Academia Paulista de Contabilidade. É Diretor-superintendente dos Laboratórios Wille Ltda. (Fabricantes do Alcolgin). (Fonte: 1941)

MACHADO, ARGEMIRO HUNGRIA — Comerciante, industrial e agricultor. Nasceu em São Paulo, a 27 de dezembro de 1917.

Fez seus estudos na Universidade de Moss, Bélgica, e na Escola de Economia e Finanças de Londres. Foi praticante na Brazilian Warrants de Londres (1918-1919); assistente de gerência dessa Empresa no Rio de Janeiro (1920-1922); gerente de café na praça do Rio de Janeiro (1924-1927). É atualmente, diretor da Cia. Nacional de Comércio de Café, diretor-presidente do Moiminho Fluminense S.A.; diretor-presidente da Companhia Sul Americana de Armazéns Gerais; da Cia. Industrial, Agrícola e Pecuaría de Itaipava; diretor da Panair do Brasil S. A.; membro do Conselho do Banco do Brasil; diretor da Cia. Propac, Murray, Simonsen S. A.; presidente da Camara Argentina de Comercio; presidente do Sindicato dos Moageiros de Trigo do Brasil; diretor da Sidney Ross; presidente do Gavea Golf and Country Club do Rio de Janeiro. (Fonte: 1941)

MACHADO, VICENTE — Nasceu em Castro (1860). Como Presidente do Estado (1904) fez o saneamento de Curitiba, instalando os serviços de água e esgotos. Arrendou para o Governo Estadual a Estrada de Ferro do Paraná, adquirida, pelo governo, à "Compagnie Generale de Chemins de Fer Bresiliens". (Fonte: 223)

MALUF, ALEXANDRE ISRA — Industrial. Nasceu a 14 de fevereiro de 1902, em Zahlié (Libano).

Fez seus estudos no Colégio Oriental de Zahlié, 1919. Chegou ao Brasil em 1920. Foi sócio-fundador da firma Sedas Maluf S. A.; da Sociedade Nacional de Sedas Ltda. 1925-35; da Tinturaria e Estamparia de São Suzano, 1929-37; da Fábrica de Arrefeletes de Malhas "Fama Limitada", 1939-45. É atualmente diretor-presidente da Tecelagem de Seda Columbia S. A. Distinguido com a Ordem do Mérito Libanês, 1948. É sócio do Sindicato de Malhanas e do Sindicato de Fiação e Tecelagem de São Paulo e da Federação das Indústrias de São Paulo. (Fonte: 184)

MARGHETTI, ERMANO — Industrial, metalúrgico, mecânico e contador. Nasceu em São Paulo (Capital) a 13 de outubro de 1907.

Fez o curso primário pelo grupo escolar "Pereira Barreto", o curso secundário pelo Liceu Coração de Jesus e o curso Superior

de Engenharia no Colégio Santo Agostinho, Seminário Duilio Calderari, Ginásio Paranaense e Academia Paulista de Contabilidade. É Diretor-superintendente dos Laboratórios Wille Ltda. (Fabricantes do Alcolgin). (Fonte: 184)

MACHADO, ARGEMIRO HUNGRIA — Comerciante, industrial e agricultor. Nasceu em São Paulo, a 27 de dezembro de 1917. Fez seus estudos na Universidade de Moss, Bélgica, e na Escola de Economia e Finanças de Londres. Foi praticante na Brazilian Warrants de Londres (1918-1919); assistente de gerência dessa Empresa no Rio de Janeiro (1920-1922); gerente de café na praça do Rio de Janeiro (1924-1927). É atualmente, diretor da Cia. Nacional de Comércio de Café, diretor-presidente do Moiminho Fluminense S.A.; diretor-presidente da Companhia Sul Americana de Armazéns Gerais; da Cia. Industrial, Agrícola e Pecuaría de Itaipava; diretor da Panair do Brasil S. A.; membro do Conselho do Banco do Brasil; diretor da Cia. Propac, Murray, Simonsen S. A.; presidente da Camara Argentina de Comercio; presidente do Sindicato dos Moageiros de Trigo do Brasil; diretor da Sidney Ross; presidente do Gavea Golf and Country Club do Rio de Janeiro. (Fonte: 184)

MARCHI, VASCO — Banqueiro e industrial. Nasceu em São Paulo (Capital), em 1896. Foi um dos fundadores do "Banco Popular Italiano", ocupou o cargo de superintendente, fundou o "Banco Nacional das Indústrias S/A" sendo superintendente do mesmo. Atualmente é vice-presidente do "Banco do Trabalho Italo-Brasileiro S/A". Sócio da firma "Grisanti & Cia." sócio gerente da "Territorial Urbana Soc. Civil", diretor da "Industrial Grisanti S/A.", diretor da "Empresa de Terrenos Cabucu", diretor da "Cia. União Cavense S/A." (Fonte: 184)

MATARAZZO, FRANCISCO — Chegou da Itália ao Brasil com 21 anos, como imigrante.

Começou trabalhar em Sorocaba, trocando mercadorias por animais e em 1890, fundou a firma Matarazzo & Irmãos, que deu origem à S. A. Ind. Reunidas Francisco Matarazzo de hoje.

As Empresas Matarazzo são constituídas dos membros da família Matarazzo e Francisco Matarazzo Jr. à frente da S. A. Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.

A sucessão dos empreendimentos de Matarazzo foi uma tarefa superintendente. Fundou a fábrica de farinha de trigo. Esta levou à montagem de uma indústria de salões e a indústria de sacos se transformou mais tarde também numa fábrica de tecidos populares, especialmente as chitas. Os desenvolvimentos da atividade têxtil levaram à compra de ações em caráter de suporte à fábrica de aproveitamento das sementes de algodão, instalando-as assim as primeiras

VIDRARIA SANTA MARINA — Foi fundada em 1895 pela iniciativa e pelo espírito empreendedor do coronel Antonio Prado e do dr. Elias Fausto Pacheco Junior, para o aproveitamento das excelentes áreas que acidentalmente descobriram em terrenos da varzea do rio Tietê, no bairro da Água Branca.

Começando a novel fábrica com um pequeno forno de vidro branco, logo depois foi montado outro em 1896, visando a fabricação de vidro verde para garrafas de bebidas, na média de 7 a 8 mil por dia. Em 1900, a pequena fábrica se amava a construir um terceiro forno, para produção de 20 mil garrafas em 24 horas.

Vencendo a prevenção então reinante contra o vasilhame nacional e afrontando crises econômicas periódicas, conseguiu afiliação a Vidraria Santa Marina impor-se aos consumidores locais, entre os quais o principal, na época, era a Companhia Antártica Paulista que, abandonando o uso da garrafa importada, passou a consumir a garrafa nacional, no que foi seguida pelas demais cervejarias.

Em 1903, a primitiva firma transformou-se em Sociedade Anônima, com o capital de Cr\$ 1.000.000,00, já sob o nome de Companhia Vidraria Santa Marina. A sociedade ampliou suas instalações, trouxe técnicos e operários especializados da França e, assim, aperfeiçoando a qualidade de seus produtos, logrou obter prêmios na Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro. Sua primeira diretoria era constituída dos senhores: conselheiro Antônio Prado, conde Asdrubal do Nascimento, Johann Künning e Brasília Montelero da Silva.

Desde essa data, seu desenvolvimento tem acompanhado o progresso sempre crescente do parque industrial do país, como atestam os números que passaremos a citar. Seu capital foi elevado para Cr\$ 5.000.000,00 em 26-2-25, para Cr\$ 7.500.000,00 em 15-4-41, para 55.000.000,00 em 7-2-45 e, finalmente, para Cr\$ 110.000.000,00 em 25-3-47. Seu faturamento anual, que foi de Cr\$ 1.253.927,50 em 1904, atingiu Cr\$ 162.197.925,80 em 1947. O número de operários, que era de 200 em 1896, passou a 2.000, em 1947. O consumo de energia elétrica, de Cr\$ 15.462,50 em 1904, passou para Cr\$ 1.788.782,60 em 1947.

Sua finalidade primitiva, de produtora de vasilhame para bebidas, estendeu-se, passando a produzir frascos para produtos farmacêuticos, produtos alimentícios (leite e conservas), perfumarias e tubos de ampolas.

Continuando na política de diversificação industrial, associou-se, em 1944, com

ura livre e podem ser es sem quebra, resistindo a funcionamento, e de- 1, que a qualidade a) ada fica a viver nos v- is de boa marca. Tem a fabricação de Goetze- alemã de peças, trabal- métodos alemães e au- ns de todas as experiên- dos progressos registra- a indústria alemã. Está iformações técnicas atuais equipamentos e técnicos

onal, no momento, deve de 9 milhões de anéis para substituição. Além fe-se estimar que quando as medidas oficiais de ição de automóveis com is no Brasil, teremos a rca de 2 milhões de -se apenas uma impor- 50 mil veículos, muito chades do país. O total issim, para 11 milhões ento, sendo que a sua b, significará economia le 2 milhões e meio de no que diz respeito ao terçado nacional, pode-se naverá falta de anéis de a VIBAR, embora no a trabalhando com a sua produzindo apenas por que pode fabricar, foi ecer em plena produção dia. Isso significa uma milhões, em ano de

rodutos da VIBAR pra- is, firmas que utilizam Brasil, desde as grandes Ford Motor Company, Bramator, Internatio- as pequenas oficinas or. Já existem em poder de cartas desses diver- testando a boa qualidade evuados verificados na 5 VIBAR.

trouco uma linha com- para cilindros, que, em quilgram fama sem pro- Brasil. Atualmente, de- da produção de anéis rio e à impossibilidade to de função (que uti- fornos elétricos) devida mo da energia elétrica, sente um tipo de cami- a utilizada nos motores 1, da série 7.

a Corning Glass Works e a Pittsburgh Plate Glass, ambas dos Estados Unidos, com- prando da primeira todas as patentes, pri- vilégios e assistência técnica. Entre essas patentes, inclui-se a universalmente conhe- cida marca "Pyrex".

O laboratório da Corning, onde são es- tudados e resolvidos os maiores problemas relativos à indústria do vidro, é considerado o mais bem aparelhado do mundo e os seus técnicos são chamados "os magicos do vidro". Espera a "Cia. Vidraria Santa Ma- rina" contribuir, com essa colaboração, pa- ra o maior desenvolvimento da indústria vidreira do Brasil.

No ramo de vidros para vidraças, a "Santa Marina", em 1906, foi a iniciadora de sua fabricação no país. A produção deste artigo durante anos atendeu ao mer-

cado nacional. Em 1924, porém, por di- ficuldades técnicas, ceidiu interromper essa produção.

Não abandonando, contudo, o programa de servir às necessidades do país em todas as modalidades de fabricação do vidro, a- sociou-se, em 1941, com a Companhia Vidreira do Brasil — "Covidra", para a constituição da Indústria Paulista de Vidro Plano, na qual se integram, mais tarde, a Pittsburgh Plate Glass Co. e a S. A. Vicox.

A Indústria Paulista de Vidro Plano, aparelhada com toda a técnica moderna e com um capital de Cr\$ 55.000.000,00, já está produzindo vidro para vidraças de óti- ma qualidade, satisfazendo às exigências do mercado brasileiro.



Acha-se localizado o conjunto em terreno todo murado, de 50.000 metros quadrados, sendo de 2.800 metros quadrados a área coberta.

A sociedade, constituída em 1948, tendo começado a funcionar as seções de refinação e sabão em 1950 e as demais em 1953, está cuidando com desvelo de um pomar junto da fábrica. Como se encontra o estabelecimento à margem do açude de Bodocongó, o que significa estar perto de água, utiliza a água de refrigeração das máquinas em irrigação.

Têm sido proveitosos os resultados obtidos na plantação de verduras, hortaliças e fruteiras, cujo número se eleva a cerca de 350, de diversas variedades.

A firma tem colaborado com o Serviço Federal de Fomento Agrícola no incentivo da plantação de amendoim; de acordo com as sementes fornecidas para plantio, espera na próxima safra uma produção de aproximadamente 500 toneladas, quantidade que se comprometeu a comprar, para fabricação de óleo comestível.

Muita gente de responsabilidade, que não conseguiu livrar-se de preconceitos anti-industriais no Nordeste, precisa fazer uma visita a Bodocongó e examinar essa realização de coragem, cuja responsabilidade cabe, se estamos bem informados, a dois teimosos: o Sr. Raimundo Nóbrega (presidente da sociedade) e o Químico Industrial Clóvis Matos Sá, superintendente e diretor técnico.

RELÓGIOS TAGUS S. A. — A maior fábrica de relógios de ponto de toda a América Latina localiza-se em São Paulo, constituindo um legítimo orgulho do parque industrial brasileiro. Trata-se da fábrica de Relógios Tagus, produzindo atualmente 600 unidades mensais de relógios de vários tipos, (de ponto, de vigia, de corda, de parede, mestres e secundários, de torre, etc.). Empregando matéria-prima inteiramente nacional, a fábrica Tagus é auto-suficiente e ocupa uma área construída de cerca de 2.500 metros quadrados, contando com 100 operários especializados, com o exige uma indústria desse tipo.

São os mais variados dos tipos de relógios fabricados pela Tagus, cujas instalações são constantemente ampliadas de modo a aumentar sua capacidade de produção. Além de relógios de ponto de corda com capacidade para 8 dias, de todos os modelos exigidos, produz ainda a Tagus relógios de vigia, para controle de guardas noturnos; relógios com corda de 8 dias para parede, relógios de fachada de prédios, torres de igreja e estações ferroviárias, sinaleiros de qualquer dimensão, sinaleiros para sinais de entrada e saída nas indústrias, escritórios, bancos, repartições pu-

blens, etc. Recentemente a Tagus instalou, no novo edifício do Banco do Brasil, em São Paulo, 150 relógios secundários de estilo, comandados por uma central de relógios mestres, de forma que todos os 150 relógios marcam a hora certa, simultaneamente, com a maior precisão. Essa instalação no Banco do Brasil constitui uma obra de técnica e precisão.

As mais recentes conquistas da técnica mundial no ramo presidem à fabricação dos relógios Tagus. Assim, por exemplo, seu relógio de ponto se situa entre os modelos mais modernos fabricados até hoje. Montado em caixa de aço e possuindo pendulo longo e corda manual para 8 dias, pode também contar com corda automática, isto é, a corda vai sendo carregada à medida que a alavanca do relógio é acionada para marcar o cartão.

A Tagus produz relógios de ponto desde os mais simples até os mais complexos, todos da mais absoluta precisão. A impressão no cartão é de uma só cor ou duas (preto para os horários normais e vermelho para os horários extras). Estes relógios podem ser equipados com dispositivos para sinalização automática, acionando campainhas, sirenes, etc. nos horários de saída e entrada ou com um detetor para revista do pessoal funcionando por sorteio de forma a determinar, por um sinal acústico e luminoso, as pessoas sobre as quais recaia a escolha para a revista.

A característica principal dos relógios Tagus, é a sua precisão. Armados da mais moderna técnica, os especialistas da fábrica produzem a par dos relógios de ponto os relógios Mestres, última palavra em relógios de comando, equipados com pendulo e com haste de aço invar. O relógio Mestre emite impulsos elétricos, de um acumulador, cada minuto, para comando dos relógios secundários, que podem ser de ponto, de parede e de fachada. O maquinismo emissor dos impulsos é provido de tubos de contacto de mercúrio, fechados a vácuo, possuindo eletrodos de trabalho e uma sequência de funcionamento das mais elevadas. Tais relógios são usados em indústrias, bancos, repartições, etc. que necessitem de hora unificada e precisa em todas as suas dependências e podem ser equipados com dispositivo sinaleiro, para acionamento automático de cigarras, sirenes, campainhas, apitos, etc., nos horários de saída e entrada.

Além dos mais variados tipos de relógios, para todos os fins, que está fabricando normalmente, a Tagus encontra-se ainda aparelhada para atender encomendas especiais de relógios segundo modelos originais como por exemplo ornamentais, relógios para vestibulos de hotéis, ou para

qualquer outra finalidade (relógios para laboratório, etc.).

Aparelhada para atender às necessidades do mercado nacional e ainda exportar, a Tagus ocupa, na industria mundial de relógios, uma posição de justo destaque. Acresce ainda a circunstancia que todas as peças empregadas para a fabricação de relógios são inteiramente produzidas pela fábrica, não dependendo, portanto, de outras indústrias. Por outro lado, a matéria-prima é quase toda de procedência nacional. Assim, as chapas de aço procedem de Volta Redonda, o latão, o cobre, o alumínio e as ligas especiais são também produzidas por luminárias nacionais. Uma unica matéria-prima é importada: a fita de aço para mola dos relógios, representando, todavia, apenas cerca de 1 por cento do valor total do aparelho.

O departamento tecnico da Tagus vem continuamente incorporando nos seus produtos as características mais modernas da tecnica relojosa mundial, a fim de permitir que os mesmos tenham assegurada uma eficiencia e durabilidade mais elevadas. (Fonte: 271).

5. A. INDUSTRIAS VOTORANTIM

Em 1897 abriu-se no mercado o cimento "Santo Antônio" produzido pelo comendador Antônio Proopi Rodvalho na grande fábrica que mandou construir na sua fazenda "Santo Antônio", Parada Rodvalho, E. F. Sorocabana. A fabrica funcionou durante alguns anos, mas seu produto foi desacreditado pela irregularidade na qualidade do cimento, o qual era fabricado pelo processo Dietz em fornos verticais construídos pela "Eisenwerke". Em 1904 a fabrica foi arrebatada pela firma A. B. Pereira & Cia. pouco depois lançou no comercio o cimento "Brasil". Em 1907 os negocios foram transferidos a Fabrica de Cimento Italo-Brasileira. Depois de nova interrupção, foi adquirida pela firma Pereira, Lignó & Cia, a qual transferiu-a, em 1913, a S. A. Fabrica Votorantim, continuando esta a produzir o cimento "Rodvalho". Alguns tempo depois a fabrica foi definitivamente fechada e, em seu lugar, instalou-se em 1945 a fabrica de ácido sulfúrico e sulfato de alumínio da Cia. Brasileira de Alumínio.

Em 1936 a S. A. Fabrica Votorantim inaugurou em Santa Helena, no mesmo municipio de Sorocabana, uma nova fabrica com capacidade para 175.000 toneladas anuais, construída para E. L. Smidts & Cia. Seu produto tem o nome de "Votorantim". O cimento provém de uma pedreira em Itapiranga e é de alta pureza. Produz-se somente a fabrica Votorantim (distrito de Itapiranga) em quantidade total de 250.000 sacos, de 50 kg. por mês. (Fonte: 260)

gens não fabricadas no país para automóveis e freios para aviões, matéria todos os fins, materiais para a indústria.

o organização, modelar a Goodyear do Brasil nos aspectos mais importantes do mundo industrial; a restrição aos seus trabalhos durante as férias; o planejamento para o seu crescimento; o seu consultório médico, além outras iniciativas.

3 filiais, 14 distribuidores, 1 revendedor de pneus, acessórios Goodyear para carros e caminhões, como através de 40 distribuidores revendedores indústria.

INDÚSTRIA DE CIMENTO

- Essa companhia fabrica "Cimento Portland" e "Cimento Portland", sendo que o primeiro está no momento em que a fábrica em Guanabara, do Rio de Janeiro, e a de São José, no município de São José do Rio Preto, SP.

Os dois pontos acham-se em fase de construção de ferro da produção de 17 quilômetros de depósito são de origem, a propriedade, em encravados pertencem ao Sr. Ernesto de Faria, empresário.

a hinoiteada por CFS

na iminência de per-

Carlos Euler, por vol-

tando tratar-se de cal-

stria, a indústria professo-

ilva e Othon H. Leonar-

nal de Engenharia. Após

por meio de peças ra-

s geólogos que se tra-

ção lacunar de profun-

mas com uma reser-

.000 toneladas, a qual

ida com sondagens pro-

foi oferecida a um gru-

ços que hesitou em ad-

i época o eng. Darron,

s depósitos conhecidos

ma. Aparentemente, hru-

Lone Star Cement Co.,

acquirir, por bem dis-

preçada por CFS. ...

ue foi considerada, en-

mediatamente iniciaram

o que se verificou que a

uficientemente volumo-

indústria de cimento

Como todas as grandes e modernas indústrias, cuja preocupação é também prestar assistência aos seus empregados, atendendo sempre que for necessário às suas necessidades, a fábrica limeirense em questão conta com um perfeito e bem organizado sistema de assistência social. Possui uma creche com capacidade para 100 crianças, dotada de todos os requisitos; um Jardim de Infância, capaz de abrigar 200 crianças, além de ambulatório médico, dois gabinetes dentários, enfermaria, salões de festa, club esportivo com sede e campo próprios; biblioteca e outras modalidades concernentes à assistência aos seus operários.

Muitos são os problemas que afligem os industriais do interior, entre os quais podemos ressaltar os da falta de energia elétrica, escassez de matérias primas e ainda a ausência do interesse dos poderes públicos em atender às reivindicações justas em sua maioria, dos que constroem esse grande parque industrial que é hoje o interior do Estado, que possui quase 25 mil unidades fabris.

Em Limeira os problemas não são menores. Ao contrário, se avolumam à medida que o tempo passa e por isso os industriais limeirenses, fiéis ao compromisso assumido de emprestar apoio ao nosso desenvolvimento econômico, vêm lutando com denodo a fim de que suas questões sejam resolvidas a contento.

Cuidam assim, os industriais da cidade, de inaugurar uma nova era de progresso florescente para os que lutam de sol a sol para dar ao Brasil uma situação de privilégio entre as nações mais industrializadas do universo. (Fonte: 221).

COMPANHIA SIDERURGICA BELGO MINEIRA S. A. — Segundo dados já apurados, embora não divulgados oficialmente, a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, em seus estabelecimentos de Sabará e Monlevade, situados no Estado de Minas Gerais, produziu, o ano 1953, 181.577 toneladas de aço.

Discriminada em suas principais partes operativas e constituintes, a produção da Belgo-Mineira, em 1953, pode ser reduzida aos seguintes números:

- Gusa, 159.958 toneladas; Aço, 181.577 toneladas; Laminados, 167.039 toneladas; Blooms, 131.028 toneladas; Ferros, 89.357 toneladas; Fitas, 32.187 toneladas; Tubos, 22.141 toneladas; Arame estirado, 41.970 toneladas; Arame galvanizado, 10.789 toneladas e Arame farpado e grapos, 5.991 toneladas.

Deve ser assinalado que essa é uma produção "record" da Companhia, embora o ano passado, como, de resto, aconteceu em todo o parque industrial brasileiro, tenha

lutado, também, contra séria crise de energia elétrica.

Senão, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira encontra-se atualmente empenhada num importante programa de expansão industrial, que deverá duplicar a sua produção dentro desses próximos três anos.

O programa de expansão da Companhia baseia-se no aumento da sinterização, na modificação de perfis dos altos-fornos e na instalação de uma nova fábrica de aço para 160.000 toneladas anuais, a exigência imediata, tudo isto em processo de desenvolvimento na Usina de Monlevade que é hoje a maior usina siderúrgica a carvão de qualquer país do mundo, além de ser o mais completo centro siderúrgico do Brasil.

A Belgo-Mineira foi a introduzidora do processo de sinterização em nosso parque siderúrgico. Seus resultados foram de tal modo satisfatórios que, em fins do ano passado, foi posta em funcionamento a segunda "paralela" da usina existente em Monlevade, a qual ficou com a capacidade total de produzir 900 toneladas diárias de "sinter". Essa circunstância, acrescida de outras providências em curso, já permitiu aumentar a capacidade produtiva dos altos-fornos de Monlevade para cerca de 200 mil toneladas anuais.

Quando estiver concluído o seu atual programa de expansão industrial, as usinas da Belgo-Mineira estarão produzindo 340 mil toneladas de aço, para entregar ao mercado consumidor brasileiro 300 mil toneladas anuais de laminados, com um acréscimo substancial na linha dos trefilados.

Tendo, como combustível, o carvão vegetal, a Companhia possui reservas florestais que lhe permitem atividade contínua por várias décadas. Entretanto, na preparação de assegurar a permanência de seus estabelecimentos, a Companhia, ao mesmo tempo em que realiza contínuas e bem sucedidas iniciativas de usura de reflorestamento, apresenta, atualmente, num grande programa de reflorestamento, à base do plantio de eucaliptos e de essências nativas, como o jacaré. No próximo ano, a Belgo-Mineira começará a utilizar parte de suas florestas artificiais, inicialmente plantadas. Nesse ínterim, intensifica e/a as suas atividades florestais. No último ano florestal, foram plantados em torno das usinas mais de 3.000.000 de árvores, a intensa maioria das quais de espécies de eucaliptos de maior rendimento econômico. No ano em curso, o plano deverá atingir a área de 4.500.000 árvores, para alcançar, a partir de 1955, a cota anual de 6 milhões de pés plantados. Esse programa, que é o maior no gênero já realizado no país, desenvolve-se a contento e visa a reduzir a

310
08/

INSTITUTO DE ENGENHARIA
DE SÃO PAULO

30

INSTITUTO DE ENGENHARIA
DE SÃO PAULO

PAULO

BRASIL

num. 107-Vol. XX

Outubro de 1934

SUMMARIO DESTE NUMERO

Legislação Social Trabalhista do Brasil, pelo Dr. Jorge Street, (pag. 225) — Sobre o aquecimento prévio da agua de alimentação das caldeiras de locomotivas a vapor, pelo eng. Luiz Burlamaqui de Mello, (pag. 235) — Notas sobre o calculo de taxas de beneficio, pelo eng. Lysandro Pereira da Silva, (pag. 245) — Estudos sobre a remodelação do Tramway da Cantareira, pelo eng. Alvaro de Souza Lima, (pag. 255) — Pequenas Instalações Eolianas, pelo eng. Catullo Branco, (pag. 272) — Projecto de especificações para Estradas de Rodagem, (pag. 276) — Chronica (pag. 279).

Publicação mensal do Instituto de Engenharia (S. Paulo, Brasil).
Direção do Eng. Raulpho Palmeiro Lima

Sede do Instituto e Redução do Boletim: Rua Christovam Colombo, 1, — Phone, 2-6014,
— Caixa postal, 1909. — Assinaturas (começando em qualquer época) 24 números, 10\$000
— 12 números, 5\$000 — 6 números, 2\$500 — Número unico, 1\$000. O pagamento é adiantado e

311
ca

INSTITUTO DE ENGENHARIA

SÃO PAULO

Fundado em 15 de Fevereiro de 1917

CONSELHO DIRECTOR - (Biennio 1933-1934)

RESIDENTE:	Roberto Simonsen	DIRECTORES	João França Pinto
VICE-PRESIDENTE:	Adriano Marchini		João Caetano Alvares Junior
1.º SECRETARIO:	Mário Whately		Zezina Bittencourt de Abreu
2.º SECRETARIO:	Oscar Machado de Almeida		Jayme de Ulhôa Cintra
TESOUREIRO:	Antonio Prudente de Moraes		Alvaro da Costa Vidigal

DIRECTOR DO BOLETIM: Eng. Raulpho Pinheiro Lima

ANTIGOS PRESIDENTES

- 1.º Antonio Francisco de Paula Souza (Desde a fundação até Abril 1917)
- 2.º Francisco de Paula Ramos de Azevedo (De Abril de 1917 a 1920)
- 3.º Francisco Paes Leme de Montevade (1921-1922)
- 4.º Alexandre de Albuquerque (1923-1924)
- 5.º Francisco Salles Vicente de Azevedo — Gaspar Ricardo Junior (1925-1926)
- 6.º Alberto de Oliveira Coutinho (1927-1928)
- 7.º Luis de Anhala Mello (1929-1930)
- 8.º F. E. da Fonseca Telles — Raulpho Pinheiro Lima (1931-1932)

Legislação Social Trabalhista do Brasil.

pelo DR. JORGE STREET

Director do Departamento Estadual do Trabalho

Palestra realizada no Instituto de Engenharia em 29 de Setembro de 1934

Minhas senhoras, meus senhores.

O meu presado amigo Dr. Roberto Simonsen, presidente do Instituto de Engenharia de São Paulo, fez-me o generoso e amavel convite, para eu convosco palestrassem um pouco sobre a nossa legislação social trabalhista.

Acceptei a gentileza de animo alegre e, desabido, ainda, das difficuldades, que se me iam lhar, para bem cumprir essa missão.

Em breve, porém, verifiquei a minha imprudencia, cauteloso então, procurei, com um silencio hesitante, fazer esquecer e, esquivar-me assim, do compromisso tomado.

Vão proposito, pois de quando em quando o nome inutilava e, a voz amiga do nosso presidente insistia pela fixação da data.

de orientar a comprehensão das leis, fazel-as executar, fiscalizal-as, e, em muitos casos, resolver. Imaginae ainda, que sou um velho industrial de idos tempos, e, que nas industrias deixei, saudoso, inumeros amigos, nem sempre concordantes com o meu modo de pensar sobre leis e deveres sociais.

Imaginae sempre, que fui tambem um velho e sincero amigo do operariado, em beneficio do qual, num idealismo talvez ainda fora da epoca de maturação, tudo sacrifiquei e, por mal dos meus peccados, imaginae por fim, a mania perigosa que tenho de sempre dizer o que penso e, bem sabeis como, nos velhos as manias se accentuam. Assim fazendo, não tereis remedio sinão concordar comigo, que fui imprudente e que não é facil a minha missão. }

Della só salvar-me-á a benevolencia do meu selecto auditorio.

curavam ansiosas o caminho da paz material e da pacificação dos espíritos.

Os trágicos perigos, por tanto tempo juntos corridos, em que eram todos iguaes, sem distincção de classes, puzeram afinal as consciencias em movimento. Havia se crystallizado a ideia da injustiça existente e a necessidade absoluta e inadiavel de uma maior justiça.

As Nações reconheceram e proclamaram, por isso, solennemente, a existencia de condições de trabalho, implicando para um grande numero de pessoas a injustiça, a miseria e as privações, produzindo um descontentamento tal, que punha a paz e a harmonia universal em perigo, sendo por isso urgente a necessidade de melhorar essas condições. Afirmaram e subscreveram ainda, com a mesma solennidade essas Nações, o conceito, de que a falta de adopção por uma qualquer dellas de um regimen de trabalho realmente humano, obstaria aos esforços das outras, que quizessem melhorar a sorte dos trabalhadores nos seus paizes.

Reconhecendo, ainda, essas Nações, ser o bem estar physico, moral e intellectual dos trabalhadores assalariados, de uma importancia fundamental, sob o ponto de vista nacional e internacional, proclamaram como sendo de uma necessidade particular e urgente a adopção dos principios seguintes:

A frente de todos, o principio capital e dirigente que o trabalho não deva ser considerado como uma mercadoria ou um artigo de commercio. — O direito de associação para tudo quanto não fôr contrario ás leis, tanto para os empregados como para os empregadores. — O pagamento aos empregados de um salario, que lhes garanta um nivel de vida conveniente, segundo as necessidades de cada paiz. — A adopção do dia de 8 horas, ou da semana de 48 horas. — A adopção do repouso hebdomalario de 24 horas, no minimo, comprehendendo o domingo sempre que fôr possível. — A suppressão do trabalho das crianças e a obrigação de estabelecer para os menores dos dois sexos, a protecção e as limitações necessarias, de modo a permittir a sua educação, assegurando o seu desenvolvimento physico. — A protecção das mulheres e a regulamentação do seu trabalho. — A protecção contra os accidentes resultantes do trabalho e as molestias profissionais. — A protecção da velhice e dos invalidos. — O principio do salario igual, sem distincção de sexo, para um trabalho de valor equal. — A obrigação para cada paiz, de editar regras para as condições do trabalho, que assegurem um tratamento economico equitativo para todos os trabalhadores legalmente residentes no paiz. — A organização pelos Estados, de um serviço de inspecção, do qual farão parte tambem mulheres, que assegurem a applicação das leis para a protecção dos trabalhadores.

Eis ali, os grandes principios de justiça social e de moral humanitaria, que o novo Brasil prometteu seguir, num compromisso de honra tomado perante as Nações do mundo.

Acto de fé e de esperanza, que executado com lealdade e confiança, terá seguramente, não a solução integral do apaixonante problema do trabalho, mas contribuirá indubitavelmente para a necessaria

Problemas estes velhos é certo, mas que, voluntariamente esquecidos, talvez, fluctuavam de novo já ha muito na consciencia dos pensadores e, digamol-o para sermos justos, mesmo na consciencia de não poucos empregadores, vieram elles a constituir nas soluções dadas agora, uma quantidade immensa de problemas novos, que ainda espantam e atemorizam pela incomprehensão por muitos de sua necessidade hoje inelutavel.

Ideias de justiça e de moral social, como essas, porém, uma vez em movimento, desenvolvidas pelos possantes cerebros dos scientistas e dos pensadores, apoiadas na opinião do povo, que as comprehende e reclama, e exigidas, com força tumultuaria e irresistivel, pelas reivindicações das massas trabalhistas, conscientes hoje do seu poder, pela organização e união dos seus syndicatos, essas ideias não param, mais, até se tornarem realidade.

O movimento de fé e a actividade dos homens de boa vontade foi grande no mundo inteiro, e, apezar das immensas difficuldades oppostas de muitos lados interessados na manutenção do que existia, pouco a pouco foram ellas sendo adoptadas nas formas peculiares a cada paiz, tornando-se lei, os desiderata minimos das reivindicações contidas no compromisso das Nações.

No fundo, as difficuldades surgidas tinham por principal base o receio da concurrencia economica. Procuravam todos se defender contra, o que muitos consideravam, ainda, uma tendencia sentimental de um humanismo exagerado e passageiro de certos espiritos. As possibilidades e difficuldades da concurrencia em terrenos desiguaes surgiam facilmente, como argumento convincente, na defesa da manutenção do que existia, á espera de que os outros dessem os primeiros passos.

Era o argumento economico contrariando o argumento social; a força da ideia de justiça contida neste ultimo, no entanto, foi tal que, pôde-se dizer, hoje foi vencedora em toda a parte.

A ideia forte, neste particular pelo menos, vai aos poucos por si mesmo estabelecendo nas leis sociais um justo equilibrio de encargos para as economias dos varios paizes, que as prometteram e vão realisando.

Negar a existencia de uma questão social no Brasil, foi um erro. E' certo que entre nós o problema não se apresentava com a acuidade de outros povos.

No entanto elle existia. Si entre nós o trabalhador nunca teve, depois da primeira grande lei social da libertação dos escravos, uma vida que se pudesse, nem de longe chamar de trágica, tal qual nos mostram os imperitos e as publicações da Europa industrial, havia entre nós, no entanto, incontestavelmente abusos e injustiças contra crianças, mulheres e, mesmo operarios homens, no que diz respeito á idade de admissão, do horario e do salario, principalmente.

E sabeis que falo de experiencia propria, por que durante mais de 35 annos dirigí fabricas com milhares de operarios e sei bem o que vos digo.

Confesso que trabalhei com crianças de 10

313
ab/

vespera, que vos digo? até quasi a hora de nascer o filho?

Não preciso multiplicar os exemplos, cito estes, unicamente para mostrar que o problema existia.

Em breve a consciencia se me despertou e eu, procurei, talvez algum de vós o saiba, resgatar as injustiças praticadas, dando o que me foi possível dar, áquelles que commigo trabalhavam. Confesso-vos ainda, que me orgulho do titulo de poeta da industria, que alguns dos meus compatriotas de classe e, não dos menores, então me deram. Fui dos primeiros, mas não fui o unico, longe disso, em quem a consciencia despertou, e muitos foram os que commigo começaram a versar, poetas tambem no caminho da justiça social. Apesar do abrandamento dos costumes que, principalmente em São Paulo, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, sem contestação possível, se estava dando, eram esses casos exceções, e dependentes todos das circunstancias e da vontade dos empregadores. O problema, pois, ficava de pé e a ideia da sua necessaria solução estava em muitos espiritos.

Como era natural a propaganda politica della se apoderou. Na imprensa, nos comícios da rua, nos discursos de parlamento, nas caravanas de propaganda pelo Brasil inteiro, essas ideias de justiça eram agitadas por todas as formas e a todos os instantes, e promessas formaes de solução immediata eram constantemente feitas.

Victoriosa a revolução de 30, tinha, pois, o Governo Provisorio, entre os seus mais solemnes compromissos, a obrigação de solver a palavra dada.

Elle a solveu de facto, satisfazendo ao mesmo tempo o compromisso de honra, que perante o mundo, em Versailles a Nação havia tomado. Antes de 30, nesse terreno pouco tinha sido feito. Devo citar, como das principaes, a lei de protecção aos accidentes sobrevindos no trabalho, lei que, pela primeira vez no Brasil, substituiu a theoria da culpa pela ideia moderna do risco, de modo que, o sim-
pacto do empregador tomar a seu serviço qualquer empregado, trazia-lhe a obrigação de indemnizar, segundo os preceitos da lei, qualquer accidente sobrevindo no trabalho, sem indagar do culpado por esse accidente.

Essa lei nova, que derogava principios enraizados das legislações anteriores, foi, no entanto, applicada entre nós com facilidade e consenso de todos.

E' notavel ainda, a lei relativa ás caixas e pensões dos ferroviarios, ideada, estudada e levada ao parlamento por um illustre paulista, o então deputado Eloy Chaves, que com o pleno apoio da sua bancada, fez transformar o projecto em lei.

E' de justiça, que o nome do seu autor seja lembrado, porque novo e desconhecido então o seu mecanismo complexo, serviu elle de base inicial para os estudos e confecção da opulenta legislação que hoje sobre o assumpto, ali está, e da qual vos falarei ainda.

Citar-vos-hei, como vinha daquelle tempo, a lei de ferias applicada aos operarios fabris.

similar no mundo. O principal objectivo das ferias pagas é o de compensar, por um repouso de duração razoavel, a fadiga accumulada pelo trabalho prolongado, permitindo ao trabalhador renovar as energias do seu organismo. A continuidade de tempo, desse repouso é, pois, condição essencial para a finalidade da lei.

Essa continuidade offerece enormes difficuldades, sendo impossibilidades, para ser applicada na industria e dali nasceu, na applicação, a permissão para o fraccionamento dos tempos, o que falsou e annullou a finalidade procurada.

Hoje, os operarios e seus empregadores pleiteam juntas o pagamento dos dias de ferias, sem obrigação de goza-las, podendo, pelo contrario, continuar a trabalhar, si assim lhes convier.

E' a transformação de uma lei de repouso em um augmento obrigado por lei, nos salarios dos operarios, que durante 12 mezes tiverem trabalhado na mesma empresa.

Isso custará, unicamente á industria fabril de transformação, mais de setenta mil contos por anno, ou setecentos mil contos em 10 annos, curto tempo na vida industrial de uma Nação. Si melhor applicada fosse essa somma enorme, bellas coisas com ella se poderia fazer!

Citei a lei com certa extensão e a synthese do meu modo de pensar a respeito, porque ella se tornou uma das principaes causas de divergencia entre os syndicatos, que della fazem arma de combate e os empregadores, que tem obrigação de a cumprir e procuram contra ella se defender.

Julgo-a complicada na applicação, inoperante na finalidade e pesada para a industria.

No lugar que occupo, no entanto, a faço cumprir com o possível rigor, procurando adaptar o sentido dos seus confusos e as vezes contradictorios artigos ao espirito para a qual foi ella creada.

Desde os primeiros annos deste seculo, começou a nossa legislação republicana, cautelosamente ainda, como era aliás aconselhavel, a cuidar da organização de certas formas de syndicatos, para a defesa dos interesses rurais, ao mesmo tempo que tambem procurava instituir, legislando sobre o assumpto, as sociedades cooperativas.

Favores para a construção de casas proletarias para operarios e funcionarios, alem da lei dos patronatos agricolas, completam talvez o que sobre legislação trabalhista se fez na republica, antes da revolução.

Não sei que lei, desse tempo, valha ainda a pena ser citada.

Constituido pelo Governo Provisorio o Ministerio do Trabalho, Industria e Commercio, tomei nelle, em fins de Março de 1931, conta do lugar para o qual havia tido a honra de ser convidado pelo Sr. Lindolfo Collor, illustre primeiro titular da pasta do Trabalho.

Encontrei já em começo de execução o decreto, havia pouco promulgado, n.º 19.770, que regulava sob moderno aspecto a syndicalisação das classes patronaes e operarias.

314
68

afinal o mundo á convicção da necessidade da syndicalisação das classes que constituem os elementos desse trabalho.

Essa interdependência, que torna estéril o capital sem o braço, que por sua vez não pôde exercer a sua elevada função individual e social sem aquelle, teve no ultimo seculo que passou, a demonstração indiscutivel do predominio do elemento capital, que com o seu poder economico, no longo regime das doutrinas do chamado liberalismo, não encontrava para certos excessos, contraste por parte do operariado desunido e esparsos. Este não tinha nas suas aspirações individuais meios de se fazer ouvir pelas classes, por sua natureza unidas e economicamente dominantes.

Dahi a necessidade de órgãos, que estabelecessem o equilibrio de reciprocos deveres e direitos, equilibrio, que a experiencia mostrou, só ser attingivel pelas uniões de classe, em cuja direcção fossem collocadas as elites de boa fé, fiscalizadas por sua vez pelas massas constituídas pelos membros dessas associações, que na nossa legislação são os syndicatos.

Previu essa legislação a necessidade, pelo menos no começo, de um terceiro elemento coordenador, com poder de intervenção e decisão em certos casos, elemento que só pode ser o Governo.

A grande ideia central, pois, que deve dominar a actividade das associações profissionais, é a realisação juridica e economica da collaboraçaõ de classes.

Mas, para isso, eram necessarios outros órgãos corporativos, que completassem o conjuncto com a sua acção de conciliação e de arbitragem e, que tornassem effectivo o equilibrio dos interesses divergentes ou oppostos.

Nasceram então na nossa legislação os decretos relativos ás convenções collectivas do trabalho e principalmente ás commissões de conciliação e julgamento. A legislação ahí está, contendo o que de mais aconselhavel se verificou na legislação de outros povos. Entre nós não têm ainda sido organisadas, sinão aqui e ali, uma ou outra commissão de conciliação. No entanto, é esse um dos órgãos essenciaes, que tem dado noutros paizes, notadamente na Italia e na Alemanha, resultados satisfactorios na soluçaõ dos conflictos e divergencias de interesses de classe.

O syndicato é, no fundo e na essencia, uma instituição de defesa de direitos, mas que tambem deve regular deveres.

Pela lei, órgão consultivo e de collaboraçaõ com o Governo, deve elle ter, para ser util, uma elevada função de tranquillo julgamento para obtenção do ideal da pacificaçaõ dos espiritos.

Infelizmente essa função não tem sido absolutamente comprehendida, nem de um lado nem de outro e, muitos dos syndicatos tem sido transformados em verdadeiras tyrantias de mal comprehendido combate de um lado e de resistencia, nem sempre razoavel, do outro.

Só a intervenção de ainda outro elemento indispensavel, poderá dar cura ao mal existente, é o elemento moral, psychologico da boa vontade e, prin-

syndicalisação é uma conquista definitiva, contra a qual não vale trabalhar ou agir.

Não penso haja exemplo no mundo, de ter sido retomado esse direito, uma vez que elle tenha sido concedido pois isso só seria possível, por meio de uma revolução victoriosa.

Ouçõ e sinto aqui, entre muitos dos meus vellos companheiros e amigos da industria brasileira, a ideia de que é possível e conveniente cercar-se ou diminuir-se, por meios julgados adequados, o desenvolvimento desses syndicatos, cujos componentes são por muitos ainda considerados como menos desejaveis para o nosso trabalho.

Dada a situação de direito inapelavel que as nossas leis criaram, eu penso, no caso, de um modo differente.

Tenho a pretensão de bem conhecer a alma, o pensar e as necessidades do nosso operariado, com o qual lidei e convivi por tantos annos. Na sua grande generalidade esse nosso elemento trabalhista é ordeiro e pacifico, só aspirando ao trabalho tranquillo e justo, sufficientemente remunerado.

Naturalmente tem elle hoje reivindicações e aspirações, que, quando julgadas necessarias e não attendidas, os inquieta e leva a exigir e não mais pedir, quando a justiça tarda. Isso é a meu ver, desculpavel. É necessario, em todos os casos, não se confundir os aproveitadores intrusos, que dessas massas procuram apoderar-se, para dellas tirar partido para si, com o verdadeiro trabalhador.

São os que se inculcam como guias e, dizendo-se amigos dos operarios, insuflam, agitando, porque só em aguas agitadas elles podem viver e prosperar.

Ora, no meu pensar, longe de procurar limitar a composiçaõ dos syndicatos a pequenos agrupamentos, nos quaes mais facil é o esperto dominar e, tivesse eu ainda posição activa na direcção industrial brasileira, eu facilitaria por todos os modos a syndicalisação de todos, os que conmigo trabalhassem e tal quizessem fazer.

O bom senso e o espirito de ordem, a que acima me referi, dominaria mais facilmente nessas organisações e collocaria as suas verdadeiras elites na direcção dessas associações. Desappareceria assim, o principal elemento que dá constantemente apparencia de razão, pelo menos, ás reclamações e agitações syndicalistas.

Este elemento perturbador é a allegação de ser qualquer suspensão, demissão ou remoção, mesmo justa e natural, devida ao facto, do empregado attingido pertencer a um syndicato e, como tal, dentro delle agir como a lei lhe permite. Seria muito mais facil aos empregadores, um entendimento com os seus operarios, todos ou na sua maioria syndicalizados.

A boa vontade e a boa fé, a que já me referi, naturalmente deveriam agir como elementos essenciaes de conciliação, não devendo por isso nunca ser procurada ou esgoitada na comprehensão e applicação, interpretações, atravez das quaes se pudessem achar uma fuga, para deixar de cumprir a lei, conforme a sua finalidade.

Comheço a objecção accerta e diffundida por homens de grandes conhecimentos e valor, de que a autocracia proletaria, tyrannica e perturbadora, surge

massas fanáticas e de arrazoadamente exigentes, as quaes não se pôde ceder.

Ua, é certo, muita verdade, no que ali fica dito, e nós, por aqui já começamos a sentir.

Mas nós estamos diante de um facto novo inludível, que é a lei, que deu funções e direitos a essas massas, dispostas agora com decisão a exercer essas funções e usarem desses direitos.

Sou, apesar dos annos muitos, que sobre mim já pezo, dos que têm fé e apegam, para este extraordinario paiz que é o nosso Brasil, dentro do qual vive trabalhando, produzindo e progredindo sem parar, esta joia sem par que é S. Paulo, que seremos das principaes a mostrar ao mundo, como sabermos solver os grandes problemas que ali estão e nos adaptarmos ás novas condições, que as idéias vencedoras de equidade e de justiça social criaram no mundo. Basta que, para tanto, demos livre curso á maleabilidade, á persistencia e á coragem do nosso modo de ser, qualidades, de que vimos dando provas inequivocas desde os primordios da formação da nossa nacionalidade.

Maleavel e justo na applicação das leis, devem Governos, devem ser os empregadores e devem ser, tambem, os empregados, especialmente nas formas dadas ás suas reivindicações, as vezes por demais activas e perturbadoras a que, naturalmente, se leva a novidade da situação que conquistaram.

Uma das idéias mais communs e mais enraizadas no pensamento de certos syndicatos como vimos, é a de attribuir a qualquer medida administrativa omada em relação a um dos seus membros, como causa, a filiação ao syndicato, como intuito, o castigo por esse facto.

Surgem dahi protestos e actos, com muitas vezes a reacção e o revide da outra parte, donde nasce um conflicto desnecessario, absurdo e contrario os intuitos da lei.

Resultante commum, desse estado d'alma lamentavel, são as grèves multiplicadas e nocivas para todos.

O revide consiste então na resistencia e na negativa das concessões, que, formuladas por uma forma mais cordial, poderiam em grande parte ser concedidas.

Ao envez disso prolonga-se a greve, e com ella a resistencia, que se transforma, assim, num verdadeiro lock-out, não declarado, mas de facto sistente.

Nunca tive medo, nem da palavra, nem dos actos que constituem uma greve justa e pacifica.

Em certo momento do governo Epitacio Pessoa, houve forte agitação no mundo operario fabril, do Rio de Janeiro; aqui e alli eram declaradas greves, se aborreciam os empregadores e incommodavam o governo, e de todos os lados surgiam protestos. Escrevi, então, pelas columnas editoriaes de "O Paiz", jornal governista, sob minha assignatura, artigo em que defendia, com vigor, o direito a essas greves, como unico meio de que dispunham as massas operarias para obterem um razoavel augmento de salarios, que no momento não estavam mais de accordo com o nivel do standard da vida.

Naquelle tempo, porém, os empregados de toda especie não dispunham de meios, nem de organisasões, capazes de fazerem vigiar as suas aspirações, que elles estão organizados, dispõe de largos meios

mente, quasi de equal para equal. As greves repetidas a todo o proposito, sob qualquer pretexto e a todo o momento, com posseltas nas ruas e outras manifestações, mais ou menos turbulentas, não têm mais razão de ser e só terão justificativa em casos especiaes de denegação de justiça. Sinto bem que para isso não tenho autoridade, mas ouso, no entanto, apellar para a boa vontade e o bom senso de todos os que trabalham, empregadores e empregados, para que, num esforço commum de reciproca cooperação, facilitem ás autoridades incumbidas da fiscalisação e da execução das novas leis a boa interpretação e applicação dessas leis.

Fui talvez demasiado longo na parte da minha palestra relativa a acção e ao funcionamento dos syndicatos.

Não soube, no entanto, nesse particular ponto basico da nova legislação trabalhista, ser mais conciso e synthetico.

Tive receio, ou de não dizer o bastante, ou de dizer demais, o que, especialmente numa synthese, é facil acontecer. Conto com o vosso perdão.

O Sr. Ministro Lindolfo Collor organisou logo, sob sua presidencia pessoal, uma grande commissão encarregada do estudo da confecção das novas leis trabalhistas, a serem decretadas. Faziam parte dessa commissão nomes illustres da industria, do commercio, dos meios trabalhistas, do Instituto dos Advogados e representantes do Ministerio do Trabalho, Industria e Commercio e estes de todos os matizes, alguns com as mais adiantadas idéias.

Não tivemos alli a representação da lavoura, porque, pelas condições especiaes do trabalho rural, devia o estudo da sua legislação ser entregue mais tarde a uma commissão especial.

Vêde senhores e admiraes a rapidez da evolução das idéias e da marcha batida dos acontecimentos, a ponto do antigo poeta, a certa hora quasi boycotado pelos seus companheiros, ter, agora, de incorporar-se á junta do coice, para procurar com ella deter um pouco o enthusiasmo reinante para a concessão dos mais adiantados favores na legislação trabalhista a vir.

O Sr. Lindolfo Collor, todos nós, que tivemos o prazer e a honra de com elle trabalhar, disso damos testemunho, foi admiravel e incansavel.

Não faltou a uma só das nossas reuniões, que se prolongavam até uma e mais horas da noite; nellas tomou parte activa, clarividente, com admiravel poder de apprehensão, deducção e solução final. Nosso chefe hierarchico, nunca S. Exa. nos tolbheu, de qualquer maneira que fosse, a livre manifestação do nosso modo de pensar, que pelo contrario, solicitava e provocava. E com prazer que aproveito a primeira occasião, que se me depara, para render a S. Exa., que em todos nós só fez amigos, esta singela homenagem.

Dentre as primeiras leis estudadas e, por nós levadas a bom termo, destacam-se as que vieram regular o horario para o trabalho na industria e no commercio. Os decretos respectivos, 21.354 e 22.033, correspondem, na sua essencia, aos que a nossa commissão elaborou, mas contém, na sua forma actual, e em alguns dos seus artigos, modificações e innovações, mais tarde alli introduzidas pelo illustre novo titular da pasta, Sr. Dr. Joaquim Pedro Salgado

A grande e velha aspiração do proletariado mundial, conhecida pela aspiração dos tres oito, correspondentes ao trabalho, prazer e sono, teve nesses decretos a sua solução legal. Nelles foi estabelecida a duração normal do dia de trabalho de 8 horas, ou 48 horas semanales.

A lei, que adoptou a tão desejada aspiração proletaria, foi sábia, permitindo no entanto, que a duração normal do trabalho, pudesse ser elevada até 10 horas diarias, si para tanto houvesse conveniencia do serviço e ambas as partes interessadas assim accordassem, mediante pagamento de certas porcentagens adicionais sobre os salarios das horas accrescidas.

A derogação do principio básico da lei de 8 horas, que cria horas adicionais no trabalho diario, obriga pois, a maior retribuição. A redução do tempo de um horario anterior mais elevado para 8 horas, não permite, no entanto, pelo menos no espirito da lei, a diminuição total do salario ganho anteriormente, no fim do dia.

A interpretação deste importante ponto do problema do salario, ligado ao horario, tem dado motivo a duvidas e questões, que, no entanto, vão se resolvendo apezar das difficuldades.

A meu ver, para todo o homem que trabalha por salario, o elemento dominante e que o preoccupa obstinadamente, até a anciedade, ás vezes, é a importancia total em dinheiro produzida por esse salario durante a unidade de tempo, geralmente admitida na vida social dos paizes civilizados, e que para elles é, em geral, o mez. E' no decurso de cada mez que, se vencem as contas, que querem ser pagas, da casa de-morada, da comida, do vestuario, da pharmacia, da escola, de tudo enfim, que é indispensavel á vida e para o que, pelos costumes e pelas necessidades indeclinaveis, foi feito credito, desconfiado, fugidio e precario, a quem vive unicamente do seu trabalho.

Não importa para essas iniludiveis necessidades, desses servos do trabalho, que, por conveniencias, facilidades ou necessidades, mesmo, das condições desse trabalho, tenha sido adoptado qualquer um dos systemas de contar o salario, por hora, semana, mez ou tarefa, pois isto é forma e não essencia.

O que importa para elles, é a somma total ganha na unidade de tempo que, como disse, é o mez. Não se deve confundir a unidade de salario, nem o tempo em que o seu pagamento é effectuado com a noção propriamente de salario, que constitue um todo e não unicamente parte desse todo.

Quando os tratados ou as combinações internacionais dizem, que deve ser pago aos trabalhadores um salario, que lhes assegure um nivel de vida, sem maiores preoccupações, e de accordo com o tempo e as condições de seu paiz, é evidente, que ninguém quer se referir ao ganho de uma hora, nem de um dia, mas sim ao ganho total, na unidade de tempo em que, geralmente, se admittre devam ser solvidos os compromissos ordinarios desse nivel de vida. Isto é de má evidencia que ninguém de boa fé pôde negar. Para dar a esses empregados a somma

devida, Pela consciencia do mundo e pela justa exigencia das massas trabalhistas, foi resolvido remediar a esses factos.

Veio dahi, a adopção do dia normal de trabalho de 8 horas com um salario, que assegure o nivel de vida, compativel com a dignidade e a justiça humana, acompanhado da série de outros postulados humanitarios, que o tratado de Versailles, como vimos, adoptou e que hoje fazem parte da legislação social trabalhista, de quasi todos os paizes, inclusive do nosso.

E' principio pacifico, para os legisladores e commentators das leis que regulam esses horarios para o trabalho, que o salario de qualquer categoria, não deve vir a soffrer qualquer diminuição pela applicação dessas leis reguladoras do horario.

As nossas novas leis consagram tambem esses principios. Parece-me, pois, que a redução de horas de trabalho diaria ou semanal, não deve trazer na somma do salario ganho durante o mez, diminuição alguma.

E' claro que, applicada esta theoria, o salario hora, dia ou tarefa, em certos casos, e em determinado momento, será bastante elevado e encarecida, portanto, a producção. Essa, porém, é a meu ver, a vontade manifestada pelo espirito, sinão pela letra da lei.

Ha, aliás, para os casos especiaes, em que a producção respectiva, não possa supportar o augmento dahi resultante, a possibilidade das convenções do trabalho, instituidas na nossa legislação e que, uma vez bem compreendidas, no seu espirito de cooperação, tornam possiveis soluções apparentemente difficeis. E' claro que a justiça nos direitos dos empregados, está condicionada pelas possibilidades do empregador, que, para empregar, dando trabalho, precisa não ter asphyxiados os meios de elle mesmo viver.

As nossas leis, porém, ainda neste particular, foram previdentes e dão, quando bem applicadas, efficaaz remedio.

Argumentando, como acabo de fazer, eu colloco-me no ponto de vista, não só humanitario como juridico, pois é bem sabido que a boa hermeneutica interpretativa das leis, não se apêga só á letra e olha mais para o espirito.

Ora, inicialmente, não se pôde admittir que as leis, principalmente quando se trata de leis de protecção social, possam sair fóra do quadro do problema humano, cujas soluções têm, de accordo com a consciencia moderna, evidentemente, de serem soluções que fiquem dentro dos principios de justiça e de moral. Isto, tanto mais, quanto a legislação social trabalhista de agora, notadamente a nossa, se caracteriza por um decidido intervencionismo do Estado, que terá que se basear em razões humanitarias, em contraposição com os antigos principios de economia liberal livre, que levava a indiscutiveis abusos nos salarios e no tempo do trabalho exigido.

Logo, uma vez estabelecido o principio da justiça e da moral, tem que se lhe tirar as consequen-

317
caj

A intervenção nesses casos, pois, tem a sua moral e a sua justiça, fora das quais não é admissível, ella se possa exercer. Ora, no assumpto que nos occupa, propriamente, relativo á somma do salario, ganho nas suas relações com o numero de horas de trabalho que a lei fixa ou permite, constitue o ponto basico central, por assim dizer, algido do problema, a necessidade de ser essa somma, bastante para um standard da vida, modesto mas sufficiente para as necessidades, pelo menos physicas da vida: morada, comida e vestuario. É essa a interpretação que venho procurando dar no Departamento que tenho a honra de dirigir.

O legislador, em somma, resolveu o problema do dia de trabalho normal de oito horas, com salubridade e prudencia, dando á lei elasticidade bastante, para por accordos ou convenções justas, satisfazer-se a necessidades occorrentes, sem excesso para qualquer das partes.

O principio basico de um tempo razoavel de trabalho diario ou semanal, seguido sempre de um dia de descanso continuado de, pelo menos 24 horas, foi mantido em toda a legislação que a respeito foi decretada sob a direcção do illustre Ministro Salgado Filho, que fez, como era necessario, esses tempos e suas applicações detalhadas variarem conforme as conveniencias das varias profissões, que através dos seus syndicatos pleitearam e obtiveram essa legislação especialisada.

Assim, vêm sendo, aos poucos, attendidas as profissões dos bancos, barbearias, hotéis e pensões, pharmacias, padarias, casas de diversões, de penhores, frigorificos, e outra muitas, que, pelas suas situações especiaes, necessitam tambem de legislação especial.

Dentre as leis, consideradas basicas pelo seu evidente humanitarismo, se destacam ainda a que regula as condições do trabalho das mulheres nos estabelecimentos industriaes e commerciaes, e a que estabelece as condições do trabalho das menores.

Ambas ellas tem o elevado intuito de protecção da moral e da integridade physica da raça, nas suas relações com as classes trabalhadoras.

Todas as legislações sociaes modernas das nações civilisadas, fizeram um ponto de honra nacional da adopção no trabalho das mulheres e dos menores, dos principaes principios estabelecidos e, por todos aceitos na Conferencia Internacional de Washington, da qual foi o Brasil signatario.

Um desses principios de alta moral e de justiça, que a nossa legislação a respeito, consagra logo no seu artigo 1.º é o de que: sem distincção de sexo a todo o trabalho de igual valor corresponde salario igual.

Absurdo, injusto e revoltante de facto, era o costume, de considerar-se o trabalho da mulher, fosse elle o melhor, como sempre inferior ao do homem, fosse elle o peor, resultando dahi, o direito, que se arrogavam muitos de menosprezar o trabalho feminino, pagando de accordo com a esdruxula theoria.

Hoje, a lei prohibe taes abusos e, estou certo, que as mulheres saberão, pouco a pouco, chamar á razão os possiveis recalcitrantes.

Não pôde a mulher trabalhar nas fabricas e

Será porventura necessario eu justificar perante vós a benevolencia do artigo 7.º da lei que declara ser em todos os estabelecimentos industriaes e commerciaes, publicos e particulares, prohibido o trabalho da mulher gravida, durante um periodo de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois, permitindo ainda ser augmentado esse periodo até o limite de mais duas semanas cada um, mediante o competente attestado medico?

O lugar, dessas mulheres lhas será guardado e durante o tempo da sua ausencia lhas será pago medio salario.

A mulher que amamenta seu proprio filho terá direito a dois descansos diarios de meia hora cada um, durante os primeiros seis mezes que se seguirem ao parto.

Manda ainda a lei benfazeja que os estabelecimentos, em que trabalham pelo menos 30 mulheres com mais de 16 annos, tenham local apropriado para guarda, sob vigilancia, dos filhos das empregadas em periodo de amamentação.

Ella foi sábia e generosa e, não será por culpa della, certamente, que as nossas estatisticas demographicas possam vir a demonstrar qualquer diminuição da natalidade no nosso mundo operario.

Na lei relativa ao trabalho dos menores, prevaleceu ainda, e com razão, a preoccupação impressionante da protecção da raça. Desde o começo do seculo 19, já vinham os philantropos e pensadores, pedindo com insistencia, a decretação de leis, que protegessem as classes operarias, contra o trabalho prematuro e demasiado dos seus filhos, embrutecidos e depauperados moral e physicamente pelos costumes e liberdades existentes, que nem as crianças de oito e nove annos poupavam. Na disensão deste ponto da nossa legislação, tomou parte activa e preponderante o meu velho e saudoso amigo Dr. Mello Mattos, juiz bondoso e paternal, amigo sincero dos menores pobres, que elle amparava e protegia sempre com incansavel solicitude.

Nos paizes fortemente industrialisados, em que a offerta de braços é excessiva e, o trabalho mais escasso, ha sempre a tendencia, baseada em razões mais economicas do que propriamente de protecção moral, a elevar-se, cada vez mais, a idade de admissão dos menores nos trabalhos industriaes e commerciaes.

No Brasil não prevalece essa razão; não só é o desenvolvimento physico entre nós mais precoce, como ha indubitavelmente antes falta, do que excesso de braços.

Na economia particular do trabalhador, alem disso, existe a necessidade real de transformar o mais cedo possivel o peso morto, que é o filho menor, em elemento auxiliar util pelo trabalho.

A lei, pois, não devia esquecer e desprezar essas condições especiaes á nossa terra. Divergiram, porém, na commissão fortemente as opiniões e, houve mesmo, quem propuzesse 15 annos, como idade minima para admissão ao trabalho.

Opinei pessoalmente pelos 13, o que me parecia razoavel e justo, conciliando os interesses da raça, das necessidades economicas do paiz e das conveniencias da industria. Interveniu então o argumento do horario. Achou a maioria não dever um menor

é conhecida por todos vós e, bem sabeis que o horário, por isso, tem de ser igual para todos.

Com o pensamento da maioria cabia na nossa grande industria de fiação e tecelagem, por exemplo, a possibilidade tantas vezes necessaria dos accordos para o trabalho de 10 horas.

Tomou-se assim, por concessões reciprocas, a idade minima de 14 annos, que faz hoje parte da lei e a nova Constituição adoptou. Firmou de um modo justo a lei brasileira actual as condições dos menores, que, aliás, já vinham tendo protecção desde a lei de 1891 e principalmente desde a promulgação do código dos menores, lei republicana de 1927, que com algumas boas disposições continha, no entanto, excessos e absurdos taes, que a tornaram quasi inequível e que por isso só em parte era executada.

O horario dos menores entre 14 e 18 annos, uma vez admitidos ao serviço, é, pois, pela lei, igual ao do adulto. Ha, porém, a possibilidade da constante fiscalisação do juiz de menores, ou de qualquer outra autoridade competente, que poderá intervir, sempre que o julgar necessario para a protecção do menor, que porventura, não tenha as condições phisicas, ou outras, para o exercicio do trabalho, que delle for exigido. São, além disso também estabelecidas condições de preparo escolar, o que tudo satisfaz ás exigencias mais modernas de uso nas Nações mais adiantadas.

Acabamos de ver como estas leis, procuraram ser mais do que equitativas, porque foram, como já disse adiantadas e das mais generosas, garantindo aos que trabalham, uma efficaz protecção em quasi tudo que tem constituido as modernas aspirações de possível melhoria na sua situação social.

Ha, no entanto, ainda, um assumpto de grande e natural preocupação para elles, do qual apenas no começo vos falei, ás pressas e pela rama. Refiro-me aos riscos de invalidez, da velhice e da morte, dos quaes ninguem pôde fugir e que constituem, em toda a parte, para o mundo trabalhador uma constante e natural preocupação, com o receio da miseria soffredora no futuro, para si e os seus.

O salario rapidamente attinge ao maximo e, pelos longos e penosos annos que se seguem, pouca probabilidade tem de augmento. Não pôde o empregado por si só portanto, nessas condições, pensar em realisar o necessario para prover aos tempos da invalidez e da velhice. Torna-se preciso a efficaz intervenção do Estado, e o nosso, disso não se tem desencilado.

Já vos falei na lei Eloy Chaves, verdadeira precursora nesse difficil terreno de protecção e amparo. É tão complexo o problema, tão cheio de difficuldades e surpresas e de decepções, que só lentamente elle se pôde progredir, si se quizer ter uma garantia contra fracassos certos.

As Caixas de Aposentadorias e Pensões, que, para as necessarias modificações e applicações, já vinham sendo estudadas com carinho pelo Ministro Lindolpho Collor, mereceram especiaes cuidados do

telephones, portos, aguas, esgotos e outras, servindo assim a um vasto círculo de empregados, hoje já altamente protegidos.

Alguns outros decretos relativos a certas funções especiaes das caixas e a casos especiaes, certas profissões completam essas leis, que, certamente não attingiram ainda á perfeição, mas, constituem no seu conjunto um todo, que bem mostra o esforço e a boa vontade dispendidos.

O sistema adoptado foi o da pluralidade de caixas, que, se incontestavelmente inconvenientes tem, era no entanto, a meu ver, no nosso caso e nas condições aqui preexistentes, o unico possível.

As vantagens dos grandes numeros não puderam ser aproveitadas, mas a lei foi providente, para o casos de demasiada fraqueza ou inviabilidade, permitindo a união e fusão de varias caixas, que disso necessitassem e assim resolvessem. Criticas muitas e severas foram feitas, mas isso era inevitavel em assumptos como estes, num paiz de liberdade opinativa como o nosso.

Só a experiencia cautelosa, mostrará no futuro o acerto, ou as falhas de previsão, e calculos, em que os nossos melhores actuarios tiveram de agir, num terreno já por si difficil, mas entre nós especialmente delicado, pela falta quasi absoluta de estatísticas demographicas especializadas, que pudessem bem guiar os nossos technicos.

O facto de estarem essas caixas sujeitas, nas suas prestações de contas, á severa fiscalisação do benemerito e operoso Conselho Nacional do Trabalho, é uma garantia, a mais, para poderemos, em confiança, esperar mais successos, do que fracassos nesses delicados institutos.

Falei-vos no principal e apenas por alto e de um modo synthetico; mas como vos falar de tudo e com o necessario detalhe? si o Ministerio do Trabalho, Industria e Commercio, só na parte do trabalho expediu cerca de 120 decretos relativos aos mais variados assumptos da legislação trabalhista?

E assim vou chegando ao fim da minha enfiadonha palestra.

A critica principal feita a essas leis do Governo Revolucionario é a de terem ellas sido talvez prematuras e ainda desnecessarias entre nós, além de trazerem, quasi todas ellas, um cunho de demasiado adiantamento, para o qual não estavamos ainda preparados, nem empregadores nem empregados.

Não creio que ellas, como leis, tenham sido prematuras; mas concordo que ha nellas, não poucas coisas, que para uma legislação nova e quasi desconhecida ainda entre nós, não deveriam ter, logo no primeiro facto, vindo quasi em cascata como vieram, contendo o que de mais adiantado se encontra em outros paizes de um estado cultural, principalmente no mundo do trabalho, muito mais adiantado do que o nosso.

Só raras vezes será possível escolher-se a hora justa, em que ideias, da ordem das que venho apontando, devam transformar-se em actos e factos.

A revolução neste particular, sentiu as pressões

319
10/

questão de tempo? Lembrae-vos da historia dos annos finais da abolição da escravatura entre nós. Officiaes, tropa e disciplina ali estavam e ordens foram dadas, mas lembrae-vos bem, a hora tendo chegado, apesar de muitos a julgarem ainda distante, o decisivo e patriótico Fiat partiu justamente dos officiaes e dessa tropa, e a lei aurea veio ás pressas, logo em seguida.

Havia agora similitudes de situação com aquelles tempos e eu não sou, dos que pensam que dever-se-ia ainda esperar, pois parece-me que o Governo fez obra de boa politica de paz, não deixando passar o momento.

Não estavamos ainda preparados, é certo. As ideias, porém, só por si não preparam as massas que com ellas são visadas. Para que esse preparo coance realmente, é necessario que a ideia se corpifique no acto, que é a lei. Uma ideia! coisa tão incorporea, quando incommoda, afasta-se com um levantar de hombros, pois a sua realisação é em geral nesses casos, erida ainda, tão longe!

Essa educação e esse preparo de todos nós, para a comprehensão e a applicação justa dessas leis precisam ser feitos, e o vão sendo. O Governo, através dos seus funcionarios tateia e hesita, os empregados por si, ou através dos seus syndicatos, excedem-se muitas vezes, exigindo o que não lhes pôde ser dado, e os empregadores protestam, resistem e negam, mesmo o que poderiam conceder. E' a espera da adaptação, difficil, rumorosa talvez, mas que entre nós a meu ver, passará mais depressa do que se pensa em geral.

Pelo que vejo e sinto diariamente, tenho a impressão que as grandes difficuldades, que vão surgindo, não são devidas, tanto a certas disposições e concessões demasiadas e desnecessarias ainda, mas especialmente á pressa, ao atropelo, á quasi áncia de legislar e terminar, antes que não mais fosse possivel fazel-o. Ha uma evidente falta de unidade, sequencia e harmonia entre as varias leis, que, muita vez, não seguem sequer a mesma doutrina, e em casos similares resolvem de modo diverso.

Mais do que isso, leis ha, em que os seus proprios artigos se contradizem, e não um ou dois, mas muitos desses artigos da mesma lei, põem em sobresalto a intelligencia e a argucia, de quem os tem de interpretar e sobre elles resolver.

Imaginae senhores, os apuros dos meus pobres fiscoes á procura da resultante de forças dos que interpretam e empurram em sentidos contrario, exigindo sempre a solução contida no artigo, que mais convenha aos interesses de cada um!

Tacto, paciência e boa vontade constituem, por enquanto, o unico remedio. Mas a boa vontade deve vir de todos e, não ser bitolada unicamente pela escala do interesse inherente a cada classe.

Falei-vos nos meus fiscoes; assim os denomina a lei.

Sei bem, que o habito não faz o monge, mas as sensações provocadas, ás vezes, por simples denominações, constituem elementos psicologicos incontestaveis provocadores de sympathia ou antipathia.

O fiscal é uma personalidade pouco querida pelo fiscalisado, que o inleza em geral indiscreto. im-

Prefiro um outro nome qualquer, inspector do trabalho por exemplo, que dê ao encargo uma feição menos antipathica, e ficae certos que não é pueril o que vos digo.

Não temos ainda para a applicação justa dessas leis quasi que jurisprudencia alguma nossa, que nos guie ficando-nos apenas o recurso de procurarmos na abundante jurisprudencia estrangeira os ensinamentos de que necessitamos.

Em toda essa jurisprudencia a allemã, a franceza e mesmo a italiana, quando ha duvidas, a tendencia é sempre de resolver em favor do empregado, considerado ainda o mais fraco e aquelle que a lei quer proteger.

Um ponto interessante, por exemplo, sempre mantido igual nos julgados desses tribunaes, é o relativo ao tempo de serviço, em que o mesmo empregado permanece servindo o mesmo empregador.

Os tribunaes julgam sempre um tempo longo de oito, dez ou doze annos de serviço no mesmo estabelecimento, como um presupposto de boa conducta e capacidade technica, que quasi sempre serve de dirimente, mesino para faltas realmente constatadas, mas que, dado o passado, são consideradas desculpaveis como vindas de um nervosismo natural numa época de exaltação e pouca calma.

Estamos no Departamento do Trabalho constantemente recebendo queixas de empregados de muitos annos, que são despedidos por faltas agora supervenientes. Seria, penso eu, de boa justiça e são espirito de concordia, que, tambem entre nós prevalecesse, mesmo sem lei, esse elevado conceito da jurisprudencia estrangeira.

Não devemos, em todo o caso, estranhar, que tambem entre nós, haja uma tendencia, que deverá e será, certamente, com o tempo corrigida, de pender em geral para o mais fraco.

Falei-vos em demazias nas leis, e as ha varias; citei apenas uma e das mais modernas, que se me afigura typica.

Essa lei, como de justiça, manda apóz seis dias de trabalho conceder um descanso de 24 horas seguidas, mas 24 horas de descanso pagas, como si trabalho houvesse. Não sei, se disso ha similar em qualquer outra legislação estrangeira, porque não tive tempo de verifical-o, mas para nós o caso parece demasiado.

Como ha 52 semanas no anno e são dados mais 15 dias de férias, o feliz empregador sujeito a essa lei paga 67 dias, em que o seu operario não trabalha ou perto de 20% no total, em que o frigorifico, que é a industria visada, trabalha. A demasia é evidente, abstando-me eu de commental-a.

Ha porém remedio para tudo isso. Bastará, que o parlamento retome essas leis, as codifique, como é necessario, e, nessa codificação, corrija com a sua autoridade e sabedoria, o que ellas tiverem de contradictorio ou demasiado. Penseo mesmo que é esse o pensamento do illustre ministro actual.

Perdoareis o longo cansaço a que vos expuz, mas melhor não pude fazer.

Ao meu nobre amigo Dr. Roberto Simonsen os meus muito sinceros agradecimentos pelas hon-

320
22/

uma nota mais alegre no enfecho de uma palestra como esta.

Aos cavalheiros amigos um grato aperto de mão.

A vós, membros illustres do nosso parlamento, devo especial gratidão, pela grande honra, que me foi conferida com a vossa presença ou vinda de longe, de alguns, afrontando cansaços, para terdes ocasião de prestar uma generosa homenagem ao,

velho trabalhador, que pela grandeza da pátria e, o que lhe foi possível, dentro do seu pensar e das suas forças.

Guardo o consolo de vêr por vós reconhecido, não o sucesso, que não me foi dado alcançar, mas a vontade de servir, que nunca me abandonou.

A todos vós muito obrigado.

CERAMICA SÃO CAETANO S/A

TELHAS "brilhantes" e "foscas" tipo Marselhez, Colonial e de Escama — LADRILHOS "vermelhos", "amarelos", "marrons" e "pretos" — TIJOLLOS Prensados e MATERIAL REFRACTARIO :::: ::::

Escritório em S. Paulo : Rua 3 de Dezembro, 17 - 3. andar. (Predio Nelfer)

PHONE 2-3429 —:— Caixa Postal 278 —:— End. "ACIMAREC"

FABRICA: em São Caetano (S. P. R.) - Phone 140 - Interurbano

REPRESENTANTES

RIO DE JANEIRO

Chm. "Tropic"
Rua de Quitanda, 143
Phone 4-6126

RIO GRANDE DO SUL

Schuback & Cia.
Av. Julio de Castilhos, 37
PORTO ALEGRE

S. PAULO - SANTOS

Augusto Rollo
Rua 7 de Setembro, 70
...

BAHIA

Schmidt & Cia.

MATTO-GROSSO

F. Roen

PARANA

Carlos V. Breithaupt

PERNAMBUCO

A. Dantas da Silva & Cia.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DO TRABALHO

São Paulo, 22 de janeiro de 1936.

Exmo. Sr. Conde Rubeolpo Crespi.

Devo pedir a V. Excia. o favor de desculpar, o não ter eu podido estar presente á inauguração da sua meritória instituição, em favor dos pequeninos que tanto necessitam da philantropia e da caridade dos poderosos, principalmente quando nisso integram o fino sentimento do delicado coração da mulher.

Bem dita seja, pois, a dádiva de Vossas Excellencias!

O meu nobre amigo tem vê como a poesia seduz! Ha mais de vinte annos eu era o pobre poeta solitario na industria brasileira, não sei se mal visto então, mas em todos os casos apontado como um sonhador, innocente talvez, mas que mesmo sem ter recolhido a um lugar seguro, teve o sarcasmo castigo para não sonhar em publico!

É que o tempo não tinha ainda chegado! mas na jornada feliz de V. Excia, a hora chegou e o meu nobre amigo felizmente não a deixou passar.

Hoje os poetas da bella causa formam quasi uma academia! Não ousei me apresentar nem para socio honorario della, com medo de para tanto ser cêdo ainda e não lograr nem para isso ser aceito.

É que, meu amigo, o meu pensar não era de philantropia que presuppõe a ideia de uma dádiva, generosa e louvabilissima embora, mas dádiva sempre.

Eu pensava em cooperação em reciprocos direitos, e em formas distribuitivas desses direitos enfim, sônhos ainda, poesia de futuro, ainda!

Mas a ideia está em marcha e o meu nobre amigo com a sua generosa dádiva mostrou que está na vanguarda dos beneficores, cuja benemerencia nunca poderá ser por demais louvada.

Accepte por isso V. Excia. os mais respeitosos cumprimentos do seu muito sincero admirador e amigo

322
001

A TECELAGEM BELENZINHO. REFORÇANDO O SETOR

Assim, o setor de tecelagem foi ampliado, em 1913, com a inauguração da Tecelagem Belenzinho, na avenida Celso Garcia, que se dedicava à produção de chitas, cassas e *clumines*.

A expansão do setor de tecelagem aumentou significativamente o consumo industrial de amido. Já no ano seguinte, 1914, as IRFM inauguravam a sua amideria, cuja produção supria não somente as necessidades das tecelagens do grupo, como também colocava no mercado caixinhas para consumo doméstico. A amideria fabricava vários tipos de amido: de milho, arroz e mandioca.

A fabricação do amido de milho envolvia como subproduto a canjica de milho branco, da qual era extraído um polvilho que foi lançado comercialmente com o nome de Cercalina.

Ainda ligada a esse ciclo produtivo, no mesmo ano de 1914 foi implantada a fecularia, destinada a suprir as necessidades da amideria.

Apesar da crise internacional de 1913, que provocou a baixa dos produtos de exportação, atingindo a estrutura econômica do País, as necessidades de suporte comercial do grupo cresceram e foram atendidas rapidamente com a instalação de filiais em Santos, Rio de Janeiro e Curitiba. Mais especificamente, foi criada, no Paraná, a subsidiária S.A. Indústrias Matarazzo do Paraná, com a aquisição de vários trapiches e armazéns no porto de Antonina, destinados a receber e estocar o trigo procedente da Argentina.

Por essa época, o Comendador Francesco Matarazzo já gozava de inegável prestígio junto à comunidade e à colônia italiana, em especial.

NA FILANTROPIA, O AMOR A SUA GENTE

Em princípios de março de 1915, sua popularidade atingiu níveis de verdadeiro líder quando fez a doação de um pavilhão completo, construção e equipamento, ao hospital Ospedale Umberto I, que atendia normalmente as famílias imigrantes. Naquele tempo, os serviços de previdência social eram prestados quase que exclusivamente por organizações da sociedade civil. O hospital italiano era mantido pela várias *Società di Mutuo Soccorso* que os imigrantes fundaram em São Paulo e, apesar dos valorosos esforços de seus membros, enfrentava sérias dificuldades com relação à capacidade de atendimento. A iniciativa do Comendador Matarazzo foi extremamente bem recebida pela colônia, reforçando o aspecto de liderança estendida agora à assistência aos conterrâneos. Aumentou a capacidade de atendimento: "Oggi non c'è posto? Domani ci sarà", diziam os folhetos sobre o hospital que circulavam na Cidade.



O Comércio e a Indústria - as linhas mestras das IRFM - num relevo de bronze por Busacca (Foto: Dulce Carneiro)

§ 1.º

«COMPANHIA NACIONAL DE TECIDOS DE JUTA»

Un'azienda di bene sociale idente

E cominciamo da quella che più ci ha impressionato, non solo per la modernità dei suoi impianti ma per l'organizzazione sociale della massa operaia che vi lavora.

Questa compagnia di cui è attivissimo gerente amministrativo il colonnello José Rodrigues Costa possiede due grandi stabilimenti tessili — uno al Braz e l'altro al Belenzinho — ed è presieduta dal Dr. Jorge Street, il quale è anche possessore di quasi tutte le azioni della società, e può dirsi l'esclusivo proprietario dell'azienda.

E fu lo stesso Dr. Street che mi accompagnò nella visita che feci alle sue fabbriche e che diede in me tale impressione, che il ricordo mi è sempre presente in una rappresentazione viva di quell'



Vista esterna della "Grêche"

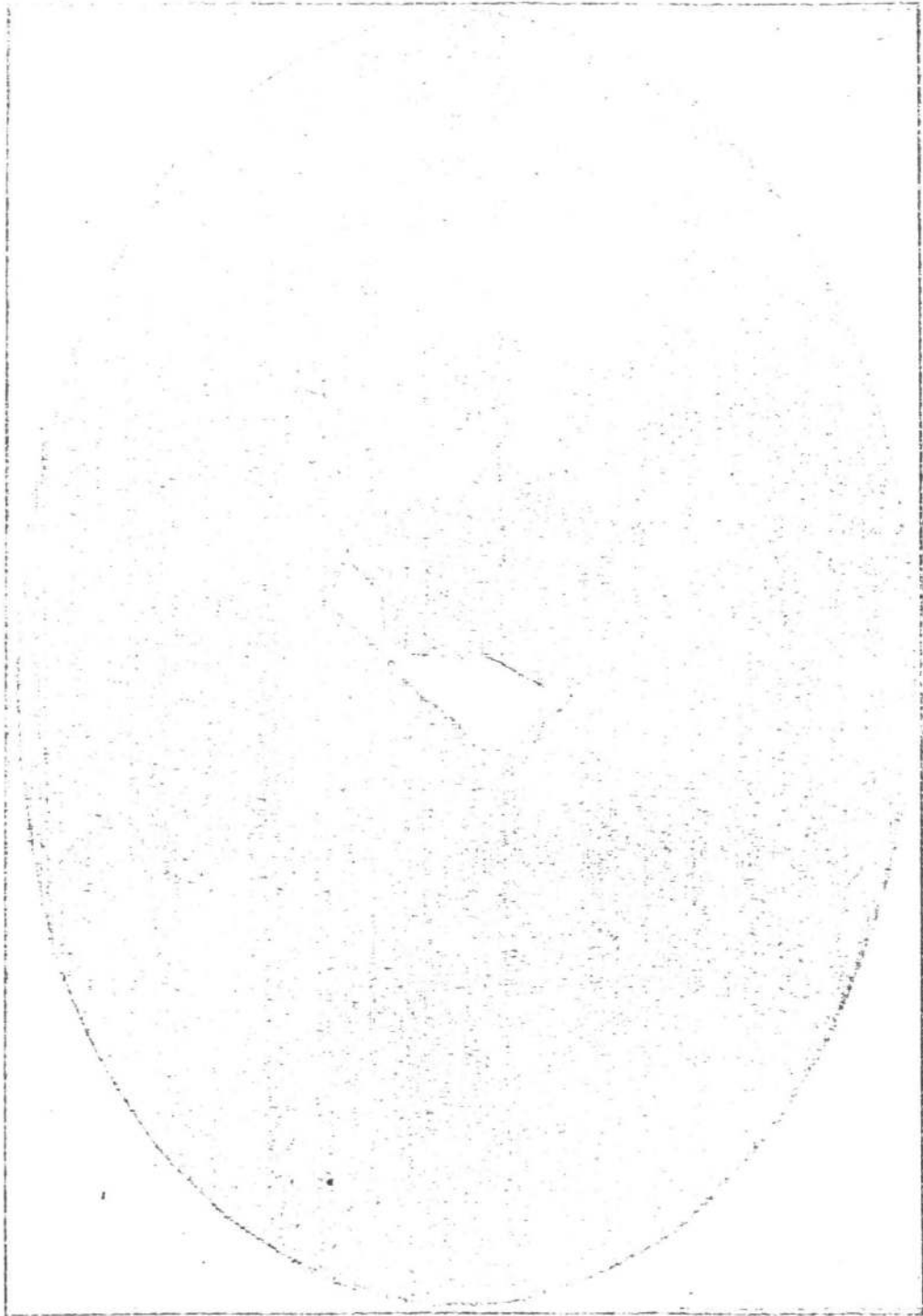


piccola città operaia che si presentò ai miei occhi, ammirati innanzi allo spettacolo inusato che non trova riscontri neanche nei più moderni e perfetti stabilimenti europei.

Veramente il mio stupore era cominciato nell'intervista avuta col Dr. Street, prima della visita alle fabbriche.

Confesso che non avevo mai sentito, e chissà forse se sentirò mai, un industriale parlare come il Dr. Street mi parlò delle sue fabbriche e dei suoi operai. Egli mi disse a lungo, e con un'eloquio non poco comune, di tutto il programma sociale formato più che dalla sua mente, dal suo cuore, nell'organizzare le sue industrie. Ed io ebbi per un momento l'illusione di trovarmi non innanzi ad un grande industriale, ad un milionario, ad un *padrone*, ma invece a un *leader* di un partito socialista, non di quelli che gridano la rivoluzione... ingrassando l'epa a spese del proletariato, ma di un nuovo e grande

324
002



Dr. JORGE STREET
Fundatore e Presidente della Companhia Nacional Tecidos de Juta

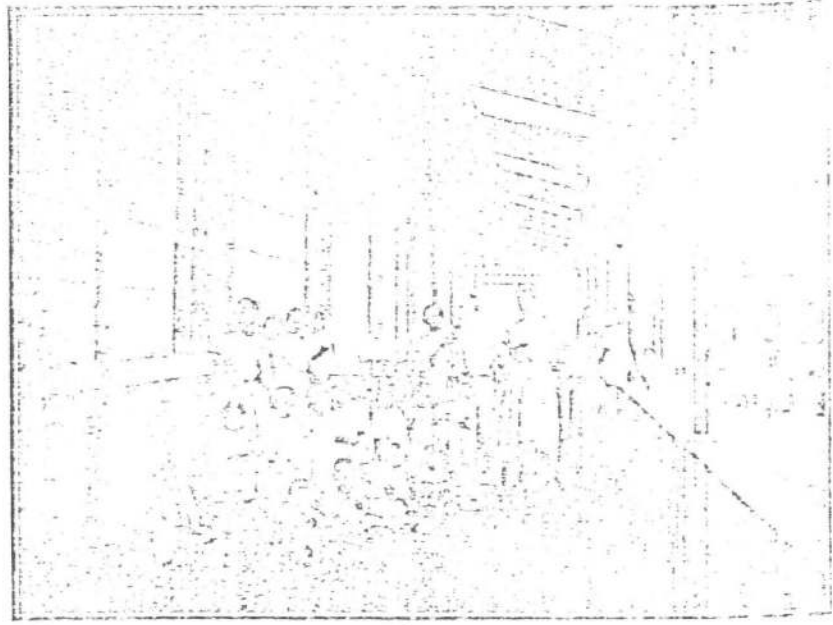
321
00

Stendendo, come se annunciasse dei concetti della più palmare semplicità, il Dr. Street mi delineò uno schema di organizzazione sociale così audace, dati i tempi e l'ambiente, e dato il carattere di chi parlava, che mi lasciò a tutta prima quasi incredulo sulla sua sincerità.

Io voglio dare all'operaio non solo ottime condizioni di lavoro e coscienza del suo posto nella produzione a cui coopera, ma un vero benessere nella sua casa sia dal lato finanziario sia quello igienico e morale. Ecco perché io ho comperato un'ampia distesa di terreni al Belenziano molto maggiore di quella che poteva servire per una industria, e, mentre nel centro ho impiantata una fabbrica modello in cui gli operai lavorano non come bruti ma come uomini uguali a noi tutti, ho fatto sorgere le case per alloggiare gli operai stessi con tutti i comodi ed i confort della città, riscuotendo un prezzo inferiore di due terzi a quello esatto dagli altri proprietari fuori dello stabilimento: poi un gran parco con coretto di musica, un salone per rappresentazioni e balli, con scuola di canto corale e musica; un campo ed un circolo di foot-ball; una grande chiesa con battistero; un gran magazzino con tutto ciò che all'operaio può abbisognare per la sua vita al prezzo di *puro costo*: un



Un gruppo di bambini con le balie e la Direttrice



restaurant per gli scapoli; una sala chirurgica-modello ed una farmacia che fornisce i medicinali pressoché gratuitamente dal medico della fabbrica, ad un prezzo inferiore del 50 % a quello della piazza; le scuole per i figli degli operai ed una *crèche* per i lattanti. Io ho voluto dare, in sostanza, all'operaio non solo un benessere economico — perché sono il solo che alla fine dell'anno, oltre gli ottimi salari, distribuisco una buona percentuale fra tutti i più modesti cooperatori della mia azienda — ma anche una bellissima abitazione, per aver la quale fuori dello stabilimento dovrebbero pagar forse metà del loro salario, ma anche la possibilità di non uscire dall'ambito della piccola città che io ho fatto sorgere in riva al fiume né per i più elementari bisogni della vita, né per l'educazione dei figli, né per i doveri religiosi né per gli stessi svaghi domenicali, dando la banda musicale creata fra gli stessi operai i suoi concerti nelle feste, e non mancando i giuochi sportivi e gli spettacoli, per dare una certa

326
del

La famiglia — concluse il Dr. Street — Ecco il mezzo di far l'operaio onesto e laborioso, e di avvicinarlo all'industria a cui coopera. La famiglia ed insieme la coscienza che gli si deve dare del salario e la giusta remunerazione del contributo che porta alla prosperità dell'azienda con una famiglia gli si pare indiretta a questa prosperità!

Ed aggiunse, come conferma:

Volete vedere come è semplice toccare il cuore dell'operaio vincendo senz'altro quell'istinto che lo ha corso verso la ricchezza del padrone? Ebbene, sentite: un giorno in cui in molti stabilimenti di stato gli operai malcontenti avevano dichiarato lo sciopero, prendendo a motivo non so più quale ragione mi fu riportato che anche fra i miei si erano insinuati dei sobillatori, e che la sera, in una festa nella moglie e le mie figliuole avevano organizzato nel salone dello stabilimento, vi sarebbero stati discorsi incitanti allo sciopero. Io intervenni alla festa, e, dopo lo svolgimento del programma, mi se vi lessero dei malcontenti fra i miei operai per la paga, per il trattamento o per altre ragioni, pregai di esporre liberamente le loro lagnanze od i loro desideri. Ma nessuno osò levarsi: tutti tacquero!



Il comitato della "Crèche"



— Lo vedo bene — soggiunsi subito — che fra me e voi non esistono e non possono esistere divergenze con tanto di panacea. E se pure tutto ci dividesse, vi è un legame intangibile fra noi, vi è un legame che farbbe, sempre ed in ogni caso, sparire qualsiasi malinteso fra noi, e sono i vostri figli!

Così dicendo, presi dalle braccia di una operaia a me vicina il suo piccino latitante — uno di quelli che vengono nutriti ed allevati nella nostra *crèche* — e lo mostrai alla folla.

Un lungo applauso scoppiò nella sala e tutti gli occhi erano lucidi: molti piangevano!

Il giorno dopo nelle mie fabbriche si lavorò come prima, e forse con più alacrità e buon volere!

Quest'intervista col Dr. Street mi impressionò moltissimo: ma, nel tempo stesso, lo dico senza esagerazioni, mi lasciò un po' diffidente.

E colli volere col miei occhi scattare con le mie orecchie.

Ed a lui, visita, e tornai varie volte in mezzo agli operai, osservando tutto minutamente e tutti i loro volti.

Non erano parole quelle del Dr. Street, tutto corrispondeva ai fatti. Le belle idee enunciatemi

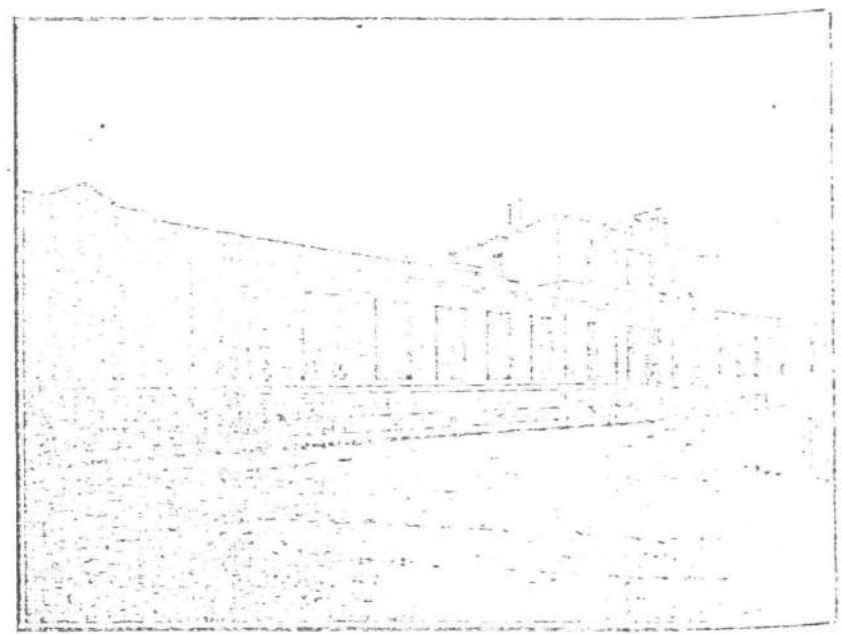
327
cep

uno stato applicate con la più rigorosa esattezza non solo, ma senza ostentazione. Egli ha fatto di quella piccola città operaia, che s'impone all'ammirazione di chiunque la visita, con tale scapolo che parrebbe quasi che egli non avesse compiuto una vera rivoluzione nel mondo industriale, e che non avesse attuato un magnifico programma sociale finora era stato la lustra con la quale i demagoghi facevano la loro popolarità. E tutto questo programma egli lo ha attuato a sue spese, impiegando i suoi e contos di reis in tante bellissime opere di assistenza sociale, alle quali accudisce personalmente, assistito dalla sua gentile signora D. Zelia, un vero angelo di bontà che profonde tutto il suo amore nelle sue opere.

Perché il Dr. Street e la sua degna consorte passano la loro vita in mezzo al popolo per quella piccola città industriale del Belemzinho, da essi creata. Essi non sono i milionari che godono la vita nel lusso più sfrenato, offendendo, con l'ostentazione delle loro ricchezze, la miseria di cui la ricchezza stesse produce: ma compiono come una missione di bontà in mezzo alla famiglia operaia che affiora, e della quale sono felici di migliorare ogni giorno le condizioni economiche e morali.



Vista esterna del Giardino
d'Infanzia



Ma vediamo, nel fatto, che cosa il Dr. Street ha saputo creare, ed entriamo nel recinto dell'abitamento *Maria Zelia* al Belemzinho.

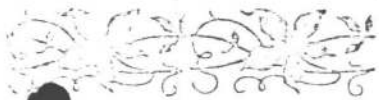
Si ha subito l'impressione, l'ho già detto avanti di trovarsi in una città con i requisiti necessari alla sua vita. Fra i grandi edifici, degli uffici e dei magazzini, le ville e villette per abitazioni fabbricate dall'opificio, delle scuole e della *cúche*, si disegnano le ampie strade, e le piazze, e i giardini, in un così grazioso ed armonico insieme, che si deve necessariamente restare ammirati. Specie quando chi entra dal grande piazzale, dove si distende l'ampio parco verdeggiante dominato da un l'Edifício correato per la musica, e conformato dalla chiesa, dai magazzini alimentari, e dagli altri fabbricati dell'assistenza medico-chirurgica e del gremio musicale, in fondo ai quali si scorge il profilo imponente della fabbrica, non può nascondere la sua sorpresa di fronte all'opera di questo industriale che dovrebbe trovare molti imitatori per il bene del proletariato.

nella loro possibilità del guadagno. Perché una delle più forti ragioni del disagio nelle case degli operai è appunto la impossibilità in cui si trovano le mamme di lavorare nel periodo dell'allattamento e della prima infanzia dei loro piccoli, ai quali devono prestare tutte le loro cure. E, mentre crescono i bisogni per l'aumento della famiglia, diminuiscono le entrate, perché il salario della mamma vien meno. Ebbene, il dr. Street, con l'occhio vigile del suo cuore di padre, vide subito questo problema doloroso, la cui soluzione porta spesso tanti infelici alla miseria.

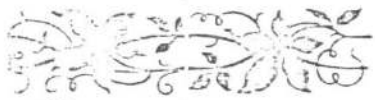
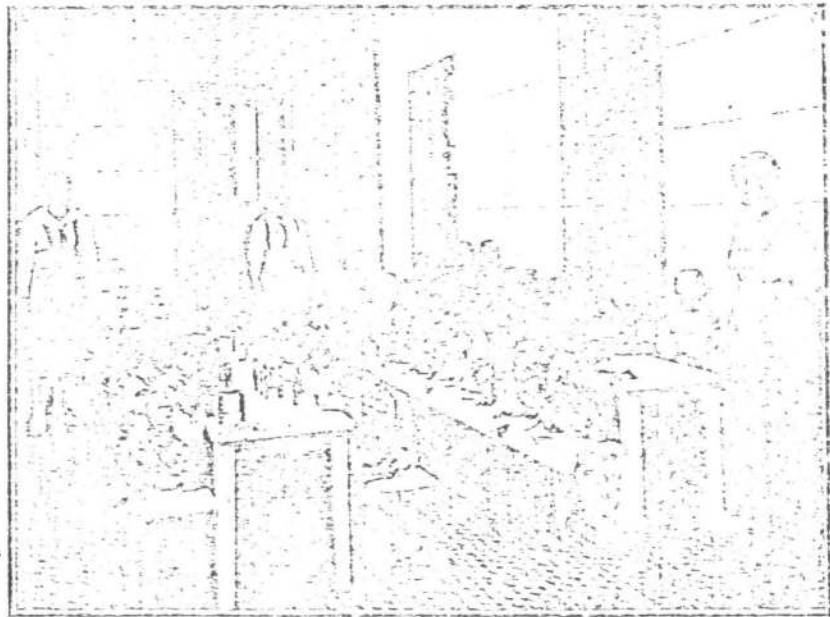
Egli si disse subito:

— Per i miei operai questo non deve accadere!

Ed eccolo, con l'ausilio prezioso della sua buona consorte, impiantare la *crèche*, dove le operaie portano i loro figliuoli prima di recarsi al lavoro, e dove li vanno a nutrire esse stesse col loro latte nelle ore stabilite, con permesso speciale della direzione, o, non potendo esse nutrirli, hanno il conforto di vederli nutriti con latte sterilizzato e pastorizzato, secondo le prescrizioni speciali del medico diretto allo stabilimento, e senza che il tempo che impiegano nella loro affettuosa missione materna, venga detratto dalle ore di salario giornaliero.



Giardino d'infanzia - Una classe

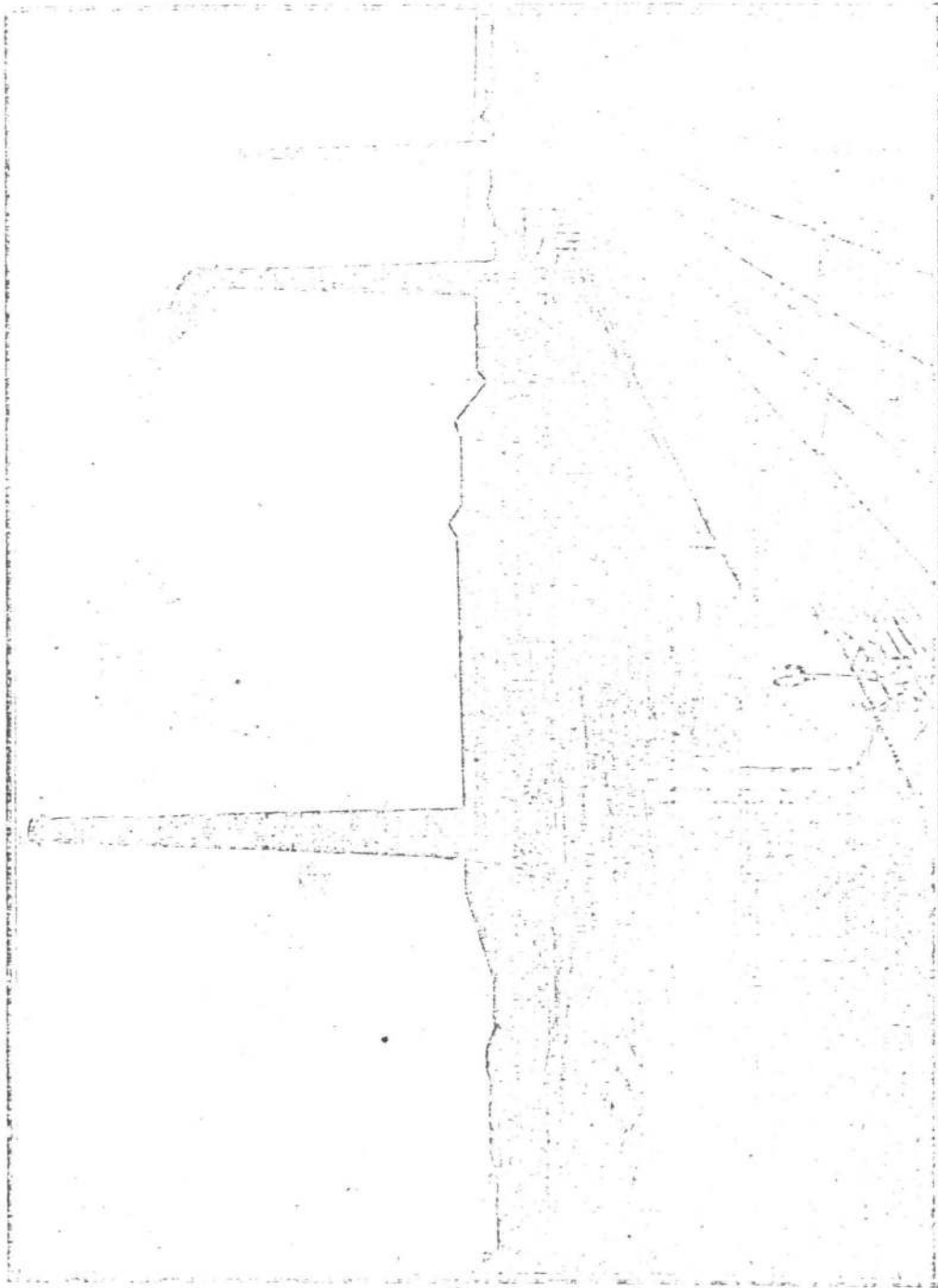
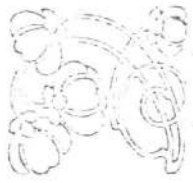


Bisogna vedere le quattro candide sale, con le due lunghe file di culle candidissime, col comodino contenente il corredo che il dr. Street regala ad ogni mamma, ed i bellissimi bagni con acqua calda e fredda; bisogna vedere le sale di ricreazione e di refezione per i più grandicelli, e la grande terrazza dove le balie portano a prender aria a tutte quelle creaturine; bisogna vedere il funzionamento del letto e le cure materne di cui il personale e la stessa signora Street circondano i piccoli, per comprendere il gran cuore di questo industriale di eccezione.

Allorché io visitai la *crèche*, vi erano ricoverati 70 bambini, ma le sale ne possono contenere 120.

Ma i piccoli, anche quando è finita l'alimentazione latte, continuano a restare nella *crèche*. Fino a tre anni essi sono alimentati e curati a spese del Dr. Street, mentre le mamme possono così attendere al loro lavoro, senza che le dolcezze della maternità costituiscano un danno per il modesto bilancio familiare.

329
BJ



Visla esterno della Fabbrica S. Anna

Giardino d'infanzia. — Compiuti i quattro anni, i bambini lasciano la *crèche*, ma, permanendo essi per le loro famiglie lo stesso problema la di cui soluzione aveva dettato al Dr. Street la creazione di quella magnifica istituzione di maternità, ecco per logica necessità sorgere il *Giardino d'infanzia*, dove i bambini degli operai sono accolti dai 4 ai 7 anni, e dove, con maestre diplomate nelle scuole pubbliche dello Stato, essi cominciano ad apprendere coi metodi froebelliani le prime nozioni adatte all'età.

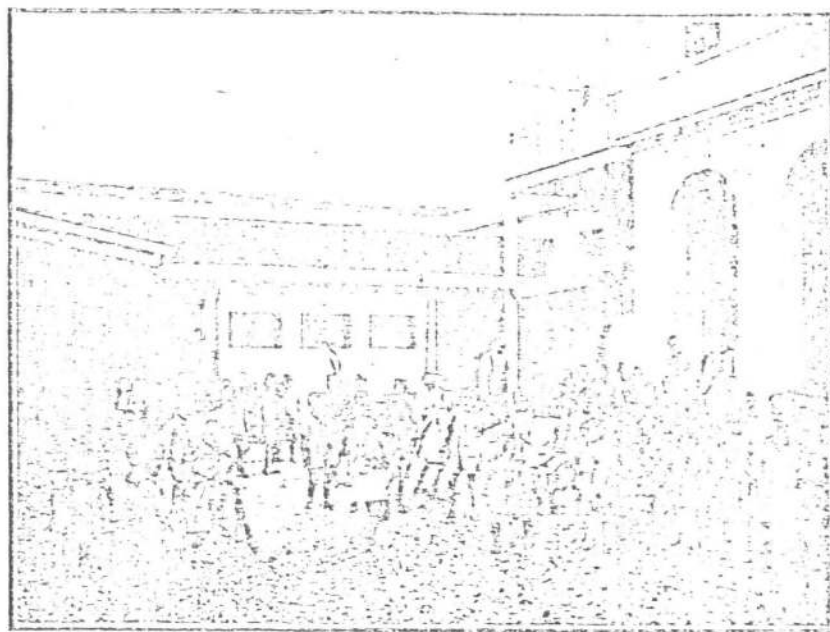
Qui 250 piccoli sono affidati alle cure dell'ottima direttrice e delle buone maestre, ma vi sono anche tre grandi aule che possono accogliere altri 150 e più alunni.

Dalle illustrazioni può aversi una idea della proprietà delle aule, dei giardini e cortili, dove ogni giorno i bambini escono per la ricreazione, e del refettorio, dove la mattina viene servito, a spese sempre del Dr. Street, una buonissima ed abbondantissima colazione calda.

Ma un'altra singolarità, che dimostra con quanta cura paterna questo egregio industriale ha ideato queste opere di bontà, sta nei dormitori annessi al Giardino d'infanzia, dove i piccoli vanno a riposare alle ore calde dopo pranzo.



Giardino d'infanzia - Ricreazione



Dappertutto poi la più perfetta igiene, ed una pulizia ed un'abbondanza di comodità che sarebbero viciate dalle più perfette istituzioni infantili del genere, dove i genitori pagano fior di quattrini per i propri bambini.

I Gruppi scolastici. — Ma questi figli d'operai, così bene allevati nella *crèche*, e così ben curati nel *Giardino d'infanzia*, nel momento migliore della loro giovane vita, resterebbero forse abbandonati a sé stessi se il buon cuore del Dr. Street non offrisse loro, sempre gratuitamente, il modo di fare i propri studi nello stesso recinto dello stabilimento, quasi sotto gli occhi dei loro genitori.

Infatti, usciti dal *Giardino d'infanzia* quei piccoli sono accolti nei *Gruppi Scolastici*, nei quali proseguono gli studi primari sotto la vigilanza di un ottimo personale insegnante uscito dalle scuole normali dello Stato e con i programmi dell'insegnamento ufficiale.

Molti grandi istituti pubblici, anche europei, non sono installati in edifici grandiosi come quelli fatti costruire dal Dr. Street per i propri scolastici. Sono composti di due piani con un ampio colonnato in-

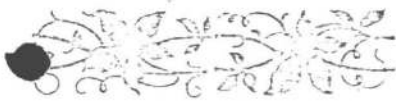
terno, e 20 ampie sale con larghe finestre che danno aria e luce a profusione, cortili e terrazze per recreazione e degli impianti igienici perfettissimi.

Vi sono 800 alunni, ma i locali ne contengono oltre mille.

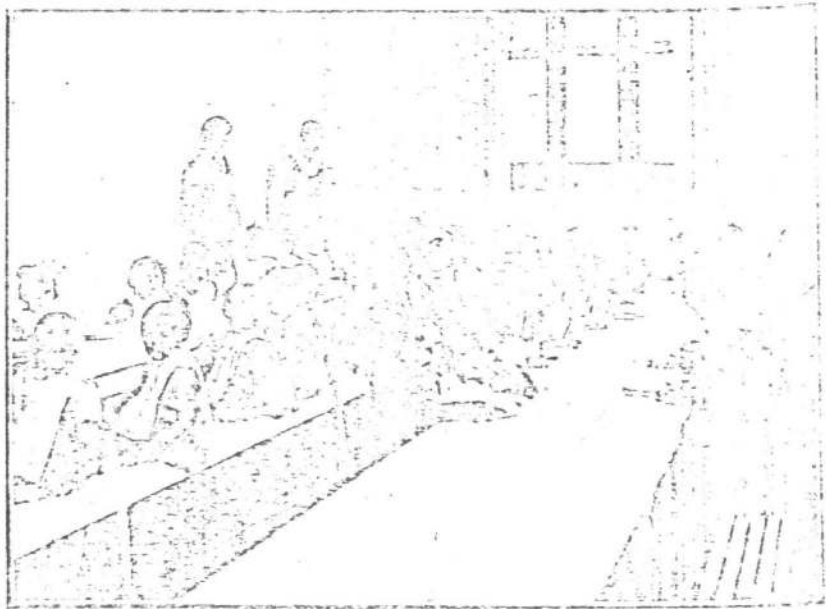
Gli insegnanti sono undici, e sono fra i più preparati e diligenti, anche perché a tutto presidio con una sorveglianza attivissima il Dr. Sirect, il quale, del resto — non contento di dare ai figli dei suoi operai una educazione ed istruzione, che li metta in condizione di darsi a qualunque arte o mestiere o di continuare gli studi per qualsiasi professione — sceglie fra i licenziati annui dei gruppi scolastici quelli che si sono distinti per capacità ed intelligenza e li manda negli istituti pubblici a continuare i studi a sue spese.

Ma se il Presidente della *Compagnia Tecidos de Juta* da un lato ha saputo creare queste istituzioni, che tolgono all'operaio tutto il peso e le preoccupazioni dell'allevamento ed istruzione dei propri figliuoli, dall'altro non ha trascurato il benessere dei suoi modesti collaboratori nelle loro case stesse.

Come in Italia, così in Brasile oggi quello delle abitazioni è un problema presso che insolubile.



*Giardino d'Infanzia — I bambini
a pranzo*



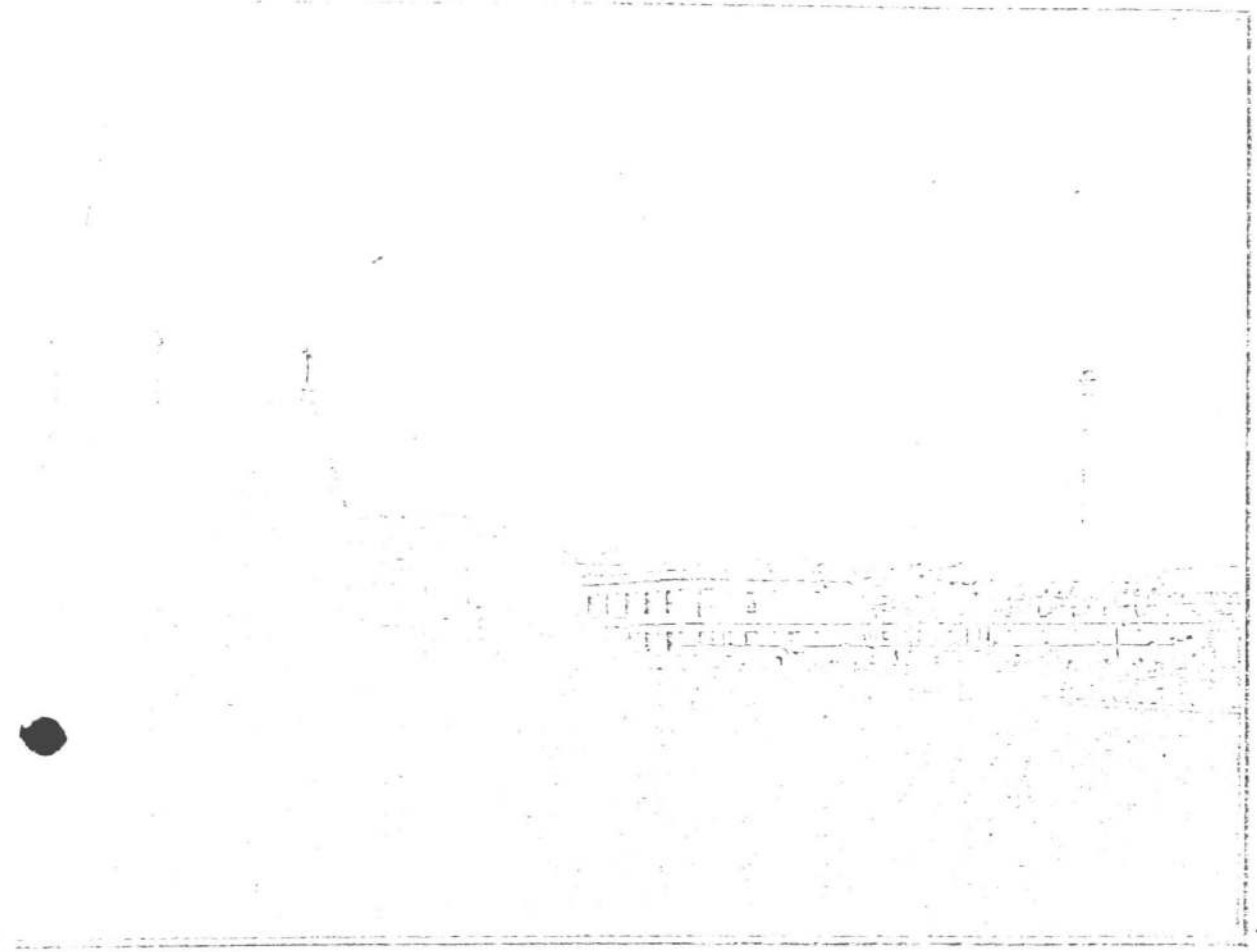
ché la pigione delle case più modeste assorbe buona metà dei guadagni di una famiglia. Un operaio che guadagna dai 200 o 300 milreis al mese come può pagarne 100 o 120 di casa?

Ed ecco perché si assiste spesso all'antigienica, immorale ed infetta promiscuità di famiglie numerosissime rannate in vari tuguri, dove spesso genitori e figli, senza considerazione di sesso, vivono nella stessa cameretta e spesso nello stesso letto!

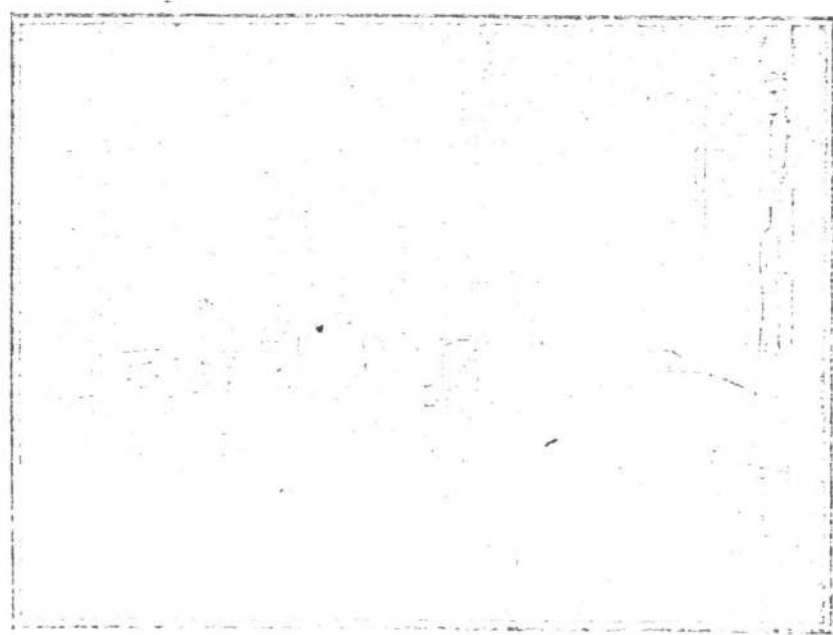
Così, mentre nelle case si sviluppano gli istinti sessuali fra cento oscenità, non mancano quelli che cercano fuori della porta ed in altre bibite l'oblio delle loro miserie!

È il Dr. Sirect ha pensato anche a questo.

Medici, igienisti, economisti e sociologi si scervellano per la soluzione di questo problema gravissimo, e gli l'ha risolto senza strombature e senza colpi di grancassa, facendo edificare circa 500 case, alle quali si sono già sommate parecchie altre, tutte — un po' tutte — ancora in costruzione. Le costruzioni sono



Vista della Chiesa, «Gremio Musical», Sala medica, Farmacia, e parte della Fabbrica



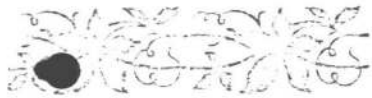
Vista della Sala medica e Sala di pronto soccorso



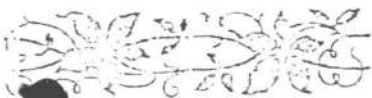
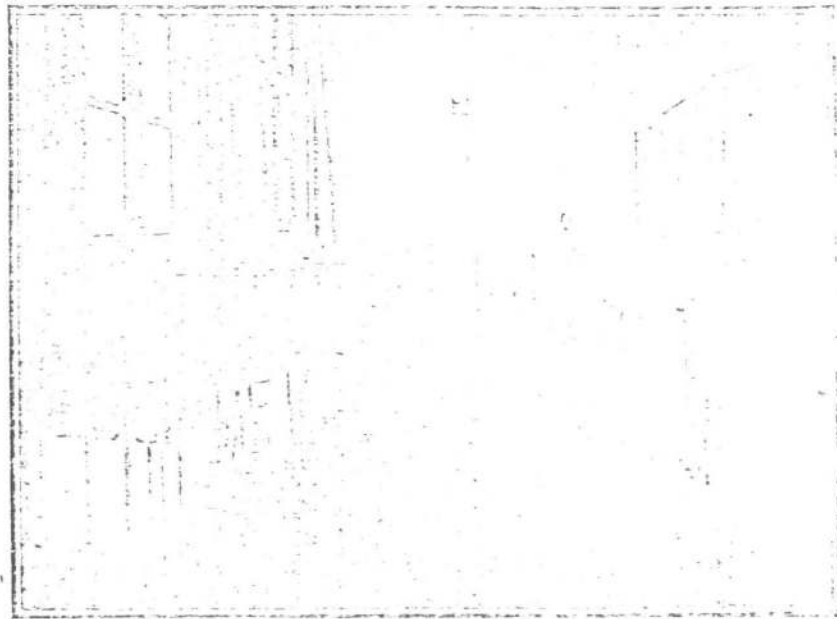
E non sono le solite cose operale che l'ingordigia degli speculatori fa sorgere qua e là nelle parti della città europea, e che sono dei veri alveari umani dove si addensano in due o tre camere non molto ricche dell'aria e del sole, famiglie numerosissime che il bisogno ha preso nella sua stretta fatale. E tutta invece di veri *chateaux*, col loro giardino fiorito, la loro terrazza, acqua filtrata, luce elettrica e fieno. Si tratta di case che non sarebbero disprezzate, non dico dagli operai delle altre fabbriche, ma a molti borghesi, che spendono più del quadruplo o del quintuplo di pigione senza avere in queste abitazioni che hanno i formati operai della fabbrica Maria Zeila.

E bisognerebbe poi penetrare in queste abitazioni, dove, dalla mobilia luda e graziosa alla eterna pulizia che vi regna tutto parla di benessere.

Sono quasi tutti operai italiani i formati, e quanti altri aspettano che le nuove costruzioni vengano finite per godere anch'essi di quest'altro beneficio che il Dr. Street offre anche ai suoi più umili cooperatori dando loro così un'altra partecipazione indiretta agli utili dell'azienda.



*Giardino d'Infanzia — Riposo
dopo colazione*



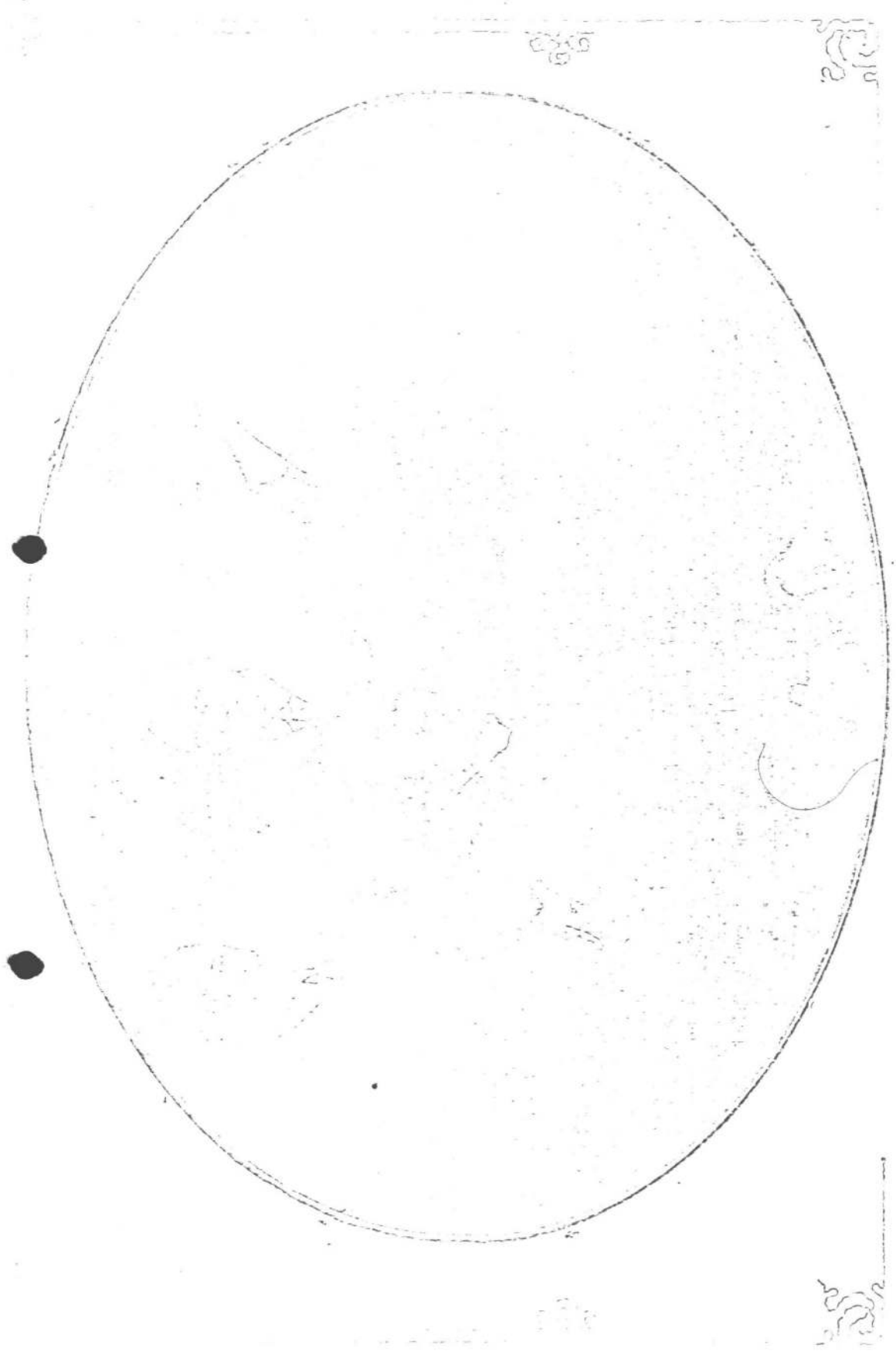
Magazzino e restaurant — Ma credete forse che qui si arrestano le iniziative del Dr. Street in favore dei suoi operai?

Egli, che è uno studioso dei fenomeni sociali, sa bene che uno dei tanti roditori delle famiglie dei lavoratori e dei piccoli borghesi è lo sfruttamento di cui son vittime per parte dei negozianti privati che forniscono i generi alimentari ed i vestiti che sono loro necessari.

E perché egli non è uomo da lasciare insoluto nessun problema per migliorare le condizioni di suoi operai senza nulla loro chiedere e senza impor loro nessuno obbligo, ha creato in aiuto a questo sofferto ma onesto magazzino fornito di tutto l'indispensabile all'esistenza di una famiglia.

Gli operai sono liberi di fare i propri acquisti in tale magazzino: chi li fa gode di un detentato credito che viene liquidato mensilmente e perché egli non ha inteso di fare nessuna speculazione ma solo di offrire la opportunità di acquistare generi sani di prima qualità ed al minimo prezzo possibile.

334
a



Companhia Nacional Tecidos de Juta
Presidente Dr. Jorge Street, o Direttore Commerciale Colonnello José Rodrigues da Costa, il Direttore Dr. Ferreira Coelho e l'ausiliare della Direzione
Sig. Mario Rocha

Come avviene per tutti gli atti di altruismo, dapprima gli operai guardarono con diffidenza la nuova iniziativa. Qualcuno insisteva che si volevano obbligare i lavoratori a spendere i loro guadagni tra la stessa fabbrica per ritrarne un lucro, altri faceva considerare che rendendosi clienti di tale negozio, in caso di sciopero si sarebbero trovati privi di ogni possibilità di esistenza, non potendo tenere il credito dei negozi privati che avevano abbandonato.

Il dott. Street non si preoccupò di tale diffidenza, ed al primo sciopero ordinò che il magazzino continuasse a restare aperto ed a funzionare, somministrando ugualmente i generi ai suoi operai ed ai clienti, in attesa di liquidare i conti ad agitazione finita.

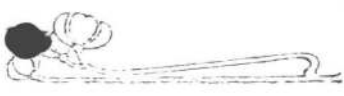
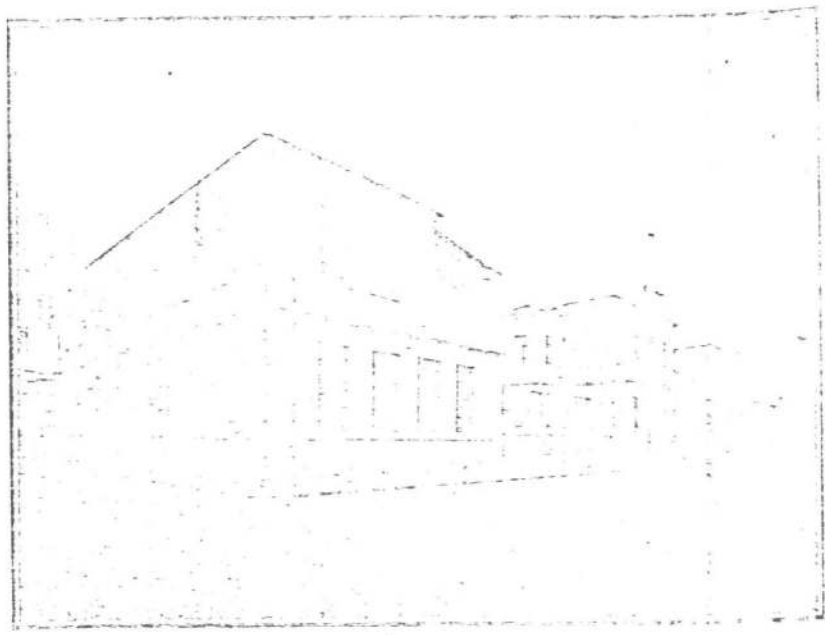
Così i diffidenti furono vinti ed oggi tutte le famiglie che vivono entro il recinto della fabbrica trovano ben conveniente acquistare i generi alimentari e gli oggetti di vestiario nel magazzino.

Altra provvida idea è stata quella di istituire un restaurant nel quale gli operai che non hanno famiglia possono trovare a mezzogiorno una colazione sana ed al minimo prezzo possibile.

Ed anche questo ottimo pensiero fu accolto con soddisfazione dagli operai scempoli che non avrebbero avuto altrove, a quel prezzo, un trattamento uguale.



Vista esterna di uno dei "Gruppi Scolastici"



Assistenza medico-chirurgica — Dopo il magazzino ed il restaurant, non poteva il Dr. Street trascurare l'esistenza dei suoi collaboratori in caso di malattia od accidente, ed ha costituito un ambulatorio medico-chirurgico che fa il servizio gratuito nell'ambulatorio da lui impiantato con tutti i requisiti prescritti dalla scienza moderna. Ferri, apparecchi ed istrumenti di ogni genere sono a disposizione dell'ambulatorio, il quale, in caso di urgenza, può provvedere anche a qualsiasi operazione, senza bisogno di trasportare il paziente all'ospedale.

Annesso all'ambulatorio vi è una farmacia, fornita anche dai più costosi e rari medicinali, che, per essere con profitto e conianti ed all'incirca, possono essere forniti ad un prezzo addirittura inferiore a quello delle farmacie pubbliche, perché all'ospedale non si riteneva che il puro costo del medicinale, mentre, se si tratta di bambini, i rimedi sono forniti gratuitamente.

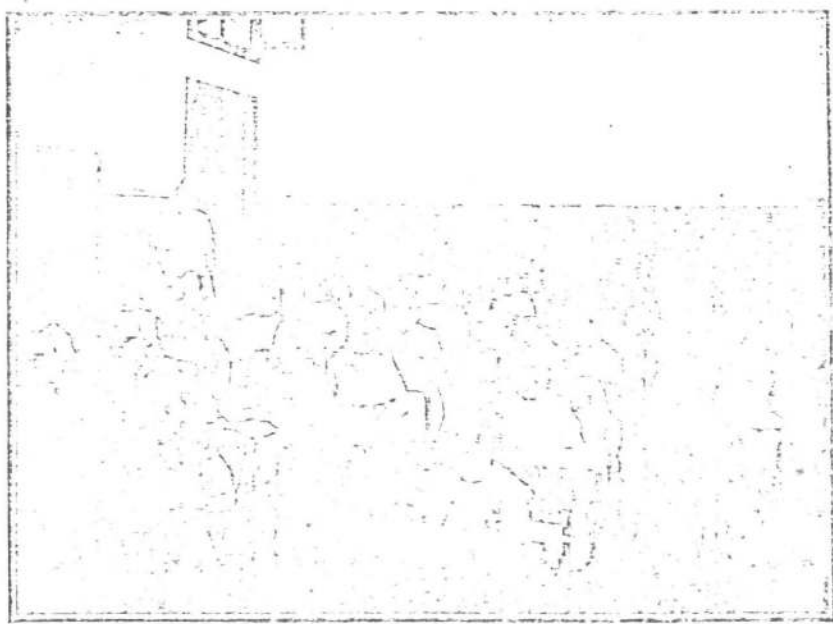
... di non dover uscire dal recinto dell'azienda per ne un bisogno od atto delle sue
... in breve costruita ampia e graziosa nelle sue linee architettoniche e nei suoi pro-
... ed alla sua costruzione concosero quasi tutti gli operai, chi offrendo spari-
... lavoro, chi parte del materiale - mentre con speciale bolla pontificia veniva con-
... alla chiesa stessa il privilegio del battesimo.

... della Chiesa fu creata una Società Corale per dare alle funzioni religiose maggiore
... in tutte le domeniche e nelle altre feste chiesastiche, mentre il sacerdote compie sul-
... il corpo corale lo accompagna coi più bei canti.

... alla società corale, è sorto anche un Centro Letterario e Drammatico, e gli operai vi si
... che va sempre più aumentando il numero degli assistenti, ai quali sotto la
... Dottor Torres, organizzano degli ottimi spettacoli ai quali prende anche parte una
... formata fra gli stessi operai cui il dr. Street ha donato gli strumenti necessari.



Una classe
di un Gruppo Scolastico



Teatro - Sala da ballo - Sport - Ma non si fermano qui le cure spese del dr. Street per dare
... operai, oltre che il benessere materiale anche il benessere dello spirito.

Dato che Poperaio, per il suo modesto bilancio, non può frequentare i teatri, e pur sente anche
... il bisogno di svagarsi con qualche spettacolo festivo dopo il lavoro continuo della settimana, egli
... la costruzione - che è già a buon punto - di un grande teatro nel recinto stesso della fab-
... che avrà la capacità di 1200 spettatori. E dietro al teatro sta sorgendo un altro edificio che avrà
... varie sale di bigliardo, ping-pong ed altri giochi leciti, e buffet, ed al piano superiore il
... da ballo di S. Paolo: sempre per evitare che i giovani, che hanno una gran predile-
... frequentino i balli pubblici che sono spesso occasione all'imoralità.

... anche lo sport è stato trascurato: e, mentre un gran campo di football già
... un altro di law-tennis, ed è in progetto una grande vasca di nuoto.

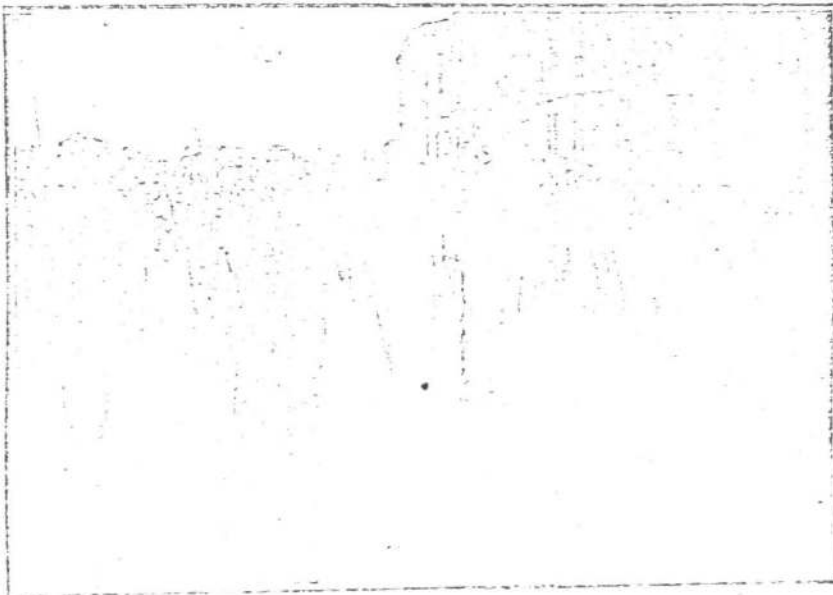
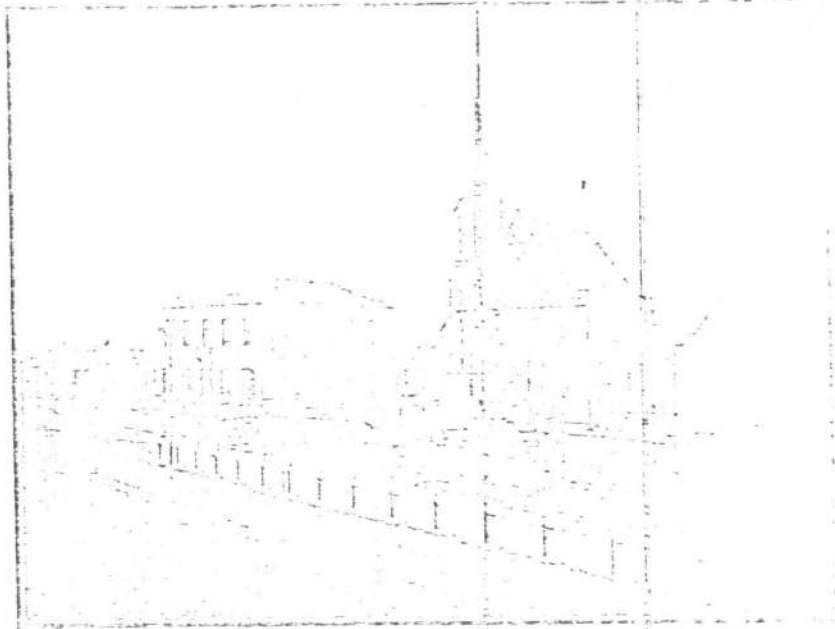
... fra i giovani e giovanetti delle famiglie operaie, il dr. Street ha vo-
... formare una legione di boy-scout ai quali ha fornito uniformi ed armi, istituendo anche
... che già funziona ottimamente.

33⁹
M

Questa nella sua semplicità eloquente — la magnifica organizzazione sociale dell'az.
Dr. Street
L. 117

Le parole sarebbero troppo meschine per cogliere l'opera grandiosa compiuta da questo

La Chiesa



Il Dr. Francesco Martini, inviato speciale del Nazion. I.
stolico, dopo la sua
onorificenza papale alla
Street, passa in rivista i
"scouts" della "F. M. S.", e
alla signora, ed al di L. e M.

Apoteosi di indefinibile eclettismo in favore dei suoi operai, con l'ausilio di quella nobilita... una signora...

... e il meglio la lotta per il progresso del proletariato a tutte le forme più diverse e possi-
bili. E ora che fino ad ora noi - come comunisti in Russia - e mentre le rivoluzioni si compiono
nel mondo - Jorge Street - silenziosamente, modestamente, ma compiuto la più bella e
grande via industriale socialista, che presto o tardi avrà i suoi inevitabili effetti nel
mondo di tutte le industrie del Brasile.

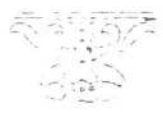
Alle due ore in prima volta, il Dr. Street distribuì tra i suoi operai, come gratificazione, una per-
sona a persona, all'anno un grande industriale esclamò:

Ma quella non è una fabbrica di tessuti. È una fabbrica di scioperi!

È di scioperi, per gli altri! - soggiunse il Dr. Street sorridendo.
Ed è vero.
E, il suo opere, come già pure chi è nato, lo sarà imitato da tutti gli altri industriali, il problema
non è risolvibile forse verso la sua soluzione!



Comunicato della Compagnia
... riguarda a cosa - dopo la
... degli operai che
... della fabbrica.



3. Grandiosità delle due fabbriche

Ed ora, diamo uno sguardo ai due stabilimenti ed alla loro produzione.

Le nostre fabbriche come ha visto, non hanno nulla di straordinario: ve ne sono tante altre
e di molte alla stessa importanza. Quello che io volevo farle osservare era solo la loro organiza-
zione sociale: null'altro!

Ma queste parole che il Dr. Street mi rivolse, mentre mi accommiatavo da lui, dopo l'ultima ma-
nifesta, non erano dettate che dalla passione che domina questo geniale industriale per la sua magnifica
via di bene e compagna nei suoi stabilimenti. Egli non vede e non persegue che il suo ideale, per lui
che è quel che quello. E non si stanca che di perfezionare tutti i giorni l'opera da lui creata con l'ade-
quato. E il progresso delle fabbriche come per lui quasi non cosa secondaria.

Il primo, in ordine di più grandioso dei due stabilimenti - São Adão e Maria Zelia - che so-
no dell'industria produttiva.

La fabbrica São Adão, nel suo genere, è la più importante dell'industria del Sud. Ha 1500 re-
torche, 2000 telai e 2000 spinnitori, per il che, produrrà in un'ora più di 300 contos di meço,
e in un'ora di più di un milione e mezzo!

È specializzata esclusivamente alla filatura e tessitura. Ha juta e produce 50 mila chili di filo
e 100 mila metri di malva, lappet e tele di cotone, e 2000 coperte di juta, lana e juta, lana e
juta, e juta.

3210
at

La fabbrica Maria Zelia è anche più grandiosa dell'aira
... impianti e macchine sono su di un'area di 300 mila metri quadrati, e come ho detto
... la bellissima organizzazione sociale, forma una piccola città industriale.
... dedicata alla filatura, tessitura, stamperia e mercerizzazione del cotone, e produce gli arti-
... dal cotone al finissimo, non solo curati molto nella qualità della materia prima impie-
... nella varietà e gusto del disegno.

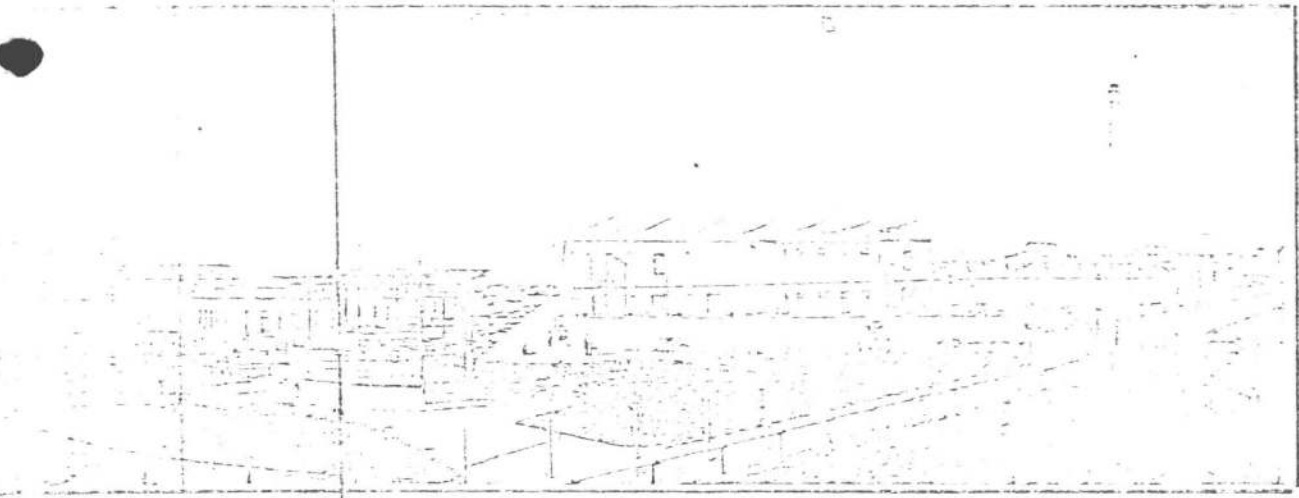
... la ricerca anche della produzione della Fabbrica Maria Zelia, che molti clienti offre-
... il 20 e persino il 50 per cento di aumento sui prezzi correnti pur di ottenere l'esecuzione delle pro-
... .

... in questi ultimi anni - mi diceva il chiarissimo dr. Street - avremmo dovuto raddoppiare
... ed anche così saremmo rimasti indietro di fronte alle richieste!

... 200 telai e 24000 fusi oltre le macchine più moderne per la tintoria, stamperia e merceriz-
... di circa 3000 motori, il che significa quasi un motore per macchina antica fab-
... che può vantarsi di un impianto dell'aspetto perfetto, che è mosso da una ener-
... H. P. all'ora.

... 2500 operai, che, coi 3000 della Fabbrica Sant'Anna, fanno una popolazione operaia
... 5500 anime.

... Companhia Nacional de Tecidos de Juro è di ventisei mila contos di reis e
... corrente, circa 130 milioni di lire. E la vendita annua durante la guerra, per la enorme
... produzione è arrivata a cifre fantastiche.



Colpo d'occhio di parte della villa operaia, magazzini, "crêch", e di una sezione della fabbrica

... può giudicarsi quindi quale intelligenza, larghezza di vista, attività ed energia, sono necessarie per
... trovare una macchina così possente.

... A tutto sovrastando, col suo sguardo d'aquila, il presidente della Compagnia, dr. Jorge Street
... la direzione della sua colossale azienda, è stimato ormai come una delle più alte au-
... nel Brasile nel campo industriale - ed ha come preziosissimo collaboratore il colonnello José Ro-
... Costa, che ha affidato alla sua eccezionale energia, tutta la direzione generale commerciale.
... la direzione tecnica della Fabbrica Sant'Anna è preposto onnipotente il chiaro ingegnere dr. Eze-
... Coelho, mentre la Maria Zelia è diretta dall'egregio dr. Belisario de Assis Fonseca.

... nel consiglio d'Amministrazione della Società si distinguono poi l'illustre deputato dr. Mario Ta-
... industriale Guilherme Guinle ed i dott. Raimundo Dutra ed Alfredo Speers - un com-
... competente turco-ene.

... una direzione ed un'amministrazione simile si spiega magnificamente il progresso veramente
... delle ditte fabbriche di questa grande Società, della quale il mondo industriale bra-
... ammirare veramente orgoglioso.

3211
of.

PAPERS 266 a 283

ALFREDO OUSANO

" IL BRASILE ... GL'ITALIANI E LA GUERRA" 1921

EDITRICE D'ITALO - SUDAMERICANA IMPRESA DI PROPAGANDA E

PUBBLICITÀ - ROMA - BUENOS AIRES - S. Paulo.

340
aly

io, por
ambida
ituição
, sob a
inistro.
amento
ilo, que
feição
note da
o T
avera no
tenha os
de uma

e, ainda
ldéia de
sas, po-
envolvi-
entistas
nição do
a, e exi-
sistível,
rabalhis-
der, pela
indicatos,
se torna-

mpo de
Negar
ial. Gra-
ntre nos
om a acui-

ntre nós o
da primei-
ão dos es-
se, nem de
l qual nos
publicações
tre nós, no
busos e in-
res e, mes-
dia respeito
cio e do sa-

filho, principalmente. E sabeis que falo de experiência própria, porque durante mais de 35 anos dirigi fábricas com milhares de operários e sei bem o que vos digo. Confesso que trabalhei com crianças de 10 ou 12 anos e talvez menos, porque, nesses casos, os próprios pais enganavam. O horário normal era de 10 horas e, quando necessário, de 11 ou 12 horas. O que vos dizer das mulheres grávidas que trabalhavam até a véspera, que vos dizer? Até quase a hora de nascer o filho. Não preciso explicar os exemplos, cito estes unicamente para mostrar que o problema existia".

E o desabafo, justificando a conversão, que lhe pareceu justa e necessária: "Em breve a consciência se me despertou e eu procurei, talvez algum de vós o saiba, resgatar as injustiças praticadas, dando o que me foi possível dar àqueles que comigo trabalhavam. Confesso-vos ainda que me orgulho do título de poeta da indústria, que alguns dos meus companheiros

de classe, e não dos menores, então me deram. Fui dos primeiros, mas não fui o único, longe disso, em quem a consciência despertou, e muitos foram os que comigo começaram a versejar, poetas também, no caminho da justiça social".

Dentro de uma concepção cristã de vida, sem necessidade de chegar a apelar para nenhuma linha radical, Jorge Street forma, com Carlos Alberto de Menezes (Pernambuco) e Luís Tarquínio (Bahia), a representação mais avançada da classe patronal brasileira da 1ª República, à maneira do seu émulo francês, Léon Harmel, falecido em 1915. Ainda em vida, já velho e alquebrado, teve Jorge Street a desventura de assistir ao triste espetáculo de ver a sua *Maria Zélia*, em Belémzinho, na cidade de São Paulo, transformar-se em prisão auxiliar, em fins de 1935, para os participantes, muitos dos quais operários, do movimento de 27 de novembro daquele ano (19) (19').

NOTAS

✓ RES sumi

- ✓ 1. Jorge Street, "Inquérito sobre as relações industriais no Brasil de há 25 anos atrás", in *Legislação do Trabalho*, São Paulo, ano I, Vol. I, nº 2, junho de 1937, p. 55.
- 2. E. Dias, *História das lutas sociais no Brasil*, São Paulo, 1962, p. 283.
- 3. *O Estado de São Paulo*, 20/7/1917.
- 4. Transcrita em Documentos Parlamentares, *Legislação Social*, vol. I, Rio de Janeiro, 1919, pp. 829/850.
- ✓ 5. M. de Lacerda, *Evolução Legislativa do Direito Social Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1960, pp. 131, 160 e 166.
- ✓ 6. In E. Carone, *O pensamento industrial no Brasil*, Rio de Janeiro-São Paulo, 1977, p. 306.
- ✓ 7. R. Barbosa, *Escritos e discursos seletos*, Rio de Janeiro, Editora José Aguilar Ltda., 1960, p. 447.
Na edição oficial, *Obras Completas de Rui Barbosa*, vol. XLVI, 1919, tomo I, Rio de Janeiro, 1956, p. 93.
- 8. Da Edição Aguilar, pp. 452 e 463.

343
CAY

- ✓ 9. *Apud* O. Pupo Nogueira, *A Indústria em face das Leis do Trabalho*, São Paulo, s./d., pp. 52/53.
- ✓ 10. J. Street, *A Legislação Social Trabalhista no Brasil*, Conferência realizada no Instituto de Engenharia, São Paulo, 1934, 31 p. (Cópia de Street)
- ✓ 11. *In* Carone, cit., pp. 108/118, 203/230.
- ✓ 12. *In* Carone, cit., pp. 308/312.
- ✓ 13. A. de Sampaio Dória, *A questão social*, São Paulo, 1922, pp. 347/348.
- ✓ 14. O. Pupo Nogueira, cit., pp. 40/41.
- ✓ 15. F. Calage, "Precusores do movimento social brasileiro", *in* *Leg. do Trabalho*, agosto 1940, pp. 316/317, de onde extraímos as palavras, no texto, de Roberto Simonsen.
- o 16. B. Fausto, *Trabalho urbano e conflito social*, São Paulo—Rio de Janeiro, 1976, pp. 221/223.
- ✓ 17. Transcrito em Documentos Parlamentares, *Legislação Social*, vol. III, Rio de Janeiro, 1922, pp. 873/877.
- o 18. Escreve Joaquim Pimenta em suas memórias, *Retalhos do Passado*, Rio de Janeiro, 1949, pp. 413/414: "Dentro de uma semana, a convite do Dr. Lindolfo Color, nomeado Ministro do Trabalho, entrava eu a colaborar com ele na organização do novo ministério, juntamente com Evaristo de Moraes, já designado para o cargo de Consultor Jurídico, Agripino Nazareth, como aquele, líder socialista, ambos assaz conhecidos dos meios proletários; Afonso Bandeira de Melo, grande conhecedor da legislação internacional trabalhista, sempre representando o Brasil na Conferência de Genebra, e Jorge Street, antigo industrial, também entendido em assuntos de direito obreiro".
- o 19. Antônio Vieira, *Maria Zélia*, 2ª ed., São Paulo, 1957.
- ✓ 19'. Para confirmação da benemerência da política operária de Street, mas com crítica ao seu paternalismo e ao que chamava de sua "moderna aldeia", veja-se Warren Dean, *A industrialização de S. Paulo*, trad., 2ª ed., S. Paulo, s./d., p. 168.

Conferência pronunciada a 6-7-1978.

Presid
Jessé
Sucre
Marc
Cons
Afonso
Antônio
Túci
Cláudio
da F
Edr
da C
Mor
de S
Paiv
— H
res C
de S
Sim
Silv
Ilóe
também
ta - T



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

8.º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS

MICROFILME N.º 38435

CONDEPHAAT

CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO,
ARTÍSTICO E TURÍSTICO DO ESTADO

CERTIDÃO N.º: 0055

Nos termos do Provimento n.º 7/84, de 09/03/84, da Corregedoria Geral da Justiça, CERTIFICO, para os devidos fins, que o Senhor Secretário de Estado da Cultura, em consonância com o decidido pelo Egrégio Colegiado em sua Sessão Ordinária de 24/09/90, Ata n.º 887, baixou a Resolução n.º 43, de 18/12/92, pela qual foi tombado o imóvel VILA MARIA ZÉLIA localizado na Rua Adilson Faria Claro, nesta Capital, estando o mesmo devidamente inscrito no Livro de Tombo n.º 305, conforme dispõe o Artigo 139, do Decreto Estadual n.º 13.426, de 16/03/79.

São Paulo, 15 de agosto de 1.995.

José Carlos Ribeiro de Almeida
JOSÉ CARLOS RIBEIRO DE ALMEIDA

Presidente

Doc. 24.861/95

8º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS

Av. Paulista, 1499 - Cj. 52 - Fone: 289-6448

APRESENTADO HOJE, PROTOCOLADO E REGIS-

TRADO EM MICROFILME SOB N.º 38435

São Paulo,

30 OUT. 95

[Assinatura]
Gerente José Filizaci Cunha - Oficial

Escritores Autorizados:

Barry Alves da Silva Cunha - Cristiane Assencio Duarte

Total pagas _____

Esse valor inclui 27% devida ao Estado, 20% devida ao ¹²¹

SELOS E TAXAS RECOLHIDO POR VERBA

(Isento de Emols.Custas e Contribuições,
Art. 29, Lei Est. 4.476 de 20/12/84.)

050

975

00	23

02

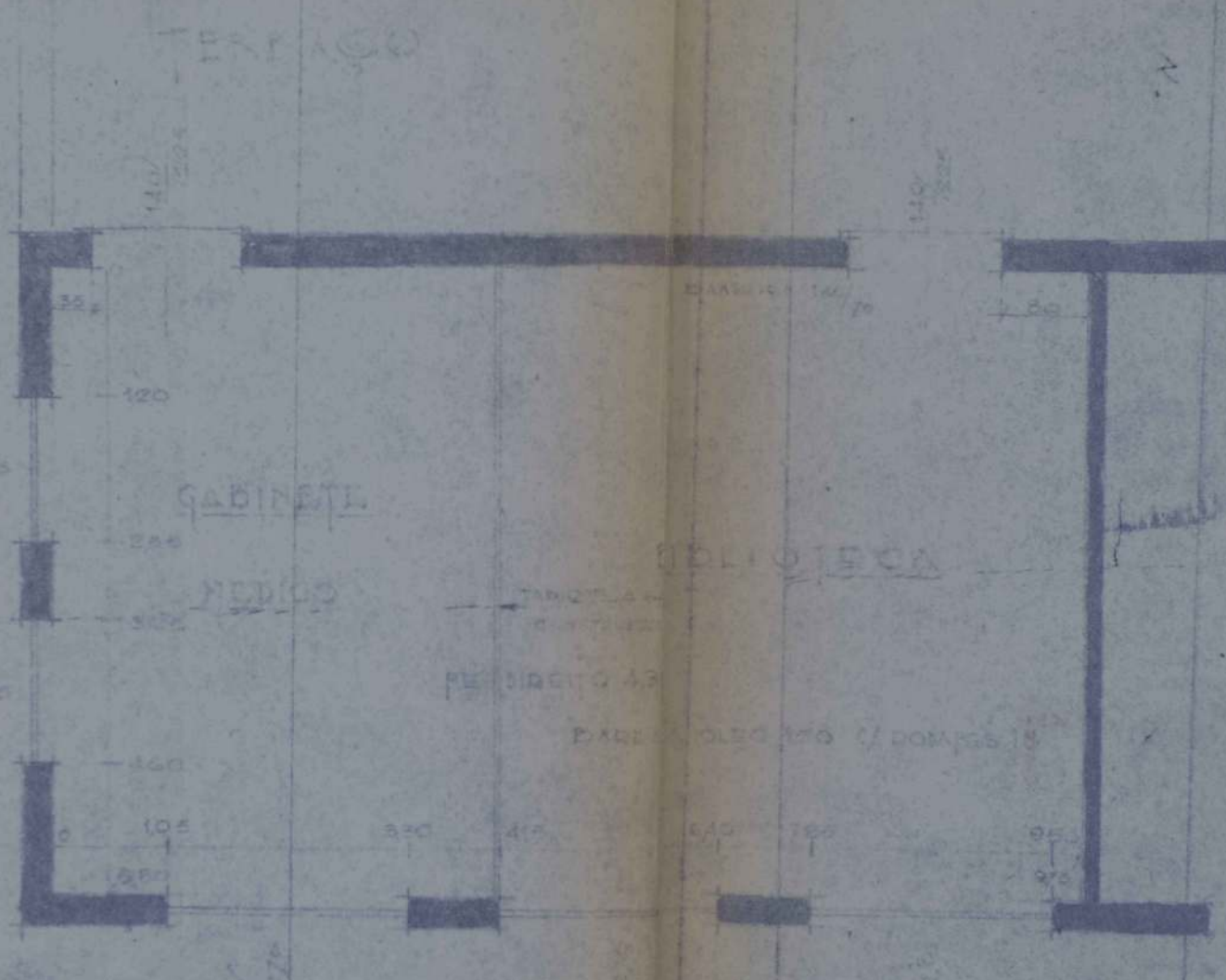
GRUPO ESCOLAR MARIA ZELIA (B)

ALVARADO

25547

040,32

10191



MEMORIAL DESCRITIVO

Grupo Escolar Maria Zélia
 dos Prazeres, Nº 2, entre trav. Cafambi e
 3, Nº 384 - Bairro do Belém (Capital)
 QUE ESTÁ SUBORDINADO
 à Instrução Pública.

Cia Nacional de Tecidos de Juta
 da Pederieux,
 diurnas em 2 períodos, 14 classes,

argamassa de cal e areia - Bem executada
 a estado.

assobalhos de 0,15, alinhamento de madeira
 rodos. Gab. sanitarios, ladrilhos de
 cimento e terra. Áreas cobertas, passa-
 ladrilhos de cimento s/terra.
 rolados.

coliv. necessarias às aguas pluvias.

em todas as classes, conformando o
 redes principais. Muraes.

de alaba de 0,1 e cimasto, pintadas a óleo.
 Barras a óleo de 1,50 em todas as comp.^{tas}

Janelões com as bandeiras moveis,
 e cada Não têm escuros.

em profusão. Podem ser aproveitadas
 diurnas. (Em media, 6 pend por aula).

mal. Abast. feito pela rede publica.

ligado as redes publicas.

em orientadas, havendo saergetus
 o perimetro.

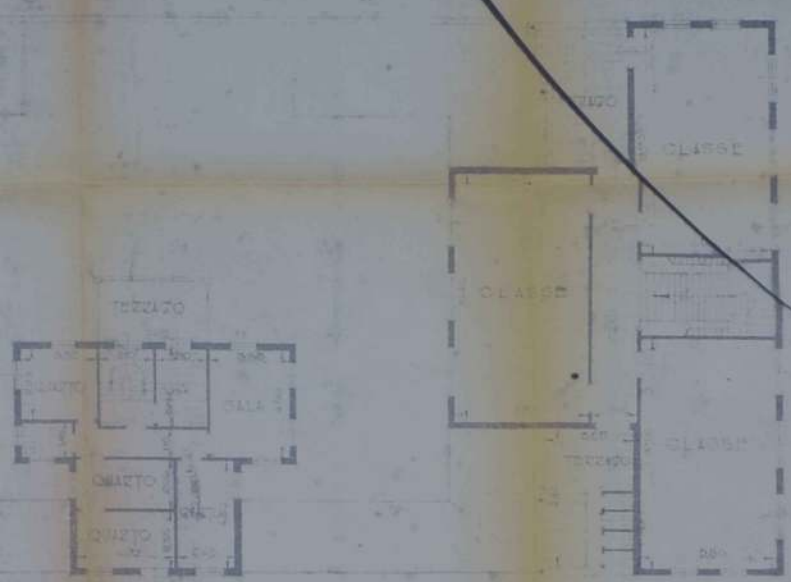
em muito bem executadas, estando

em são. Aspecto geral bom, higienica
 e iluminadas e ventiladas.

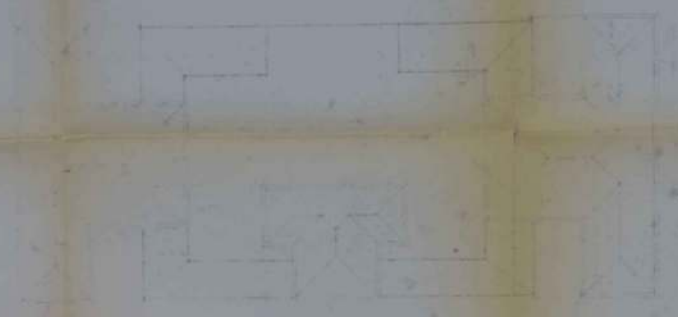
1º TERRENO - Área total m²
 " const.
 " não " recreio

CONSTRUÇÃO

ELEMENTOS	ÁREA REAL	ÁREA VIRTUAL
Áreas principais		
Pavimentos terreatos		
Áreas fechadas	58.920	58.920
Pavimento superior		
Áreas fechadas	659.10	659.10
Pavimento terreato		
Hall	284.24	213.18
Passadiços	144.24	36.00
Par. sanitarios	48.96	48.96
pavimento superior		
Par. sanitarios	924	924
Terracos cobertos	9600	2400
" descobertos	1350	337
Áreas virtuais de estab.		
VALORES		
Terreno 126.900x258		31.7258
Construc 1583.00x2408		379.920
Benfeitorias		
Muro de fecho 48.36x1008		4.8008
(altura 4.50).		
		TOTAL 416.4458
Capacidade normal	570	
" real $\frac{500}{2}$	280	
Valor por aluno normal	730800	
Aluguel (Teorico mensal)	3.4708	
" real	5 cedido	

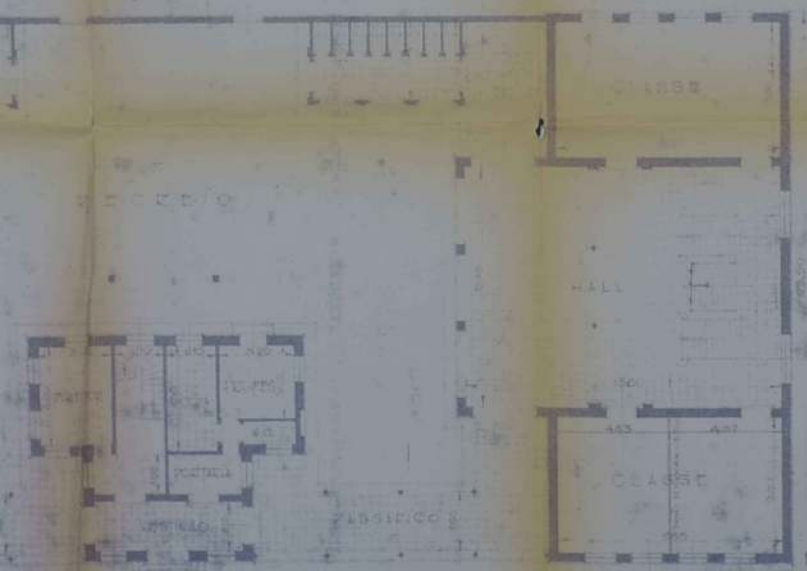


~ESCALA 1/100~

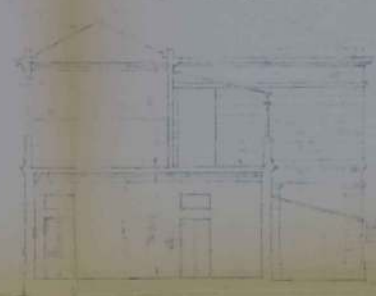


~DIAGRAMA DO TELHADO~

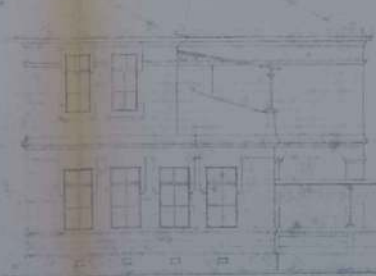
~ESCALA 1/200~



~ESCALA 1/100~



~CORTE TRANSVERSAL~



~VISTA GERAL~

19-8-03
Alfredo

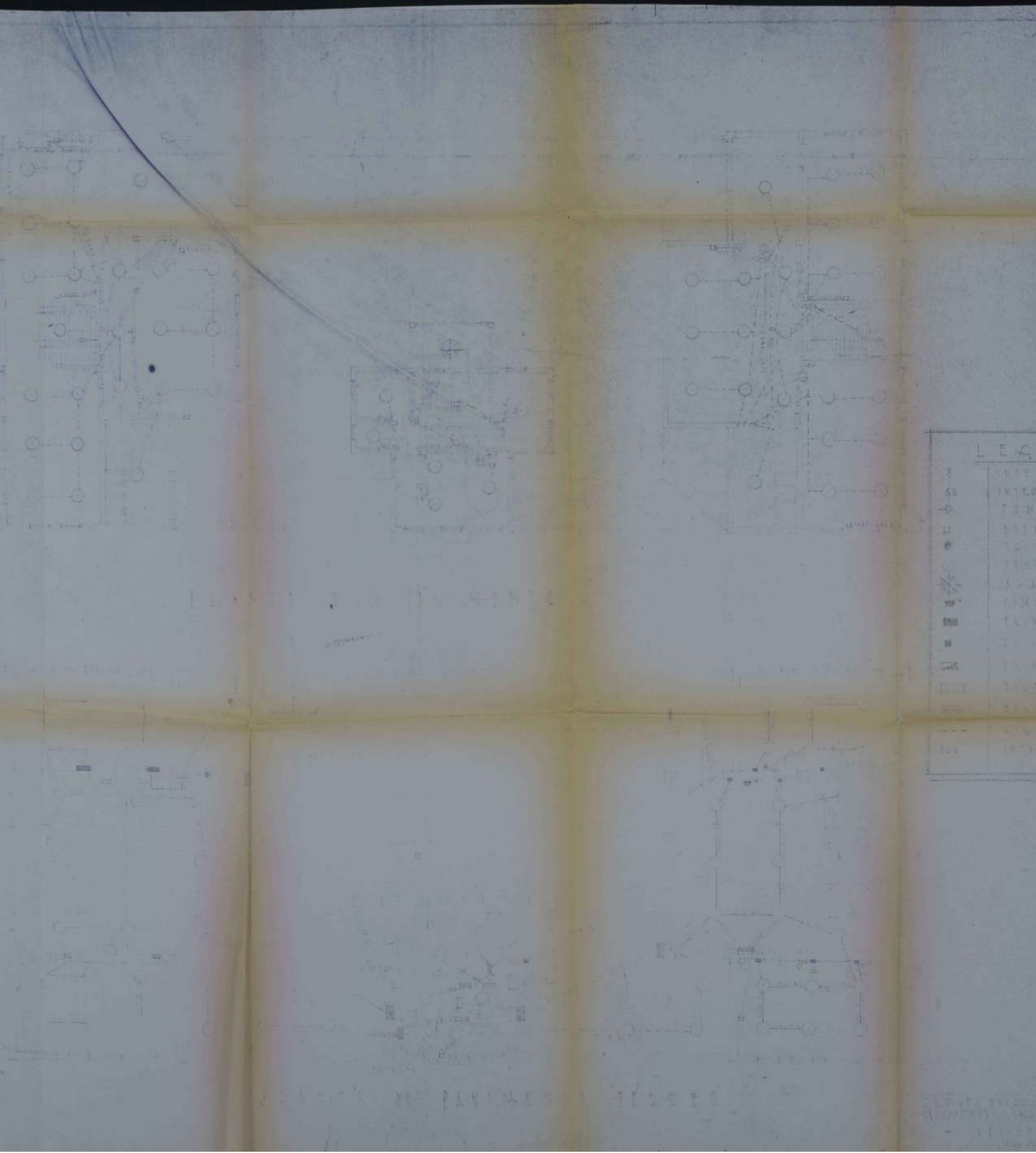
~ARZIA ZELIA~

~(CAP

00 231 03

03

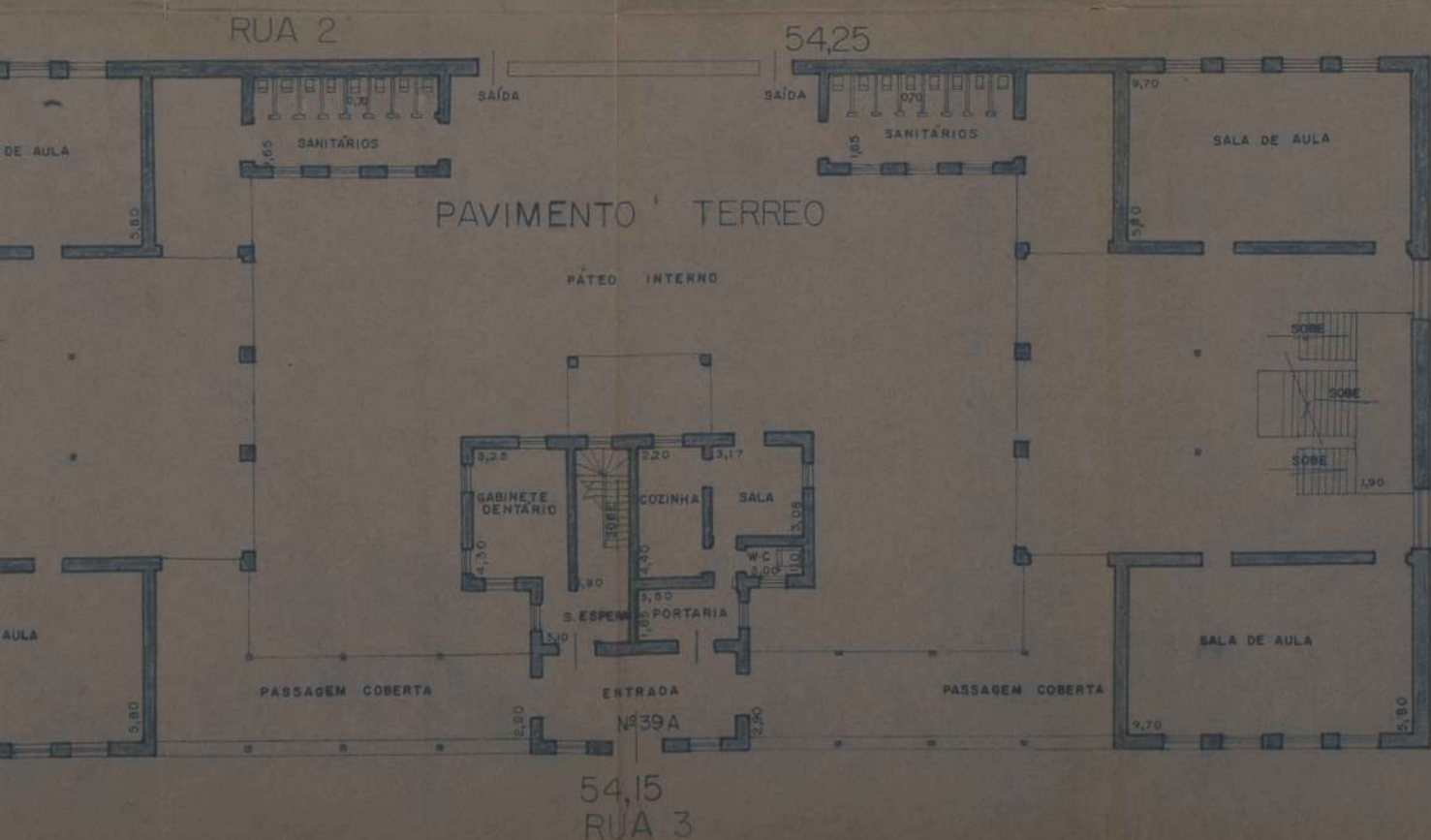
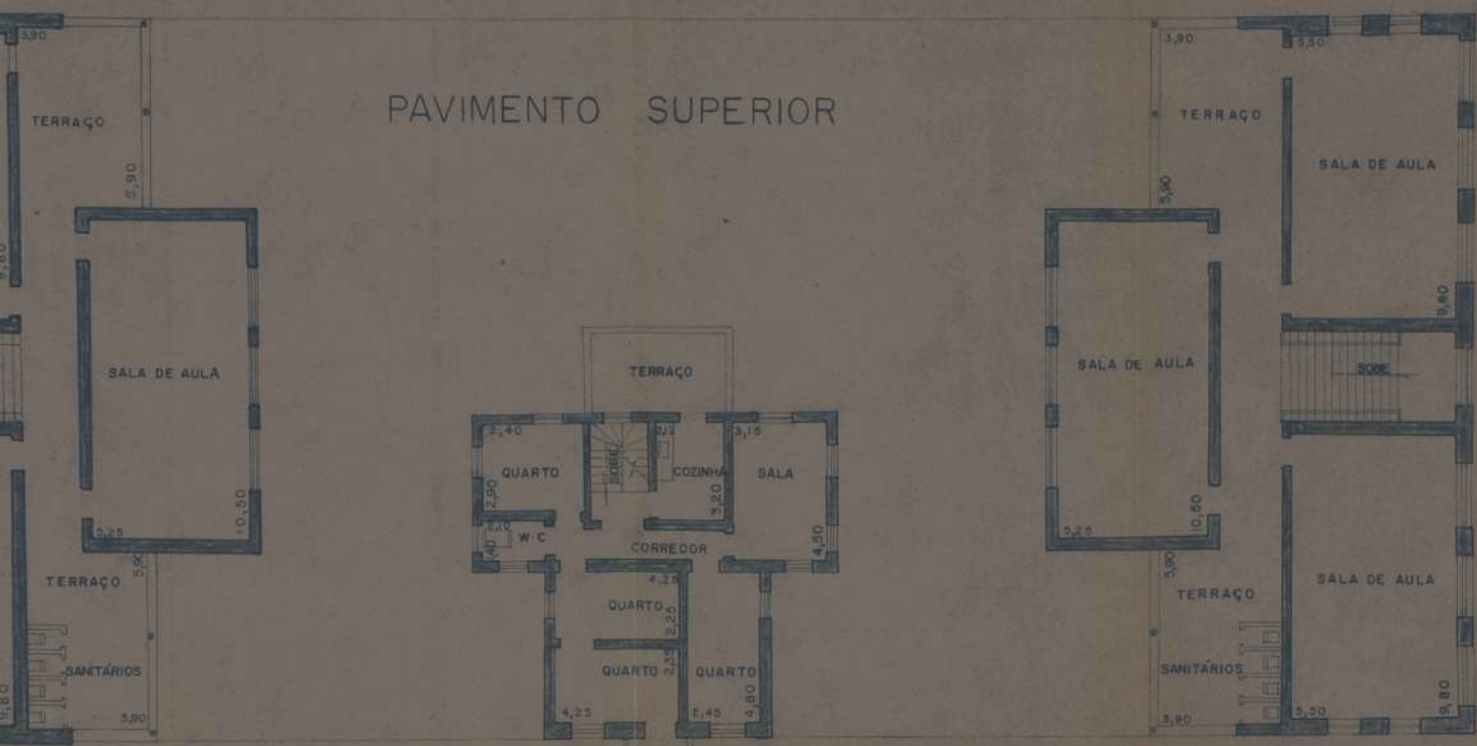
GRUPO ESCOLA MARIA ZÉLI
(LAPIMAS) - CASIMIRO DE OLIVEIRA
- DEPARTAMENTO DE -
(Vila Maria)



PLANTA DO EDIFÍCIO
DO GRUPO ESCOLAR
DA VILA MARIA ZELIA
DO INPS

polito
senhor
E. Silva

CANU



MARIA ZÉLIA

FASE	FOLHA	
VISTO	DATA	
ESCALA	DATA	

van

[Handwritten signature]

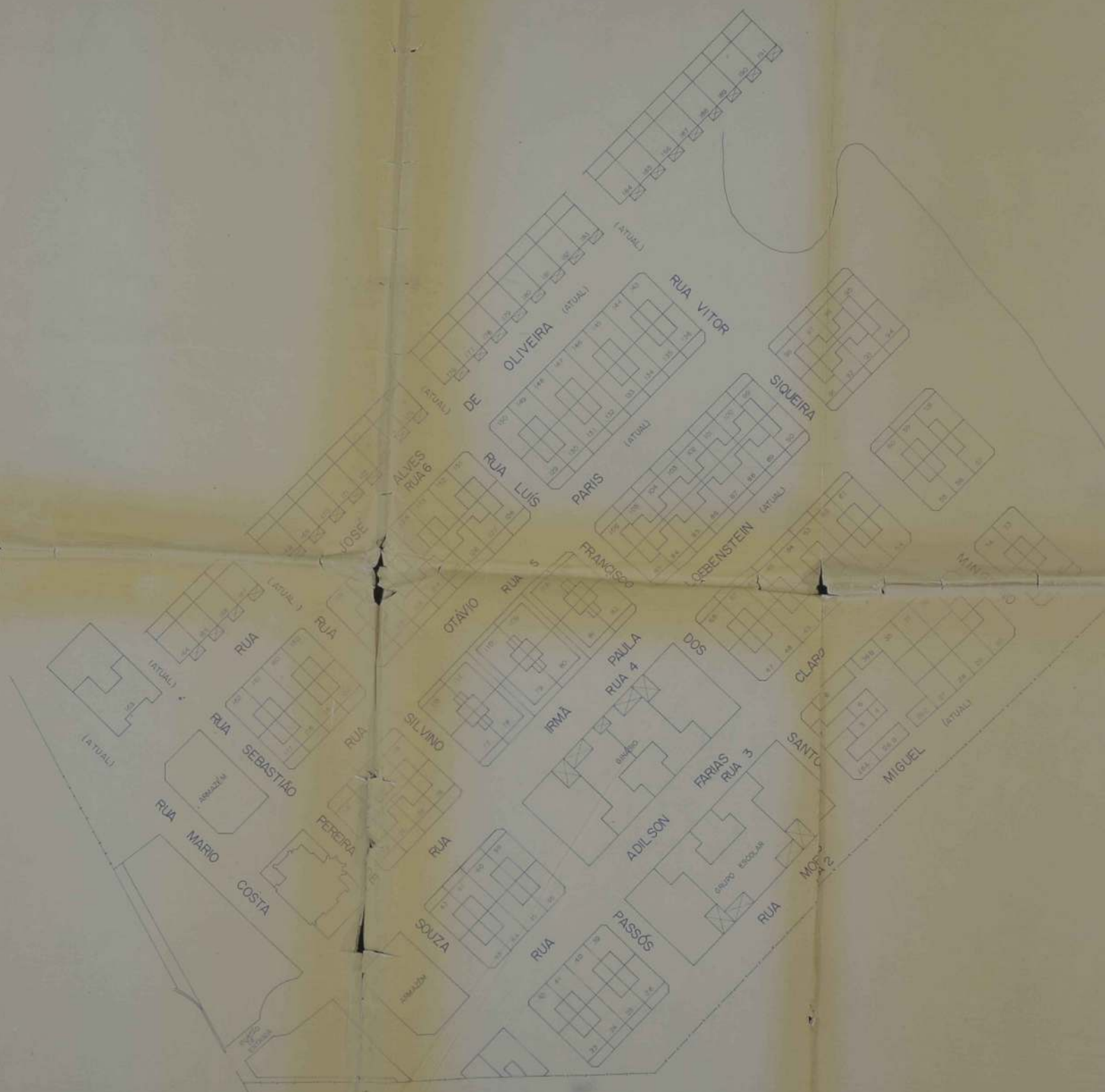
13/12/90

1:500

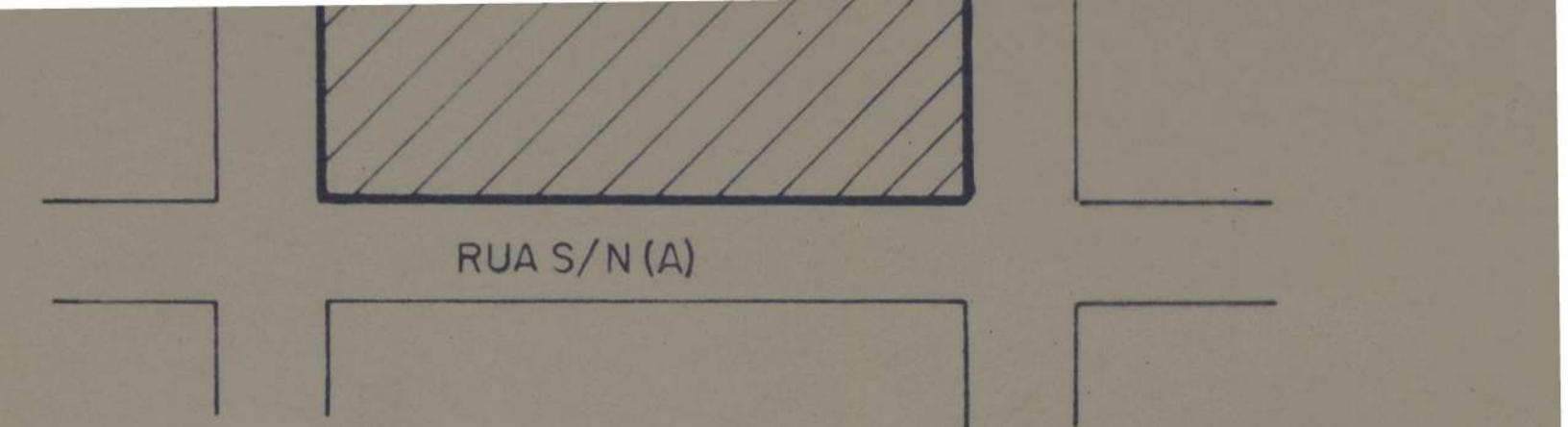
13/12/90

RIA DE ESTADO DA
EPHAAT

DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO, AF
39 - 11º ANDAR - CEP 01009 - SÃO PAULO - TELEFONE



PROJETO			
PROJETA			
PROJETO Nº	DATA	DATA	DATA
PROJETA	DATA	DATA	DATA
PROJETO	DATA	DATA	DATA
SECRETARIA DE ESTADO DA			



RUA S/N (A)

COMPANHIA DE CONSTRUÇÕES ESCOLARES DO ESTADO DE SÃO PAULO

ESTABELECIMENTO

EDIFÍCIO VAGO (P/ INST. MARIA ZÉLIA)

BELENZINHO - SÃO PAULO

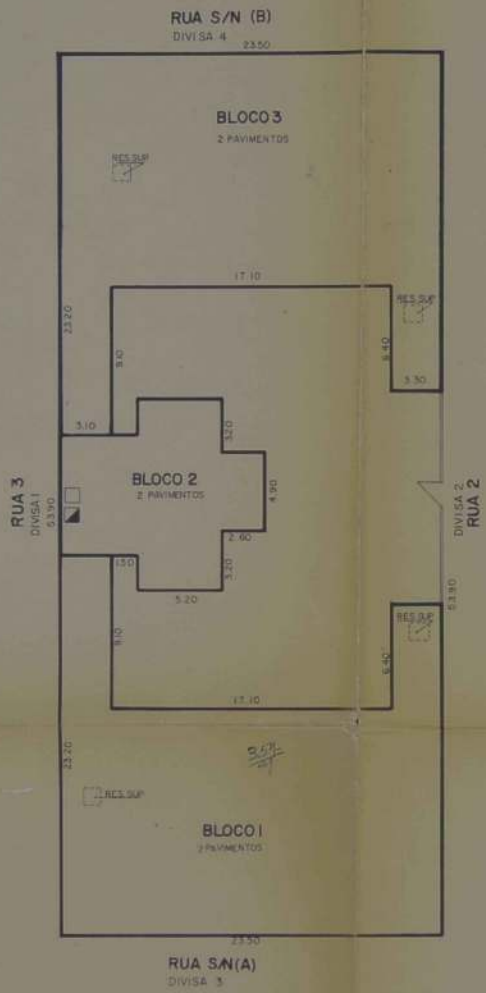
ELABORAÇÃO

PROJETO DE INSTALAMENTO NO LOCAL

PLANTAÇÃO E MICROLOCALIZAÇÃO

ESCALA

1:200



ÁRVORE DE GRANDE PORTE	POSTE DE ILUMINAÇÃO
FOSSA	POSTE COM TRANSFORMADOR
FOSSA SÉPTICA	INDICAÇÃO DO NORTE
POÇO	PARA-RAIO
POÇO SEMI-ARTESIANO	TALUDE
COTA DE NÍVEL	ACLIVE
ENTRADA DE ÁGUA	ERDÃO
ENTRADA DE LUZ	

LEGENDA

SERVIÇOS	CALÇADA		PAVIMENTOS		ÁGUA		ESGOTO		LUZ		COMUNIC. PÚBLICA		TELEFONE		SISTEMA DE LIND		ÁREAS PROTIDAS		PAREDES PROTIDAS		
	S	M	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	S	N	
1. S																					
2. Z																					
3. S/N A																					
4. S/N B																					
5.																					
6.																					

COMPANHIA DE CONSTRUÇÕES ESCOLARES DO ESTADO DE SÃO PAULO - CONESP
 NOME DO ESTABECIMENTO
PREDIO VAGO (P/INST. MARIA ZÉLIA)
 010231103

ANHA DE CONSTRUÇÕES ESCOLARES DO ESTADO DE SÃO

O ESTABELECIMENTO

EDIO VAGO (P/ INST. MARIA ZÉLIA)

ÇO

3 - BELENZINHO - SÃO PAULO

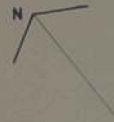
E ELABORAÇÃO

ANTAMENTO NO LOCAL

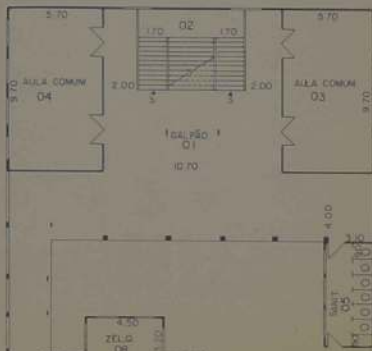
ANTA DOS PAVIMENTOS

ESCALA

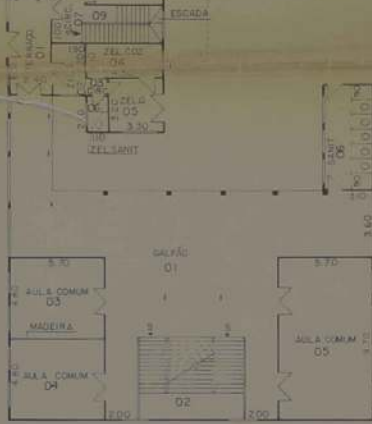
1: 200



BLOCO 3
1º PAVIMENTO

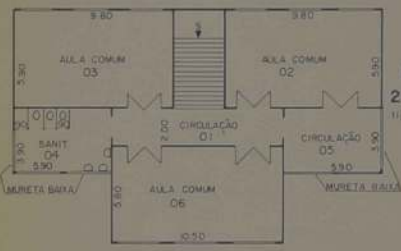


BLOCO 2
1º PAVIMENTO



BLOCO 1
1º PAVIMENTO

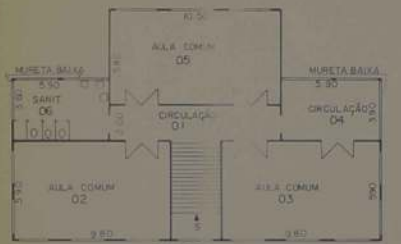
BLOCO 3
2º PAVIMENTO



BLOCO 2
2º PAVIMENTO



BLOCO 1
2º PAVIMENTO



COMPANHIA DE CONSTRUÇÕES ESCOLARES DO ESTADO DE SÃO PAULO - CONESP
 PROJETO DE ESTABECIMENTO
 PREDIO VAGO (P/ INST. MARIA ZÉLIA) 0023103

HIRANTE
 SEBECOURT
 LAATONEN
 CHAVES

ESCOLA DE VILA MARIA ZÉLIA

00.23.103

PLANTA DO TERREO
LEVANTAMENTO MÉTRICO

EXISTENTE

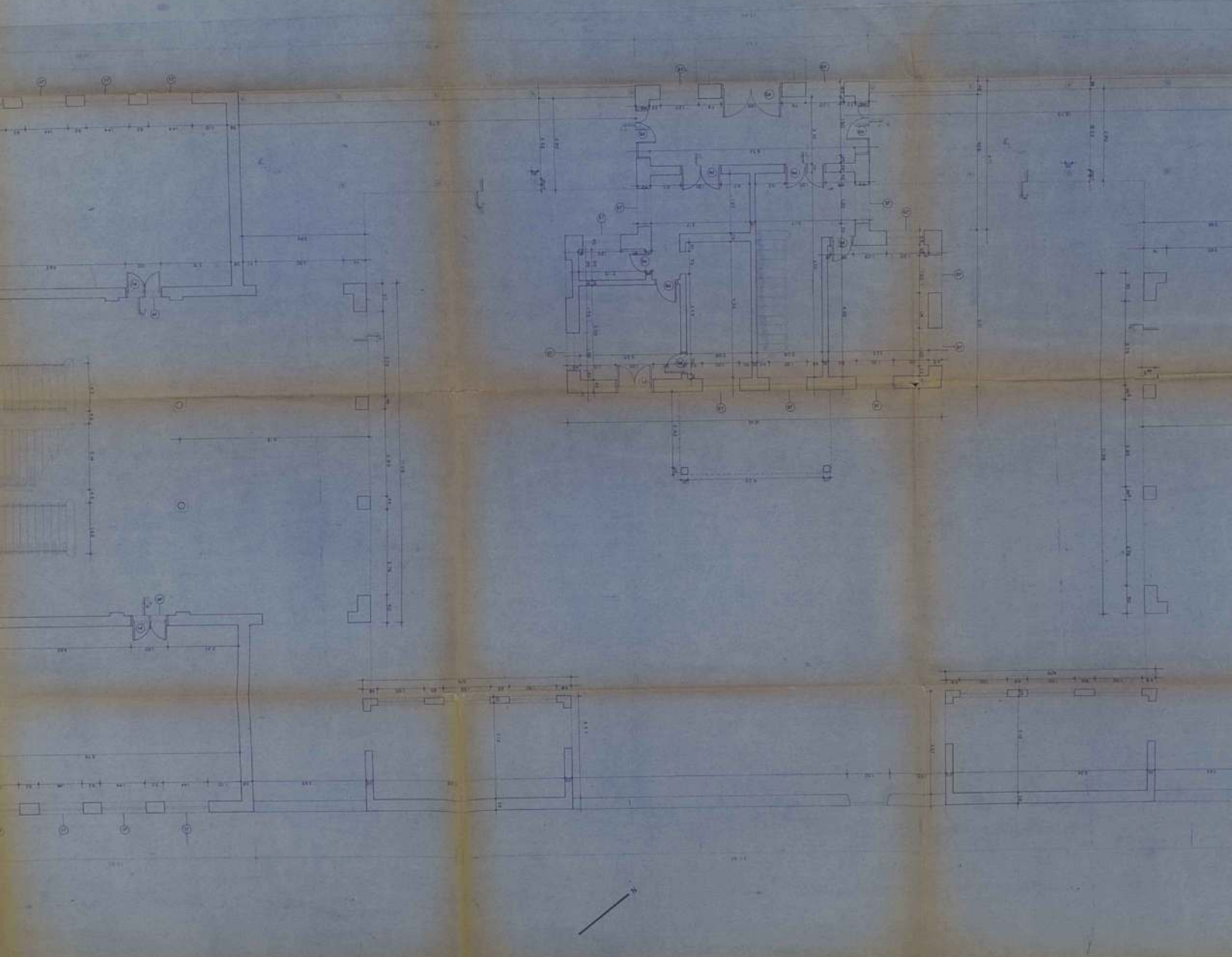
DESENHO

SUBST.

SUBST P

ESCALA

1:50



ESCOLA DE VILA MARIA ZÉLIA

00.23.103

PLANTA DO
PAVIMENTO SUPERIOR
LEVANTAMENTO MÉTRICO

EXISTENTE

DESENHO

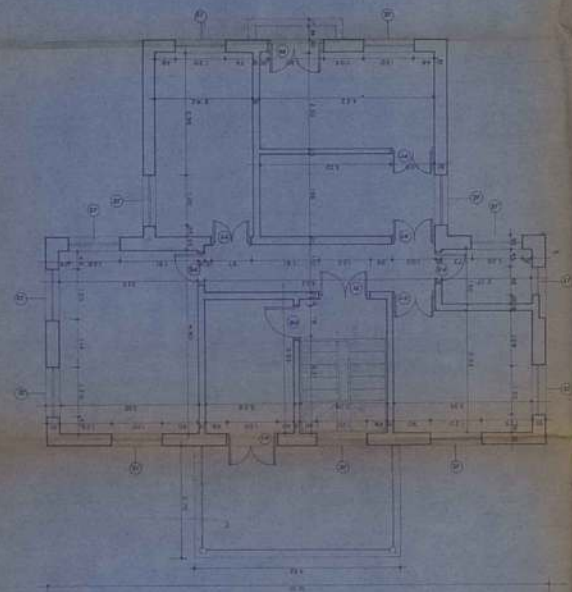
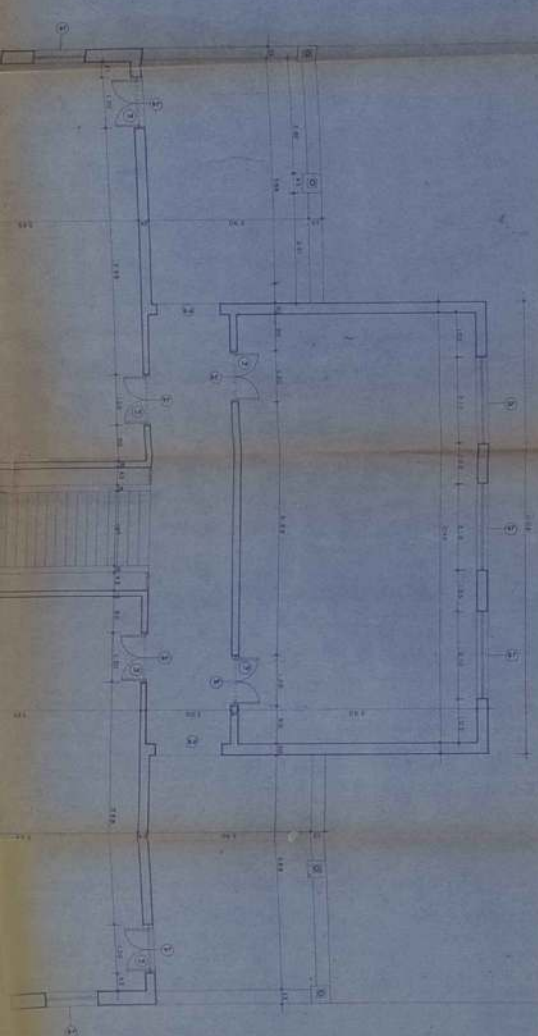
979

SUBST.

SUBST. P.

ESCALA

1:50



ESCOLA DE VILA MARIA ZÉLIA

00.23.103

PLANTA DO TÉRREO

PROPOSTA - NÃO EXECUTADA

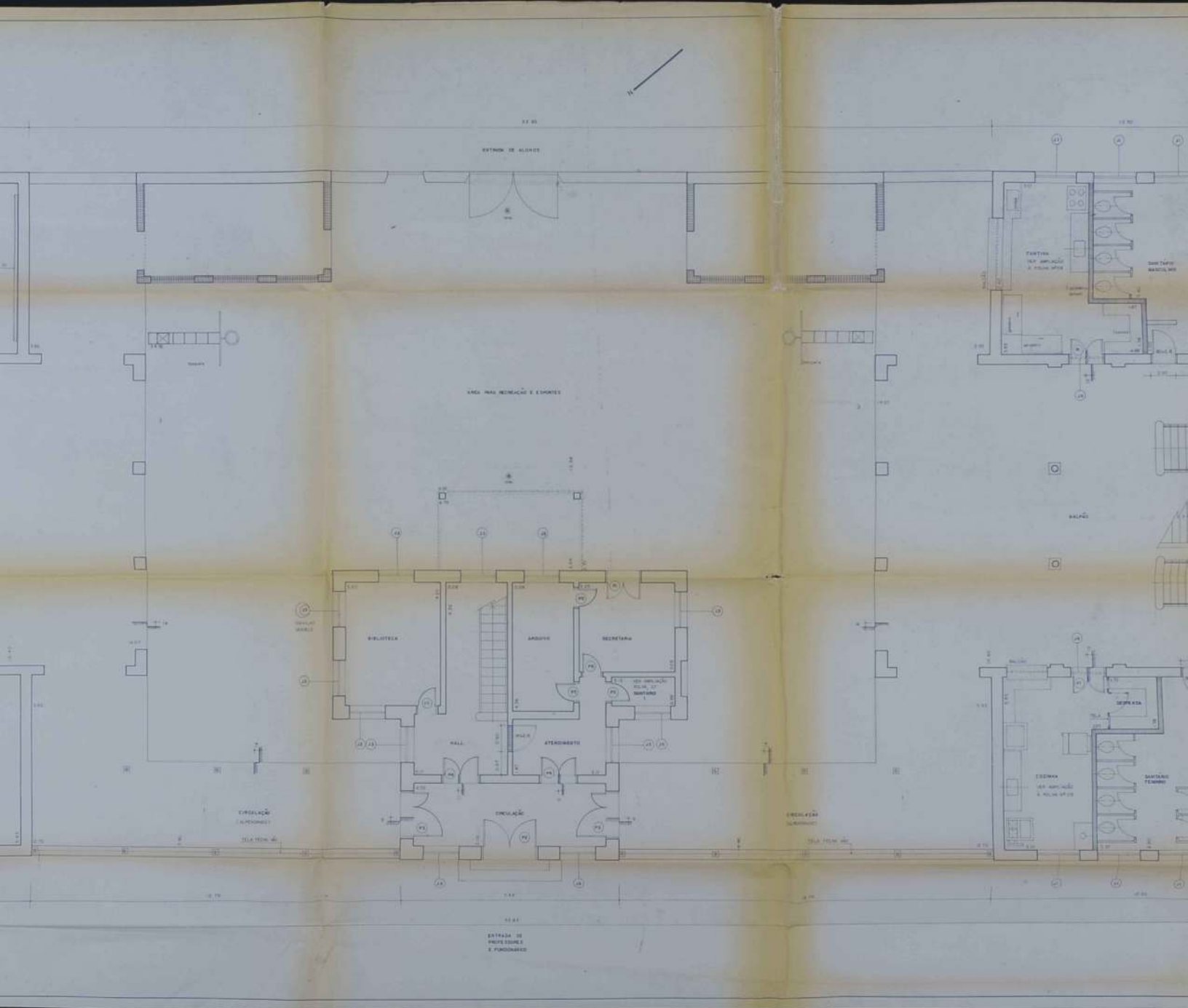
DESENHO

SUBST.

SUBST. P

ESCALA

1:50



ESCOLA DE VILA MARIA ZÉLIA

00.23.103

PLANTA DO
PAVIMENTO SUPERIOR

PROPOSTA NÃO EXECUTADA

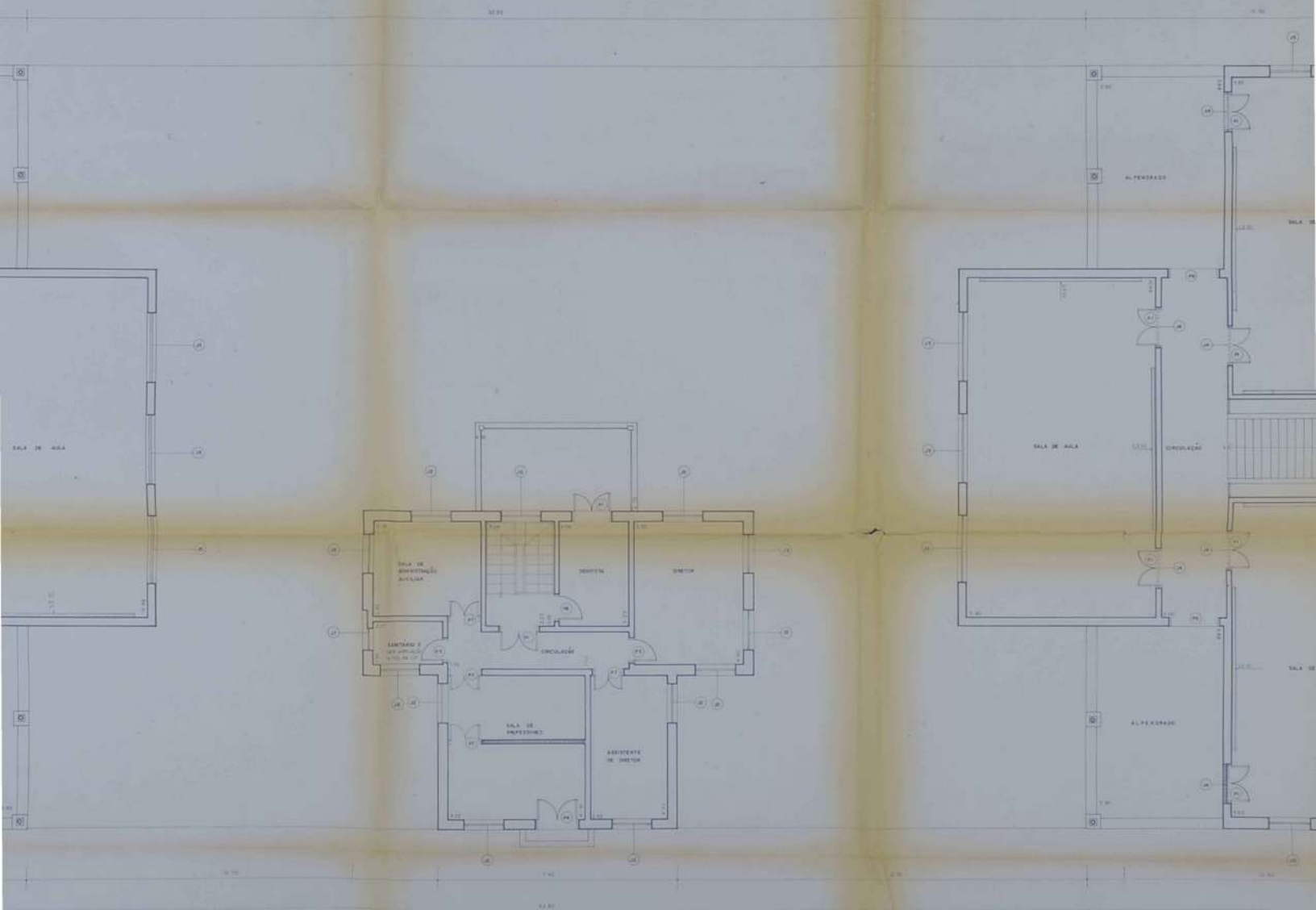
DESENHO

979 SUBST.

SUBST. P.

ESCALA

1:50



MICA
ELHA

CORTE

4.4

ESCOLA DE VILA MARIA ZÉLIA

00.23.1

AMPLIAÇÃO

PROPOSTA - NÃO EXECUTADA

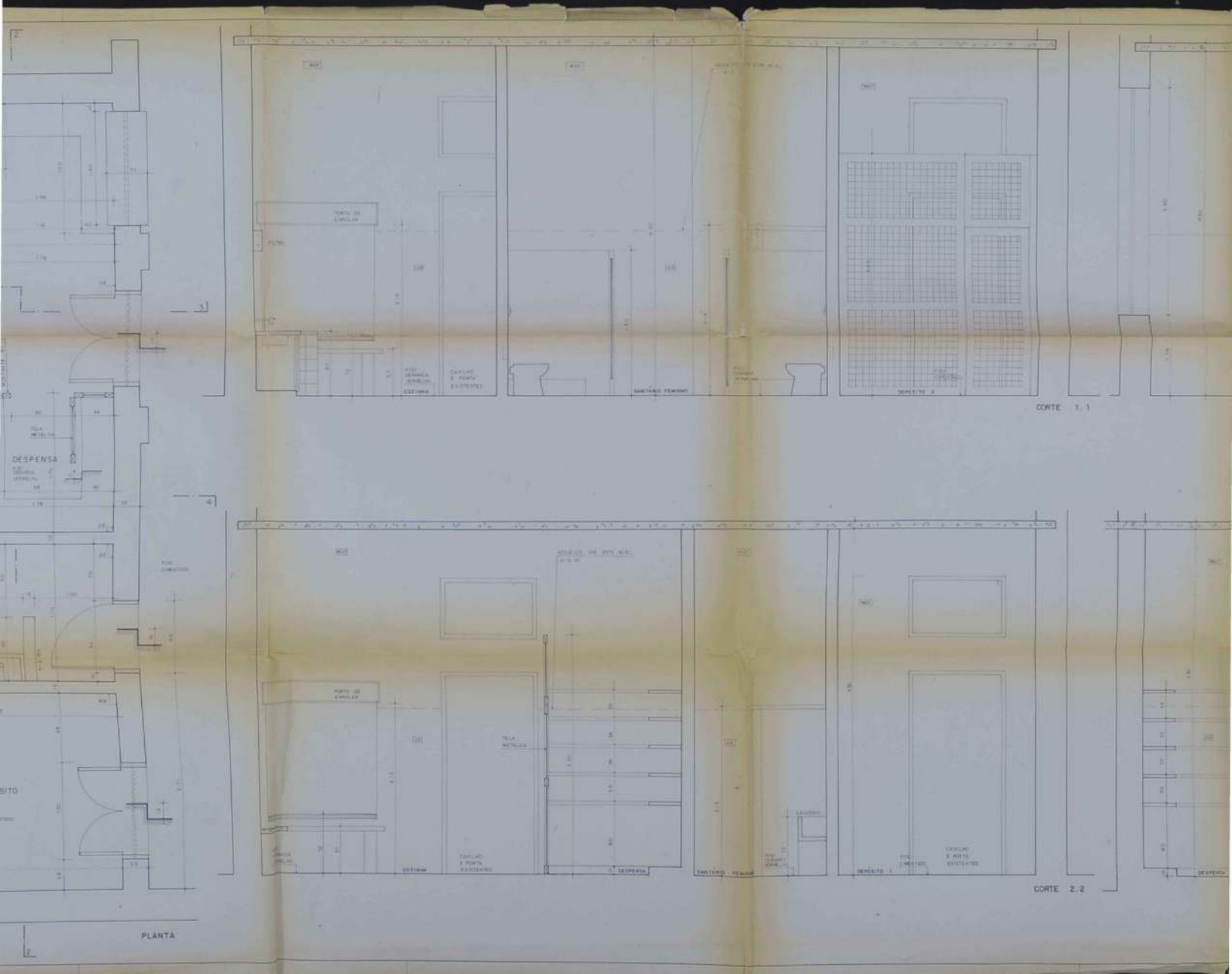
COZINHA - DESPENSA
SANITÁRIO FEMININO
DEPÓSITOS 1 E 2

DESENHO

SUBST.

SUBST. P.

ESCALA



PISO
CIMENTADO

ESCOLA DE VILA MARIA ZÉLIA

00.23.

AMPLIAÇÃO

proposta - não executado

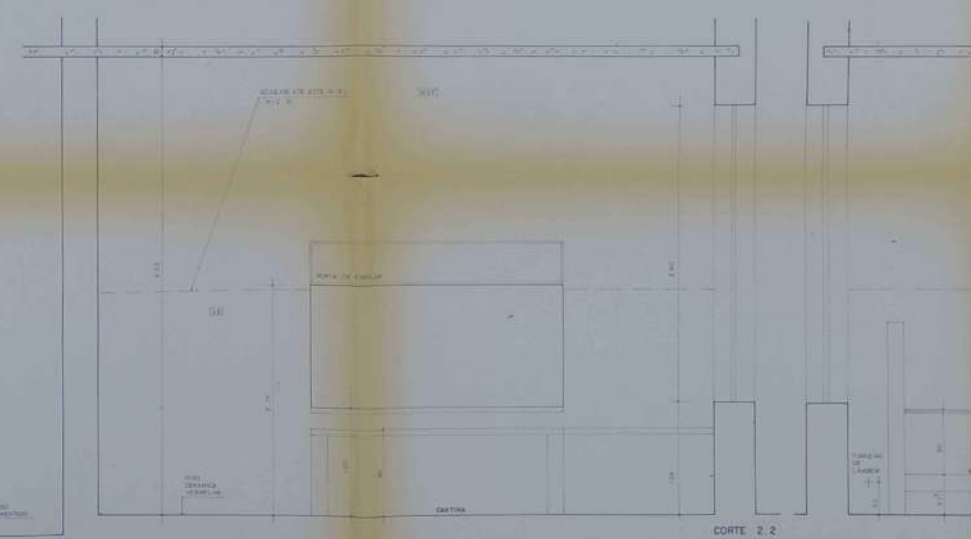
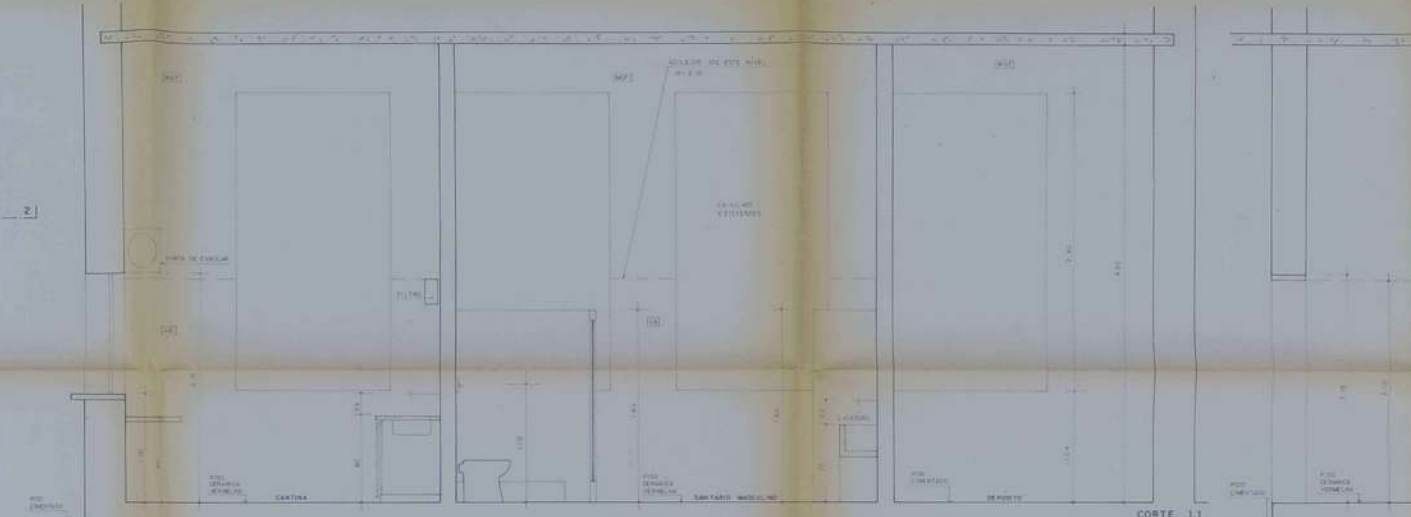
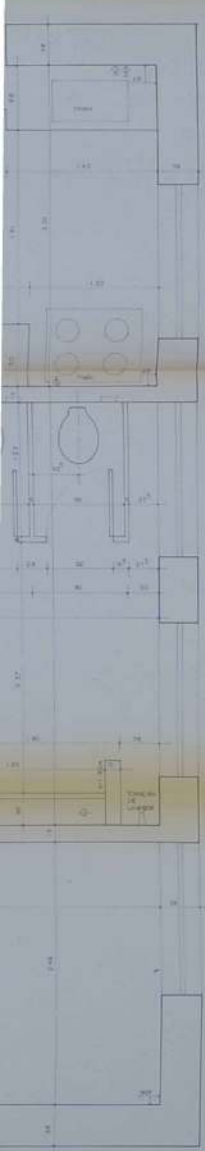
CANTINA
SANITÁRIO MASCULINO
DEPÓSITO

DESENHO

SUBST.

SUBST. P.

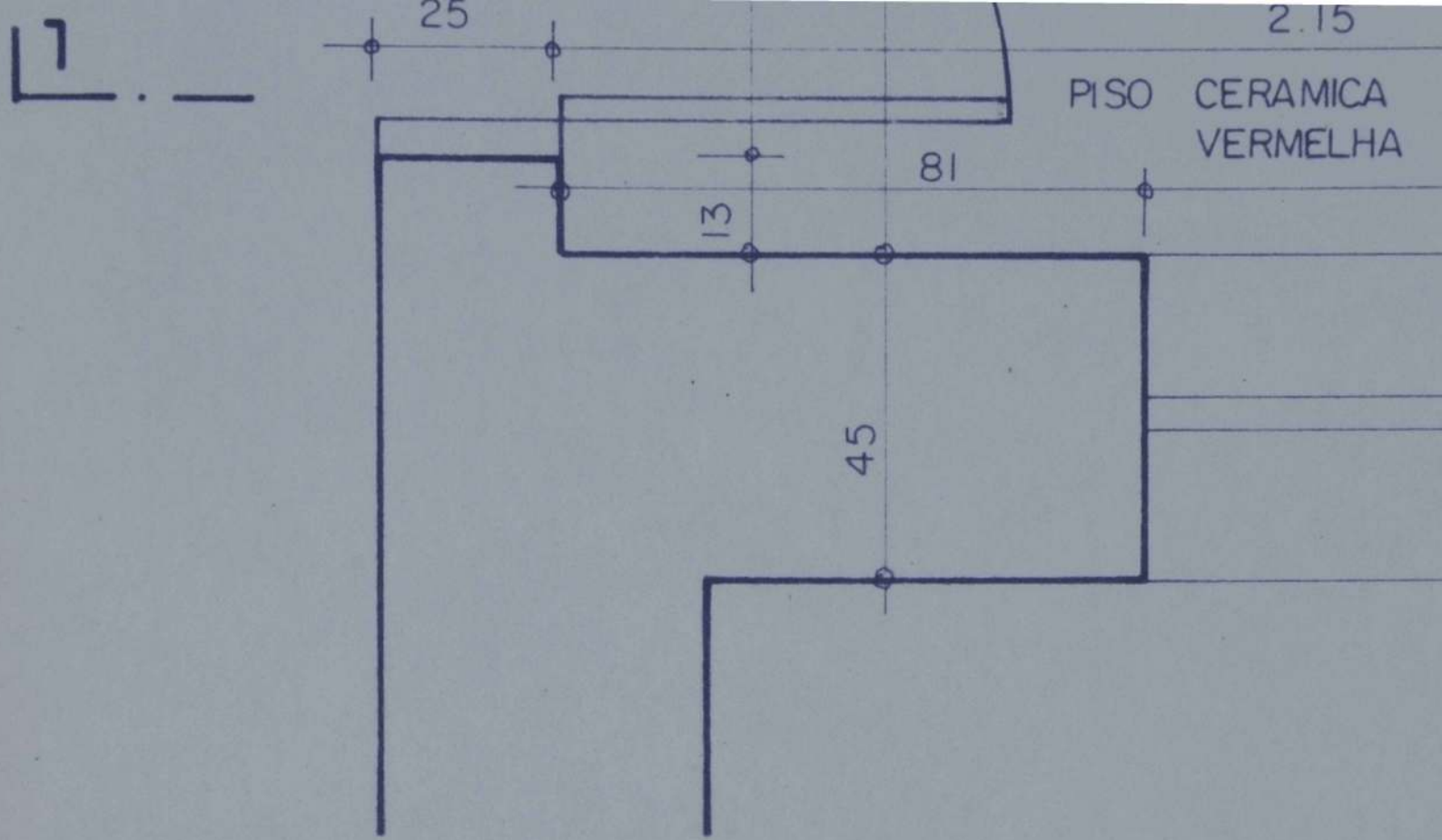
ESCALA



PLANTA

CORTE 1.1

CORTE 2.2



ESCOLA DE VILA MARIA ZÉLIA

00.23.1

AMPLIAÇÃO

SANITÁRIO 1
SANITÁRIO 2

*proposta
não executada*

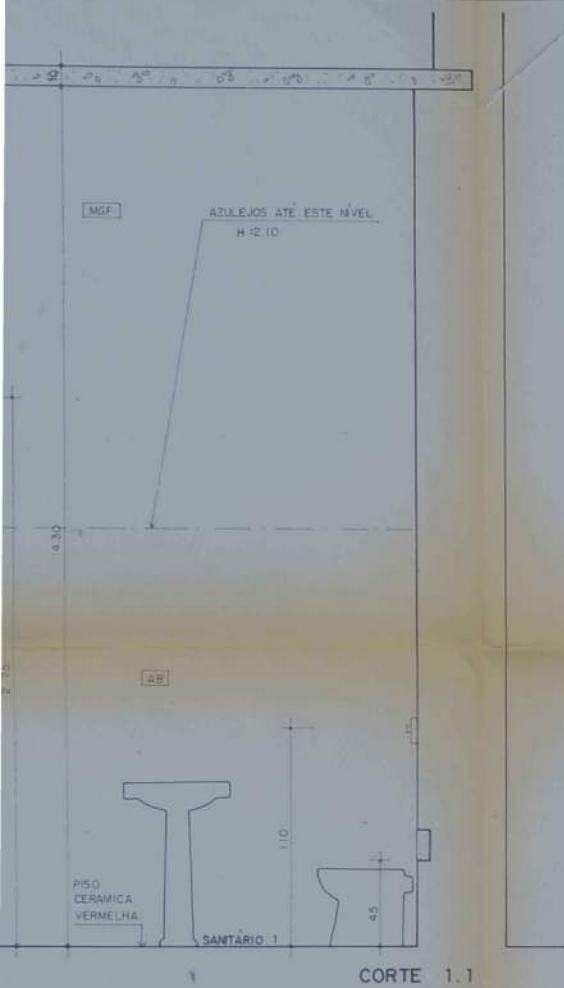
DESENHO

79

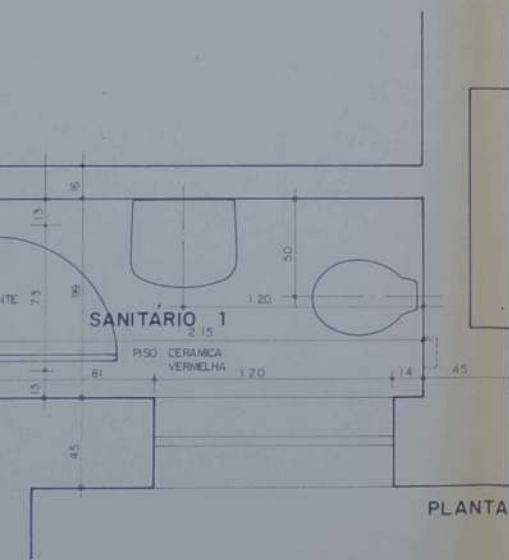
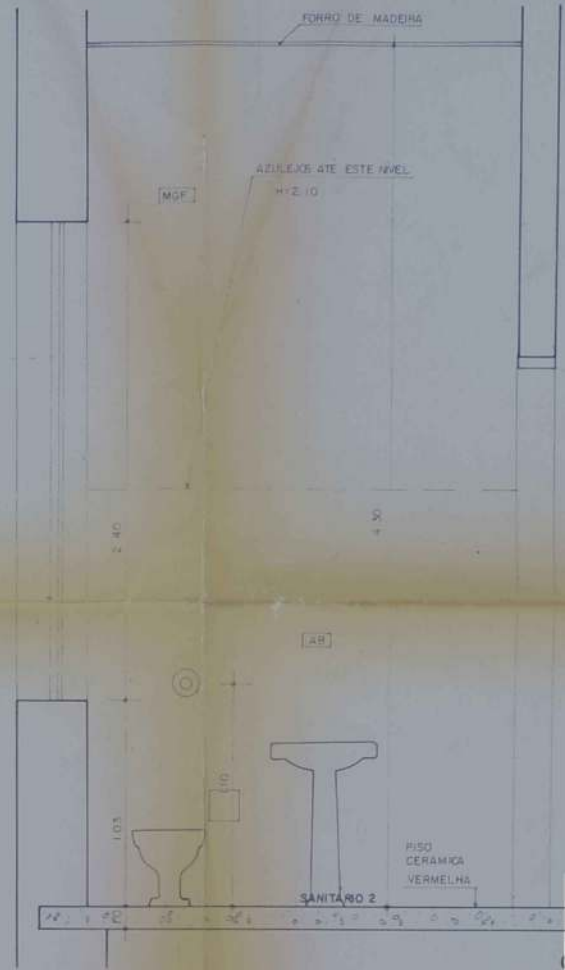
SUBST.

SUBST. P.

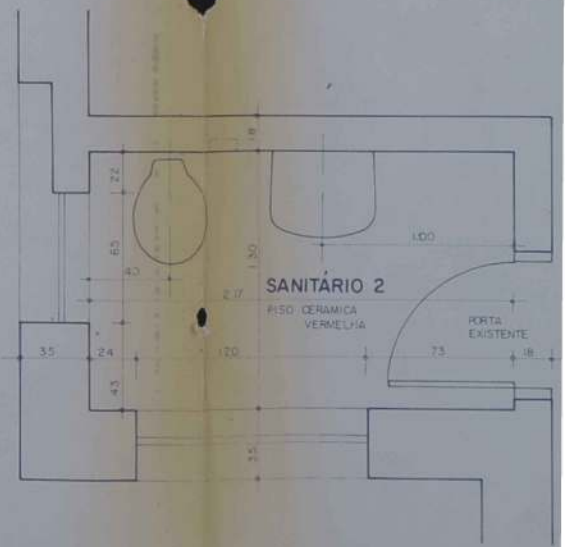
ESCALA



CORTE 1.1



PLANTA



VILA MARIA ZÉLIA 00.23.103		BENEDITO LIMA DE TOLEDO		arquiteto		RESTAURAÇÃO	
SANITÁRIO 1	proposta	DESENHO	FBF	29.05.79	PLANTA DO TERREO	03	01
SANITÁRIO 2	ins. executada	VERIFICADO	F	28.04.77	PLANTA DO PAV. SUPERIOR	04	02
				MLP - MASSA GROSSA E FINA		AB - AZULEJO BRANCO	

especialização em restauração e conservação de monumentos e con
pian - pr / iphan / fundep / ufmg - escola de arquitetura

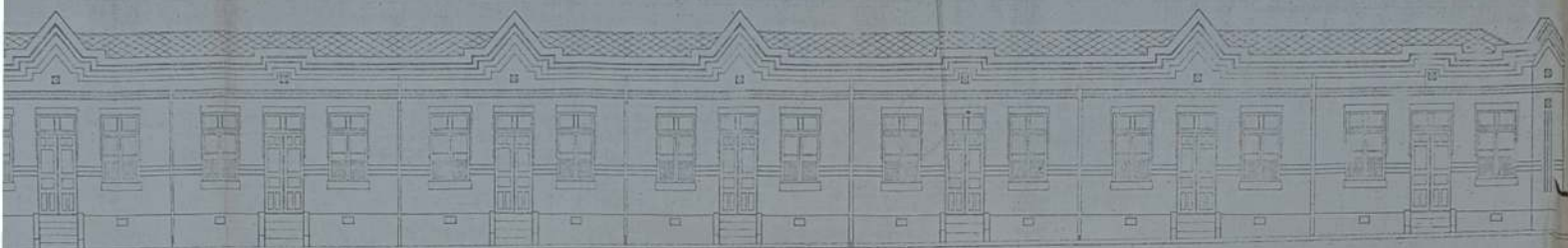
vila maria
belenzinho

municipal de cultura - departamento do patrimônio

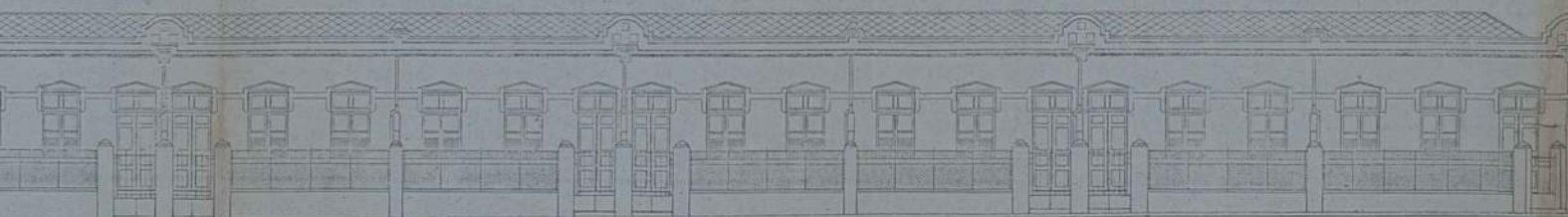
luis antonio cambiaghi magliani criação

escola

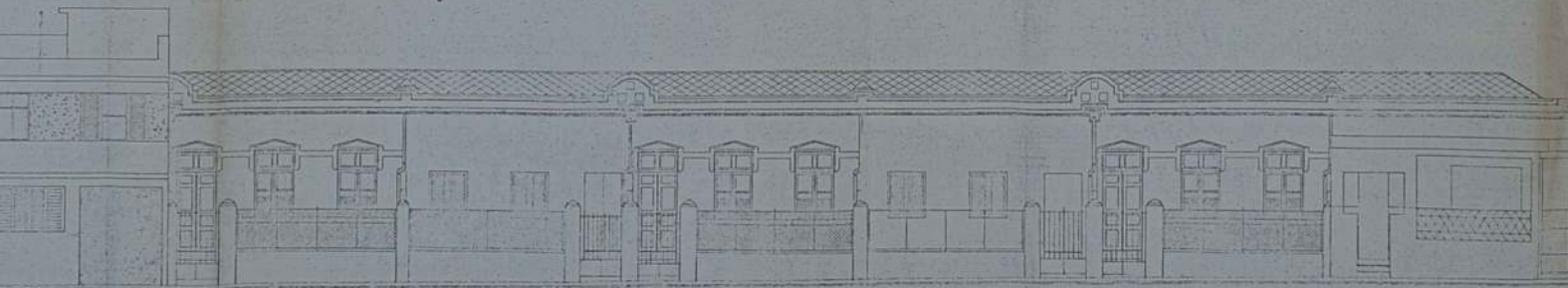
data set./78



Nº 151 A 152



Nº 99 A 106



especialização em restauração e conservação de monumentos e co
plan - pr / iphan / fundep / ufmg - escola de arquitetura

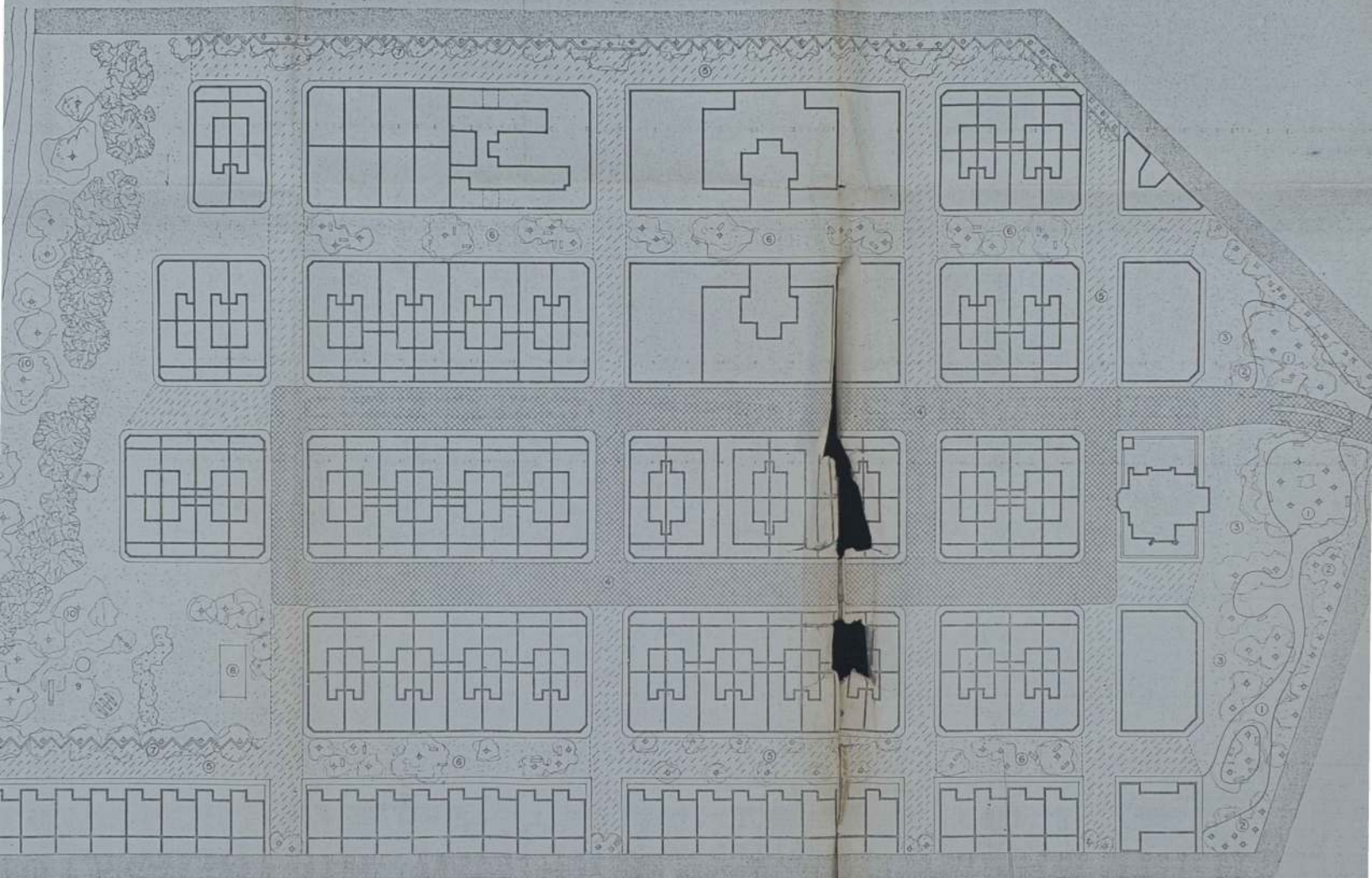
vila maria
belenzinho

municipal de cultura - departamento do patrim

luis antonio cambiaghi magnani crea n

escola

87/tes alab



0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
METERS

de especialização em restauração e conservação de monumentos
nio seplon - pr / lphan / fundap / ufmg - escola de arquitetura

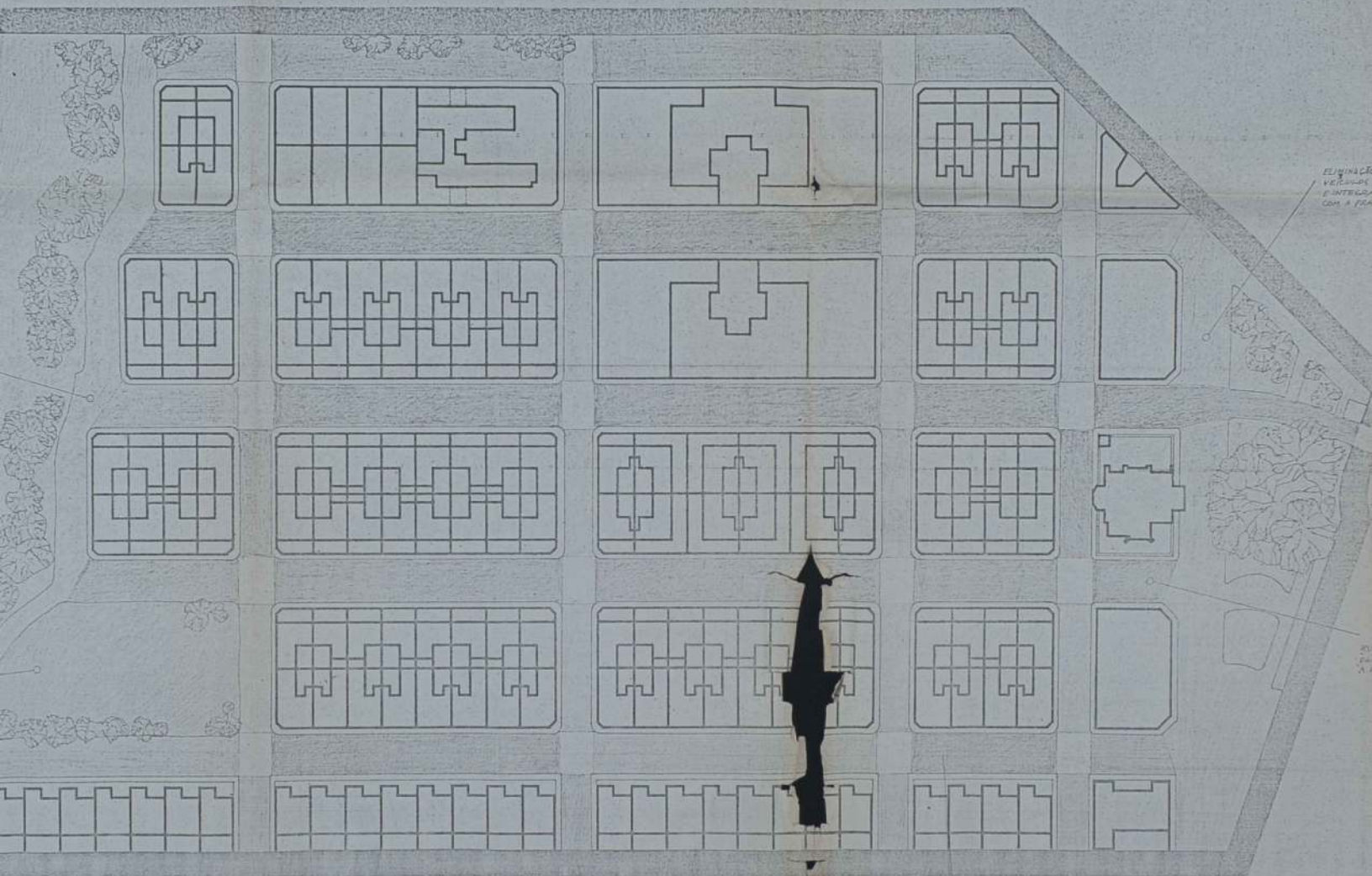
vila ma
belenzinho

etaria municipal de cultura - departamento do
uiteto Luis antonio cambiaghi magnani

la cm

escola

dois - set / 78



especialização em restauração e conservação de monumentos e
seplan - pr / iphan / fundep / ufmg - escola de arquitetura

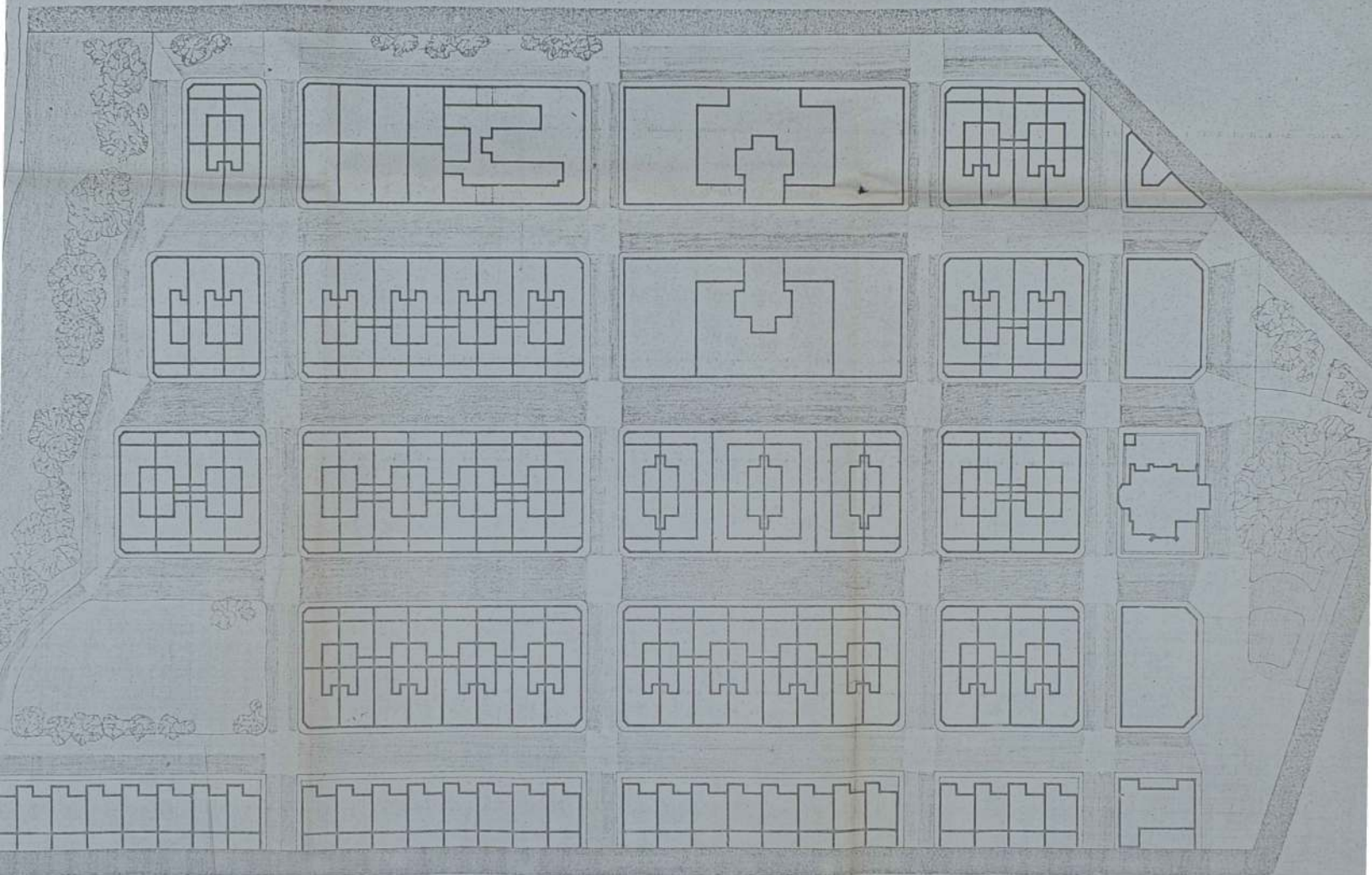
vila mari
belenzinho

municipal de cultura - departamento do patrimônio

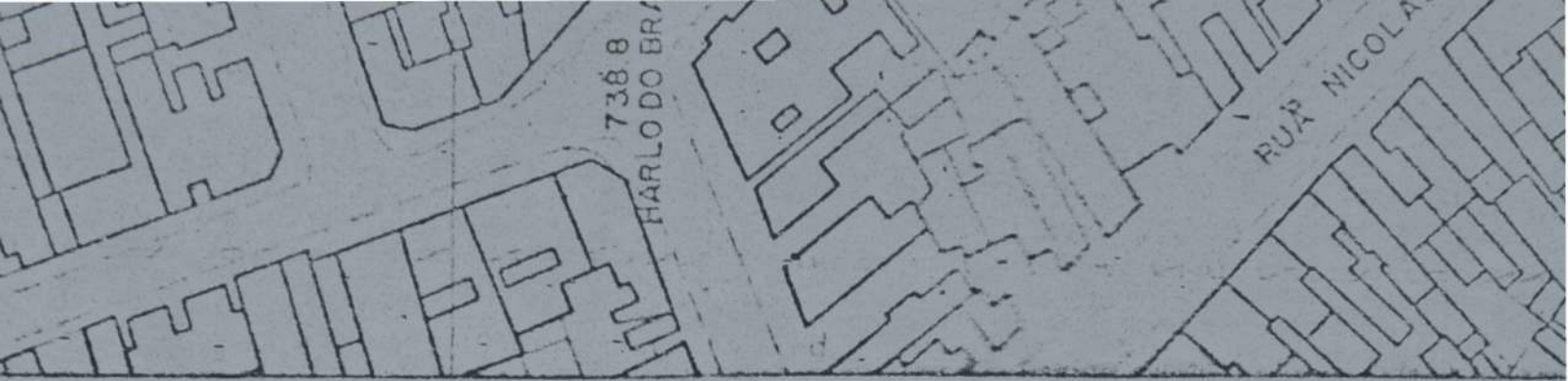
luis antonio cambiaghi magnani - crso

m. escola

data set/78



0 10 20 30 m
FUNDAÇÃO DE PATRIMÔNIO



e especialização em restauração e conservação de monumentos e
o seplan - pr / iphan / fundep / ufmg - escola de arquitetura

vila mari belenzinho

ria municipal de cultura - departamento do patr

eto Luis antonio cambiaghi magnani crea

a.c.m. escala - data set./78



U

ização em restauração e conservação de monumentos e conjun
_ pr / iphan / fundep / ufmg _ escola de arquitetura

vila maria
belenzinho sã

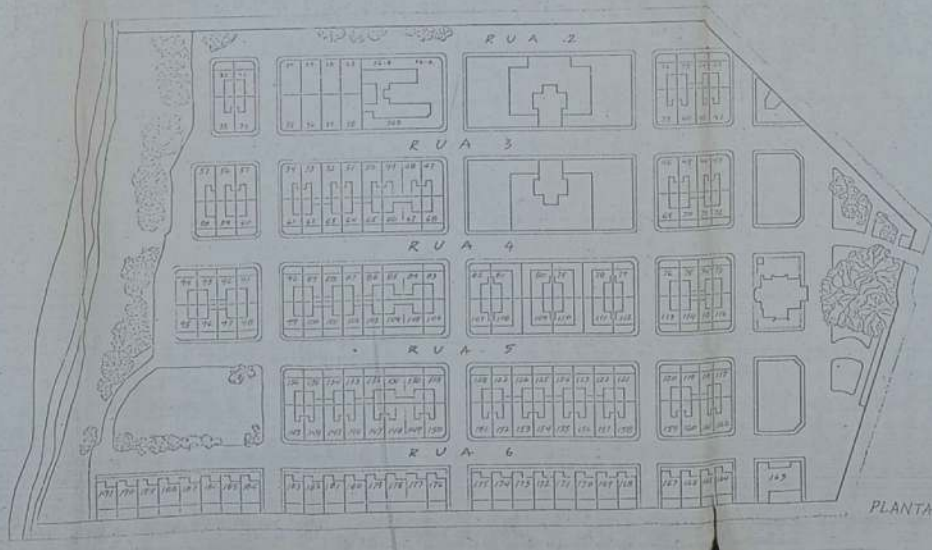
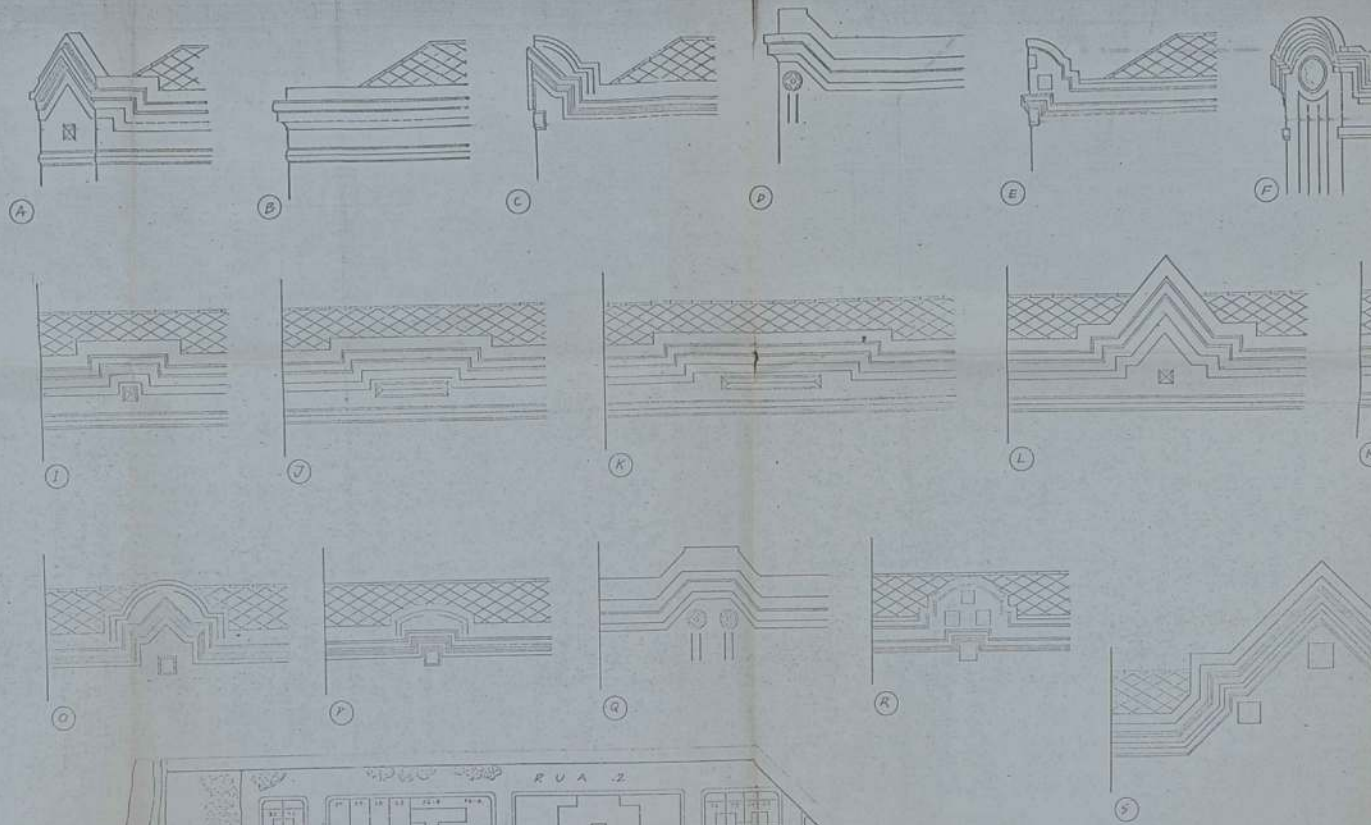
municipal de cultura — departamento do patrimônio

luis antonio cambiaghi magnani crea n° 0

escala

data set./78

DS					
S	-	-	-	-	A
S	-	-	-	-	A
ARIA ZÉLIA*					
OBREGA*					
L	I	L	J	A	
I	M	I	B		
OBREGA* - FUNDOS					
D		D	Q	D	
N		R	N	E	
N	R	N	E		
D		D	Q	D	
I	M	I	B		
I	K	I	B		
L	I	J	I	A	
L	I	L	I	A	



DECORATIVOS NAS PLATIBANDAS

PLANTA DE REFERÊNCIA

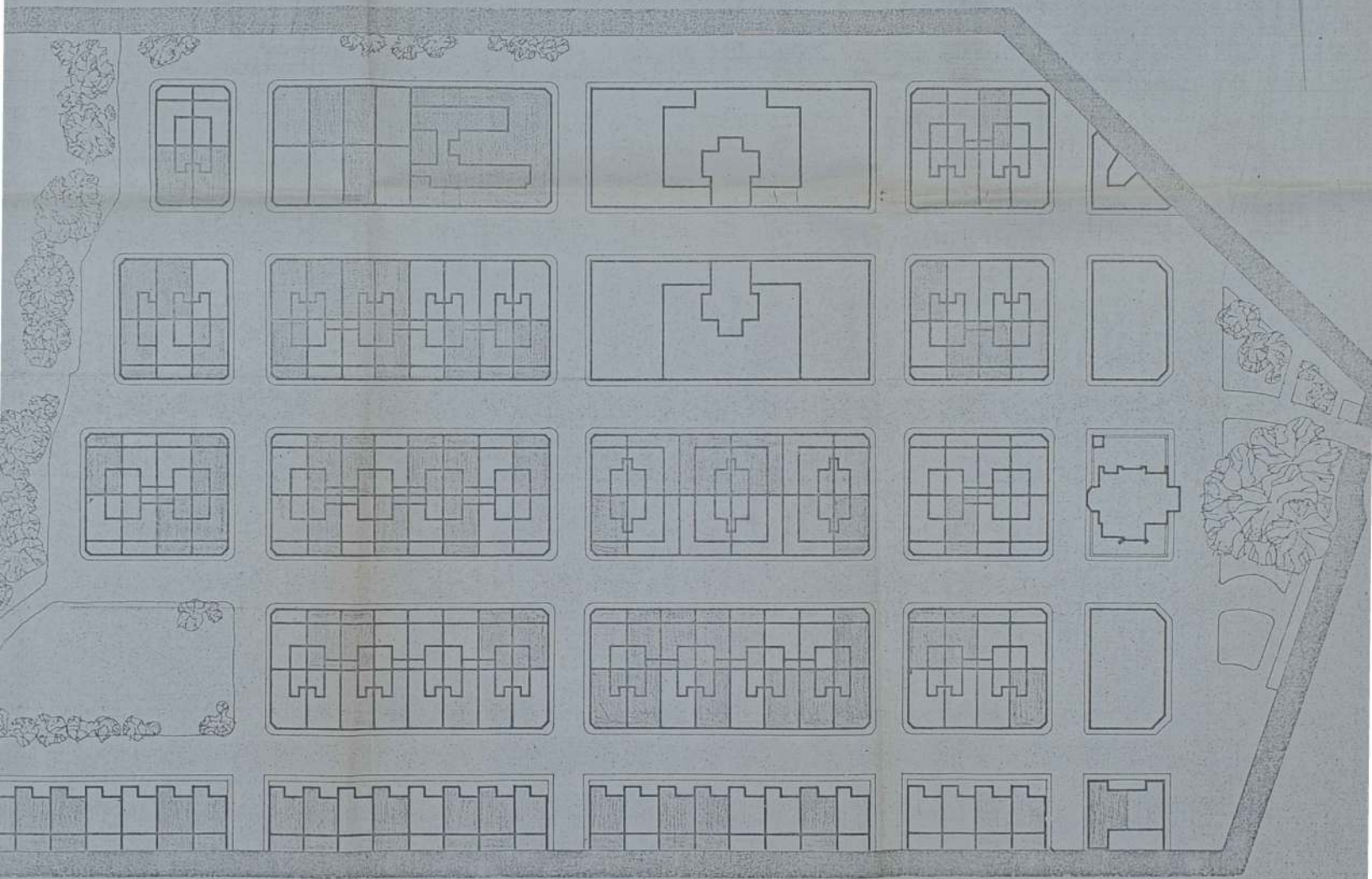
especialização em restauração e conservação de monumentos
seplan - pr / iphan / fundep / ufmg - escola de arquitetura

vila: marr
belenzinho

municipal de cultura - departamento de projeção

o Luis antonio cambiaghi magnani - creche

m. escala data set. / 70



0 5 10 15 20 m
ESCALA GRÁFICA

realização em restauração e conservação de monumentos e conjuntos
municipal de cultura - departamento do patrimônio histórico e artístico
m - pr / iphan / fundep / ufmg - escola de arquitetura

vila maria
belenzinho s

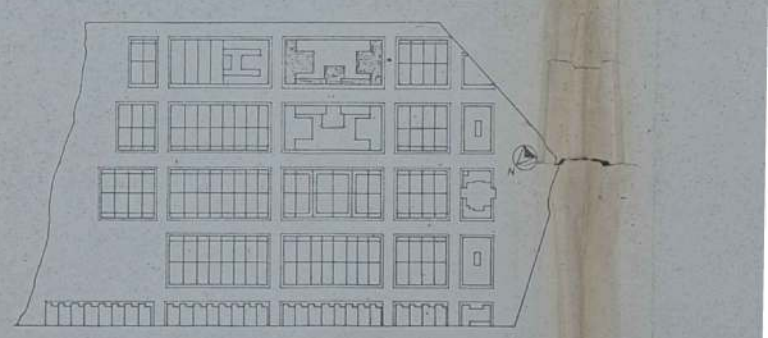
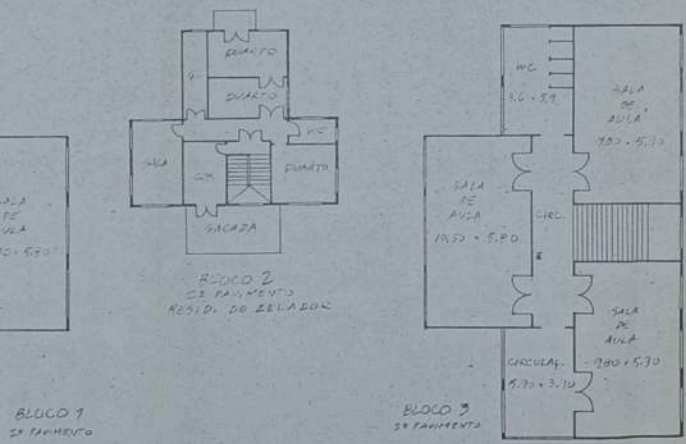
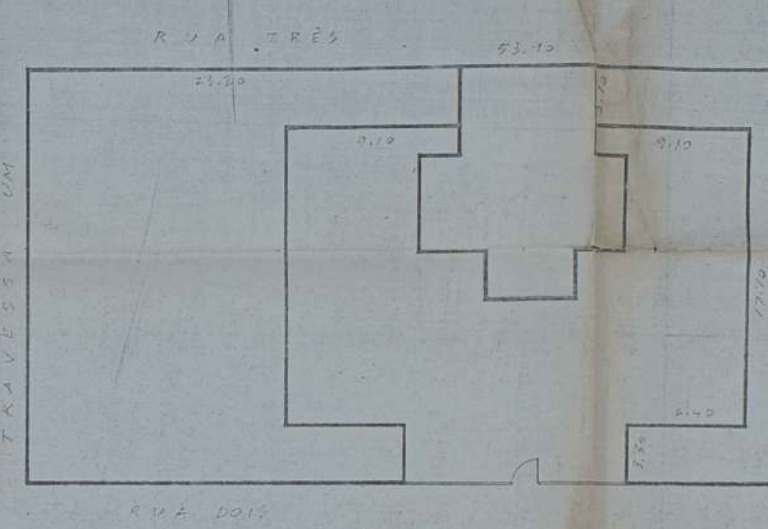
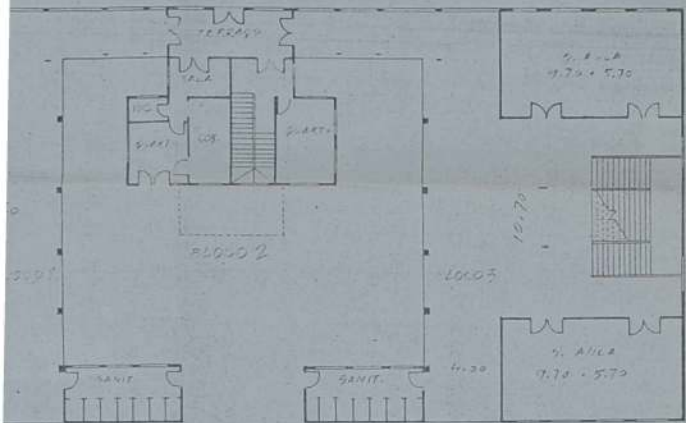
municipal de cultura - departamento do patrimônio histórico e artístico

luís antonio cambiaghi magnani crea 1978

DO GRUPO ESCOLAR MARIA ZÉLIA

escala

data set./78



BLOCO 1
20 PAVIMENTOS

BLOCO 2
23 PAVIMENTOS
RESID. DO BELASZUK

BLOCO 3
20 PAVIMENTOS

especialização em restauração e conservação de monumentos e o
eplan - pr / iphan / fundep / ufmg - escola de arquitetura

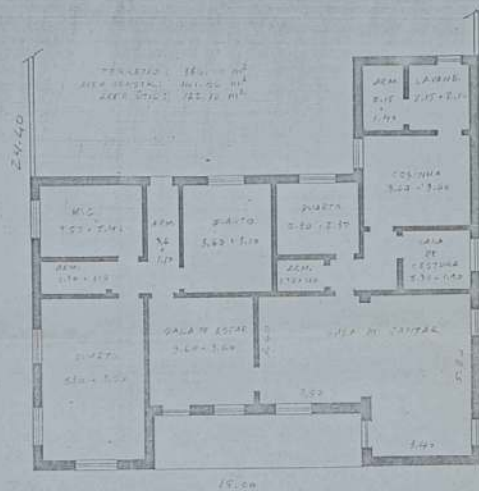
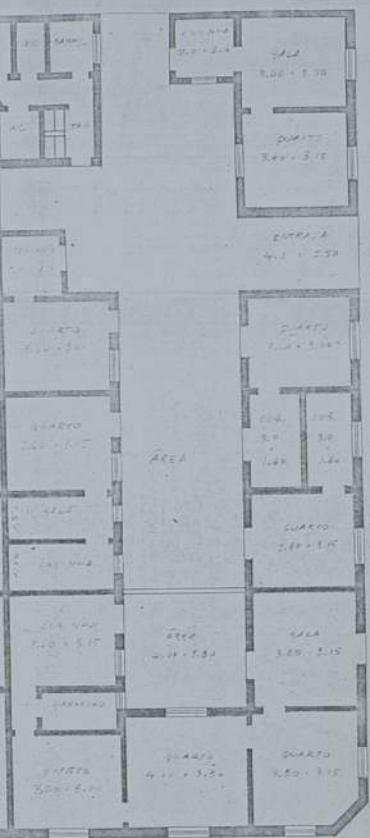
vila mari
belenzinho

municipal de cultura - departamento do patri

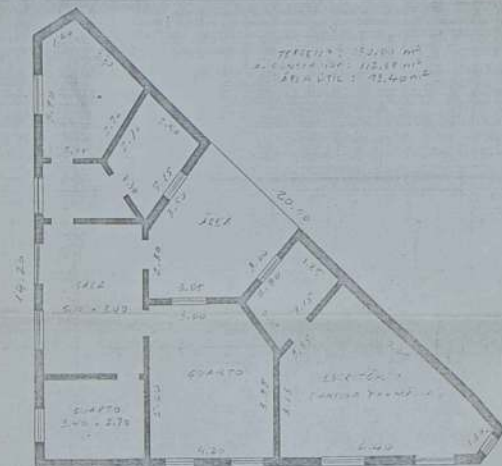
o Luis antonio cambiaghii magnani crea

escala

data set./78



PLANTA DA RESIDENCIA SITA A RUA 6 NR 163



PLANTA DA ANTIGA FARMACIA

CIAL

especialização em restauração e conservação de monumentos e a
plan - pr / iphon / fundap / umig - escola de arquitetura

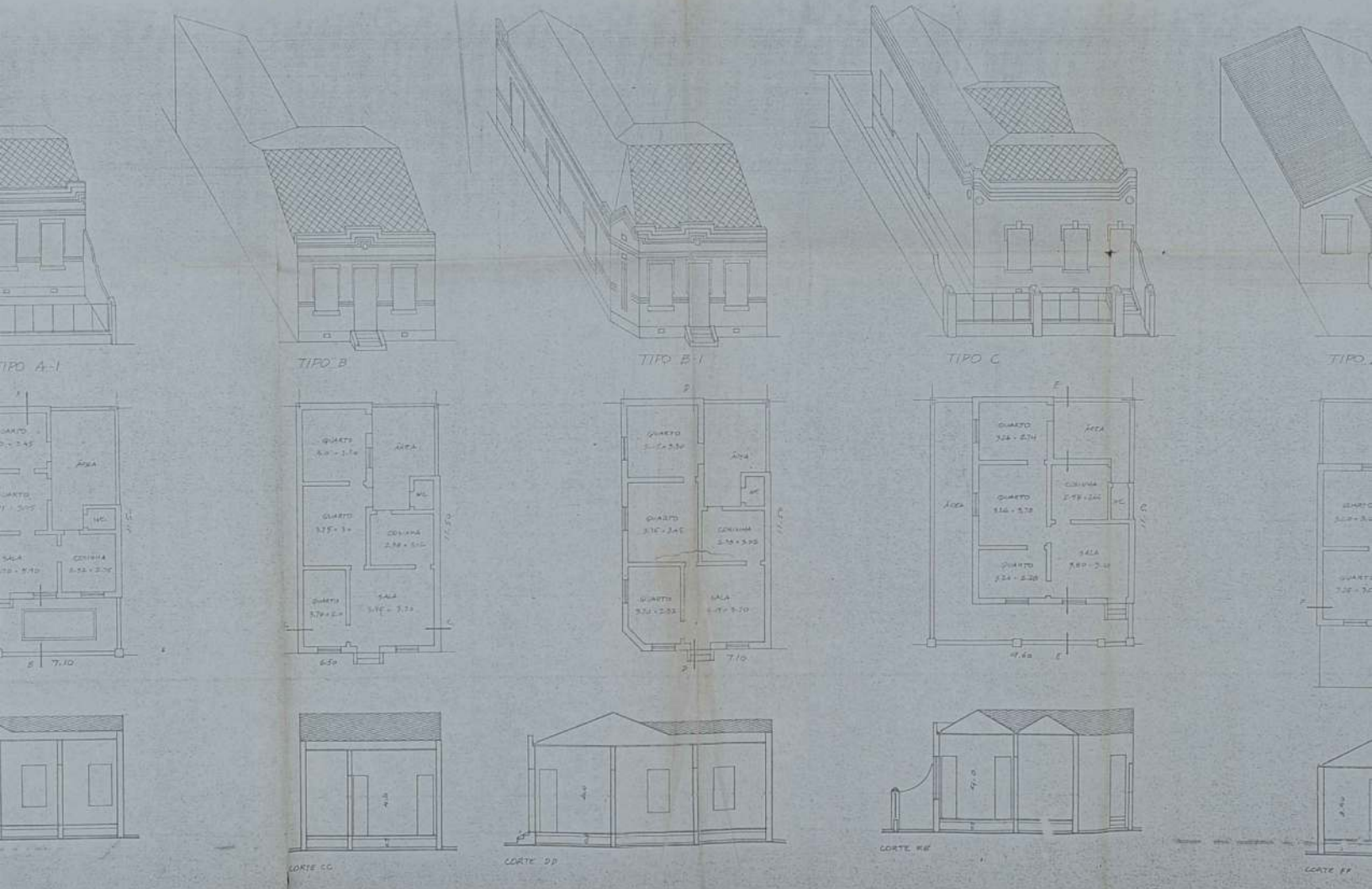
vila mari
belenzinho

municipal de cultura - departamento do patrimônio

luis antonio combioghi magnani crea

escala

data set / 78



especialização em restauração e conservação de monumentos
seplan - pr / iphan / fundep / ufmg - escola de arquitetura

vila mar
belenzinho

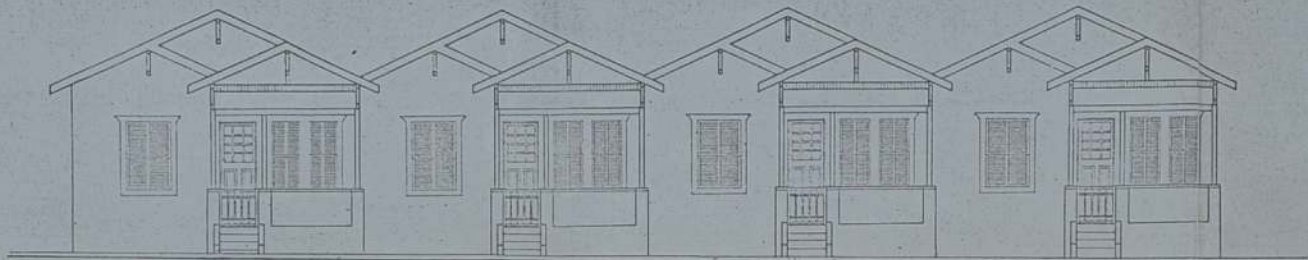
ria municipal de cultura - departamento do po

eto Luis antonio cambiaghi magnani cre

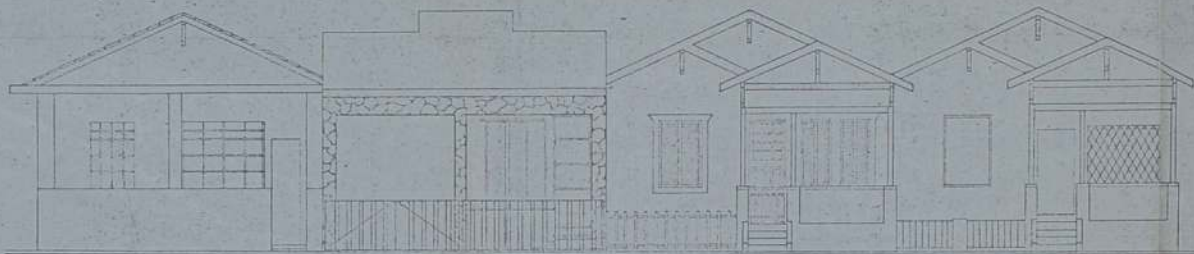
c.m.

escola

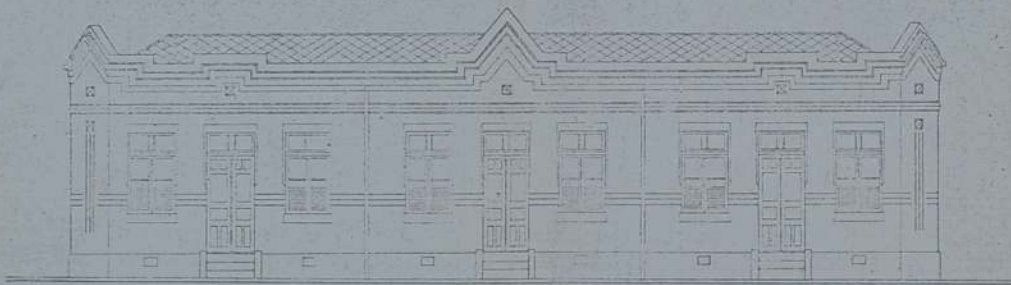
data set./78



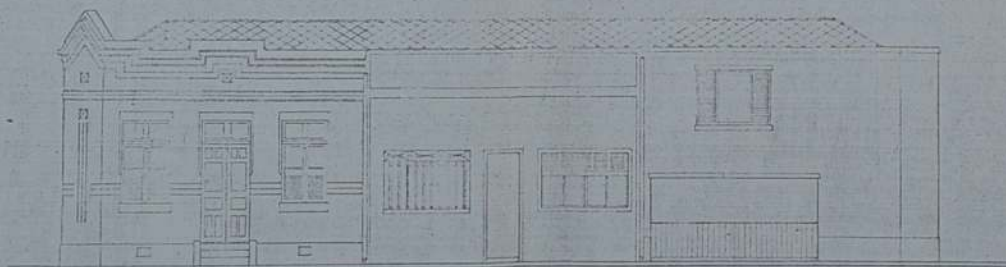
FACHADA ORIGINAL - RUA 6 N^{os} 164 A 167



FACHADA ATUAL



FACHADA ORIGINAL - RUA 3 N^{os} 55 A 57



FACHADA ATUAL

curso de
convenio
secretar
arquite

DRICO

especialização em restauração e conservação de monumentos e con
plan - pr / iphan / fundep / ufmg - escola de arquitetura

vila maria
belenzinho

municipal de cultura - departamento do patrim

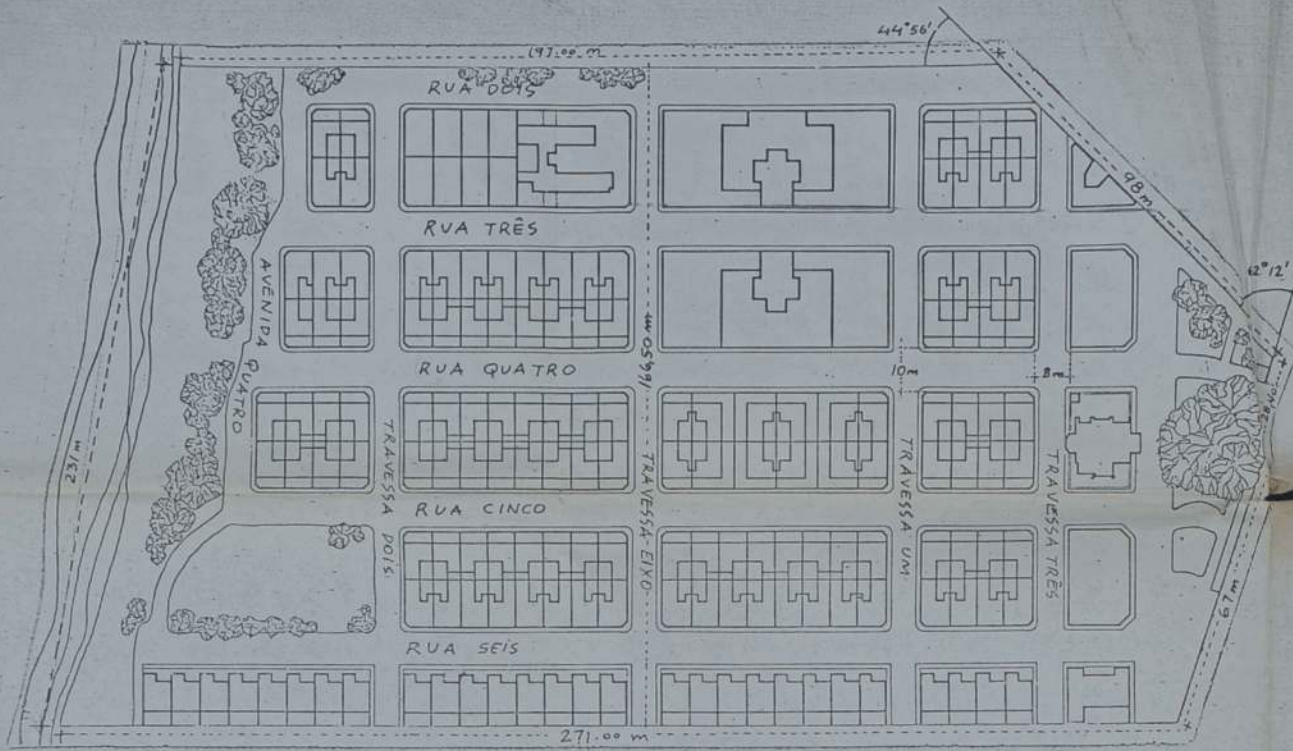
luis antonio cambiaghi magnani crea n

A 1 - MEDIÇÃO DO PERÍMETRO E RUAS

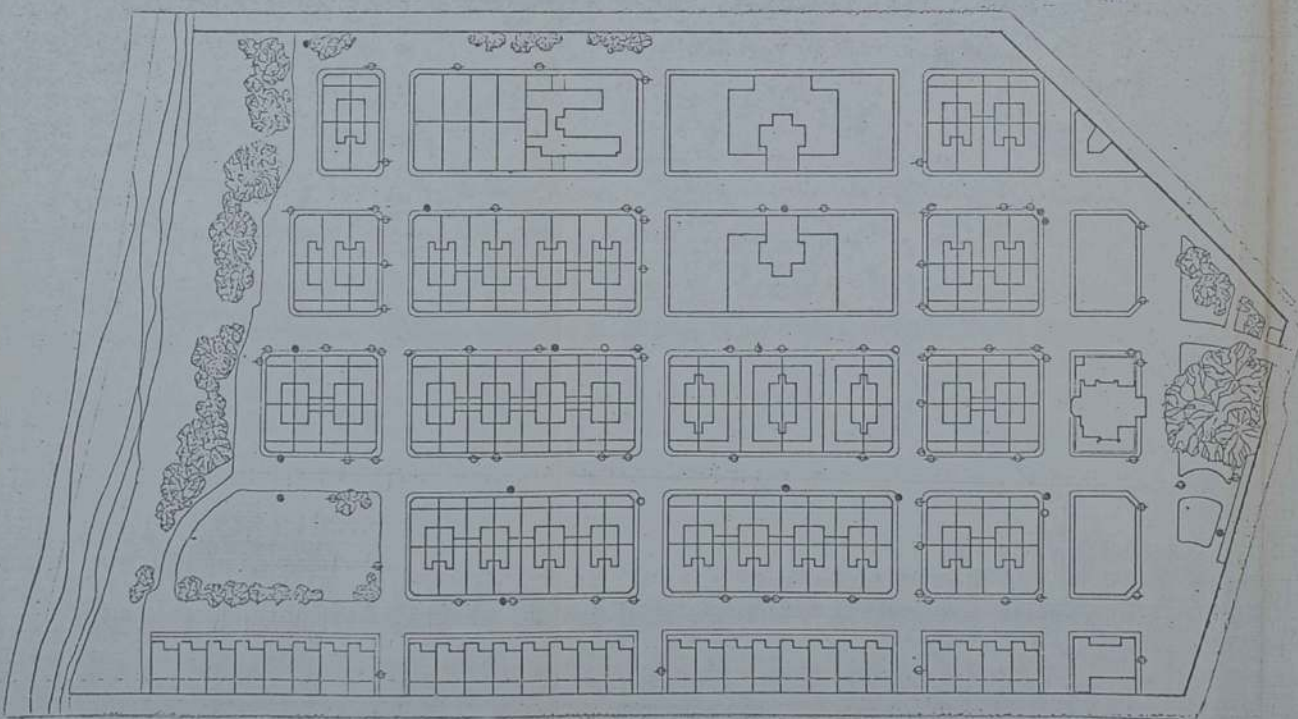
A 2 - POSTEAMENTO

m. escola

data set 78



PLANTA 1



PLANTA 2

POSTEAMENTO EXISTENTE

- MADEIRA
- ⊕ FERRO FUNDIDO
- ⊕ CONCRETO - FERFIL 'H'
- ⊕ CONCRETO - CILÍNDRICO

curso de especializa
convenio seplan - p

secretaria muni

arquiteto lu

PLANTA 1 -

PLANTA 2 -

zação em restauração e conservação de monumentos e conjunt
_ pr / iphan / fundep / ufmg _ escola de arquitetura

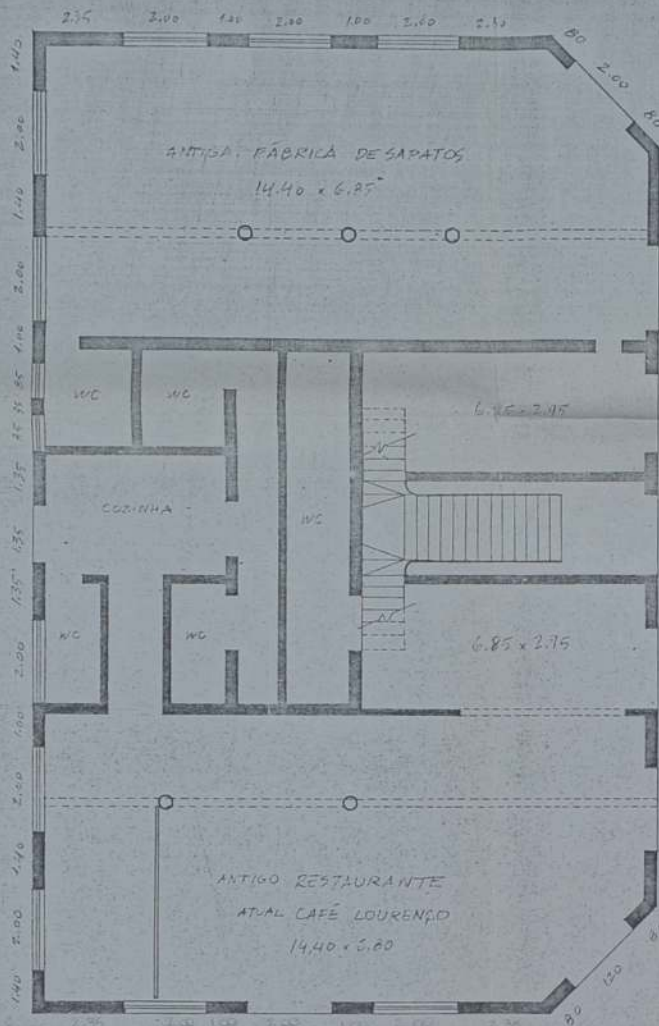
vila maria
belenzinho são

municipal de cultura — departamento do patrimônio

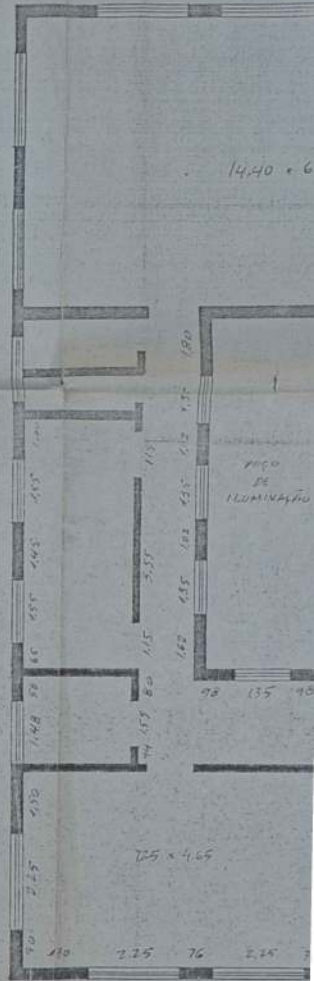
luis antonio cambiaghi magnani crea nº 8

escala

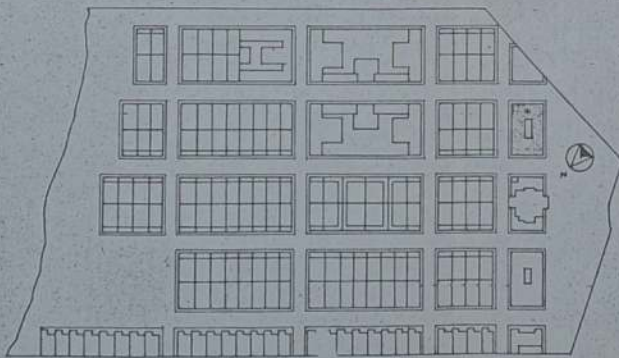
data set./78



PLANTA BAIXA - TERREO



PLANTA - PAVIMENTO SUPERIOR



PLANTA REFERENCIAL

curso de
convenio
secretar
arquite

especialização em restauração e conservação de monumentos e co
plan _ pr / iphan / fundep / ufmg _ escola de arquitetura

vila maria
belenzinho

municipal de cultura _ departamento do patrimônio

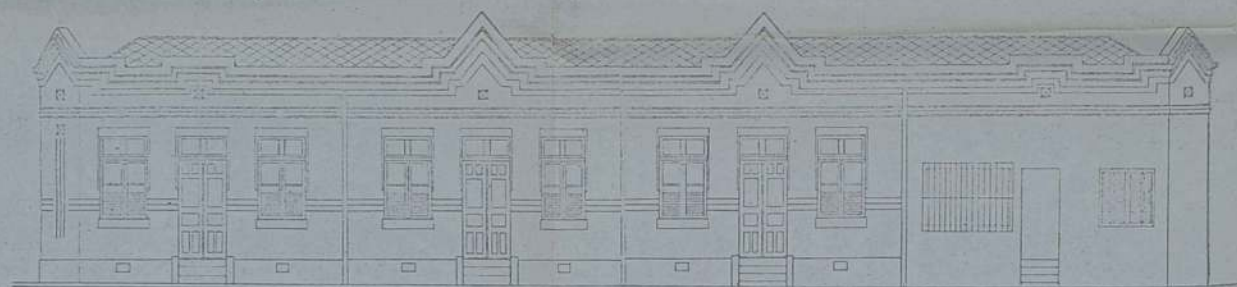
luis antonio cambiaghi magnani crea r

escola

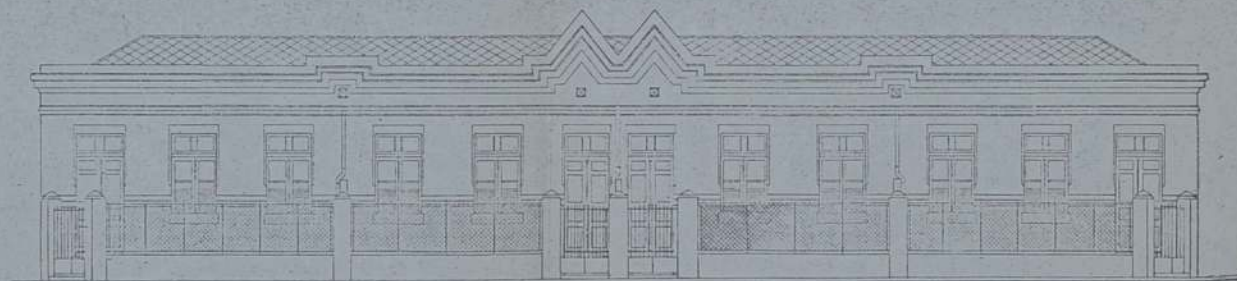
data set./78



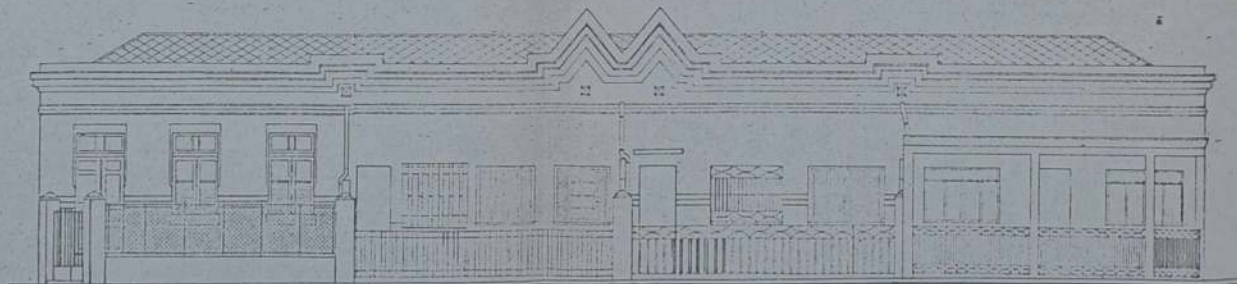
FACHADA ORIGINAL - RUA 3 - N^{os} 45 A 46



FACHADA ATUAL



FACHADA ORIGINAL - RUA 4 - N^{os} 69 A 72



FACHADA ATUAL

curso de espe
convenio sep

secretaria

arquiteto

especialização em restauração e conservação de monumentos e c
eplan _ pr / iphan / fundep / ufmg _ escola de arquitetura

vila maria
belenzinho

municipal de cultura _ departamento do patri

luis antonio cambiaghi magnani crea r

escala

data set./78

- 1930 - A COMPANHIA GOODYEAR DO BRASIL COMPROU A ÁREA CORRESPONDENTE À INDÚSTRIA E PARTE DA VILA QUE É LARGO DEMOLIDO.
- ENTRE 1930 E 1940 OUTRA PARTE DA ÁREA É VENDIDA A "IRMÃOS BRUBERER"
- 1940 - A PARTE RESTANTE DA ÁREA É VENDIDA POR "QUINZE IRMÃOS" AO INSTITUTO DE APOSENTADORIA E PENSÃO DOS INDUSTRIÁRIOS - (I.A.P.I.)

- A PARTIR DE 1940, O "I.A.P.I." PASSOU A VENDER OS IMÓVEIS AOS MORADORES
- 1978 - AS RESERVIAS SÃO OBRIGADAS PARTICULARES
- EDIFÍCIOS DE PROPRIEDADE DO INPS (EX I.A.P.I.)
- CAMPUS DO PATRIMÔNIO DO ESTADO
- ÁREA DA ANTIGA SOCIEDADE ACREATIVA ONDE O "INPS" ESTÁ CONSTRUINDO UM HOSPITAL

COSE
 CASA DA IMPRIMIA
 CASA DE MEMÓRIAS
 INSTITUTO DE SISTEMAS
 QUADRA
 BANDEIRA
 SPAUNANYE
 ÁREA
 ENFERM
 CATED
 CASA DAS MÁQUINAS
 REPTO

